

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA – PPGL

**A FALA DE FORMOSA/GO:
A PRONÚNCIA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS**

GERUZA DE SOUZA GRAEBIN

**BRASÍLIA/DF
2008**

Geruza de Souza Graebin

**A FALA DE FORMOSA/GO:
A PRONÚNCIA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS**

Dissertação de Mestrado em Lingüística

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Lingüística, Português e Línguas Clássicas – LIP
Programa de Pós-Graduação em Lingüística

Geruza de Souza Graebin

**A FALA DE FORMOSA/GO:
A PRONÚNCIA DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS**

Dissertação apresentada ao Departamento de
Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto
de Letras da Universidade de Brasília como requisito
parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre

Brasília
Instituto de Letras da UnB
Abril de 2008

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Marta Pereira Scherre (presidente)
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Myrian Barbosa da Silva (titular)
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Profa. Dra. Orlene Lúcia de Saboia Carvalho (titular)
Universidade de Brasília – UnB

Profa. Dra. Poliana Maria Alves (suplente)
Universidade de Brasília – UnB

A Jesus, meu alvo.

AGRADECIMENTOS

À Marta, pela amizade, atenção, apoio e orientação sempre cuidadosa. Suas perguntas me fizeram muito bem. E todas as suas anotações e idéias foram valiosíssimas.

Ao meu esposo João que, em todos os momentos – do dia e da noite -, esteve mais do que disposto a me ajudar nesse parto duplo: a dissertação e a bela Helena.

À minha mãe, Clarice, cujo exemplo tem me ensinado a ser corajosa e perseverante.

Aos irmãos da Igreja Fonte de Vida, por serem a minha família em Goiás.

À querida amiga Betina Kepler Schorn, pela valiosa ajuda na tradução do resumo da dissertação.

Aos professores do curso de Letras Português/Grego da Universidade Federal do Paraná – UFPR, pelo incentivo e compreensão.

Aos colegas de mestrado da Universidade de Brasília, especialmente os da área de Sociolinguística, pelos momentos juntos.

Aos professores do curso de mestrado que, com suas explicações, deixaram a tarefa de escrever a dissertação um pouco mais fácil.

Às ex-mestrandas Caroline Cardoso e Nívia Lucca. O amor pela pesquisa, por vocês demonstrado, foi contagiante.

À professora Orlene Sabóia Carvalho, pela ajuda com o programa de contagem lexical *Z-text*.

A todos os meus informantes, que me alegraram não só com seus dados, mas também com suas histórias.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela ajuda financeira que viabilizou minha pesquisa.

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	10
LISTA DE MAPAS E FIGURAS	11
LISTA DE QUADROS	12
LISTA DE GRÁFICOS	14
LISTA DE TABELAS.....	15
1 INTRODUÇÃO	17
2 A CIDADE DE FORMOSA.....	21
2.1 O ASPECTO HISTÓRICO	23
2.2 O ASPECTO LINGÜÍSTICO	31
3 A PRONÚNCIA DAS VOGAIS MÉDIAS	39
3.1 PORTUGUÊS EUROPEU	39
3.2 PORTUGUÊS BRASILEIRO	49
4 O SISTEMA VOCÁLICO ATUAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	60
5 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	72
5.1 PRINCÍPIOS GERAIS DA SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	72
5.2 QUESTÕES GERAIS SOBRE MUDANÇA LINGÜÍSTICA.....	77
5.2.1 <i>Visão neogramática e visão difusionista.....</i>	<i>77</i>
5.2.1.1 O modelo neogramático	77
5.2.1.2 Críticas aos neogramáticos.....	80
5.2.1.3 O modelo neogramático e o modelo difusionista nas pesquisas sociolingüísticas.....	88
5.2.2 <i>O papel da freqüência lexical.....</i>	<i>104</i>
5.3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	108
5.3.1 <i>A amostra</i>	<i>108</i>
5.3.2 <i>O tratamento estatístico dos dados</i>	<i>110</i>
6 ANÁLISE DOS DADOS	115
6.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE.....	115
6.2 OS GRUPOS DE FATORES CONTROLADOS	116
6.2.1 <i>Grupos de fatores lingüísticos.....</i>	<i>116</i>

6.2.2	<i>Grupos de fatores extralingüísticos.....</i>	125
6.2.3	<i>Grupo de fatores controle lexical.....</i>	128
6.3	PRIMEIRAS IMPRESSÕES.....	130
6.4	CONTROLE LEXICAL	132
6.4.1	<i>Ocorrências categóricas e quase categóricas restritas a uma vogal.....</i>	135
6.4.2	<i>Ocorrências categóricas e quase categóricas com ambas as vogais pretônicas.....</i>	142
6.5	GRUPOS SELECIONADOS	151
6.6	VARIÁVEIS LINGÜÍSTICAS.....	154
6.6.1	<i>Vogal seguinte</i>	154
6.6.2	<i>Segmento seguinte</i>	164
6.6.3	<i>Segmento precedente</i>	173
6.6.4	<i>Acento secundário</i>	185
6.7	VARIÁVEIS EXTRALINGÜÍSTICAS.....	189
6.7.1	<i>Classe socioeconômica.....</i>	190
6.7.2	<i>Tipo de discurso</i>	195
6.7.3	<i>Nível de escolaridade, Sexo e Contato com Brasília.....</i>	197
6.8	ÚLTIMAS REFLEXÕES.....	201
7	CONCLUSÃO.....	208
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	213
	ANEXOS	220
A.	QUESTIONÁRIO-ROTEIRO	220
B.	ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL	224
C.	GLOSSÁRIO	225
D.	TABELA – DISTRIBUIÇÃO DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS DO DF (2004)	236
E.	LISTAS DE ITENS LEXICAIS COM DUAS VARIANTES	237
F.	GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS – RODADAS COM TODOS OS DADOS	243

RESUMO

Esta pesquisa, sob o tema *A fala de Formosa/GO: a pronúncia das vogais médias pretônicas*, dedica-se a três questões estreitamente interligadas:

- (i) situar a fala de Formosa no panorama lingüístico brasileiro, tendo como ponto de referência a pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica;
- (ii) analisar a variação das vogais médias pretônicas entre as três variantes detectadas, a saber, abaixamento [ɛ ɔ], elevação [i u] e manutenção da pronúncia média-fechada [e o], sob a perspectiva da Teoria da Variação Lingüística delineada por Weinreich, Labov & Herzog (1968) e Labov (1972);
- (iii) relacionar os fenômenos fonológicos da elevação e do abaixamento na fala de Formosa com a discussão existente entre três modelos teóricos distintos acerca da mudança sonora: o neogramático, o difusionista (Oliveira, 1991; Viegas, 1995) e o dos exemplares (Bybee, 2002).

A análise dos dados, coletados em 14 entrevistas, verificou o efeito de variáveis lingüísticas e extralingüísticas, como contexto vocálico seguinte, segmentos precedentes e seguintes, acento secundário, contato com Brasília e tipo de discurso. A variação das vogais médias pretônicas se mostrou um fenômeno complexo, cujas influências foram além dos fatores fonológicos. Tiveram relevância, também, fatores como a frequência e a classe gramatical do item lexical. Dentre os fatores sociais, destacou-se a classe socioeconômica do falante. O estudo mostrou, ainda, que a variedade lingüística falada em Formosa se enquadra no subfalar baiano (Nascentes, 1953), embora o índice de abaixamento seja menor que o de variedades faladas na Bahia.

Palavras-chave: Sociolingüística Variacionista; vogais médias; mudanças sonoras.

ABSTRACT

This dissertation, about the theme *The speak of Formosa-GO: the pronunciation of the middle unstressed vowels*, dedicate itself to three questions, interconnected between them:

- (i) To establish the speak of Formosa on the Brazilian linguistic panorama, having as reference point the middle vowels /e/ and /o/ in unstressed position;
- (ii) To analyze the variation of the middle unstressed vowels between the three detected variants, namely, lowering [ɛ ɔ], elevation [i u] and maintenance of the pronunciation middle-closed [e o], about the perspective of Theory of Linguistic Variation delineated by Weinreich, Labov & Herzog (1968) and Labov (1972);
- (iii) To relate the phonetics phenomena of the raising and the lowering on the speak of Formosa with the discussion existent between three different theory models about the sound change: the neogrammarian, the lexical diffusion (Oliveira, 1991; Viegas, 1995) and the exemplar model (Bybee, 2002).

The data analyses, collected in 14 interviews, found out the effect of linguistics and extra linguistics variables, as next vocally context, precedent and subsequent segments, secondary accent, contact with Brasília and type of speech. The variation of the middle unstressed vowels showed itself a complex phenomenon, whose influences were beyond of the phonetic facts. Had prominence, also, factors as the frequency and the grammatical class of the lexical item. Among the social factors, detached itself the talker social economic class. The study showed, still, that the variety linguistic talked in Formosa fit itself on the native of Bahia sub talk (Nascentes, 1953), thought the index of lower be less than the varieties talked on Bahia.

Key-words: Sociolinguistic; mid vowels; sound changes.

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1: Isoglossas do Português Brasileiro segundo Antenor Nascentes	22
Mapa 2: Demarcação da área do DF nos territórios de Formosa, Luziânia e Planaltina	27
Mapa 3: Entorno do Distrito Federal	30
Mapa 4: Zonas Fisiográficas da Bahia.....	33
Mapa 5: Os três falares mineiros	35
Figura 1: Modelo de árvore genealógica de Schleicher em uma família lingüística hipotética	85
Figura 2: A Teoria das Ondas de August Schmidt	86

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Quadro fonológico das vogais tônicas e pretônicas do português europeu no século XVI.....	40
Quadro 2: Quadro fonológico das vogais pretônicas do português europeu no século XIX	42
Quadro 3: Quadro fonológico das vogais tônicas do português europeu do século XIX	42
Quadro 4: Quadro fonológico das vogais pretônicas em posição inicial de palavra no português europeu do século XX.....	47
Quadro 5: Quadro fonológico das vogais pretônicas em posição medial de palavra no português europeu do século XX.....	47
Quadro 6: Comparação entre os quadros fonético e fonológico das vogais médias pretônicas do português europeu do século XX	48
Quadro 7: Quadro fonético das vogais do português brasileiro.....	60
Quadro 8: Quadro fonológico comparativo das vogais do português brasileiro – posição tônica, pretônica e postônica.....	61
Quadro 9: Neutralização do traço grau de abertura bucal entre as vogais médias tônicas e pretônicas	62
Quadro 10: Neutralização do traço grau de abertura bucal entre as vogais médias pretônicas e postônicas finais	64
Quadro 11: Traços do grau de abertura bucal das vogais do português brasileiro	64
Quadro 12: Comparação entre os quadros fonético e fonológico das vogais pretônicas do português brasileiro.....	68
Quadro 13: Comparação entre os quadros fonético e fonológico das vogais postônicas do português brasileiro.....	68
Quadro 14: Quadro comparativo entre os modelos neogramático e difusão lexical	89
Quadro 15: Classificação das alterações vocálicas e consonantais segundo Labov	91
Quadro 16: Lista comparativa de itens lexicais com a pretônica /o/, segundo Oliveira	94
Quadro 17: Lista comparativa de itens lexicais com a pretônica /e/, segundo Oliveira	94
Quadro 18: Itens lexicais sem contexto fonético favorecedor realizados com a pretônica /e/ elevada, segundo Viegas	99
Quadro 19: Quadro comparativo entre os modelos teóricos de mudança sonora: neogramático, difusão lexical e de exemplares (Bybee, 2002).....	105
Quadro 20: Distribuição do número de informantes nos grupos de fatores sociais.....	109
Quadro 21: Itens lexicais que ocorreram com as três variantes.....	134
Quadro 22: Exemplos de itens lexicais que ocorreram com duas variantes	134

Quadro 23: Controle dos itens categóricos ou quase categóricos com a variante média-fechada	136
Quadro 24: Controle dos itens categóricos ou quase categóricos com a variante alta.....	137
Quadro 25: Itens lexicais do tipo /kon/ com possibilidade de variação.....	144
Quadro 26: Itens categóricos ou quase categóricos com a pretônica /e/ retirados da rodada de pesos relativos.....	146
Quadro 27: Itens categóricos ou quase categóricos com a pretônica /o/ retirados da rodada de pesos relativos	147
Quadro 28: Grupos de fatores selecionados – rodadas sem contextos categóricos ou quase categóricos.....	153
Quadro 29: Classificação dos fonemas do Português Brasileiro segundo o ponto de articulação	164
Quadro 30: Fatores da variável vogal seguinte favorecedores ao abaixamento, elevação e manutenção da pretônica anterior /e/	201
Quadro 31: Fatores da variável vogal seguinte favorecedores ao abaixamento, elevação e manutenção da pretônica posterior /o/	202

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Crescimento populacional do município de Formosa entre os anos de 1920-2007	29
Gráfico 2: Percentuais de abaixamento das vogais médias pretônicas em Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre	67
Gráfico 3: Percentuais de elevação da vogal /e/ em posição postônica nas capitais da região Sul	69
Gráfico 4: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Formosa, Brasília, Salvador, Jeremoabo e Recife (com todos os dados do <i>corpus</i> de Formosa).....	131
Gráfico 5: Percentuais de variação das pretônicas na fala de Formosa: comparação entre todos os dados vs. dados sem contextos categóricos e quase categóricos.....	149
Gráfico 6: Gráfico 4: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Formosa, Brasília, Salvador, Jeremoabo e Recife (sem dados categóricos ou quase categóricos do <i>corpus</i> de Formosa)...	150
Gráfico 7: Efeito da harmonização vocálica sobre a pretônica anterior /e/ na fala de Formosa e Salvador.....	163
Gráfico 8: Efeito da harmonização vocálica sobre a pretônica posterior /o/ na fala de Formosa e Salvador.....	163
Gráfico 9: Efeito dos segmentos seguintes na variação da pretônica /e/	172
Gráfico 10: Efeito dos segmentos seguintes na variação da pretônica /o/	173
Gráfico 11: Efeito dos segmentos precedentes na variação da pretônica /e/	183
Gráfico 12: Efeito dos segmentos precedentes sobre a elevação e a manutenção da média-fechada da pretônica /o/.....	184
Gráfico 13: Efeito do fator acento secundário na variação da pretônica anterior /e/.....	188
Gráfico 14: Efeito do fator acento secundário na variação da pretônica posterior /o/.....	189
Gráfico 15: Efeito do fator classe socioeconômica sobre o abaixamento e a manutenção da média-fechada das pretônicas /e/ e /o/.....	192
Gráfico 16: efeito do fator tipo de discurso sobre a elevação e a manutenção da média-fechada das pretônicas /e/ e /o/	196
Gráfico 17: Efeito do fator nível de escolaridade na variação da pretônica anterior /e/.....	198

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Crescimento populacional do município de Formosa.....	28
Tabela 2: Efeito da harmonização vocálica sobre as vogais pretônicas na fala de Salvador.....	118
Tabela 3: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Formosa – com todos os dados.....	130
Tabela 4: Distribuição dos itens iniciados com a seqüência /en/- e /es/- no grupo de fatores Tipo de Discurso: Diálogo vs. Leitura.....	138
Tabela 5: Variação de itens iniciados com e/n/-: Classe dos verbos vs. não-verbos	141
Tabela 6: Controle dos contextos categóricos e quase categóricos com as duas vogais pretônicas.....	142
Tabela 7: Percentual de variação das vogais médias pretônicas na fala de Formosa – sem contextos categóricos e quase categóricos.....	148
Tabela 8: Efeito do fator vogal seguinte sobre o abaixamento das vogais médias pretônicas /e/ e /o/: <i>média-aberta ~ média-fechada</i>	155
Tabela 9: Efeito do fator vogal seguinte sobre a elevação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/: <i>alta ~ média-fechada</i>	157
Tabela 10: Efeito do fator vogal seguinte sobre a elevação das vogais médias pretônicas /e/ e /o/: <i>alta ~ média-fechada</i> (Rodadas com todos os dados)	159
Tabela 11: Efeito do fator vogal seguinte sobre a manutenção da pronúncia média-fechada nas vogais médias pretônicas /e/ e /o/: <i>média-fechada ~ alta e média-aberta</i>	160
Tabela 12: Efeito da vogal oral seguinte sobre as pretônicas médias da fala de Salvador – Pesos relativos.....	162
Tabela 13: Efeito do fator segmento seguinte sobre o abaixamento das pretônicas /e/ e /o/: <i>média-aberta ~ média-fechada</i>	165
Tabela 14: Efeito do fator segmento seguinte sobre a elevação das vogais pretônicas /e/ e /o/: <i>alta ~ média-fechada</i>	168
Tabela 15: Efeito do fator segmento seguinte sobre a manutenção da pronúncia média-fechada das vogais pretônicas /e/ e /o/: <i>média-fechada ~ média-aberta e alta</i>	170
Tabela 16: Efeito do fator segmento precedente sobre o abaixamento da vogal anterior /e/: <i>média-baixa ~ média-fechada</i>	174
Tabela 17: Efeito do fator segmento precedente sobre a elevação da vogal anterior /e/: <i>alta anterior ~ média-fechada anterior</i> (Rodada sem contextos categóricos ou quase categóricos).....	176
Tabela 18: Efeito do fator segmento precedente sobre a elevação da vogal anterior /e/: <i>alta anterior ~ média-fechada anterior</i> (Rodada com todos os dados).....	178

Tabela 19: Efeito do fator segmento precedente sobre a elevação da vogal posterior /o/: <i>alta posterior</i> ~ <i>média-fechada posterior</i>	180
Tabela 20: Efeito do fator segmento precedente sobre a manutenção da pronúncia média-fechada das vogais pretônicas /e/ e /o/: <i>média-fechada</i> ~ <i>média-aberta e alta</i>	182
Tabela 21: Efeito do fator acento secundário na variação da pretônica anterior /e/	185
Tabela 22: Efeito do fator acento secundário na variação da pretônica posterior /o/	187
Tabela 23: Efeito do fator classe socioeconômica sobre o abaixamento e a manutenção da média-fechada das pretônicas /e/ e /o/.....	191
Tabela 24: Efeito do fator tipo de discurso na variação das pretônicas /e/ e /o/.....	195
Tabela 25: Efeito do fator nível de escolaridade na variação da pretônica /e/.....	197
Tabela 26: Efeito do fator nível de escolaridade na variação da pretônica /o/	198
Tabela 27: Efeito do fator sexo na variação da pretônica anterior /e/	199
Tabela 28: Efeito do fator contato com Brasília na variação da pretônica anterior /e/.....	200

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho dedica-se a descrever um dos aspectos da fala de Formosa, que é o da pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica. O interesse por esse tema surgiu assim que tivemos a oportunidade de conhecer a cidade de Formosa, no ano de 2002. O desejo pela pesquisa cresceu em 2004, quando, por meio de um convênio interinstitucional entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e a Universidade de Brasília (UnB), cursamos a disciplina Sociolingüística do Português Brasileiro na UnB e tivemos, então, a oportunidade de conhecer os princípios sociolingüísticos variacionistas, por meio das mestrandas Caroline Cardoso e Nivia Lucca e da professora Maria Marta Pereira Scherre.

No ano de 2006, iniciamos a pesquisa e aceitamos o desafio, sob a orientação da professora Maria Marta Pereira Scherre, de realizar as entrevistas sociolingüísticas e buscar subsídios teóricos. Logo percebemos a escassez de trabalhos sobre a língua falada no Estado de Goiás e, por essa razão, procuramos relacionar a variedade falada em Formosa às variedades de Brasília, Minas Gerais e Bahia, por meio de resultados divulgados em trabalhos dialetológicos e sociolingüísticos. Para tanto, as informações obtidas na obra de Antenor Nascentes foram fundamentais. Foi no trabalho de Nascentes (1953) que vimos, pela primeira vez, a demarcação das isoglossas subdividindo o território brasileiro e obtivemos as primeiras pistas para a compreensão da pronúncia formosense, ao observar que a cidade de Formosa estava incluída no subfalar baiano. A partir de então, cada etapa da pesquisa foi acompanhada de novas descobertas. Tentaremos demonstrar maximamente, nesta dissertação, cada uma delas.

A delimitação do objeto de estudo se deu de maneira progressiva, isso porque, num primeiro momento, nossa atenção estava voltada apenas para a pronúncia média-aberta das vogais pretônicas, por ser uma realização até então estranha aos nossos ouvidos e por considerarmos ser essa uma característica específica de variedades faladas no Nordeste brasileiro. Com o tempo, contudo, tivemos que reconhecer que, na fala de Formosa, a pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica admitia três possibilidades: a média-aberta, a média-fechada e a alta. Assim, o item *melhor* certas vezes soava *m[e]lhor*, por outras *m[ɛ]lhor* e ainda outras, *m[i]lhor*. Antevíamos, portanto, um fenômeno de variação lingüística complexo.

Dessa maneira começamos a estudar a variação das vogais médias pretônicas, verificando as três possibilidades de pronúncia, às quais denominaremos, neste trabalho, de

- (i) **elevação** – também chamada em outros trabalhos de alteamento ou alçamento, ocorre quando as vogais pretônicas /e/ e /o/ são realizadas na forma alta [i] e [u], como em *filiz*, *juelho*;
- (ii) **abaixamento** – também chamada de variação de timbre, ocorre quando as vogais pretônicas são realizadas na forma média-aberta [ɛ] e [ɔ], como em *òbrigado*, *difèrente*;
- (iii) **manutenção da média-fechada** – quando as vogais /e/ e /o/ não têm a pronúncia alterada, como em *cerrado*, *profissão*.

A realização do trabalho, entretanto, não teve motivações única e exclusivamente lingüísticas. Outro aspecto que serviu como um estímulo à pesquisa foi a localização geográfica da cidade de Formosa. Situada a aproximadamente 70km da capital federal, mantém um contato intenso com o Distrito Federal e recebe, diariamente, a influência econômica, cultural, política, social e lingüística de Brasília, criando, dessa forma, uma tensão entre uma cidade antiga com hábitos rurais e uma cidade moderna com hábitos urbanos. A nosso ver, esse contato pode desencadear, nos moradores de Formosa, uma busca pela diminuição da tensão, por meio da acomodação a manifestações culturais e sociais da capital, dentre elas a língua.

Para o desenvolvimento do tema, tomamos como pressuposto teórico a Sociolingüística Variacionista, por entendermos que se trata de um modelo capaz de dar conta da variação como a encontrada em ambiente pretônico, que requer a coleta de dados de fala e a co-relação entre os aspectos lingüísticos e sociais. Assim, por meio de um tratamento quantitativo, esperamos responder que fatores lingüísticos e extralingüísticos interferem na pronúncia das vogais médias em posição pretônica dos formosenses.

Considerando-se a fala de Formosa como integrante do subfalar baiano (cf. Nascentes, 1953), procuramos estabelecer relações com trabalhos realizados dentro dos limites dessa isoglossa, especialmente o de Silva (1989), sobre a fala culta de Salvador, o de Soares (2004), sobre a variedade falada em Jeremoabo/BA e os de Bortoni, Gomes & Malvar (1992) e Corrêa (1998), sobre a fala de Brasília. Mas considerando-se a fala de Formosa como pertencente a um âmbito lingüístico maior, buscamos, também, comparar a variação das vogais médias pretônicas com outras variedades, descritas em trabalhos como o de Callou, Leite & Coutinho (1991), no Rio de Janeiro; o de Bisol (1984) e o de Scwhindt (2002), no Rio Grande do Sul; o de Viegas (1995) e o de Oliveira (1991), em Belo Horizonte.

A leitura desses trabalhos, mais especificamente o de Oliveira e Viegas, trouxe à tona a controvérsia entre dois modelos lingüísticos a respeito da mudança sonora: o neogramático e o difusionista, questão à qual nos esforçaremos para, após a análise dos dados da fala de Formosa, tecer nossas próprias conclusões.

Feitas essas considerações, passamos a mostrar como a dissertação está organizada, fazendo um esboço dos capítulos.

O capítulo seguinte apresenta a cidade de Formosa, o palco de nossa pesquisa, sob duas perspectivas: a histórica e a lingüística. Arrolamos as versões acerca de como a região de Formosa foi povoada e as influências dessa história sobre a variedade lingüística. Narramos, ainda, o longo processo de mudança da capital federal para o Planalto Central e o impacto que esse acontecimento teve sobre a região.

No capítulo três relatamos o percurso histórico pelo qual as vogais médias pretônicas passaram, desde as primeiras mudanças na evolução do latim vulgar para o português até a constituição do português falado no Brasil, e como a elevação e o abaixamento se encaixam nesse trajeto.

O quarto capítulo aprofunda a descrição do sistema vocálico do português brasileiro, enfatizando o processo de neutralização e os temas da harmonização vocálica e da variação em posição pretônica e postônica.

O capítulo cinco está subdividido em dois blocos. No primeiro, delineamos os pressupostos teóricos, que incluem os princípios da Sociolinguística Variacionista e uma explicação sobre as discussões acerca da mudança sonora, com a explicação dos modelos neogramático, difusionista e dos exemplares. No segundo bloco, listamos os passos seguidos para a constituição da amostra e esclarecemos como os dados foram tratados pelo programa computacional, que nos forneceu os resultados estatísticos.

No sexto capítulo chegamos, finalmente, à análise dos dados, onde os resultados são apresentados por meio de quadros, tabelas e gráficos, que auxiliam na compreensão dos efeitos lingüísticos e extralingüísticos favorecedores para cada uma das variantes. Neste capítulo, também, relacionamos os resultados obtidos na fala de Formosa aos assuntos tratados nos capítulos anteriores e a outros trabalhos sobre o tema das vogais médias pretônicas.

Por fim, a conclusão concilia todos os capítulos, destaca os pontos relevantes e levanta novos questionamentos, os quais poderão ser respondidos por meio de novas pesquisas e pela monitoração da fala de Formosa e região.

2 A CIDADE DE FORMOSA

Desde os primeiros contatos com a cidade de Formosa, a pronúncia das vogais pretônicas nos instigou à pesquisa, por vários motivos. Primeiro, por percebermos que os falantes faziam uso do abaixamento, pronúncia que, até então, considerávamos característica do Nordeste brasileiro. Em segundo lugar, por verificarmos que se tratava de uma cidade goiana muito antiga e que, a partir da fundação de Brasília, começou a passar por profundas transformações sociais, culturais e econômicas. Além disso, por estar tão perto de Brasília - um verdadeiro laboratório lingüístico em virtude do intenso contato de dialetos -, a fala de Formosa pode vir a fazer parte desse processo e perder, com o decorrer do tempo, seus traços peculiares.

À medida que fomos nos aprofundando nos aspectos históricos de Formosa, bem como nos aspectos lingüísticos a respeito do tema das vogais pretônicas, a pesquisa foi se tornando cada vez mais interessante. A descoberta do trabalho dialetológico de Antenor Nascentes lançou luzes aos dois motivos explicitados acima. A partir das isoglossas estabelecidas por Nascentes (1953: 18), visualizadas no Mapa 1 abaixo, pudemos entender a existência do abaixamento na região de Formosa: a variedade lingüística falada na região de Formosa se enquadra no subfalar baiano. A observação do mapa também nos ajudou a entender a tensão lingüística entre a variedade falada no Distrito Federal (DF) e a falada em Formosa, já que as características da primeira, embora se encontre dentro dos limites do subfalar baiano, destoam das encontradas por Nascentes para o subfalar baiano, como se verá melhor mais adiante.

MAPA 1: ISOGLOSSAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO ANTONIO NASCENTES



Fonte: Nascentes (1953: 18)

Descobrimos que se, por um lado, esse tema já havia sido investigado sob a perspectiva sociolingüística em alguns lugares do Brasil, como Porto Alegre, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Rio de Janeiro, por outro, não havia nenhuma descrição das vogais pretônicas no Estado de Goiás, fato que, a nosso ver, significa uma lacuna na compreensão do português brasileiro. Constatamos também, conforme o relato a seguir, que a história de Formosa está intrinsecamente ligada à variedade falada na região.

2.1 O Aspecto Histórico

Embora a região de Formosa seja citada diversas vezes pelos historiadores, pois desde 1590 há registro de entradas e bandeiras em Goiás (Chauvet, 2005: 115), não há informações precisas a respeito da fundação do município, especialmente por não ter seu desenvolvimento diretamente ligado à mineração, um dos principais motivos para as entradas durante o período colonial. Sabe-se, porém, que, pelo território onde hoje se localiza o município de Formosa, passavam picadas que uniam Goiás às outras regiões. O interesse do governo português pelo ouro fez com que medidas fossem criadas para evitar o contrabando nessas picadas do interior da colônia. Uma das medidas foi a criação dos Registros - além da proibição da navegação do rio Tocantins, criação de postos de vigilância e criação dos Guardas-Maiores (Chauvet, 2005: 119). Dois Registros foram criados no território de Formosa: o da Lagoa Feia e o de Arrependidos. Os Registros eram, segundo Sales (apud Chauvet, 2005:120), “pontos estratégicos estabelecidos pela Real Fazenda ou pelos contratadores das Entradas, onde os escravos, gados, cargas de secos e molhados e as pessoas que entravam e saíam dos povoados pagavam o respectivo imposto dos quintos reais”. O Registro da Lagoa Feia entrou em funcionamento em 1736 e levava este nome por localizar-se na cabeceira da Lagoa Feia, uma grande lagoa de formação natural situada em território formosense. O Registro da Lagoa Feia servia para controlar a chamada picada da Bahia, um caminho aberto ilegalmente, que dava acesso às minas recém-descobertas na cidade de Pirenópolis/GO (Bertran, 1994: 78). O Registro de Arrependidos, criado em 1750, ficava na picada de Minas Gerais e ligava o Norte ao Rio de Janeiro: “Foi por esse caminho que passou Antonio Bueno de Azevedo, que, saindo de Paracatu [Minas Gerais] com muitos companheiros e escravos, entrou em Goiás e descobriu as minas de ouro de Santa Luzia, em 13 de dezembro de 1746” (Jacintho, 1979: 17).

Quando os Registros foram instituídos, já havia fazendas de gado na região de Formosa. No relatório da viagem realizada pelo bandeirante Anhangüera Filho em 1722 consta que, “além de ter encontrado com índios, possivelmente na região do DF e de Formosa, a bandeira relata ter encontrado sinais de gado na região” (Chauvet: 2005: 153). A existência de fazendas de gado na região norte de Goiás demonstra que as entradas realizadas em direção ao interior do país no Período Colonial se deram por dois motivos distintos: o

primeiro, em busca de ouro; e o segundo, em busca de terras para a criação extensiva de gado. No primeiro se encaixam os bandeirantes, especialmente os que utilizavam a rota Sul-Norte. No segundo estão os grandes latifundiários nordestinos, que ocuparam o interior no sentido Leste-Oeste. Segundo Bertran (1994: 58), historiador do planalto central, a ocupação da região norte de Goiás se deu entre os anos 1600 e 1725 pelas entradas Leste-Oeste e não pelas entradas Sul-Norte. Para o autor, duas poderosas famílias latifundiárias, vindas do “sertão do rio Grande são-franciscano – antigamente pernambucano e hoje baiano, tendo como principais cidades, Barra, Xique-Xique e Irecê”, realizaram uma expansão da fronteira pecuarista em direção ao interior da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará e Piauí, até chegar ao norte de Minas Gerais e Goiás. Assim, a distinta motivação entre as duas entradas explicaria as diferenças sociais, culturais e, conseqüentemente, lingüísticas dentro dos Estados de Goiás e Minas Gerais.

A ocupação das terras no sentido Leste-Oeste não foi pacífica. Bertran (1994: 58) relata a disputa ocorrida pelo território entre dois latifúndios, também chamados de Casas. Uma das Casas, a da Torre, pertencia à família Garcia d’Ávila, “o maior latifúndio da história do Brasil”, não foi bem-sucedida nas primeiras tentativas de conquista territorial, sendo desbaratada pelos índios.

Em meados de 1600, outra família baiana, os Guedes de Brito – dos quais são sucessores os Saldanha da Gama – donos de cartório e tabelionatos em Salvador, começaram também a aumentar suas fazendas pelo sertão adentro. Houve um conflito entre ambas as casas latifundiárias, mas antes que muito sangue corresse, entraram em acordo, ficando a Casa da Torre dos Garcia d’Ávila com tudo o que conquistassem a oeste e a norte do rio São Francisco, e os Guedes de Brito – ou Casa da Ponte – com as terras a leste do rio, até o centro de Minas Gerais.

Diretamente ligada à expansão pecuarista esteve a política das sesmarias – distribuição de grandes propriedades de terra pelo governo português –, intensificada com a descoberta de ouro em Pirenópolis: “Desde a descoberta aurífera de Pirenópolis, em 1731, inaugurou-se a febre agropecuária do Planalto, nos contornos da picada da Bahia” (Bertran, 1994: 89). De acordo com Chauvet (2005: 125), entre 1739 e 1804 mais de 20 pessoas receberam sesmarias em Formosa. Com a chegada de novos moradores, dois povoados surgiram: o Arraial do Santo Antônio do Itiquira e o Arraial dos Couros.

Convém lembrar que todos os acontecimentos relatados até aqui, transcorridos antes da chegada da família real portuguesa – 1808 – e da Independência do Brasil – 1822, referem-se ao período em que a Colônia brasileira era governada à distância por Portugal, no sistema de capitanias hereditárias. Por meio das capitanias hereditárias, a metrópole conseguia (i) ter determinado controle sobre os bens da colônia, como o açúcar, os minérios e até mesmo os índios, e (ii) efetuar o povoamento da região, pela distribuição de terras – as chamadas sesmarias. A região de Formosa pertencia às capitanias de Ilhéus e Porto Seguro (Chauvet, 2005: 111).

Além da população proveniente das entradas e das sesmarias, há ainda a possibilidade de um terceiro grupo de moradores, segundo a versão de Olympio Jacintho, cronista que viveu em Formosa de 1872 a 1938 e que conheceu os descendentes dos primeiros fundadores do Arraial dos Couros. Segundo Jacintho, a criação do Arraial dos Couros se deu com a migração de um grupo de crioulos do arraial de Santo Antônio:

Os habitantes desse povoado, vendo-se dizimados, todos os anos, pelas febres intermitentes, transferiram-se para a localidade, onde se acha a cidade de Formosa, distante oito léguas dali, por ser salubre e porque nela se estacionavam os negociantes ambulantes de fazendas, ferragens, sal e café, que vinham sobretudo de Minas Gerais, e, receosos das febres do Paranã, ali esperavam que os paranistas viessem trazer-lhes gado, couros, sola e salitre, para permutarem suas mercadorias (Jacintho, 1979: 19).

Jacintho não explica como se deu a reunião desses negros a ponto de fundarem um arraial. É possível que fossem fugitivos e que tenham formado um quilombo, como escreve Silva: “é evidente que por esta picada da Bahia muitos foram os que passaram; alguns negros, escravos fugidos, vieram ter ao Vão do Paranã e talvez por terem achado ouro, ali estabeleceram-se em um povoado, sob a invocação de Santo Antônio” (apud Chauvet, 2005: 170). A existência de um grande número de negros é, segundo Jacintho, confirmada pela única capela existente na região, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, santa que possui uma relação com os negros.

Por volta de 1800, o Arraial dos Couros, que em 1843 deu origem à Vila Formosa da Imperatriz, contava com 148 habitantes, 39 fazendas de gado e seis engenhos de açúcar. O nome do povoado é decorrente, provavelmente, da grande quantidade de gado criado na região.

Foi ainda durante o Período Imperial que a região de Formosa deixou de ser apenas um ponto de passagem utilizado por comerciantes e viajantes e passou a fazer parte das discussões acerca da mudança da capital. O primeiro voto a favor do Planalto Central advém de Francisco Adolfo Vanhagen, Visconde de Porto Seguro, que em 1877 passou pela região e relatou:

(...) Resolvemos pois pedir do Governo uma licença a fim de nos ausentarmos por seis meses do posto honroso que ocupamos, e emprendermos à custa de quaisquer trabalhos e sacrifícios, em quanto para eles nos sentíamos com forças, uma penosa viagem a cavalo, nada menos que até à província de Goiás, por nossas primitivas estradas, para *de visu* e como antigo engenheiro, reconhecer essa notável paragem que a contemplação e estudo dos melhores mapas nos havia revelado (...) Antes, porém, cumpre-me dizer que durante a última estada no Brasil, donde me achava ausente havia mais de nove anos, tive ocasião de apreciar o pasmoso progresso da opinião dos homens ilustrados, tanto do Rio como da Bahia e Pernambuco, em favor da idéia de arredar do Rio a capital (...) Na vasta extensão que acabo de percorrer, há porém outra região não menos apropriada ao oferecer localidades favoráveis ao primeiro estabelecimento de colonos europeus, e a respeito da qual julgo que deveríamos desde já dar algumas providências, a fim de a ir preparando para a missão que a Providência parece ter lhe reservado, fazendo a um tempo dela partir águas para os três rios maiores do Brasil e da América do Sul, Amazonas, Prata e S.Francisco, e constituindo-a, por assim dizer, o núcleo que reúne entre si as três grandes concas ou bacias fluviais do Império. Refiro-me à bela região situada no triângulo formado pelas três lagoas Formosa, Feia e Mestre d'Armas, com chapadões elevados mais de mil e cem metros” (Brasil, Presidência, Serviço de Documentação, 1960: 165-68).

Em 1890, já no período Republicano, uma emenda foi apresentada ao Congresso Nacional por iniciativa do Sr. Lauro Müller, a fim de que uma área do Planalto Central fosse demarcada para a futura implantação da capital federal¹. Surgia, então, em 1892, a pedido do Marechal Floriano Peixoto, a missão Cruls, integrada por vários cientistas, que seguiu ao Planalto Central para averiguar as informações deixadas pelo Visconde de Porto Seguro². Para que a demarcação da área da futura capital fosse possível, três municípios goianos cederam

¹ “Na sessão de 20 [de dezembro], o Sr.Lauro Müller apresenta emenda subscrita por 88 deputados e senadores. Faz acompanhar o texto de cópia do ofício que em 1877 dirigira ao Ministro da Agricultura do Império, Conselheiro Tomás José Coelho de Almeida, o Visconde de Porto Seguro, F.A. de Varnhagen, sobre o assunto. Estabelece que fica pertencendo à União uma área de 400 léguas quadradas no planalto central, a qual será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura capital federal” (Brasil, Presidência, Serviço de Documentação, 1960: 64,5).

² “Para dar execução a essa tarefa, é organizada, por Portaria de 17 de maio de 1892, uma Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil e confiada sua chefia ao Diretor do Observatório Astronômico do Rio de Janeiro, Dr. Luis Cruls. Machado de Assis se ocupa do assunto em duas crônicas, de 20 de novembro de 1892 e 22 de janeiro de 1893, na coluna dominical de primeira página da *Gazeta de Notícias*, ‘A Semana’” (Brasil, Presidência, Serviço de Documentação, 1960: 73).

parte de seus territórios: Formosa, Luziânia e Planaltina, como mostra o mapa 2 na página seguinte.

MAPA 2: DEMARCAÇÃO DA ÁREA DO DF NOS TERRITÓRIOS DE FORMOSA, LUZIÂNIA E PLANALTINA



A concretização da mudança da capital para o Planalto Central só se deu muitos anos depois. A construção de Brasília, terminada em 1960, assim como a da capital goiana, em 1942, foram definitivas para o desenvolvimento da região norte de Goiás. Até 1920, a população total do Estado representava menos de 2% da população do Brasil (cf. Chauvet, 2005: 282).

A construção de Brasília forçou a cidade de Formosa a passar por rápidas transformações e a se adaptar à condição de vizinha da capital federal. Chauvet relata que “foram tantos os pedidos para a construção de novos bairros e setores que em 1964 foi aprovada a nova planta geral da cidade” (2005: 370). Outro fator importante para o crescimento populacional da região de Formosa foi a intensa migração de sulistas ocorrida na década de 1980. O rápido crescimento populacional pode ser acompanhado na tabela 1 abaixo. (Chauvet, 2005: 428 e www.ibge.gov.br/cidades)

TABELA 1: CRESCIMENTO POPULACIONAL DO MUNICÍPIO DE FORMOSA

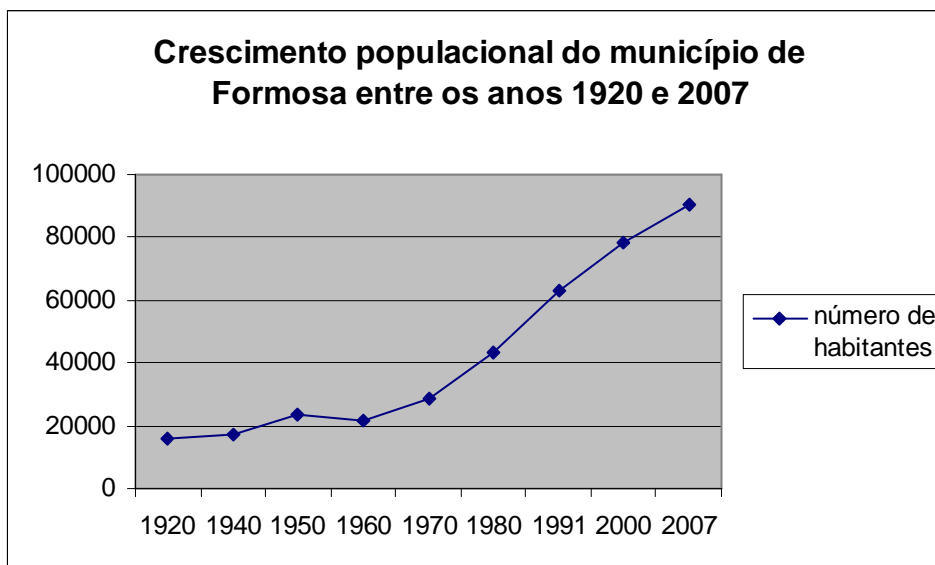
Ano	Número de habitantes
1920	15.860
1940	16.886
1950	23.273
1960	21.708 ³
1970	28.874
1980	43.297
1991	62.982
2000	78.651
2007	90.212

Além de receber os sulistas, especialmente gaúchos e paranaenses, a cidade de Formosa também recebeu migrantes de várias partes do Brasil, na sua maioria nordestinos, atraídos por melhores condições de vida. O crescimento populacional gerado pelo movimento migratório causou uma mudança no estilo de vida da cidade, que deixou de ser essencialmente rural e passou a ter características urbanas. Além disso, vários moradores da região optaram por deixar a fazenda e viver na cidade. Chauvet (2005: 428) destaca que, em 1970, a maioria da população formosense estava concentrada na zona rural. Em 1980, 29.618 dos 43.297 habitantes – mais da metade, portanto –, já morava na zona urbana. No ano 2000, o quadro encontrado era justamente o inverso do ano 1970: dos 78.651 moradores, 69.285 estavam na zona urbana.

³ Em 1960, dois municípios se emanciparam de Formosa: São João d'Aliança e Cabeceiras.

O gráfico 1 permite uma melhor visualização do crescimento populacional, notório a partir de 1970:

GRÁFICO 1: CRESCIMENTO POPULACIONAL DO MUNICÍPIO DE FORMOSA ENTRE OS ANOS DE 1920-2007



Assim, a nova configuração que a cidade tomou nos últimos anos fez com que ela assumisse dois papéis distintos, a depender do ponto de vista adotado. Se considerarmos a cidade de Formosa em relação às outras cidades do nordeste Goiano, ela tem uma posição de destaque. É a cidade-referência na região, procurada em busca de atendimento médico-hospitalar, de cursos de nível superior, de emprego ou de serviços relacionados à área agrícola. Quando, porém, analisamos Formosa como cidade do Entorno do DF, como pode ser visto no mapa 3 a seguir, a cidade deixa de ter a posição de destaque para assumir uma posição semelhante ao das cidades localizadas no nordeste Goiano em relação à Formosa. Diariamente, um número incalculável de pessoas percorrem o trajeto Formosa-Brasília, seja por motivos de trabalho, de estudos ou em busca de atendimento médico-hospitalar, de lazer, ou ainda para fazer compras. Nesse sentido, Formosa é, em muitos aspectos, dependente de Brasília. É por vezes chamada de “cidade-dormitório”, denominação da qual Chauvet discorda. Segundo o autor (2005: 427), Formosa, “apesar de estar localizada no chamado ‘Entorno’ do DF, sempre foi um dos maiores pólos de desenvolvimento do ‘Entorno’ de Brasília”. Além disso, destaca o autor, por abrigar um *campus* da UEG - Universidade

Estadual de Goiás, vários estudantes do DF procuram a cidade. Chauvet (2005: 430) fornece o dado de que mais de 60% dos estudantes da UEG são do DF. É difícil, contudo, cogitar a idéia de que Formosa teria crescido nas mesmas proporções - não só numericamente, mas também em desenvolvimento – sem a mudança da capital federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central.

MAPA 3: ENTORNO DO DISTRITO FEDERAL



Região Entorno do Distrito Federal

Total: 19 municípios

Abadiânia	Luziânia
Água Fria de Goiás	Mimoso de Goiás
Águas Lindas de Goiás	Novo Gama
Alexânia	Padre Bernardo
Cabeceiras	Pirenópolis
Cidade Ocidental	Planaltina
Cocalzinho de Goiás	Santo Antônio do Descoberto
Corumbá de Goiás	Valparaíso de Goiás
Cristalina	Vila Boa
Formosa	

Fonte: www.portalseplin.seplan.go.gov.br

O que podemos concluir desse relato é que a história de Formosa é dividida em dois grandes períodos: antes e depois de Brasília. O período anterior à mudança da capital federal é marcado pela formação cultural, social, econômica e lingüística do típico morador do Planalto Central. O período posterior à construção de Brasília pode ser visto como um novo período, marcado por um conflito entre modelos rurais e urbanos de cultura, sociedade, economia e, muito provavelmente, também por um conflito entre variedades lingüísticas.

2.2 O Aspecto Lingüístico

A variedade lingüística utilizada pela população de Formosa está diretamente ligada à história de como foi constituída a cidade. O mapa das regiões lingüísticas elaborado por Antenor Nascentes tem a interferência de alguns aspectos históricos relatados no tópico anterior. As diferenças lingüísticas entre as regiões norte e sul dos estados de Minas Gerais e Goiás podem ser explicadas pelas diferentes influências provocadas pelas entradas Leste-Oeste na região Norte e Sul-Norte na região Sul, como observou Bertran (1994).

De acordo com os critérios estabelecidos por Nascentes (1953:25,26), o município de Formosa se encaixa no grupo chamado “baiano”, assim localizado:

o baiano, intermediário entre os dois grupos [norte e sul], abrangendo Sergipe, Baía, Minas (Norte, Nordeste e Noroeste), Goiás (parte que vem da nascente do Paranaíba, seguindo pelas serras dos Javais, dos Xavantes, do Fanha e do Pilar até a cidade de Pilar, rio das Almas, Pirenópolis, Santa Luzia e Arrependidos).

Algumas localidades pelas quais passa a linha traçada por Nascentes são Pirenópolis, 150km a leste de Brasília; Santa Luzia, atual Luziânia, outra antiga cidade de Goiás, situada ao sul do Distrito Federal; e Arrependidos – lugar onde ficava o antigo Registro -, que marca o encontro da isoglossa entre os estados de Minas Gerais e Goiás.

Até a primeira publicação de *O linguajar carioca*, em 1922, na qual o mapa das isoglossas foi apresentado por Nascentes, o subfalar baiano englobava Sergipe, Bahia, a parte

Norte, Nordeste e Noroeste de Minas Gerais e parte de Goiás. Com a reestruturação do mapa político pela qual o Brasil passou na segunda metade do século XX, o subfalar baiano atualmente inclui parte do estado do Tocantins e o Distrito Federal.

Ao averiguar as descrições lingüísticas realizadas nesses Estados, verificamos que as pesquisas dialetológicas em Goiás estão apenas começando⁴, enquanto que, em outros Estados, como Bahia, Sergipe e Minas Gerais, já foram concluídos atlas lingüísticos. A comparação dos atlas evidencia que um dos traços característicos do subfalar baiano é a presença da variação de timbre [e o] ~ [ɛ ɔ] nas pretônicas.

O trabalho pioneiro de Nelson Rossi, *Atlas prévio dos falares baianos*, de 1963, registra a pronúncia média-aberta em todo o Estado. Dentre os pontos selecionados por Rossi, o que mais se aproxima geograficamente de Formosa é a cidade de Correntina, localizada na região 16, denominada “Zona de Barreiras”. A pronúncia local para o nome da cidade é um exemplo de abaixamento da vogal: *Còrrentina*⁵. Outros exemplos podem ser observados: nas cartas 21, *bròcòtó* para “borocotó”, um buraco, sulco ou grota; na carta 40, em que os informantes citam espécies de abóbora: *vèrdadêra*; ou ainda na carta 44, em que qualificam uma fruta podre, estragada: *mèrmada*. As ocorrências *cèlesti* e *tròvuada* também são encontradas nesta região. O mapa 4 abaixo, extraído de Ferreira (1998: 24), apresenta as regiões fisiográficas do Estado da Bahia:

⁴ Conforme resultados divulgados em outubro/2007 pelo ALiB - Projeto Atlas Lingüístico do Brasil www.alib.ufba.br. Dos 9 pontos selecionados para a realização de questionários no Estado de Goiás, apenas um – em Quirinópolis – foi concretizado.

⁵ Para facilitar a leitura, evitaremos a transcrição fonética. Assim, a pronúncia das vogais médias-abertas [ɛ] e [ɔ] será diferenciada da pronúncia das vogais médias-fechadas [e] e [o] da seguinte maneira: a representação gráfica das médias-abertas será feita com o acento grave: *è* e *ò* – p.ex., *vèrdadeira*, *Còrrentina* - e a das médias-fechadas sem o acento: *e* e *o* – p.ex. *melhor*, *colégio*.

MAPA 4: ZONAS FISIAGRÁFICAS DA BAHIA



Fonte: Ferreira (1998: 24)

As cartas publicadas em *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (Ribeiro et al., 1977) confirmam a classificação de Nascentes. Das 15 zonas fisiográficas identificadas no Estado, a de Paracatu e a do Alto Médio São Francisco, localizadas na região Norte, apresentaram o abaixamento das vogais /e/ e /o/, como em *sèreno*, *vèranico*, *mèlado*, *mòrmaço*, *còração*. No *Atlas lingüístico de Sergipe* (Ferreira, 1987) a pretônica média-aberta é encontrada nas seguintes cartas: 7 – *tròvuada*; 15 – *còrrenteza*; 37 – *sècadô* (onde se põe o feijão a secar); 46 – *pusèlana* (recipiente em que se levam alimentos à mesa).

Pesquisas lingüísticas mais recentes realizadas nos Estados da Bahia e de Minas Gerais corroboram o trabalho de Nascentes, indicando a presença da pronúncia mais aberta nas regiões por ele delimitadas. Ao estudar a fala culta de Salvador, Silva (1991: 80, 81), por exemplo, concluiu que:

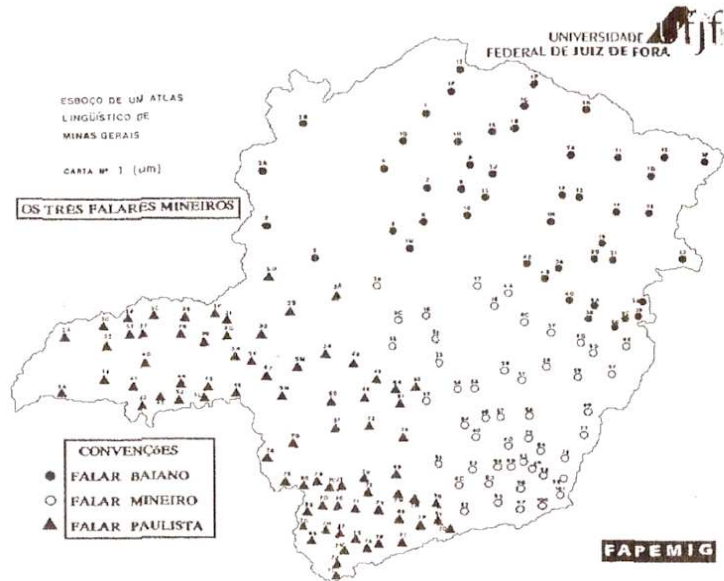
As variantes mais freqüentes foram, de longe, as baixas (ò, è), com cerca de 60% de ocorrências. Considerando-se que as altas (u, i) são comuns aos dialetos brasileiros e mesmo aos além-mar, justifica-se a impressão que causam os òs e os ès, a ponto de afirmarem, os usuários de outras variedades, que são sempre “abertas” as vogais (pré-acentuadas) no Nordeste e no Norte.

Zágari (1998: 32) encontrou em Minas Gerais três falares distintos:

O resultado dessas entrevistas, após dez anos e mais de 6.000 horas de gravação, permite concluir: Minas Gerais apresenta acentos, fones, ritmos de fala e preferências lexicais distintas em, pelo menos, três de suas regiões, independentemente de seus estratos sociais. Há um falar no sul e no Triângulo que se distingue do Norte, os quais, por sinal, se diversificam do da região formada pelas Zonas da Mata, Metalúrgica, Vertentes e Belo Horizonte e arredores.

O falar situado no Norte é denominado por Zágari (1998: 34) de baiano, “pela predominância das vogais pretônicas baixas, como *òrvalho*, *sèrenu*.” A divisão dos falares mineiros feita por Zágari (1998: 46) está representada no mapa 5 a seguir:

MAPA 5: OS TRÊS FALARES MINEIROS



Fonte: Zágari (1998: 46)

No Estado de Goiás, a divisão marcada pela isoglossa é reforçada pelos níveis cultural e econômico. A descrição da condição do Estado de Goiás feita por Jurandyr Pires Ferreira, presidente do IBGE em 1958 – concomitante à época da construção de Brasília, portanto -, atesta esse fato:

Goiás, como irão apreciar, divide-se nitidamente em dois tipos de civilização. Aquela que se desenvolve ao sul recebendo o influxo do Triângulo Mineiro e a influência paulista, e o norte, cujas dificuldades de comunicação têm criado uma formação econômica isolada e em grande parte marginal. Na transição das duas zonas se sente uma espécie de barreira política onde se entrelaçam mentalidades diversas, formações éticas diferentes e até mesmo conceitos de vida diferenciados (...) Hoje se estão construindo estradas de rodagem no estado de Goiás em razão da mudança da capital da República para Brasília” (Enciclopédia dos municípios brasileiros, 1958: 5, 7).

A história cultural, econômica e, conseqüentemente, lingüística, de fato começa a mudar com a transferência da capital federal do Rio de Janeiro para o Planalto Central, em 1960. Até então, Goiás possuía um estilo de vida essencialmente rural, uma vez que os

maiores centros urbanos localizavam-se no litoral brasileiro, enquanto o interior permanecia isolado. Conforme visto acima, em 1920 a população total do Estado representava menos de 2% da população total do Brasil (cf. Chauvet 2005: 282). Seguindo esse raciocínio, é possível aplicar o termo “falar”, segundo a concepção de Silva Neto (1957: 23), para a variedade lingüística utilizada na região de Formosa no início do século XX:

As comunidades brasileiras que têm os falares como meio de intercomunicação representam a continuação e o desenvolvimento de:

- (a) antigos aldeamentos indígenas;
- (b) antigas fazendas onde conviviam brancos, índios e pretos, ou só brancos e pretos;
- (c) quilombos com mescla de tribos índias;
- (d) antigos acampamentos e estabelecimentos militares, com a presença da mulher índia e, portanto, do mameluco;
- (e) antigos acampamentos de colonização açoriana.

De acordo com os relatos históricos de Bertran (1994), Jacintho (1979) e Chauvet (2005), o item que mais se aproxima da situação vivida pela cidade de Formosa é o (b) antigas fazendas onde conviviam brancos, índios e pretos, ou só brancos e pretos.

Com a fundação de Brasília, um intenso contato cultural e lingüístico foi desencadeado. Pessoas de todas as regiões do país afluíram ao centro do Brasil para compor a população brasiliense. Duas realidades sociais, então, passaram a conviver lado a lado: a rural e a urbana, o isolamento e o contato. O isolamento, segundo Silva Neto (1963: 209, 210), provoca o “máximo de estabilidade e o mínimo de mudança social”, enquanto a “sociedade urbana caracteriza-se por uma intensidade de vida capaz de produzir mudanças constantes”. No âmbito lingüístico, os reflexos do isolamento são as chamadas “ilhas culturais”: “o isolamento facilitou a estagnação da língua, mantendo-se, pelo Brasil a dentro, verdadeiras ilhas culturais” (Silva Neto, 1963: 214).

A pesquisa dirigida por Bortoni, Gomes e Malvar (1992: 11) no Distrito Federal concluiu que a situação lingüística do DF é bastante peculiar: “a situação de contato de dialetos regionais e sociais do Distrito Federal difere da situação de contato encontrada em outros centros metropolitanos no Brasil, porque em Brasília não existe um substrato predominante”. Estudos lingüísticos têm demonstrado que Brasília tem, aos poucos, construído sua própria identidade, com um sotaque e cultura próprios, caracterizada pela

neutralidade decorrente da rejeição de traços marcados (cf. Hanna, 1986; Bortoni et al., 1991). Esse desenvolvimento pode ser depreendido quando se observa a pronúncia das vogais pretônicas: a elevação, fenômeno encontrado em todas as regiões brasileiras, é um traço absorvido pelos falantes, enquanto o abaixamento, não. Bortoni, Gomes e Malvar (1992) registram ocorrências elevadas de /e/ nos mesmos ambientes em que foram encontrados nos outros subfalares brasileiros: em posição inicial seguido de /S/ ou /N/ - *iscreve, ispecial, insino*; em ambiente de hiato e de harmonização vocálica: *balanciados, tiatro, Ciará, vistir*.

A análise comparativa entre dados da fala de moradores da classe média de Brasília e da classe média-baixa de Ceilândia, contudo, constatou que o fator social tem quebrado a neutralidade e a homogeneidade (Corrêa, 1998: 88):

Depreendemos que os informantes de Ceilândia, sobretudo aqueles sem escolaridade superior, mantinham em seu repertório as variantes abaixadas /ɛ/ e /ɔ/ típicas de falantes nordestinos. É claro que as mantinham em escala muito menor do que aquelas apontadas para os falantes das regiões do Nordeste, mas o simples fato de empregá-las, inclusive quando não eram filhos de pais nordestinos, foi o fator mais surpreendente nesta amostra.

Vale ressaltar que a porcentagem de nordestinos que migrou para o DF é elevada. De acordo com os resultados obtidos pela Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios, de 2004, 42% dos chefes de domicílios do DF são provenientes da região Nordeste. A distribuição dos nordestinos, porém, não foi uniforme. A maioria deles reside em regiões consideradas periféricas, como nas cidades-satélite de Samambaia e Ceilândia. As áreas que representam maior poder aquisitivo, como Lago Norte, Lago Sul, Brasília e Park Way, são habitadas majoritariamente por pessoas oriundas da região Sudeste (vide quadro completo nos Anexos- D). Convém elucidar que o termo Brasília é muitas vezes utilizado pelo IBGE como sinônimo de Distrito Federal, mas na verdade Brasília corresponde a um espaço geográfico específico dentro do Distrito Federal. O DF, portanto, é formado por Brasília – onde está localizada a sede administrativa federal – e por outras regiões, como o Setor Sudoeste, além das cidades-satélite, como Sobradinho, Taguatinga e Ceilândia (cf. Lucca, 2005: 38-50).

Ao que tudo indica, portanto, a criação de Brasília tem contribuído para uma nova configuração do subfalar baiano. Apenas uma monitoração constante via pesquisas linguísticas poderá apontar os rumos da fala brasiliense, se ela irá se aproximar da variedade

lingüística utilizada pela região ou se de fato assumirá uma identidade própria, formando novas isoglossas. O mesmo pode ser dito também a respeito do comportamento dos falantes que moram no entorno do DF e que mantêm um contato freqüente com os brasilienses. O acompanhamento do contato lingüístico poderá indicar se o entorno continuará sendo conservador ou se se deixará influenciar pela fala brasiliense. É plausível considerar a hipótese de que a variedade brasiliense seja associada ao poder e ao *status* da capital federal e, por conta disso, se torne mais influenciadora do que influenciável. Um dos argumentos utilizados por Silva Neto (1963: 186) para atribuir à fala carioca o título de representante da pronúncia brasileira era o de pureza, por sintetizar todas as falas do país:

a pronúncia carioca é uma síntese oriunda das colaborações de todos os brasileiros que afluem para a grande cidade. Com efeito, o último recenseamento revelava que na população do Rio somente pouco mais de 50% são cariocas natos; a fração restante distribui-se por brasileiros dos Estados, sobretudo pernambucanos, baianos e alagoanos. Não estranha, pois, que essa pronúncia tenda a difundir-se por todo o Brasil.

O curioso é que, atualmente, as mesmas palavras de Silva Neto têm sido usadas na descrição da fala brasiliense, isto é, uma síntese oriunda das colaborações de todos os brasileiros que afluem para a grande cidade. É verdade que o eixo Rio-São Paulo ainda permanece o grande centro cultural e econômico brasileiro, como observa Nascentes (1965: 39): “Embora tendo deixado de ser a capital oficial do país, o Rio de Janeiro continua sendo a capital cultural”. Mas o *status* de capital oficial do país agora pertence à Brasília, e esse fato não pode ser ignorado.

3 A PRONÚNCIA DAS VOGAIS MÉDIAS

Embora o estudo das vogais médias em posição pretônica possa ser realizado sob o recorte do plano sincrônico apenas, entendemos que é de extrema importância acompanhar o percurso histórico que essas vogais tiveram na língua portuguesa, isto é, conhecê-las também sob o recorte do plano diacrônico. Isso porque a variação lingüística representa um contínuo e não um fenômeno em um ponto isolado da língua.

3.1 Português europeu

Uma das primeiras variações atestadas para as vogais médias em posição pretônica surgiu na evolução do latim vulgar para o português. A perda de consoantes intervocálicas do latim desencadeou hiatos, também perdidos posteriormente, como, por exemplo, em

malum > ma-o > mau
colore > co-or > cor

Segundo Teyssier (2004: 41-51), até o fim do século XV essa mudança já havia sido concluída. A pronúncia média-aberta [ɛ] e [ɔ] foi utilizada como recurso para marcar a contração dos hiatos em posição pretônica:

esca-ecer > esquecer > esquècer
pré-egar > prègar
co-orar > còrar

Essa pronúncia também serviu para marcar a queda de consoantes – na fala, não na escrita – em palavras eruditas:

director > *dirètôr*
adopção > *adôção*

De acordo com a pesquisa histórico-gramatical realizada por Silva (1989: 58), a gramática de João de Barros, de 1540, lista diversos itens lexicais com a vogal /e/ na forma média-aberta: *bèsteiros*; *conjèctura*; *crèdor*; *frècheiros*; *gèrar*; *gèraçam*; *gèral*; *gèraes*; *gèralmente*; *prègando*; *sètada*. Tais mudanças ampliaram o sistema das vogais em posição pretônica, igualando-o ao da posição tônica, então com 8 vogais, como mostra o quadro 1 abaixo:

QUADRO 1: QUADRO FONOLÓGICO DAS VOGAIS TÔNICAS E PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS EUROPEU NO SÉCULO XVI

i		u
	e	o
	ɛ	ɔ
	ɐ	
	a	

Fonte: Teyssier (2004: 50,51) ⁶

Nos casos em que houve a perda da consoante intervocálica, mas não a perda do hiato, por serem duas vogais distintas, as vogais médias sofreram elevação (cf. Naro, 1973: 54):

volare > *voar* > *vuar*
dolere > *doer* > *duer*
venatum > *veado* > *viado*
molinum > *moinho* > *muinho*

⁶ Os símbolos fonéticos utilizados neste trabalho seguem o da Tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA), cf. Anexo – B. Como os símbolos utilizados por Teyssier seguem um padrão pouco frequente, preferimos utilizar os símbolos do IPA. Assim, os símbolos /e/, /o/, /ɛ/, /ɔ/ e /ɐ/ correspondem, respectivamente, a /ɛ/, /ɔ/, /ɛ/, /ɔ/ e /ä/ usados por Teyssier.

Outra alternância na pronúncia das pretônicas foi documentada ainda no século XVI pelos gramáticos: entre a forma média-fechada e a forma alta, ou seja, entre [e i] e [o u]. Provocada geralmente pela assimilação da vogal alta na sílaba seguinte, a elevação da pretônica não era uma regra categórica, mas variável. Assim, havia a co-ocorrência das formas *somir*, *sumir*, conforme a gramática de Fernão de Oliveira, de 1536 (apud Naro, 1973: 17) e *vistir*, *vestimenta*, *vistido*; *gemer*, *gimido*, conforme a gramática de Duarte Nunez do Lião, de 1576 (apud Naro, 1973: 18). A dissimilação também era um fenômeno freqüente, e as gramáticas fazem referência à pronúncia com ambas as vogais: médias-fechadas [e], [o] e altas [i], [u]: *dizia* > *dezia*; *futuro* > *foturo*; *instrumento* > *estormento* (Teyssier, 2004: 74; Naro, 1973: 39).

A elevação ocorria para a vogal /e/ em ambiente de sílaba travada por nasal ou /S/ no início da palavra, como em *entender*; *escola* (cf. Teyssier, 2004: 74). Segundo Naro (1973: 39), a elevação no contexto nasalizado decorreu de uma confusão dos prefixos na evolução do latim para o português. Para o verbo latino *intrare*, por exemplo, ambas as formas são relatadas no português: *entrar* ~ *intrar*. A confusão atingiu outros itens lexicais iniciados com a vogal /e/, produzindo formas como *exemplo* > *enxemplo* > *inxemplo* > *ixemplo*; *exame* > *enxame* > *inxame* > *ixame*. Naro conclui, então, que “o português do século XVI tinha *e*- como [i] em *en*- e *es*- (através de *ens*-) e talvez em *esC*-, mas não em outras iniciais” (1973: 40).

No século XVIII, o quadro vocálico do português europeu (PE) foi alterado com o processo de redução sofrido pelas pretônicas médias. A posterior /o/ passou a ser produzida como [u], e a anterior /e/, como [ə]. Formas como *cutovelo* para *cotovelo*, *murar* para *morar*, *xuver* para *chover* são encontradas no *Compendio de Orthographia* de Luís do Monte Carmelo, de 1767 (apud Teyssier, 2004: 75). Os ambientes, porém, que continham a forma média-aberta permaneceram inalterados, como pode ser verificado nas listas fornecidas por Monte Carmelo: *cògniçâm*; *adòptar*; *dèlgada*; *fèlpudo* (cf. Silva, 1989: 54,5). Segundo Teyssier (2004: 77), o quadro fonológico das vogais pretônicas no início do século XIX pode ser assim representado:

QUADRO 2: QUADRO FONOLÓGICO DAS VOGAIS PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS EUROPEU NO SÉCULO XIX

i			u
		ə	o
	ɛ	ɐ	ɔ
		a	

Fonte: Teyssier (2004: 77)⁷

Ainda com oito fonemas, o quadro das vogais pretônicas diferencia-se do das tônicas, conforme exposto no Quadro 3:

QUADRO 3: QUADRO FONOLÓGICO DAS VOGAIS TÔNICAS DO PORTUGUÊS EUROPEU DO SÉCULO XIX

i			u
	e		o
	ɛ	ɐ	ɔ
		a	

Fonte: Teyssier (2004: 77)

É esse sistema vocálico que Golçalves Viana descreve no final do século XIX, em *Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise d'après le dialecte actuel de Lisbonne*, publicado em 1883. Uma das percepções mais evidentes é a de que a flutuação no ambiente pretônico persistiu. Em discussões lingüísticas com Leite de Vasconcelos via carta, Viana escreve (Vasconcelos, 1973: 25,26): “e inicial, se o accento não está na seguinte syllaba, soa em geral è na pronúncia culta de cá, por ex., *Hèrculano*; ainda assim ha

⁷ Como Teyssier segue um padrão de símbolos pouco freqüente, preferimos modificar a notação para os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional. Assim, os símbolos /o/, /ɛ/, /ɔ/, /ɐ/ e /ə/, correspondem a /ɔ/, /ɛ/, /ɔ/, /ä/ e /ë/.

flutuação (...) Sei também que para o norte *o* isolado inicial soa *u*; aqui soa *ò*, ou entre gente culta *ô*, ex. *olhar*.” Em outra carta, outra regra é relatada: “O *l* influe na vogal, tornando-a aberta, o *r* não, em português. As formas *Nàrciso*, *Guilhèrmino* etc. devem ser atribuídas a *accento secundário*” (Vasconcelos, 1973: 30).

Os ambientes favorecedores para a elevação e para o abaixamento citados por Gonçalves Viana no seu trabalho com o PE indicam uma continuidade da co-ocorrência de muitas das formas encontradas nos séculos anteriores. As contrações provenientes do latim determinam uma pronúncia mais aberta das vogais, que “indicam na maior parte dos casos o desaparecimento de uma consoante, de uma vogal, ou de uma sílaba inteira”⁸ (Gonçalves Viana, 1973: 98). Essa regra vale para as médias /e/ e /o/, assim como para a baixa /a/. Exemplos fornecidos pelo autor são:

pàdeiro < *paadeiro*
càveira < *caaveira*
crèdor < *creedor* < *creditozem*
aquècer < *aqueecer* < *calescere*

A pronúncia média-aberta também ocorre em palavras com sílabas fechadas (Gonçalves Viana, 1973: 99)⁹:

O verbo moderno *optàr* se pronuncia *òptár*; o verbo antigo *adoptar* se pronuncia *ãdòtár* e não *ãdòptár* ou *ãdútár*. O *p*, assim, como o *c*, geralmente é mudo diante do *t*; torna abertas, entretanto, as vogais *a*, *e*, *o*, que o precedem, e que sem essa consoante se tornariam *ã*, *ê*, *ô*, perdendo o acento.¹⁰

Outro ambiente favorecedor para a abertura da vogal /o/ - e também da /a/ - é a sílaba fechada no início de palavra, como em *òrtelãu*, *òspedar*, *àrmáriu*. Gonçalves Viana (1973: 112) sublinha, entretanto, que esta pronúncia é mais geral entre o povo, não entre a gente culta. Já a elevação, observa Gonçalves Viana (1973: 112), é atestada para a vogal /e/

⁸ Tradução nossa. “Nous ferons encore remarquer qu’une voyelle atone qui n’est pas neutre, c’est-à-dire un *e*, un *a*, um *o* qui gardent la prononciation de *à*, *è* (*ê*), *ò* (*ô*) dans une syllabe ouverte, indiquent dans la plupart des cas la disparition d’une consonne, d’une voyelle, ou d’une syllabe entière”.

⁹ Os símbolos *ã*, *ê*, *ô*, usados por Gonçalves Viana correspondem, respectivamente, a [ɐ], [ɛ] e [o] do Alfabeto Fonético Internacional.

¹⁰ Tradução nossa. “Le verbe assez moderne *optàr* se prononce *òptár*; le verbe plus ancien *adoptar* se prononce *ãdòtár* et non pas *ãdòptár* ou *ãdútár*. Le *p*, de même que le *c*, est généralement nul devant *t*; il rend ouvertes, cependant, les *a*, *e*, *o*, qui le précèdent, et qui sans cette consonne seraient devenues *ã*, *ê*, *ô*, em perdant l’accent.

quando está no início da palavra, em sílaba aberta ou em sílaba fechada por fricativa alveolar e nasal. *Elogio*, *esposo* e *entrei* se pronunciam, respectivamente, *ilujú*, *ispôso*, *intrei*.

A pesquisa dialetológica de Leite de Vasconcelos, realizada em período análogo ao de Gonçalves Viana, revela as diferenças dialetais entre as regiões Norte, Centro e Sul de Portugal. A vogal anterior /e/ “não travada por *s* é representada por *i* (...) no Norte, no Centro e na Estremadura Cistagane, e por *ê-* na Estremadura Transtagane, no Alemtejo e em Algarve”¹¹ (1901: 99,100). Em contexto nasal, Vasconcelos (1901: 100) verifica que “o *ẽ* inicial tem um comportamento análogo ao de *e-*: de uma maneira geral, se pode dizer que *ẽ* se torna *ĩ* no Norte, no Centro e na Estremadura Cistagane, *ẽ*- mais ao Sul; ex.: *intrar*, *entrar*”¹². Em posição medial de palavra, a variação da pretônica /e/ em uma palavra como *lembrar* pode ser (1901: 100,101):

- *lembrar* – no Algarve, em grande parte do Alemtejo e em uma parte de Beira-Alta;
- *leimbrar* – no “concelho” de Baião, no Mesão-Frio, em Alvações e na Villa-Real;
- *lẽmbrar*¹³ – no Minho e em grande parte de Tras-os-Montes e da Beira-Alta;
- *limbrar* – em algumas regiões ao Norte de Tras-os-Montes, em uma parte da Beira e do Alto-Alemtejo, e na Estremadura;
- *lambrar* – no Alto D’Ouro.

Para a vogal média posterior /o/, Vasconcelos afirma que a variação, em posição inicial, é paralela a da vogal anterior /e/: “o *o* inicial é geralmente representado por *ô-* ou *ó-* na Estremadura, na maior parte do Alemtejo e de Algarve; por *öu-* no Norte de Tras-os-Montes, por *u-* no resto do país”¹⁴. Exs.: *ôrelha*, *órelha*, *urelha* (*ureilha*), *öubedecer*”¹⁵ (1901: 101). Em

¹¹ Tradução nossa. “*e-* non suivi de *s* impur est represente par *i* (comme dans la langue littéraire) dans le Nord, dans le Centre et dans l’Estremadure Cistagane, et par *ê-* dans l’Estremadure Transtagane, dans l’Alemtejo e dans l’Algarve”.

¹² Tradução nossa. “L’*ẽ* initial a une destinée analogue à celle de *e-*: d’une manière générale, on peut dire que *ẽ* devient *ĩ* dans le Nord, dans le Centre et dans l’Estremadure Cistagane, *ẽ*- plus au Sud; ex.: *intrar*, *entrar*”.

¹³ O símbolo *ẽ* usado por Leite de Vasconcelos corresponde a [ɐ] no Alfabeto Fonético Internacional.

¹⁴ Não fica claro no texto de Vasconcelos a qual pronúncia o símbolo *öu* se refere. Por esse motivo, não estabelecemos uma correlação com o Alfabeto Fonético Internacional.

¹⁵ Tradução nossa. “L’*o* initial est généralement represente par *ô-* ou *ó-* dans l’Estremadure, dans la plus grand partie de l’Alemtejo et dans l’Algarve; par *öu-* dans quelques point du Nord de Tras-os-Montes, par *u-* dans le reste du pays. Exs.: *ôrelha*, *órelha*, *urelha* (*ureilha*), *öubedecer*”.

contexto inicial nasal, a média posterior pode elevar ou não. É produzida como *õ-* no Algarve e no Alentejo, e como *ũ-* ou *õ-* no resto do país. Vasconcelos fornece o seguinte exemplo: *onzeneiro*, *unzeneiro*. O contexto nasal situado em posição medial de palavra também propicia variação. A palavra *comprar* pode ser produzida de três maneiras (1901: 102):

- *comprar* – no Algarve, no Baixo-Alentejo, em uma parte do Alto-Alentejo e em uma parte da Beira Alta;
- *cómprar* – no concelho de Baião, em Mesão-Frio e em outras regiões do Norte;
- *cumprar* – no Alto e Baixo-Minho, em uma grande parte de Trás-os-Montes e da Beira-Alta, e em toda a Estremadura.

Ocorrências de assimilação, dissimilação, redução e variação dialetal são registradas também na obra de José Joaquim Nunes, *Compendio de Gramática Histórica*, publicado pela primeira vez em 1919. Para o autor, a presença de variação no ambiente pretônico é proveniente do latim vulgar. A assimilação (1960: 60) – ou harmonização vocálica – é constatada em palavras como *mentire* – *mintir*; **petire* – *pidir*; *vestire* – *vistir*; *ferire* – *firir*; **consuetumine* – *custume*. A dissimilação, segundo Nunes, é um hábito antigo da língua portuguesa (1960: 62):

esta troca está tanto nos nossos lábios que pessoas cultas mesmo, quando falam descuidadamente, a praticam. (...) Em qualquer período da língua encontram-se grafias como estas: *dessimular*, *deferença*, *defamar*, *vertude*, *vertuoso*, *deficuldade*, *descreto*, *defusão*, *vezinho*, *trebutto*, etc., e, em sílaba não inicial, *restetuir*, *ponteficado*, *marterizar*, *lágrema*, *openião*, *ordenário*, etc.

Nunes (1960: 56) explica que, em posição medial da palavra, as pretônicas /e/ e /o/ são mais suscetíveis à redução do que aquelas que estão em posição inicial ou final de palavra: “A sorte das vogais átonas depende do lugar que ocupam na palavra e de sua posição relativamente ao acento tônico, sendo as iniciais e as finais as que mais resistências possuem; as médias atenuam-se por tal forma que desaparecem frequentemente”.

A respeito da variação dialetal, Nunes relata que

em algumas falas populares do país, com exceção das duas províncias ao sul do Tejo, e já desde o século XVI pelo menos, soa *ĩ* a vogal nasal *ẽ*, quer resultante de *ã*, quer originária, sem dúvida pela mesma razão porque a oral *e* vale de *i* nas mesmas falas. (...) Pelo mesmo motivo, ou antes por influência literária, diz-se e

escreve-se hoje *inteiro, inveja, injúria, infinda, ingratitude*, em vez de *enteiro, enveja, enjúria, engratidão*, como regularmente diziam e escreviam os nossos antigos (1960: 64).

O estudo de Morais Barbosa, *Etudes de phonologie portugaise*, já em meados do século XX, procura definir quais são de fato os fonemas vocálicos do PE. O autor observa que as alternâncias entre as formas médias-fechadas, médias-abertas e altas, já consideradas acima, ainda são frequentes. Para uma melhor compreensão dos contextos dessas variações, Barbosa estabelece dois quadros do sistema vocálico em posição pretônica: um para a posição inicial de palavra e outro para a posição medial.

Para as pretônicas em posição inicial de palavra, Barbosa atesta nove possibilidades: [i e ε a ɐ ə ɔ o u]. Na série posterior, /o/ é realizado como [ɔ] diante de /R/, e até como [u] em outros ambientes, por pessoas com pouca escolaridade. É o caso de palavras como *operário, hospedar, ouvir*. Segundo o autor, a forma média-fechada [o] é a utilizada pela classe instruída (cf. Barbosa, 1965: 136). A observação de Barbosa, nesse aspecto, coincide com a de Gonçalves Viana a respeito do abaixamento da vogal /o/. O autor conclui, então, que [u] e [ɔ] são alofones do fonema /o/.

A variação para a série anterior é mais complexa, sendo que o fonema /e/ pode ser produzido como [e], [ɛ], [ɐ] e [i]. Nem todos os ambientes são produtivos para as quatro possibilidades:

- Em sílabas abertas, apenas a variação entre [e] e [i] é encontrada, como em *elegante ~ ilegante*.
- Em sílabas fechadas, ou seja, com coda, a variação entre [e] ou [ɛ] é foneticamente condicionada. A variante média-aberta é encontrada diante de /L/ e /R/, - *Èldorado; èrvanário* - enquanto a média-fechada diante de /N/ e /W/ - *entrar; Europa*. Assim, [e] e [ɛ] são duas variantes do fonema /e/.
- Diante de /N/ é possível encontrar três variantes: a média-fechada [e], a alta [i], e o ditongo nasal [ɛi]. Barbosa (1965:137) relata que a palavra *entrar* é pronunciada das três formas: [ẽ'trar]; [ĩ'trar]; [ɛĩ'trar].
- Diante de /S/ o fonema /e/ varia entre as formas [e] e [ə] e [ɛi]. A palavra *estar* pode ser pronunciada tanto [eʃ'tar] como [əʃ'tar]. Já a palavra *exterior* apresenta três possibilidades: [eʃ'teri'or], [əʃ'teri'or] e [ɛiʃ'teri'or].

Para Barbosa, portanto, o quadro das vogais, em posição inicial, pode ser resumido a 6 fonemas (1965: 142), conforme o Quadro 4:

QUADRO 4: QUADRO FONOLÓGICO DAS VOGAIS PRETÔNICAS EM POSIÇÃO INICIAL DE PALAVRA NO PORTUGUÊS EUROPEU DO SÉCULO XX

i	u
e	o
	ɐ
	a

Fonte: Barbosa (1965: 142)

Em posição medial de palavra, ocorrem as mesmas 9 possibilidades de fones daquelas encontradas em posição inicial: [i e ɛ a ɐ ə ɔ o u]. Os fonemas decorrentes de oposições, entretanto, sobem de 6 para 8, como mostra o Quadro 5 (Barbosa, 1965: 152):

QUADRO 5: QUADRO FONOLÓGICO DAS VOGAIS PRETÔNICAS EM POSIÇÃO MEDIAL DE PALAVRA NO PORTUGUÊS EUROPEU DO SÉCULO XX

i	u
e	o
ɛ	ɐ
	ɔ
	a

Fonte: Barbosa (1965: 152)

A diferença entre as duas posições está no acréscimo das vogais médias-abertas [ɛ ɔ]. O fonema /ɔ/ se distingue de /o/ nessa posição porque forma pares mínimos, como o seguinte: *pòsar – pousar* (Barbosa, 1965: 144). A pronúncia média-aberta [ɔ] é usada apenas em sílabas abertas, guardando a marca da consoante ou do hiato latinos perdidos em palavras

como *còrrar*; *adòpção*. Barbosa não relata casos de elevação da média posterior /o/ nessa posição.

Para a série anterior, Barbosa (1965: 152, 53) registra, em posição medial de palavra, várias neutralizações, ou seja, perda de oposição entre os fonemas /e/ e /ɛ/, em alguns ambientes específicos: (i) em sílabas com coda em /L/, contexto em que apenas a forma [ɛ] ocorre – *dèlgado*, *rèlvar*; (ii) em sílabas com coda em /N/, /W/, /R/ e /S/, ambiente em que apenas o fonema /e/ aparece. Com /N/ e com /W/, representada pela variante [e] – *pensar*, *neurose* -, e com /R/ e /S/, pela variante [ə] – *perdido*, *pescar*. Em sílabas abertas, a oposição entre as vogais média-fechada [e] e média-aberta [ɛ] é mantida, como, por exemplo, entre *pregar* (sermão) e *prègar* (com martelo).

Assim, a partir do estudo de Barbosa, é possível distinguir o quadro vocálico fonético do quadro fonológico do PE, demonstrado no Quadro 6 abaixo:

QUADRO 6: COMPARAÇÃO ENTRE OS QUADROS FONÉTICO E FONOLÓGICO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS EUROPEU DO SÉCULO XX

Quadro fonético				Quadro fonológico			
i			u	i			u
e		ə	o	e			o
	ɛ	ɐ	ɔ		ɛ	ɐ	ɔ
		a				a	

Após essa exposição, que tentou perseguir o caminho trilhado pelas pretônicas médias no PE, podemos observar que a variação, desde o século XVI, é um processo inerente ao sistema vocálico. As variantes abaixadas [ɛ] e [ɔ], como marca da queda dos hiatos latinos, assim como o processo de redução, indicam mudanças já concretizadas na língua. As outras variações encontradas parecem estar em uma situação estável de co-ocorrência. Não apenas

fatores lingüísticos são desencadeadores da variação; os fatores sociais e geográficos também exercem determinada força: o nível de escolaridade interfere na produção das pretônicas em Lisboa, segundo o estudo de Gonçalves Viana e Barbosa, e a área geográfica acarreta diferenciações na pronúncia, como indicam as pesquisas de Vasconcelos e Nunes.

3.2 Português brasileiro

No Brasil, o português demorou a ser a língua predominantemente falada pela população. Apenas no século XVIII, a partir da política pombalina - que incluía a expulsão dos jesuítas e a proibição do uso da língua geral -, o português tornou-se a língua oficial (cf. Honório Rodrigues, 1983: 33, 4). Até então, o que prevalecia eram as chamadas línguas gerais, uma delas falada na região de São Paulo - amplamente utilizada pelos bandeirantes -, e a outra falada na região amazônica (cf. Rodrigues, 1996). Na definição de Rodrigues (1996: 6),

A expressão *língua geral* tomou um sentido bem definido no Brasil nos séculos XVII e XVIII, quando, tanto em São Paulo como no Maranhão e Pará, passou a designar as línguas de origem indígena faladas, nas respectivas províncias, por toda a população originada no cruzamento de europeus e índios tupi-guaranis, (...) à qual foi-se agregando o contingente de origem africana e contingentes de vários outros povos indígenas.

Dadas as dificuldades encontradas pela língua portuguesa de disseminar-se pelo território brasileiro, não apenas por conta das línguas gerais, mas por diversos outros fatores, como a carência de uma política educacional, a extensão do território e a grande quantidade de línguas e etnias, a história da língua portuguesa no Brasil ainda hoje é assunto de especulação. Mattos e Silva (1992: 76) admite: “Passados quase cinco séculos, está ainda por ser reconstruído o processo do encontro, politicamente assimétrico, entre a língua portuguesa, língua de dominação, as muitas línguas autóctones e as diversas línguas aqui chegadas”. O projeto coordenado por Ataliba Castilho, *Projeto nacional para a história do português brasileiro*, vem, desde 1996, tentando sanar essa lacuna.

O que se tem afirmado quanto à implantação do PE no Brasil é que não houve, dentre todas as variedades faladas em Portugal, uma que fosse predominante. Segundo o relatório divulgado após a primeira visita do Santo Ofício às regiões do Brasil, no final do século XVI, analisado por Silva Neto (cf. 1979: 583,84), houve equilíbrio quanto à origem dos portugueses para cá emigrados: “por muito precários que possam ser os elementos de que dispomos, estes conduzem sempre à conclusão de que os colonos vieram de todos os pontos de Portugal” (Silva Neto, 1979: 585). Além disso, Silva Neto (1979: 589) sustenta o seguinte argumento:

Acreditamos, pois, que, na Colônia, portugueses de todas as partes se fundiram em contacto e interação, eliminando, expurgando os difíceis fonemas do Norte, os tipicismos que podiam levar à sanção do ridículo, as particularidades que diante da língua comum se poderiam considerar “rusticismos” (...) Realmente, a pronúncia brasileira, ainda que, no seu conjunto, seja bastante conservadora, não guarda nenhum dos traços típicos da pronúncia do Norte de Portugal.

A mesma posição é defendida por Teyssier (cf. 2004: 98), o qual afirma que o português falado no Brasil representa a reunião dos dialetos falados pelos colonos provenientes de todas as regiões de Portugal: uma *koiné*. Essa língua comum teria dado preferência às formas de prestígio faladas no Centro-Sul de Portugal – onde está situada Lisboa –, generalizando-as, e ao mesmo tempo procurando eliminar os traços marcados dos dialetos do Norte, como a pronúncia africada [tʃ] – *tch* – nas palavras *chapéu* e *chave*.

Pode-se questionar, contudo, até que ponto as variedades do PE se fundiram numa *koiné*, já que o português brasileiro (PB) não é, de forma alguma, uma língua homogênea. Assim, se por um lado, a língua portuguesa foi a língua que venceu no território brasileiro – usando os mesmos termos de Honório Rodrigues (1983: 40) –, por outro, esta mesma língua está dividida em diferentes variedades, conforme a região em que é falada: “A vitória real e verdadeira veio quando os representantes de várias províncias brasileiras falaram uns com os outros na Assembléia Constituinte de 1823, notando as diferenças de prosódia, mas a igualdade da língua que todos falavam”.

Igualmente questionável é a eliminação dos traços marcados atribuídos às variedades faladas no Norte de Portugal. Segundo Almeida (2005: 87), a pronúncia /tʃ/ - *tch* - em palavras como *chegar*, *chá* e *peixe* na Baixada Cuiabana pode ser não apenas uma

particularidade da fala local, mas um indício da manutenção de uma antiga pronúncia utilizada no período Colonial: “A realização da africada /tʃ/ do *ch* gráfico, em regiões mal delimitadas de São Paulo, Paraná e Mato Grosso, neste último agora já bem delimitada – a Baixada Cuiabana -, é vista por Celso Cunha como uma pronúncia que já era a mais geral no século XVI”.

E embora sejam escassos os documentos referentes à proveniência dos colonos portugueses, conforme a citação de Silva Neto acima, ele próprio (cf. 1979: 584-85) menciona a possibilidade de tanto a Bahia quanto Pernambuco terem recebido uma quantidade maior de emigrantes da região Norte de Portugal. Os documentos referentes à segunda visita do Santo Ofício à Bahia em 1618 (Anais do Museu Paulista, 1963), não incluídos na pesquisa de Silva Neto, listam, dentre as 73 pessoas ouvidas, 48 portugueses, dos quais 19 se identificaram como procedentes da região Norte, 16 da região Sul, 3 da região Central, e 5 procedentes das ilhas.¹⁶ Um número um pouco maior, portanto, de nortistas. Assim, não se pode descartar, de todo, uma interferência maior de uma ou outra variedade portuguesa em determinadas regiões do Brasil, sendo possível levantar a hipótese de que os dialetos portugueses falados ao Norte de Portugal tenham desempenhado um papel diferenciado em locais como a Bahia e Pernambuco. Seguindo essa linha de raciocínio, poderíamos dizer que uma das razões motivadoras para a variação diatópica no PB é a presença desse tipo de variação no PE, conforme vimos acima no trabalho de Vasconcelos (1901: 99-102). Tal hipótese põe em xeque a formação de uma *koinê*, pelo menos nos moldes defendidos por Silva Neto e Teyssier.

O fato é que desde as primeiras comparações a que temos acesso entre o PB e o PE atestam-se tanto diferenças quanto similaridades entre a língua da colônia e a da metrópole. Teyssier (2004: 95) observa que

Em 1767, Frei Luís do Monte Carmelo (*Compendio de ortographia*) assinala pela primeira vez um traço fonético dos brasileiros, que é o de não fazerem distinção entre as pretônicas abertas (ex.: *pãdeiro*, *prêgar*, *vôrar*) e as fechadas (ex.: *cadeira*, *pregar*, *morar*). Jerônimo Soares Barbosa (*Grammatica Philosophica*, 1822) salienta o mesmo fato e acrescenta que os brasileiros dizem *minino* (por *menino*), *mi deu* (por *me deu*); que não chamam os *-s* implosivos (*mistério*, *fasto*, *livros novos*).

¹⁶ Os documentos referentes à Segunda Visita do Santo Ofício à Bahia foram obtidos por meio da prof. Suzana Marcolino, a quem agradecemos.

Como veremos a seguir, nem todas as diferenças observadas por Monte Carmelo e Barbosa podem ser confirmadas. Em alguns aspectos, o PB se aproxima do PE, perpetuando determinados traços.

A continuidade de traços é percebida, por exemplo, na afirmação de Soares Barbosa na citação acima. O fato de os brasileiros pronunciarem *minino* demonstra que a variação, inerente ao PE, é simplesmente repassada para o PB, ou seja, esse traço característico é conservado. A elevação regida pela assimilação perpassou todas as variedades faladas no Brasil, sendo hoje um fenômeno supra-dialetal. É registrada na fala de várias regiões:

- na fala carioca por Nascentes (1953: 29, 35): *minino, pidí, cozinha, cortina*;
- na fala paulista por Amaral (1920: 23, 24): *pirigo, dilicado, minino, atrivido, intiligente, pidí, midí, ingulir, bulir, tussir, surtir*;
- na fala goiana por José Teixeira (apud Elia, 1963: 254): *siguro, minino, mintiroso, sirviço, disunião, discretada, ufindido, niguciante, dilicado, arripindido, pelijá, divoto, divução, puvuação, nutiça, cumitiva, suciedade*;
- na fala nordestina por Marroquim (1934: 47, 56, 57, 72): *pidir, izistir, encubrir, cubrir, durmir, surrir, bulir, ingulir, currida, pulimento, dumingo, cumida, lumbriga, muldura, binifiço, puliça, nutiça*;
- na fala gaúcha por Elpídio Paes (apud Elia, 1963: 256): *bunito, muldura, culuna, cubrir, curtir, durmir, ingulir, bulir, descobrir*, assim como os nomes correspondentes a esses itens *coverta, curtime, durminhoco*.

A harmonização vocálica – ou assimilação do traço [+ alto] – ocorre não apenas entre as vogais homorgânicas, ou seja, aquelas realizadas na mesma zona de articulação - mas também entre as não-homorgânicas. Serafim da Silva Neto (1963: 172-175) fornece uma relação de palavras harmonizadas como resultado de quatro combinações:

- homorgânicas anteriores - *e-i > i-i*: *filiz, pipino, medida, minino, firida, pirigo, avinida, bem-ti-vi*;
- homorgânicas posteriores - *o-u > u-u*: *gurdura, furtuna, custume, curtime, currupção*.

- não-homorgânicas - *e-u* > *i-u*: *viludo, siguro, piludo*;
o-i > *u-i*: *urtiga, cubiça, muringa, fucinho, butina, curtina, bunito*.

Silva Neto reconhece, todavia, que a assimilação é uma regra variável, pois nem sempre palavras que contêm um ambiente fonético favorável, i.e., pretônicas médias /e/ e /o/ seguidas de vogais altas /i/ e /u/, harmonizam-se (1963: 173). É o caso de *verdura, mortificar, domínio*. O oposto também é verdadeiro: palavras que não apresentam um ambiente favorável para a harmonização são pronunciadas da forma elevada: *fugueira, buneca, sutaque*. Nascentes (1965: 14, 15) faz a mesma observação:

A influência de *i* e *u* tônicos, posteriores, as tornam reduzidas. Assim, *escrevi* (pronuncie-se *iscrivi* e não *êxcrêvi*), *devia* (divia), *mesquinho* (misquinho), *absoluto* (absolutu), *coruja* (curuja). (...) Em outros casos, não se pode atribuir esta redução nem a *i* nem a *u* tônicos: *presunto* (*prizũnto*), *sociedade* (*suciedade*), *colégio* (*culégio*), *comédia* (*cumédia*).

A vogal /e/ em posição inicial de sílaba pode tanto sofrer elevação quanto permanecer média-fechada. Nascentes (1965: 13) propõe algumas regras, mas as exceções são inevitáveis:

A vogal *e* é reduzida também nas sílabas iniciais átonas *em, en, es, ex*: *embeber, encanto, estar, exclamar* (...). Em palavras como *eminente, energia, esôfago, exótico*, em que o *m*, o *n*, o *s*, e o *x* não fazem parte da sílaba inicial, a vogal *e* inicial é fechada. Excetua-se *emenda*, que se pronuncia *imenda*. Entretanto, principalmente em palavras não eruditas, aparece o *e* reduzido: *exagero, exame, erigir, exalar, exaltar, exausto, exigir, existir, hesitar*. Nos compostos de *entre*, apesar de o *n* fazer parte da sílaba inicial, o *e* antes dele é fechado, ex.: *entremeio*. Explica-se isso pela influência da palavra simples, *entre*.

A elevação de /e/ em início de sílaba pode, por vezes, vir acompanhada de nasalização, o que não é nenhuma inovação na língua portuguesa. No Rio de Janeiro Nascentes (1953: 32) registra *inrado, inducá, inlugio, inleição* para *errado, educar, elogio, eleição*. A extensão da nasalidade é igualmente verificada na vogal /o/ da fala nordestina (Marroquim, 1934: 59): *cunsinha, cunsinhá, gunverno, gunverná, gunvernadô*.

Outro ambiente favorável à elevação no PB herdado do PE é o hiato:

- em *rial, lial, lião e tiatro* para *real, leal, leão, teatro* (Nascentes, 1953: 29);
- em *muê, duê, puêra* para *moer, doer, poeira* (Paes apud Elia, 1963: 256);
- em *passiar, vuar, pueta* para *passrear, voar, poeta* (Nascentes, 1965: 16, 17).

A verdade é que a variação é tão recorrente que Silva Neto (1963: 175) afirma: “podem mesmo notar-se na pronúncia da mesma pessoa, uma pronúncia *tensa* outra *distensa*: *dormir/durmir*”. O mesmo fato impele Nascentes (1965: 13-15) a elaborar listas para orientar o falante quando deve usar a variante média-fechada [e o] ou a alta [i u], que ele chama de timbre reduzido:

Há indecisões do timbre do *e* em muitas palavras. Aconselhamos (...) o *e* reduzido em *paletó*. (...) O *e* da preposição *de* é pronunciado fechado em algumas expressões, como *de tarde, de noite, cor de rosa, pão-de-ló, conto de réis, de repente, depressa*. (...) Aconselhamos o timbre reduzido do *o* em *política, colégio* e nas preposições *por, porque, porquanto, portanto, porventura*.

Cabe ainda citar um aspecto da variação observado por Silva Neto (1963: 172): o uso da variante elevada pode servir como indicador de distinção semântica.

Quando formamos diminutivo de palavras que tem *o* tônico, mantemos o timbre da vogal: *corpo-corpinho, folba-folbinha*; quando, porém, a palavra tem a mesma estrutura mas se perdeu a noção de que se trata morfológicamente de um diminutivo, a vogal pretônica tende a atenuar-se: *folbinha* (= *fulbinha*, calendário), *corpinho* (= *curpinho*, colete de senhora).

Se, por um lado, o PB se aproxima do PE por conservar a variação das pretônicas nos ambientes acima citados, por outro se distancia, uma vez que a pronúncia do PB, como escreve Teyssier (2004: 101), perpetua “a pronúncia de Portugal antes das grandes mutações fonéticas do século XVIII”. O PB desconhece a pronúncia da vogal central [ə], bem como do ditongo nasal [ẽĩ]. Verdade é que os resultados, especialmente pelo fato de Brasil e Portugal estarem geograficamente distantes, apontam dois rumos distintos na língua portuguesa: enquanto no PB as vogais pretônicas são, geralmente, bem pronunciadas, e algumas vezes até alongadas, no PE, a duração dessas vogais é bastante reduzida, de tal modo que, como escreve Barbosa (cf. 1965: 11), um estrangeiro tem a impressão de que os portugueses “comem” as vogais:

Para um estrangeiro o português se apresenta como uma língua em que o número de consoantes supera, de longe, o de vogais, e em que a maioria das frases parecem reduzidas a seu esqueleto consonântico, alternadas aqui e lá por uma vogal acentuada ou, mais raramente, por uma vogal não acentuada que escapou à “redução”. (Barbosa, 1965: 13)¹⁷

A esse respeito observa Elia (1963: 280), “no Brasil o vocalismo é tenso, ao passo que o consonantismo é distenso e que o inverso se verifica em Portugal”.

Castilho (2006: 244) observa que o PB tem sido interpretado por “duas posições antitéticas (...), ora como uma modalidade conservadora, que reflete o falar quinhentista trazido pelos colonizadores, ora como modalidade inovadora, que se afasta a passos rápidos do PP [Português de Portugal]”. A nosso ver, as duas posições se complementam, pois, se por um lado o PB é conservador, por preservar traços do PE quinhentista, por outro, a língua falada no Brasil não ficou estagnada, mas passou por mudanças e, portanto, cabe ao PB também o atributo de inovador. A expressão “arcaicidade dinâmica” é utilizada por Elia (1963: 282) para dar conta do paradoxo entre conservação e inovação no PB. Nesse sentido, Silva Neto (1963: 208) reconhece: “Ao português brasileiro podemos, portanto, atribuir características opostas: particularidades arcaicas e novos desenvolvimentos”.

Um dos novos desenvolvimentos operados pela língua portuguesa falada no Brasil encontra-se justamente no ambiente pretônico e é tema de debate ainda não solucionado. Retomamos aqui a citação dos portugueses Monte Carmelo e Soares Barbosa (apud Teysier, 2004: 95), quando afirmam que uma das primeiras diferenças percebidas entre o PB e o PE repousa no fato de os brasileiros não distinguirem pretônicas abertas de fechadas, como em *prègar* e *pregar*. Isso é verdadeiro em parte. Por alguma razão desconhecida, o PB tomou um rumo nas regiões Sul e Sudeste do país e outro nas regiões Norte e Nordeste. É o que verifica Nascentes (1965: 39): “em matéria de linguagem o nosso país pode dividir-se em duas grandes regiões: Norte, do Amazonas e do Pará até a Bahia, e Sul, do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul”. Segundo Nascentes, essa divisão é motivada pela pronúncia das vogais e pela entoação. Também Silva Neto (1963:189) registra: “na pronúncia do Nordeste, numa área por

¹⁷ Tradução nossa: “le portugais se présente à un étranger comme une langue où le nombre de consonnes l’emporte de très loin sur celui des voyelles et où la plupart des phrases paraissent réduites à leur squelette consonantique, entrecoupé çà et là par une voyelle accentuée ou, plus rarement, par une voyelle inaccentuée échappant à une telle ‘réduction’.”

definir, mas com toda a segurança muito extensa, todas as vogais pretônicas são abertas; assim: *dêzembro, tòlerar*”.

Dois aspectos podem ser levantados para tentar solucionar essa questão. Um lingüístico e outro histórico. A pronúncia aberta e a entoação “cantada” nordestinas são atribuídas por vezes à influência indígena. O argumento usado por Elia (1963: 300) é: “A modulação nordestina é diferente da do resto do país, sendo talvez de origem índia. A protônica aberta seria, portanto, um ponto de apoio necessário à fala cantada do nordestino”. Silva Neto (1963: 189, 90) não descarta de todo essa hipótese, embora julgue que deva ser melhor apurada; propõe outra possibilidade – ao mesmo tempo que a nega:

Podia-se, por outro lado, pensar numa generalização, visto que a pronúncia de Portugal, como se sabe, profere como abertas, vogais pretônicas decorrentes de crases antigas. (...) Contudo devemos dizer que o fenômeno é tão enraizado, tão popular e generalizado, que nos parece tal hipótese muito pouco provável.

Ao estudar a variedade nordestina, Marroquim (1934: 51, 52) conclui que esse traço peculiar não decorre de influência tupi. Para ele, “a língua portuguesa sujeita a influências evolutivas particulares, assume aspectos prosódicos próprios em cada região”. Nesse trecho, a intenção de Marroquim é contrariar a opinião de Nascentes, de que o tupi teria favorecido a pronúncia aberta. Ao verificar o texto de Nascentes (1965: 177), entretanto, percebemos que o propósito do autor ao referir-se à interferência da língua indígena não está restrita à variedade nordestina:

No Brasil a língua portuguesa pôs-se em contato com o tupi, idioma de um dos nossos grandes troncos indígenas, e mais tarde com as línguas faladas pelos escravos africanos introduzidos pelos portugueses. Daí resultou para ela uma modalidade especial graças às alterações fonéticas, morfológicas e sintáticas e aos acréscimos do vocabulário.

Para Nascentes (1953: 19), o aspecto histórico pode fornecer pistas mais razoáveis para esse desenvolvimento. O autor leva em conta o modo como o país foi povoado. Os colonos portugueses não ocuparam o território brasileiro de forma homogênea, mas formando centros populacionais no litoral. Os principais foram: São Paulo, Pernambuco e Bahia, que se constituíram, além de centros urbanos, irradiadores da fala portuguesa para o interior. Assim, São Paulo, por meio dos bandeirantes, desbravou Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná,

Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os pernambucanos desbravaram a Paraíba, o Rio Grande do Norte, o Ceará, Alagoas e, por intermédio desses Estados, o Acre. Bahia influenciou a região que inclui o Sergipe e o norte do Espírito Santo. A consequência natural dessa organização foi o surgimento de regiões distintas, explica Nascentes (1953: 19): “As vias de comunicação, as relações comerciais e intelectuais, certas vicissitudes históricas ligaram diversas partes do vasto território, constituindo regiões perfeitamente caracterizadas”.

Tendo em mente as relações e contatos desses três grupos irradiadores da fala portuguesa, Nascentes (1953: 24) elaborou o mapa dos subfalares do PB (já exposto no mapa 1 acima), fundamentando-se numa observação panorâmica da fala brasileira: “Hoje que já realizei o meu ardente desejo de percorrer todo o Brasil, do Oiapoc ao Xuí, de Recife a Cuiabá, fiz nova divisão que não considero nem posso considerar definitiva, mas sim um tanto próxima da verdade”. O autor verificou a existência de dois grandes grupos: o norte e o sul, cujas características são “a cadência e a existência de protônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em *mente*” (1953: 25). O grupo norte é subdividido em dois outros subfalares: o amazônico e o nordestino; enquanto o grupo sul é subdividido em outros quatro: o baiano, o fluminense, o mineiro e o sulista. As isoglossas traçadas por Nascentes não coincidem com os limites entre regiões e Estados brasileiros; por vezes estão próximos, mas nem sempre são os mesmos.

Enfim, embora não nos seja possível detectar quais os aspectos determinantes para a configuração do PB em dois grandes grupos, o fato é que a distinção fonética e prosódica entre norte e sul, conforme observou Nascentes, é uma realidade inequívoca para qualquer brasileiro e problematiza, uma vez mais, a formação de uma *koiné* válida para todos os falantes de PB. Todas as hipóteses para essa configuração ainda precisam ser melhor apuradas pela pesquisa lingüística, tais como: (i) a generalização, na região Nordeste, da pronúncia aberta do PE; (ii) a influência de diferentes variedades portuguesas nos três centros irradiadores da fala portuguesa; (iii) a interferência lingüística de negros e indígenas; (iv) a consequência de evoluções históricas regionais.

As primeiras pistas para a compreensão da fala nordestina encontram-se no trabalho de Marroquim, *A língua do Nordeste*, publicado em 1934. O autor procura descrever a variação entre a pronúncia média-aberta [ɛ, ɔ], média-fechada [e, o] e alta [i, u] na fala de

Pernambuco e Alagoas, ressaltando que ela ocorre indistintamente em todas as classes sociais. Para a série anterior, Marroquim (1934: 51) registra o abaixamento em :

- posição inicial absoluta: *èlétrico, èlègância, èloqüente, èquiparar, èpopéa, èquilíbrio, èpiceno, èquivocar, èvasão, èvaporar, èvocar, èvangelho;*
- em posição medial: *lèvar, navègar, elèvar, dèzembro, sètembro, sèzão, pècado, pèdal, vèlhaco.*

A pronúncia média-aberta [ɛ] é encontrada até mesmo em palavras originalmente com /i/ (1934: 55): *cèrconstança, dèfamá, dèfèrença, dèploma, lècença*. Outras palavras apresentam a troca de /i/ por [e] *dèreito, rebêra, premêro*. Marroquim (1934: 55) destaca que “muitas palavras que têm esta pronúncia são oriundas do português do século XVI e conservadas integralmente no dialeto”.

A série posterior, segundo Marroquim (1934: 55), apresenta um leque maior de possibilidades: “O *o* tem o som de *ó, ô, e u*. Há uma grande indecisão entre essas três formas, não sendo possível determinar uma direção segura para a mudança dialetal. Dentro de cada regra formulada há, quase sempre, inúmeras exceções”. O autor registra ocorrências com o timbre aberto [ɔ] em:

- posição inicial absoluta: *Òliveira, òfício, òceano, òbrigaçã, òráculo, òpilaçã, òrador, òrdenar, òrgulho, òrnatado;*
- Seguido de *l* ou *r* com que forme sílaba: *sòrdado, jòrnal, pòrtador, tòrmento, tòrrencial;*
- Infinitivos da primeira conjugação: *chòrar, implòrar, còbrar, amòjar, bròcar, tòcar, tòpar, ròlar*. Exceções são *mulhar* e *butar*.

Em palavras começadas com /m/ as três variantes são possíveis (1934: 56):

- Com média-fechada [o]: *morrer, morder, moleza;*
- Com média-aberta [ɔ]: *mòrgado, mòrdaça, mòrdomo, mòrmaço, mòrtalha, mòlenga;*
- Com alta [u]: *murcego, murrinha, muldura.*

Verbos da segunda conjugação mantêm o timbre fechado [o] e os da terceira conjugação sofrem elevação, pronunciados como [u]. Com o ditongo *ou* (1934: 65) ocorre monotongação, em *ôtro, lôco, pôço, frôxo, môco, ôro*; elevação com o verbo *uvir* e derivados: *uvido, uvinte*; abaixamento em *Lòrenço, estòrar, ròbar, pòcar, afròxar*. Marroquim (1934: 65) ressalta que “na língua culta há também verbos em que houve igual transformação: *apòsentar* e *apòquentar* vem de *pouso* e *pouco*”.

Na Paraíba, o estudo das formas encontradas no *Atlas lingüístico da Paraíba* (Aragão; Menezes, 1984: 46,47) concluiu que “o modelo de realização mais freqüente e de distribuição regular na Paraíba é [ɛ] [ɔ]”, tanto em posição inicial de sílaba – *èliti, èducar, òração* -, como em posição medial – *tèlêvisão, còrcunda, gòiaba*.

A visão panorâmica da evolução do PB sob o enfoque das vogais pretônicas leva à conclusão de que o português falado no Brasil, assim como em Portugal, não é homogêneo. A variação dialetal, a elevação e o abaixamento não nasceram no português falado na colônia, mas vieram “na bagagem” dos falantes de Portugal. O PB, portanto, conservou tais características. Com a distância geográfica, ambas as línguas passaram por transformações: o PE sofreu o processo de redução, no qual as vogais pretônicas foram especialmente afetadas. Juntamente com a redução, houve a aceleração rítmica, não ocorrida no PB, que guardou um ritmo mais pausado, geralmente pronunciando todas as vogais pretônicas. O capítulo a seguir é dedicado apenas ao sistema vocálico do PB.

4 O SISTEMA VOCÁLICO ATUAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O apanhado histórico da pronúncia das vogais médias em posição pretônica, desde as primeiras mudanças ocorridas do latim para o PE até o PB atual, demonstra que o sistema vocálico da língua portuguesa, especialmente quando diz respeito às vogais médias, é bastante complexo. Como o lingüista Câmara Jr. (2007: 39) já observara,

a realidade da língua oral é muito mais complexa do que dá a entender o uso aparentemente simples e regular das cinco letras latinas vogais na escrita. O que há são 7 fonemas vocálicos multiplicados em muitos alofones.

O quadro apresentado abaixo, extraído de Cristófaró Silva (2005: 172), fornece uma idéia das realizações fonéticas das vogais.

QUADRO 7: QUADRO FONÉTICO DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

	anterior		central		posterior	
	arred	não-arred	arred	não-arred	arred	não-arred
alta		i I		ɨ		u ʊ
média-fechada		e				o
média-aberta		ɛ		ɐ		ɔ
baixa				a		

Fonte: Cristófaró-Silva (2005: 172)

Tais realizações, entretanto, são suscetíveis à variação, dependendo da posição da sílaba em relação ao acento. Câmara Jr. verificou que, fonologicamente, quanto mais débil a

sílaba, mais limitadas são as realizações fonéticas das vogais. A sílaba tônica, aquela que recebe o acento e, portanto, é emitida com maior força expiratória, tem, segundo Câmara Jr. (2007: 63) um valor correspondente a 3. As sílabas pretônicas têm valor 1 e as postônicas, valor 0. Assim, as sílabas de uma palavra como *habilidade* receberiam os seguintes valores:

/a b i l i d a d e/
1 1 1 3 0

O quadro comparativo abaixo apresenta a gradativa diminuição do número de fonemas nas posições tônica, pretônica e postônica, com 7, 5 e 3 fonemas vocálicos respectivamente:

QUADRO 8: QUADRO FONOLÓGICO COMPARATIVO DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO – POSIÇÃO TÔNICA, PRETÔNICA E POSTÔNICA

Posição tônica	Posição pretônica	Posição postônica
i	i	i
e	e	a
ε	a	u
a		
o	o	
ɔ		
u	u	

A observação do quadro comparativo permite perceber que as diferenças se concentram essencialmente entre as vogais médias. Em posição tônica são encontradas tanto as médias-fechadas /e/ e /o/ quanto as médias-abertas /ε/ e /ɔ/, formando oposições do tipo /forma/ - /fɔrma/, /pelu/ - /pɛlu/. Em posição pretônica, porém, as oposições não ocorrem, ou seja, não é possível encontrar pares mínimos entre os sons [e ε] ou [o ɔ]. Nessa posição, [ε] e [ɔ] surgem como alofones dos fonemas /e/ e /o/ em diminutivos e advérbios em *mente*: *pobre* – *pobrezinho*; *novo* – *novamente*. Após a sílaba tônica, as oposições restringem-se a apenas 3 vogais - /i a u/, reduzindo ainda mais as possibilidades. Palavras que na grafia terminam com *e* e *o* são pronunciadas, majoritariamente, com [ɪ] e [ʊ] e não com [e] e [o].

Esse tipo de situação foi especialmente estudado pelo Círculo Lingüístico de Praga, importante grupo de estudos lingüísticos e literários fundado no início do século XX. Trubetzkoy, um dos membros do Círculo, delineou dois tipos possíveis de oposições fonológicas: as *constantes* – quando a oposição entre um determinado par de fonemas permanece em qualquer que seja o ambiente - e as *interrompidas*¹⁸ – quando há perda de contraste entre um determinado par de fonemas. O segundo tipo de oposição é chamado de *neutralizado* (Anderson, 1985 :107).

Para o Círculo Lingüístico de Praga, a oposição entre dois fonemas se dá basicamente por meio dos traços distintivos. No caso das vogais, os traços distintivos são: o ponto de articulação (anterior ou posterior), o grau de abertura da boca (aberto ou fechado) e o arredondamento dos lábios (arredondado ou não-arredondado). Em posição pretônica, o traço de abertura bucal que diferencia as vogais médias-fechadas /e o/ e as médias-abertas /ε ɔ/, é neutralizado, passando de 3 graus para 2 entre as vogais anteriores e de 4 graus para 3 entre as vogais posteriores (cf. Câmara Jr., 1953: 76).

QUADRO 9: NEUTRALIZAÇÃO DO TRAÇO GRAU DE ABERTURA BUCAL ENTRE AS VOGAIS MÉDIAS TÔNICAS E PRETÔNICAS

Posição tônica			Posição pretônica	
anteriores	posteriores		anteriores	posteriores
3 graus	4 graus		2 graus	3 graus
i	u	→	i	u
e	o		e	o
ε	ɔ			a
	a			

Câmara Jr. (1953: 76) explica que “basta a ausência de tonicidade para anular as oposições distintivas entre /ε/ e /e/, de um lado, e, de outro lado, entre /ɔ/ e /o/, com a fixação

¹⁸ Os termos *constante* e *interrompida* equivalem à tradução de *constant* e *suspensible* utilizados por Anderson (1985: 107).

do segundo elemento de cada par na pronúncia do Rio de Janeiro”. O autor destaca que, em posição pretônica, a neutralização não ocorre entre as vogais médias /e o/ e altas /i u/, por dois motivos: (i) em caso de dúvida quanto ao sentido da palavra, a oposição pode ser recuperada, como nos pares *soar* (fazer som) e *suar* (verter suor), *comprido* (longo) e *cumprido* (executado), *pear* (embaraçar) e *piar* (soltar pios); (ii) no processo morfológico de derivação, a pronúncia média-fechada tende a se manter, aproximando-se da forma primitiva. Câmara Jr. (2007: 45) denomina esse tipo de variação de “debordamento” ou “cumulação”.

A variação a que as vogais médias-fechadas estão submetidas em posição pretônica se dá, sobretudo, pela harmonização ou assimilação do traço [+ alto] da vogal seguinte. A efetivação da harmonização depende, segundo Câmara Jr., de dois fatores extremamente ligados entre si: (i) a fala não cuidada, ou seja, o estilo informal (2007: 44): “No registro informal do dialeto carioca, as oposições entre /o/ e /u/, de um lado, e, de outro lado, entre /e/ e /i/ ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica quando esta é átona”; e (ii) itens lexicais frequentes (1953: 80): “os vocábulos muito usuais, fixam-se, em regra, sob a forma alterada pela harmonização, em virtude de aparecerem preponderantemente na pronúncia coloquial frouxa e na língua popular”. Quando as vogais /e/ e /o/ precedem uma vogal /a/ tônica, contudo, não é possível haver harmonização e, conseqüentemente, a neutralização. Isso porque nesse contexto há contrastes significativos entre /e i/ e /o u/: *pesar* – *pisar*; *pecado* – *picado*; *pescar* – *piscar*; *remar* – *rimar*; *corar* – *curar*; *morar* – *murar*.

A ocorrência da neutralização entre vogais médias-fechadas e vogais altas em posição pretônica resultaria em um sistema de apenas 3 vogais nessa posição, processo que, como observa Câmara Jr. (1953: 85), aproximaria o PB do PE:

A diversidade fonêmica entre o Brasil e Portugal está no triângulo de 5 vogais de posição pretônica em geral, que nos permite distinções onde o triângulo reduzido de 3 vogais, normal no português europeu para qualquer posição átona, cria uma niveladora homonímia: /fexar/ - /fixar/, /morar/ - /murar/.

O processo de neutralização entre as vogais médias-fechadas /e o/ e altas /i u/ é atestado no PB em posição átona final. Nessa posição, há novamente a redução do traço que marca o grau de abertura bucal. A série anterior deixa de ter 2 fonemas e passa a ter apenas 1, e a série posterior passa de 3 para 2, conforme o quadro 10 a seguir.

QUADRO 10: NEUTRALIZAÇÃO DO TRAÇO GRAU DE ABERTURA BUCAL ENTRE AS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS E POSTÔNICAS FINAIS

Posição pretônica			Posição postônica final	
anteriores	posteriores		anteriores	posteriores
2 graus	3 graus		1 grau	2 graus
i	u	→	i	u
e	o			a
	a			

As neutralizações do sistema vocálico do PB, decorrentes da diferença dos níveis de tonicidade silábicas e obedientes ao seguinte sentido: tônicas → átonas não-finais → átonas finais, cria os chamados *arquifonemas*. O termo *arquifonema* é o conceito abstrato criado pelo Círculo Lingüístico de Praga para representar a perda de oposição entre um determinado par de fonemas (Anderson, 1985: 107). A aplicação do arquifonema no sistema vocálico do PB obedece ao princípio estruturalista de escolher o fonema menos marcado para simbolizar, em letra maiúscula, a neutralização. Assim, em posição pretônica, os arquifonemas /E/ e /O/ representariam a neutralização dos fonemas /e ε/ e /o ɔ/. E em posição postônica final, os arquifonemas /I/ e /U/ seriam utilizados para representar a neutralização entre /e i/ e /o u/.¹⁹

O processo de neutralização do traço grau de abertura bucal no PB pode também ser compreendido pelo modelo do lingüista Clements, adotado por Wetzels (1992: 22) e Bisol (2003: 270) e reproduzido abaixo.

QUADRO 11: TRAÇOS DO GRAU DE ABERTURA BUCAL DAS VOGAIS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

abertura	i/u	e/o	ε/ɔ	a
aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto 3	-	-	+	+

Fonte: Wetzels (1992: 22)

¹⁹ Embora essa seja a regra fonológica do Círculo Lingüístico de Praga, adotada por Câmara Jr., no PB os arquifonemas são mais amplamente utilizados na representação das neutralizações ocorridas entre consoantes.

A análise da classificação proposta por Clements evidencia que a comparação entre os traços das linhas [aberto 1] e [aberto 2] não permite distinguir as vogais médias entre si, já que ambas compartilham os mesmos traços, contrapondo-se, por um lado, às vogais altas /i u/ e, por outro, à vogal baixa /a/. É apenas com o acréscimo dos traços da linha [aberto 3] que há uma distinção entre as vogais médias-fechadas /e o/ e médias-abertas /ɛ ɔ/. Assim, em posição tônica, o sistema vocálico do PB apresenta todas as 3 linhas correspondentes aos graus de abertura. Em posição pretônica, ocorre a neutralização dos traços distintivos entre médias-fechadas e médias-abertas pela supressão da linha [aberto 3], resultando num subsistema de 5 fonemas. Com a retirada da linha [aberto 2], por sua vez, desaparecem as distinções entre vogais médias e altas, surgindo, portanto, uma nova neutralização, a da posição átona final, com um subsistema de apenas 3 fonemas vocálicos.

Segundo Wetzels (1992: 23), esse é um processo de mudança sonora comum às línguas românicas:

O fato de a distinção entre as duas séries de vogais médias ser expressada pela última linha [aberto] formaliza adequadamente o fato de que em PB, como em todas as línguas românicas, a oposição entre médias fechadas e abertas é, em certo sentido, menos básica do que entre vogais altas e baixas. (...) De fato, tanto a evolução histórica das línguas românicas quanto as alterações sincrônicas provêm forte evidência para o fato de que a distinção entre as vogais médias é a primeira a ser abandonada, se a neutralização ocorre.²⁰

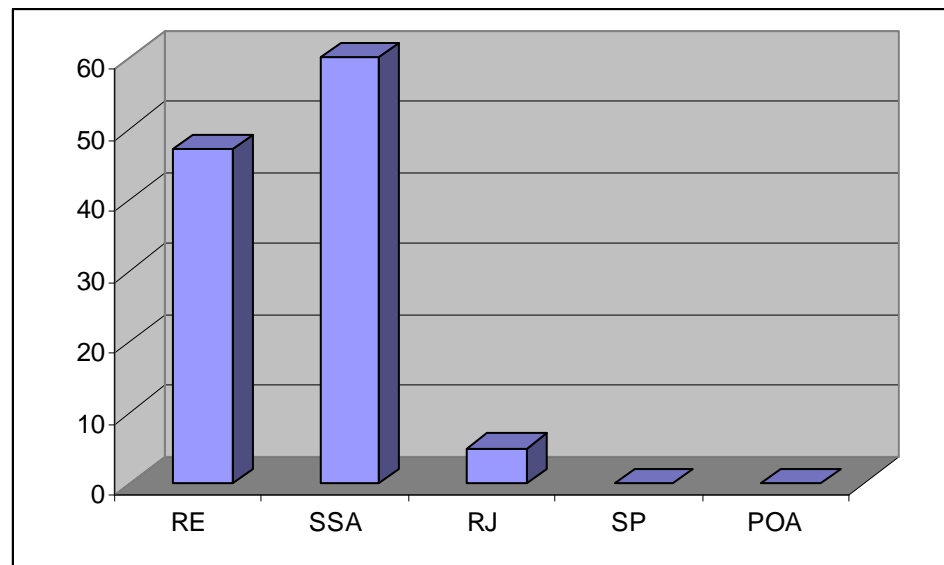
Esclarecemos nesse ponto que a análise fonológica tem sido um auxílio extremamente produtivo para o estudo das línguas. Foi em função do descontentamento de Jakobson e Trubetzkoy - dentre outros membros do Círculo Lingüístico de Praga - com os métodos utilizados até então pela lingüística histórica, além da influência das idéias de Saussure, que o plano sincrônico ao invés do plano diacrônico foi eleito como objeto de estudo, com o intuito de melhor compreender, a partir da análise da estrutura da língua, as mudanças sonoras (Anderson, 1985: 87). Devemos ao estruturalismo europeu a noção de fonema como uma oposição entre propriedades distintivas, a distinção entre fonema e alofone,

²⁰ Tradução nossa. "The fact that the distinction between the two series of mid vowels is expressed at the lowest [open] tier adequately formalizes the fact that in BP, as in all the Romance languages, the opposition between upper and lower mid vowels is, in a sense, less basic than the one between high and low vowels. (...) Indeed, both the historical evolution of the Romance languages and synchronic alternations provide strong evidence for the fact that the distinction between mid vowels is the first to be abandoned, if neutralization occurs".

a verificação de processos como distribuição complementar, neutralizações e variação livre. No entanto, todos esses pressupostos são parâmetros abstratos, que resultam, sim, em sistemas fixos, bem elaborados e geralmente simétricos, mas que nem sempre levam em conta de maneira adequada todas as variações encontradas na fala concreta, não conseguindo conciliar duas características fundamentais da língua: a estrutura e a heterogeneidade (cf. capítulo 5). Câmara Jr. reconhece esse aspecto ao afirmar que a “a invariabilidade e fixidez de um sistema não passa de uma abstração absolutamente necessária” e que, na concretude da língua, “no seu funcionamento, há toda uma série de variações múltiplas” (1953: 81). Portanto, se nos sistemas vocálicos de 7, 5 e 3 fonemas, respectivamente, encontrados para o PB, há certo grau de complexidade, nas realizações fonéticas essa complexidade tende a multiplicar-se.

Como já foi visto acima, em posição pretônica as vogais médias fechadas e abertas neutralizam-se; não há, portanto, pares mínimos entre esses dois fonemas nessa posição. As possibilidades fonéticas, contudo, admitem a variação entre as formas [e] ~ [ɛ] e [o] ~ [ɔ], assim como a variação entre [e] ~ [i] e [o] ~ [u]. Na maioria dos subfalares do Sul, para manter a terminologia usada por Nascentes, as formas médias-abertas [ɛ] e [ɔ] ficam restritas a um pequeno número de vocábulos, aqueles formados pelo processo de derivação em *-inho* e *-mente*, sufixos que produzem diminutivos e advérbios. No subfalar baiano e nos subfalares do Norte, não considerados no estudo de Câmara Jr. a respeito da fonologia do PB, formas médias-abertas, porém, são muito mais produtivas. O gráfico abaixo, formulado por Leite & Callou (2004: 40) a partir de dados de fala de cinco capitais brasileiras, mostra que nas duas capitais nordestinas, Recife e Salvador, há um alto índice de vogais médias-abertas em posição pretônica. Em Recife, 47% das ocorrências foram com essa forma e, em Salvador, o percentual sobe para 60%. No Rio de Janeiro o uso dessa variante teve um percentual de 5%; nas capitais de São Paulo e do Rio Grande do Sul não foram registradas nenhuma ocorrência de vogal média-aberta.

GRÁFICO 2: PERCENTUAIS DE ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS EM RECIFE, SALVADOR, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO E PORTO ALEGRE



Fonte: Leite & Callou (2004: 40)

A exposição de resultados de pesquisas conduzidas em várias partes do país mostra, portanto, que as relações das variantes [i] [e] [ɛ] para o fonema /e/ e de [u] [o] [ɔ] para o fonema /o/, na fala em uso, são bastante complexas. Diante desse quadro verifica-se a insuficiência de uma regra única que abranja todos os tipos de variações existentes em posição pretônica no PB. Assim, temos por um lado um quadro fonológico, constituído de 5 fonemas vocálicos, decorrente da neutralização, e por outro, um quadro fonético com 7 vogais, que representa as possibilidades de seleção exercida pelos falantes de PB, com a seguinte tendência: falantes de variedades localizadas mais ao sul do país se atêm mais às variantes médias-fechadas [e o] e altas [i u], enquanto falantes de variedades mais ao norte do país fazem uso das três variantes: médias-fechadas [e o], altas [i u] e médias-abertas [ɛ ɔ].

QUADRO 12: COMPARAÇÃO ENTRE OS QUADROS FONÉTICO E FONOLÓGICO DAS VOGAIS PRETÔNICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Quadro fonético das pretônicas	Quadro fonológico das pretônicas
i	i
e	e
ε	a
o	o
ɔ	
a	
u	u

Situação semelhante a das pretônicas encontramos em posição postônica, onde há a neutralização entre as vogais médias-fechadas e as altas. O quadro fonológico, com 3 fonemas vocálicos, coincide com a realização fonética da maioria das variedades faladas no Brasil. Em algumas variedades faladas no sul do Brasil, entretanto, as realizações [e o] são as mais comuns em posição átona final.

QUADRO 13: COMPARAÇÃO ENTRE OS QUADROS FONÉTICO E FONOLÓGICO DAS VOGAIS POSTÔNICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

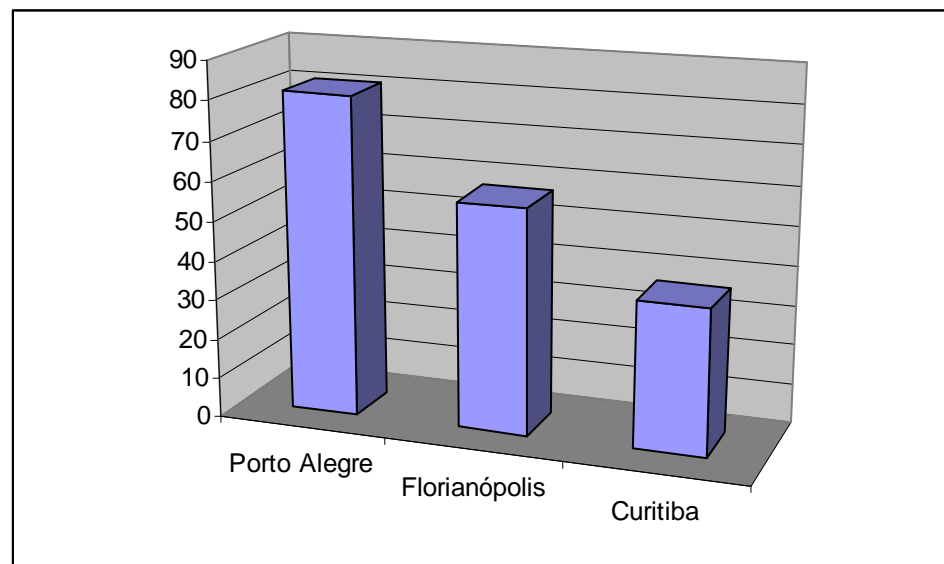
Quadro fonético das postônicas	Quadro fonológico das postônicas
i	i
e	a
o	
a	
u	u

O estudo de Vieira (2002:153) baseado em dados do projeto VARSUL²¹ comparou a realização da vogal /e/ em posição postônica final em 12 cidades, 4 de cada Estado da região Sul, inclusive as capitais Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Enquanto algumas cidades apresentaram um alto índice da aplicação da regra de elevação, como Porto Alegre, com 81%

²¹ VARSUL – Projeto Variação Lingüística do Sul do País, sediado na UFRGS, UFSC, UFPR e PUCRS.

e Pato Branco (PR) com 70%, outras tiveram um índice intermediário, como Florianópolis, 57%, Londrina (PR), 45% e Blumenau (SC), 62%, e ainda outras quase não aplicaram a regra da elevação, ou seja, a pronúncia foi realizada na forma média-fechada [e]. A esse último grupo pertencem as cidades de Panambi (RS), com 23%, Lages (SC), com 23% e Irati (PR), com 21% de elevação. Florianópolis teve um resultado de 57% de elevação e Curitiba, de 37%. O gráfico abaixo mostra os índices de elevação da vogal média /e/ em posição postônica final nas capitais da região Sul.

GRÁFICO 3: PERCENTUAIS DE ELEVÇÃO DA VOGAL /E/ EM POSIÇÃO POSTÔNICA NAS CAPITAIS DA REGIÃO SUL



Fonte: Vieira (2002: 153)

Para Bisol (2003: 271), a variação encontrada entre os falantes da região Sul indica uma mudança em progresso, com a preponderância da variante alta sobre a variante média:

Com base nesses dados, é possível afirmar que no português brasileiro, como um todo, a neutralização da átona final é um processo em andamento no que diz respeito à opção pela vogal alta, uma vez que a variação permanece em certas comunidades. Note-se, todavia, que a neutralização entendida como perda do traço distintivo entre vogais médias e altas é uma regra geral nesta posição, e que a preferência à realização da vogal alta tende a generalizar-se.

A generalização da pronúncia elevada em posição postônica seria decorrente, segundo Bisol (2003: 268), do rumo que o PB vem tomando, que é o de “elevação gradual da vogal média (ɛ, ɔ > e, o > i, u) que ocorre de acordo com o grau de enfraquecimento da

sílaba”. A ocorrência do abaixamento em posição pretônica em diversas variedades lingüísticas do PB, entretanto, contraria essa tendência.

O não enquadramento às regras gerais de elevação vocálicas por determinados grupos lingüísticos, tanto em posição pretônica quanto em postônica, é avaliado pelos falantes que não fazem parte desses grupos como ‘desvios’. A conseqüência mais geral dessa reação é o surgimento de estereótipos. Para Weinreich; Labov & Herzog (2006: 125), o uso de estereótipos por uma determinada comunidade lingüística pode indicar uma mudança em progresso, rumo à sua completude: “O avanço da mudança lingüística rumo à completação pode ser acompanhado de uma elevação no nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social”.

Labov (1972: 248) verificou a existência de estereótipos em várias comunidades lingüísticas dos Estados Unidos. Alguns exemplos citados pelo autor são:

Muitas comunidades têm estereótipos locais, como o “Brooklynês” na cidade de Nova Iorque, que pronunciam “thoity-thoid” para *thirty-third*; em Boston, o *ɑ* anterior longo in “cah” e “pahk” recebe grande atenção. Falantes do isolado dialeto Cape Hatteras (Carolina do Norte) são conhecidos como “hoi toiders” por realizarem de forma posterior e arredondada os núcleos em *high, tide*, etc.²²

No Brasil, ocorre a expressão “leite quente dá dor de dente” para referir-se à pronúncia não elevada em posição átona final por falantes de cidades da região Sul, dentre elas Curitiba que, conforme o gráfico acima, teve um percentual de apenas 37% de elevação da vogal /e/ nessa posição. Estereótipos são encontrados também para referir-se às vogais pretônicas. Falantes que não têm as variedades lingüísticas do Nordeste como vernáculo criam um estereótipo para essas variedades abaixando todas as vogais médias-fechadas, inclusive aquelas que nunca são pronunciadas dessa maneira – sem falar na caracterização entoacional. Leite & Callou (2004: 21) fazem referência a esse tipo de situação, comentando que, por vezes, surgem equívocos: “a substituição de vogais fechadas por abertas, na composição de um tipo regional, não obedece aos condicionamentos naturais, chegando a criar pronúncias

²² Tradução nossa. “Most communities have local stereotypes, such as “Brooklynese” in New York City which focuses on “thoity-thoid” for *thirty-third*; in Boston, the fronted broad *ɑ* in “cah” and “pahk” receives a great deal of attention. Speakers of the isolated Cape Hatteras (North Carolina) dialect are known as “hoi toiders” because of the backing and rounding of the nucleus in *high, tide*, etc”.

improváveis em qualquer uma das regiões, tais como *mètido, èspécie, vòcês, sòfria*.” Os estereótipos estão presentes não apenas no senso comum, mas também na mídia, especialmente na televisão, que se apropria deles e, ao fazê-lo, ajuda a sustentá-los e difundi-los. O escritor João Ubaldo Ribeiro (apud Leite & Callou, 2004: 21,22) escreve a respeito:

Antigamente, nordestino não falava “só-brinho” e “té-lhado”, como hoje a gente ouve, em contraposição aos “centro-sulistas” “sô-brinho” e “tê-lhado”. Falava “subrinho” e “tê-lhado” mesmo. Mas aí chegou o nortês da Rede Globo... e até os nordestinos se convenceram de que o certo é dizer “só-brinho”, que é como se escreve. A única diferença entre o escrito e o falado é a de que todo nordestino tem de abrir a vogal e todo centro-sulista tem de fechar, em absolutamente todos os casos. Outra doidice completa, mas que já levou atores de novelas a pronunciar “vó-cê” em vez de “você”, a fim de mostrar como faziam bem o sotaque nordestino.

Os estereótipos, portanto, tendem ao exagero, por carecerem de suporte lingüístico. Silva (1989: 112, 124-130), por exemplo, concluiu que os soteropolitanos nunca realizam as pretônicas na forma abaixada quando na sílaba seguinte há uma vogal média-fechada oral, como em *correio* e *cerveja*.

Esse último tópico procurou mapear o processo de neutralização no sistema vocálico do PB e buscou entender como a harmonização vocálica e a variação podem encaixar-se nesse sistema.

5 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo abordará, primeiramente, os pressupostos teóricos norteadores para esse trabalho e, num segundo momento, as metodologias decorrentes das linhas teóricas escolhidas. Embora não em ordem cronológica, praticamente toda a história da Lingüística está imbricada nesse capítulo, que vai desde os primeiros estudos do método histórico-comparativo, passando pelos neogramáticos e pelos estruturalistas, até chegar à metade do século XX, quando surgem a Sociolingüística e o Gerativismo, e se estende até os dias atuais, com as discussões que continuam frutificando dos pontos ainda não resolvidos. Observe-se que, geralmente, as teorias não são totalmente excludentes; o que ocorre é um desenvolvimento de algum ponto negligenciado pela linha teórica anterior ou, então, um detalhamento de alguma questão sob outro ponto de vista.

5.1 Princípios gerais da Sociolingüística Variacionista

Os primeiros estudos sistemáticos acerca da variação lingüística surgiram a partir do trabalho de Weinreich, Labov & Herzog, em meados do século passado. Esses autores perceberam que as teorias lingüísticas existentes até então não conseguiam trabalhar de maneira adequada com dois aspectos básicos da língua: a estrutura e a heterogeneidade. No artigo *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*, de 1968²³, Weinreich, Labov & Herzog argumentam que tanto para os neogramáticos – representado maximamente por Hermann Paul – quanto para os estruturalistas – representado por Saussure

²³ Utilizamos em nosso trabalho a versão de 2006, traduzida por Marcos Bagno.

–, “a variabilidade e a sistematicidade se excluía mutuamente” (2006: 87). O mesmo podia ser dito em relação aos gerativistas, que abordam, essencialmente, a língua como um sistema de relações categóricas.

Os autores (2006: 35) propõem, então, uma nova abordagem, que considera a língua sob os dois aspectos, ou seja, leva em conta tanto a realidade da estrutura quanto a presença da variação, ao que chamam de “heterogeneidade ordenada”:

Argumentaremos que o modelo gerativo para a descrição de uma língua como um objeto homogêneo é em si mesmo desnecessariamente irrealista e representa um retrocesso em relação às teorias estruturais, capazes de acomodar os fatos da heterogeneidade ordenada. (...) Muito antes de se poder esboçar as teorias preditivas da mudança lingüística, será necessário aprender a ver a língua – seja de um ponto de vista diacrônico ou sincrônico – como um objeto constituído de heterogeneidade ordenada.

Weinreich, Labov & Herzog (2006: 36) chegaram a essa conclusão após observar a sociedade. Eles viram que, se uma comunidade é um sistema complexo, mas ordenado, conseqüentemente a língua utilizada por essa comunidade também o é: “Um dos corolários de nossa abordagem é que numa língua que serve a uma comunidade complexa (i.e., real) a *ausência* de heterogeneidade estruturada é que seria disfuncional”.

Estudos empíricos da fala em uso, portanto, confirmaram a explicação do lingüista Meillet, feita, em 1906, de que as mudanças lingüísticas tendem a acompanhar as mudanças sociais:

A língua é uma instituição com autonomia própria; deve-se determinar portanto as condições gerais de desenvolvimento a partir de um ponto de vista puramente lingüístico; [...] mas como a língua é [também] uma instituição social, disso decorre que a lingüística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode apelar a fim de explicar a mudança lingüística é a mudança social, da qual as variações lingüísticas são somente as conseqüências – às vezes imediatas e diretas e, no mais das vezes, mediatas e indiretas” (apud Weinreich, Labov & Herzog, 2006: 114).

Os principais estudos que contribuíram para o desenvolvimento da sociolingüística variacionista foram conduzidos por Labov. Ao estudar o comportamento do (r) em posição final de sílaba, como em *guard*, na fala de moradores de Nova York, Labov percebeu que a

pronúncia estava intimamente ligada à classe socioeconômica a qual o falante pertencia (cf. Weinreich, Labov & Herzog, 2006: 117). Assim, a pronúncia do (r) era tão estratificada quanto o era a sociedade. Outra pesquisa, sobre o inglês falado na ilha Martha's Vineyard levou Labov a concluir que as mudanças ocorridas nas vogais eram um reflexo do valor que os moradores atribuíam à comunidade na qual viviam (cf. Labov, 1972: 1-42).

Os estudos da fala em uso demonstraram, enfim, que a variação não era tão livre como supunham os estruturalistas, mas estaria condicionada a fatores lingüísticos e sociais. Weinreich, Labov & Herzog (2006: 114) sublinham a importância do aspecto social:

Lingüistas que desejam evitar o estudo de fatores sociais não conseguirão avançar muito fundo neste sistema: existe uma matriz social em que a mudança está encaixada, tanto quanto uma matriz lingüística. Relações dentro do contexto social não são menos complexas do que as relações lingüísticas (...), e técnicas sofisticadas são exigidas para sua análise.

Os autores também destacam (2006: 123) que o modelo por eles proposto, da língua heterogeneamente ordenada, é vantajoso na medida em que supera o conceito de variação livre: “O conceito da variável como um elemento estrutural torna desnecessário ver flutuações no uso como externas ao sistema, pois o controle de tal variação faz parte da competência lingüística dos membros da comunidade de fala”.

Labov (1972: 207) ressalta que os estudos sociolingüísticos significam, sobretudo, um novo método de trabalho e não uma nova teoria lingüística. A pesquisa sociolingüística tem início quando se elege uma variável lingüística a ser estudada como, por exemplo, a variação da vogal média pretônica /e/ em português. Essa variável é também chamada de variável dependente: “A variável dependente, o foco do estudo, é uma variável lingüística porque existem dois ou mais elementos lingüísticos que se alternam no uso e podem ser vistos como opções em algum ponto da gramática mental” (Guy & Zilles, 2007: 135).

Cada variável dependente é constituída de variantes, no nosso exemplo, três: elevação [i], abaixamento [e] ou manutenção da pronúncia média-fechada [e], como por exemplo em *milhor*, *mèlhor* e *melhor*. Após o estabelecimento da variável a ser estudada, o pesquisador vai em busca de dados, preferencialmente da fala em uso, não-monitorada, a fim de fazer emergir o vernáculo, “o estilo no qual o mínimo de atenção é dada à fala. A observação

do vernáculo nos dá os mais sistemáticos dados para nossa análise da estrutura lingüística”²⁴ (Labov, 1972: 208). Para conseguir os dados, geralmente o pesquisador realiza entrevistas com informantes pré-selecionados. A partir da formação de um conjunto de dados, i.e., uma amostra que representa a comunidade de fala, será possível verificar os fatores lingüísticos e sociais que têm desencadeado a variação e uma possível mudança. No caso do fonema /e/, os fatores lingüísticos poderiam ser, por exemplo, os segmentos precedente e seguinte, ou a comparação entre o nível de atenção dispensado à fala e a um texto lido; e os sociais poderiam ser a idade ou o nível de escolaridade do informante.

A pesquisa pode contar, segundo Labov (1972: 211-16), com testes variados, que servem para mostrar a diferença do uso das variantes em diversas situações e indicam, muitas vezes, o rumo que uma determinada variedade lingüística está tomando. A inserção de uma leitura de um texto ou de uma lista de palavras na entrevista, por exemplo, permite ao pesquisador perceber se a diferença do grau de monitoração influencia a variável estudada. Perguntas acerca da comunidade ou testes de correção semelhantes aos realizados na escola ajudam a captar se os falantes têm consciência da escolha feita entre uma ou outra variante e como ele avalia a variedade usada pela comunidade. A verificação da atitude do falante em relação à própria língua é extremamente relevante; ela fornece pistas importantes para o pesquisador a respeito da variação lingüística. Segundo Labov (1972: 248), um dos princípios da sociolingüística é: “as atitudes sociais a respeito da língua são extremamente uniformes em toda uma comunidade de fala”²⁵.

Tais testes ajudam, ainda, a verificar se alguma das variantes é estigmatizada e, conseqüentemente, se há uma forma de prestígio. Labov (1972: 215, 16) verificou que nem sempre os falantes farão o mesmo uso dessas formas:

Em toda comunidade de fala há indivíduos que estão mais cientes do que outros da forma de prestígio, e cujo comportamento é mais influenciado por essas formas exteriores de excelência. Eles mostrarão uma mudança de estilo maior do que aqueles que não reconhecem tais formas.²⁶

²⁴ Tradução de “This is ‘vernacular’ – the style in which the minimum attention is given to the monitoring of speech. Observation of the vernacular gave us the most systematic data for our analysis of linguistic structure”.

²⁵ Tradução de: “Social attitudes towards language are extremely uniform throughout a speech community”.

²⁶ Tradução de: “There are in every community who are more aware than others of the prestige standard of speech, and whose behavior is more influenced by exterior standards of excellence. They will show greater style shifting than those who do not recognize such a standard”.

A constatação de um fenômeno de variação em uma comunidade de fala é uma indicação, segundo Labov, de que essa comunidade está dividida. Isso porque as variantes de uma variável lingüística geralmente não permanecem com valor neutro para a sociedade. As variantes que co-ocorrem recebem juízos de valor por parte da sociedade: enquanto uma é considerada ‘correta’, outra é vista como um desvio da norma e, portanto, é rotulada de ‘errada’. Tais juízos de valor geralmente não têm nenhum fundamento lingüístico; estão ligados ao *status* dos falantes, bem como ao prestígio político e econômico. Labov (1972: 251) verifica esse aspecto, mostrando que os valores atribuídos à pronúncia confundem-se com os valores atribuídos ao grupo que o usa:

De fato, valores sociais são atribuídos a regras lingüísticas somente quando há variação. Os falantes nem sempre aceitam prontamente o fato de que duas diferentes expressões “significam a mesma coisa” e há uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se um certo grupo de falantes usa uma variante particular, então os valores sociais atribuídos a este grupo serão transferidos à variante lingüística”.²⁷

A sociolingüística variacionista ainda prevê que a mudança não é necessariamente o fim comum a todos os processos de variação; alguns deles estabilizam-se. Nesse sentido Weinreich, Labov e Herzog (2006: 126) escrevem: “Nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade”. Além disso, quando uma mudança está em andamento, na maioria das vezes ela não ocorre instantaneamente; é um processo lento e complexo, que “envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossas por áreas do espaço geográfico” (Ibid.).

A verificação de um conflito lingüístico entre uma variante de prestígio e uma estigmatizada é uma questão extremamente relevante para o estudo da variação das vogais pretônicas do português brasileiro. Como já citamos no capítulo anterior, quando a variação atinge o nível da consciência do falante, surgem estereótipos que reforçam o processo de

²⁷ Tradução de: “In fact, social values are attributed to linguistic rules only there is a variation. Speakers do not readily accept the fact that two different expressions actually ‘mean the same’ and there is a strong tendency to attribute different meanings to them. If a certain group of speakers uses a particular variant, then the social values attributed to that group will be transferred to that linguistic variant”.

estigmatização e, assim, podem induzir a comunidade de fala a escolher a variante não-marcada, agilizando o processo de mudança lingüística (cf. Weinreich; Labov & Herzog, 2006: 125). Observamos, entretanto, que a estigmatização ocorre de forma mais explícita nos casos de abaixamento. Os estereótipos são associados com mais freqüência a essa variante, que produz formas como *sêrvico* e *pòpulação*; e não às variantes alta ou média, como *sirviço*, *musquito* e *serviço* e *mosquito*.

5.2 Questões gerais sobre mudança lingüística

As pesquisas sociolingüísticas que têm trabalhado com mudanças no nível fonológico fazem uso, no plano lingüístico, de dois pressupostos teóricos concorrentes para explicar o fenômeno - o neogramático e o difusionista -, os quais diferem basicamente na visão de como a mudança sonora se propaga. Para melhor compreender esses dois movimentos e como eles têm afetado os estudos sociolingüísticos a respeito da variação e mudança fonológicas, o ponto 5.2.1 expõe, em primeiro lugar, o surgimento da Escola neogramática; em seguida, algumas das reações negativas com relação às idéias neogramáticas, dentre elas a crítica que gerou a visão difusionista e, finalmente, a aplicação dessas duas visões pela sociolingüística, inclusive no fenômeno de elevação entre as vogais pretônicas do PB. No ponto 5.2.2 apresentamos uma terceira proposta, que tem procurado conjugar as visões neogramática e difusionista e que, a nosso ver, pode lançar luzes a esse debate.

5.2.1 Visão neogramática e visão difusionista

5.2.1.1 O modelo neogramático

As discussões acerca das mudanças sofridas pelas línguas não são assunto novo para a Lingüística; pelo contrário, há muito vêm intrigando os pesquisadores. O primeiro grupo a se debruçar sistematicamente sobre esse tema foi o formado pelos neogramáticos. A

Escola neogramática – *Junggrammatiker* - nasceu na Alemanha, no final do século XVIII, a partir do desenvolvimento dos estudos acerca das correspondências sonoras que haviam sido encontradas nas línguas indo-européias pelos estudiosos do método histórico-comparativo, dentre eles Grimm, Verner e Grassmann. Influenciados pelas ciências naturais, especialmente por Darwin e Newton, os quais postularam leis físicas e químicas, os neogramáticos estabeleceram as *leis fonéticas*. Assim, as regularidades das correspondências fonéticas verificadas pela comparação entre as línguas indo-européias passaram a ser tratadas não como possibilidades, mas sim como leis inquebráveis. Silva Neto (1979: 49) lembra que “Osthoff, um dos mais notáveis membros da escola, chegou a dizer que as leis *agem cegamente, com cega necessidade*”.

Não apenas nesse ponto os neogramáticos foram inovadores. Eles afirmaram que o método comparativo deveria ser realizado entre línguas vivas, a fim de descobrir os mecanismos da mudança utilizados por essas línguas, e não deveria servir apenas para localizar as correspondências de mudanças já ocorridas, o estágio mais remoto de um determinado grupo lingüístico – as chamadas proto-línguas. Embora a Escola neogramática não se resuma ao princípio das leis fonéticas, é essa a sua principal marca. Para os neogramáticos, uma lei fonética – “a fórmula da constatação empírica de uma correspondência dada de fonemas entre dois estados sucessivos de uma mesma língua” (Câmara Jr., 1964: 252) - explica uma mudança sonora condicionada por fatores única e exclusivamente fonéticos:

Os neogramáticos argumentavam que as leis fonéticas operavam sem exceção em uma língua, e, além disso, que os únicos fatores condicionantes que poderiam determinar o curso de uma mudança sonora eram os fatores fonéticos. Eles sustentavam que seria impossível fatores gramaticais ou semânticos estarem envolvidos no condicionamento de mudanças sonoras (Crowley, 1997: 232).²⁸

Orientados pelo axioma da lei fonética, os neogramáticos passaram a analisar o ambiente fonético de uma mudança, como, por exemplo, os segmentos precedente e seguinte, a posição do som na palavra - se em posição inicial ou final de palavra -, a posição do som em

²⁸ Tradução nossa: “The neogrammarians argued that these phonetic laws operated without exception in a language, and they argued further that the only conditioning factors that could determine the course of a sound change were phonetic factors. They claimed that that it was impossible for semantic or grammatical factors to be involved in the conditioning of sound changes”.

relação ao acento – se tônica ou átona. Uma vez que uma mudança fonética afetava determinado som, todas as palavras com aquele fonema sofreriam a alteração, sem exceção. A mudança era implementada, portanto, de maneira foneticamente gradual, no sentido de que poderia se ampliar para sons vizinhos, mas lexicalmente abrupta, no sentido de atingir invariavelmente todas as palavras que contivessem o som ou os sons atingidos. Saussure (2006: 167) escreve:

a mudança fonética não afeta as palavras, e sim os sons. O que se transforma é um fonema; sucesso isolado, como todos os sucessos diacrônicos, mas que tem por consequência alterar de maneira idêntica todas as palavras em que figure o fonema em questão; é nesse sentido que as mudanças fonéticas são absolutamente regulares.

Os casos não solucionáveis por meio das leis fonéticas recebiam outro tratamento. Essas correspondências sonoras irregulares geralmente eram explicadas por analogia ou por empréstimo lexical; ou ainda poderiam ser uma regularidade ainda não estudada o suficiente e, portanto, não descoberta. O seguinte princípio os regia: “uma correspondência sonora ou uma similaridade entre duas línguas não tem valor para a reconstrução ou para determinar relacionamentos lingüísticos a menos que esta seja *sistemática* ou *regular*” (Crowley, 1997: 232)²⁹. Trabalhando tanto com os casos regulares quanto com os irregulares, os neogramáticos identificaram muitas mudanças sonoras. Enquanto o estudo das correspondências regulares solucionava mudanças fonéticas ocorridas numa mesma língua ou numa família lingüística, o estudo das irregularidades também servia para esclarecer mudanças ‘fora da lei’, evidenciando, pela analogia ou pelo empréstimo, caminhos percorridos por uma língua.

A aplicação do método histórico-comparativo foi de extrema importância para o entendimento das mudanças ocorridas nas línguas românicas – todas aquelas línguas que evoluíram do latim, como o francês, o espanhol, o italiano, o português, o galego, etc. A comparação entre essas línguas permitiu a verificação de várias correspondências regulares - leis fonéticas -, assim como a verificação de irregularidades. Um estudo completo dessas

²⁹ Tradução nossa. “A sound correspondence or a similarity between two languages is of no value for reconstruction or for determining linguistic relationships unless it is *systematic* or *regular*.”

correspondências pode ser visto em Ilari (2006). Limitamo-nos aqui apenas a exemplificar os dois casos: regularidade e irregularidade.

Um exemplo de regularidade pode ser observado na mudança ocorrida no francês, quando todas as palavras que continham a consoante palatal /ʎ/ passaram a ser pronunciadas com o fonema /j/ (semivogal ou aproximante palatal), como *piller, boillir* (Saussure, 2006: 167). O mesmo fenômeno, chamado iotização, atingiu algumas variedades lingüísticas do PB, que usam a semivogal /j/ ao invés de /ʎ/ em palavras como *trabalhar, mulher, velho*, que podem ser pronunciadas como *trabaiá, muié, véio*. Exemplos de irregularidades, geralmente fornecidos pelo princípio da analogia, são facilmente verificados nas línguas. Saussure (2006: 187) explica a analogia da seguinte maneira: “A analogia supõe um modelo e sua imitação regular. *Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada*” (grifos do autor). A analogia, portanto, também está submetida a uma regra. Quando um falante faz uso da analogia, está colocando em prática a chamada “regra de três”, assim representada:

A : B :: C : D

Onde se lê: *A está para B assim como C está para D.*

Por ser uma forma feita à imagem de outra, a analogia é um recurso altamente utilizado por crianças no período de aquisição de linguagem (Saussure, 2006: 196; Ilari, 2006: 19). O exemplo abaixo mostra como uma criança opera a regra de três para formar pretéritos perfeitos de verbos irregulares do português:

viver : vivi :: fazer : fazi
correr : corri :: trazer : trazi

A analogia também explica a realização do verbo *fazer* como *fiço* por *fiz* na fala de adultos de algumas variedades do PB.

5.2.1.2 Críticas aos neogramáticos

A metodologia empregada pela Escola neogramática – de encontrar as correspondências regulares e solucionar os casos irregulares - causou um forte impacto nos

estudos lingüísticos diacrônicos, que pode ser sentido ainda hoje. Como escreve Faraco (2005: 139), os neogramáticos representam para a lingüística histórica um ‘divisor de águas’: “de um lado, pela crítica aos antecessores, da qual resultou um maior rigor em certos procedimentos metodológicos; de outro, pela direção que acabou imprimindo à lingüística histórica a partir daí, a qual ou segue, nos fundamentos, a trilha dos neogramáticos, ou polemiza com ela”. De fato, se por um lado as idéias neogramáticas foram bem recebidas e utilizadas por um grande grupo de lingüistas, por outro, receberam fortes críticas.

Quatro aspectos da metodologia neogramática são questionados (cf. Crowley, 1997: 226-253): (i) o conceito de lei fonética; (ii) o modo como as mudanças sonoras se propagam; (iii) o tratamento dado às línguas pertencentes a uma mesma família; e (iv) a compartimentalização da língua em níveis estritamente separados.

Ao tratarem as correspondências fonéticas como leis equivalentes às encontradas na física ou na biologia, os neogramáticos provocaram a reação negativa de muitos estudiosos. Relacionamos abaixo a opinião de alguns deles, todas extraídas de Silva Neto (1979: 52).³⁰ A opinião de Meillet é: “Tal é o princípio da constância das leis fonéticas, que se denominaria mais exatamente regularidade das correspondências fonéticas.”³¹ Para Viggo Brondal, “as leis fonéticas são meios necessários para as pesquisas. Entretanto, são apenas meios”. Segundo Sapir, “as leis fonéticas são simplesmente uma fórmula para uma deriva consumada.”³² E ainda, segundo Bloomfield, “grande parte dessa discussão é devida simplesmente a uma terminologia ruim”, pois uma mudança sonora “não é em nenhum sentido uma lei, mas somente uma ocorrência histórica”³³. Para muitos lingüistas, portanto, o termo lei fonética é inadequado. A opinião de Câmara Jr. (1964: 252) também segue essa direção. O autor reitera a importância do método, mas relativiza o termo, demonstrando suas limitações:

A lei fonética é um instrumento essencial na pesquisa diacrônica, porque, baseados numa lei suficientemente comprovada, podemos estendê-la a novas formas, nas condições ali previstas, e afastar explicações que não se coadunam com ela. Não é,

³⁰ As citações no texto de Silva Neto não encontram-se traduzidas para o português.

³¹ Tradução nossa: “Tel est le principe de la constance des lois phonétiques, qu’on nommerait plus exactement régularité des correspondences phonétiques.”

³² Tradução nossa: “[The] phonetic laws are simply a formula for a consummated drift.”

³³ Tradução nossa: “A great part of this dispute was due merely to bad terminology” (...) “[The sound change] is not in any sense a law, but only a historical occurrence”.

entretanto, como a lei física, um instrumento de previsão científica, porque apenas formula um sucesso pretérito, ocorrido numa região limitada e em condições muito complexas que dificilmente se apresentarão todas juntas outra vez.

Ressalte-se que nenhuma das citações feitas acima desmerece o método em si, apenas sua terminologia, fato atestado pela grande recorrência de lingüistas ao método, tanto nos antigos estudos de línguas indo-européias e românicas, quanto em estudos mais recentes, como os realizados em línguas melanésias (Crowley, 1997) e em línguas indígenas do Brasil (Mello, 2000). Nesse sentido escreve Silva Neto (1979: 51): “O código das correspondências fonéticas é tão indispensável a nós como a tábua de logaritmos ao matemático. Elas são marcos que nos guiam através da espessa floresta”.

A segunda crítica feita aos neogramáticos diz respeito ao modo como as mudanças sonoras se propagam. Conforme visto acima, do ponto de vista neogramático uma mudança sonora é implementada na língua de maneira foneticamente gradual e lexicalmente abrupta. Esse princípio foi questionado pelos dialetólogos, linha teórica que surgiu contemporaneamente aos neogramáticos.³⁴

Ao publicar o *Atlas lingüístico da França*, o dialetólogo Jules Gilliéron percebeu que as mudanças não atingiam todos os itens lexicais, como previam os neogramáticos; pelo contrário, algumas palavras sofriam a mudança sonora enquanto outras não, o que o levou a afirmar que “cada palavra tem sua própria história” (Crowley, 1997: 249), rejeitando, assim, o condicionamento estritamente fonético da mudança. As conclusões da dialetologia, encontradas por meio de pesquisas empíricas, ou seja, que incluíram o trabalho de campo, a coleta de dados, o contato com os indivíduos de diferentes localidades de uma mesma região, a observação da fala em uso, abriram novas perspectivas para a lingüística. Os dialetólogos

³⁴ A proposta da dialetologia ou geografia lingüística – que continua basicamente a mesma atualmente – é fazer o levantamento dos dialetos falados em uma determinada região, geralmente um país, por meio de entrevistas com os moradores de diferentes localidades dessa região. Tais entrevistas são relacionadas em cartas que servem para a criação dos atlas lingüísticos e, conseqüentemente, para o estabelecimento de isoglossas, linhas imaginárias que marcam diferenças lingüísticas em um determinado mapa. Ver FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana (1994). Esta pesquisa, por exemplo, faz uso das isoglossas traçadas pelo dialetólogo Antenor Nascentes, conforme mapa encontrado no capítulo 2. Isoglossas, aliás, estabelecidas antes da concretização do atlas lingüístico do Brasil, por cuja conclusão se empenha o Projeto ALiB – Atlas lingüístico do Brasil. www.alib.ufba.br.

comprovaram a existência da mudança como uma característica inerente às línguas, porém nem sempre completada instantânea ou uniformemente:

a língua não existe concretamente fora da fala, da atividade lingüística concreta: isto é, que a fala não domina a regularidade mecânica, mas que há compromissos entre as formas velhas e as formas novas, sobreposições de normas, zonas intermediárias, focos de resistência à inovação, sobrevivências, etc (Coseriu, 1991: 145).³⁵

Como Coseriu destaca, a afirmação de Gillierón não deve ser entendida fora de seu contexto, sem considerar o todo da pesquisa por ele empreendida. Coseriu (1991: 158) entende que a dialetologia não tem a pretensão de substituir as teorias anteriores, mas surge como um método a mais, coexistente com outros métodos, “igualmente valiosos e profícuos”.

O interesse pela fala concreta, que em última análise levou a cabo o desejo neogramático de estudar as línguas vivas, demonstrou que a língua é um sistema extremamente complexo e que, por essa razão, as mudanças nela operadas também o são. A análise das isoglossas obtidas na França por Gillierón e em outros atlas lingüísticos de línguas européias mostrou que os limites entre um dialeto e outro geralmente não são muito claros, havendo interferências entre ambos, ou seja, “certas isoglossas abarcam mais de um dialeto” (Coseriu, 1991: 137), acarretando a seguinte conclusão: as mudanças sonoras não poderiam ser difundidas de maneira lexicalmente abrupta, mas de maneira justamente oposta, i.e., lexicalmente gradual. Ou, nas palavras de Faraco (2005: 150,51):

Uma unidade sonora pode mudar de maneira diferente duma palavra para outra, o que significa que a expansão das mudanças é lenta, progressiva e diferenciada tanto no espaço geográfico, quando no interior do vocabulário, sendo isso decorrência do fato de as condições de uso em que cada palavra se encontra não serem idênticas. Adotar essa concepção não significa defender o caráter usual, fortuito, da mudança; significa, isto sim, mostrar que a realidade da mudança é mais complexa do que sugeria a formulação dos neogramáticos. Mais complexa, porque tem a ver com o contexto concreto em que a língua é falada, contexto esse que de forma alguma é uniforme e homogêneo.

³⁵ Tradução nossa: “la ‘lengua’ no existe concretamente fuera del hablar, de la actividad lingüística concreta; es decir, que en el hablar no domina la regularidad mecánica, sino que hay compromissos entre formas viejas y formas nuevas, sobreposiciones de normas, zonas intermedias, focos de resistencia a la innovación, sobrevivências, etc.”

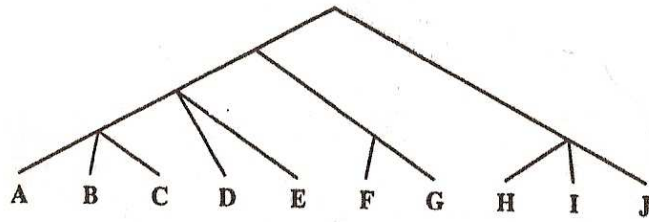
O trabalho de dialetologia, portanto, especialmente o de Gilliéron, inaugurou um novo modo de enxergar a língua, que permitiu a observação da mudança sonora sob outros ângulos, chegando, assim, a novas conclusões. É o que pode ser lido na reflexão de Coseriu (1991: 138):

Na realidade, a comprovação não se refere à *mudança fonética* em si, mas à maneira como as mudanças se difundem, e afeta somente a idéia neogramática de mudança simultânea em toda uma língua, quer dizer, a concepção da língua como organismo natural e autônomo e a da lei fonética como lei física: assinala que as mudanças se difundem com as palavras, indivíduo a indivíduo; que não são fenômenos físicos, mas fenômenos sociais e culturais. A normalidade e uniformidade de uma mudança é um fato, porém um fato de caráter histórico, uma comprovação *a posteriori*. De fato, os mapas lingüísticos mostram zonas onde uma mudança ocorre e outras onde não ocorre: não revelam somente que a mudança *não é* uniforme, mas também que em certas regiões *é* uniforme.³⁶

A terceira crítica feita ao modelo neogramático está ligada também, em grande parte, ao trabalho da dialetologia e questiona a maneira de representar as famílias lingüísticas por meio de árvores – a chamada *Stammbautheorie*, “teoria da árvore genealógica”, formulada pelo comparativista August Schleicher, mas adotada pelos neogramáticos. Apesar de o esquema de árvore ser vantajoso para a visualização dos sub-agrupamentos de línguas em uma determinada família e ser amplamente usado na representação de línguas indo-européias, românicas e em outros estudos comparativistas, é um modelo limitado, que não consegue abranger a complexidade das relações existentes entre as línguas. A figura abaixo, extraída de Crowley (1997: 181), representa uma árvore genealógica de uma família lingüística hipotética.

³⁶ Tradução nossa: “En realidad, la comprobación no se refiere al *cambio fonético* en sí, sino a la manera de difundirse los cambios, y afecta sólo a la idea neogramática del cambio simultáneo em toda una lengua, es decir, a la concepción de la lengua como organismo natural y autónomo y a la de la ley fonética como ley física: señala que los cambios se difunden con las palabras, de individuo a individuo; que no son fenómenos físicos, sino fenómenos sociales e culturales. La normalidad y uniformidad de un cambio es un hecho, pero um hecho de carácter histórico, uma comprobación *a posteriori*. En efecto, los mapas lingüísticos presentan zonas donde um cambio ha ocurrido y otras donde no ha ocurrido: no revelan sólo que el cambio *no es* uniforme, sino también que en ciertas zonas *es* uniforme.”

FIGURA 1: MODELO DE ÁRVORE GENEALÓGICA DE SCHLEICHER EM UMA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA HIPOTÉTICA



Faraco (2005: 138) pondera que o modelo de árvore genealógica “não toma em conta a variação dialetal, presente em todos os estágios da história das línguas e fundamental para a dinâmica histórica, nem as influências entre as diferentes línguas da família”. De fato, os estudos dialetológicos mostraram que as línguas não são sistemas homogêneos e que a subdivisão de uma língua é um processo lento e gradual, no qual dois dialetos coexistem por um longo período de tempo, evoluindo em direções contrárias até se tornarem mutuamente incompreensíveis, e aí, então, passam a ser concebidas como duas línguas distintas (cf. Crowley, 1997: 245). As línguas hipotéticas F e G da figura 1 provavelmente se encaixariam em um processo de mudança desse tipo.

Os principais representantes da crítica ao modelo de árvore genealógica foram Hugo Schuchardt e Johannes Schmidt. Schuchardt concentrou-se em expor a heterogeneidade lingüística, demonstrando que uma língua é um conjunto de variedades. Schuchardt

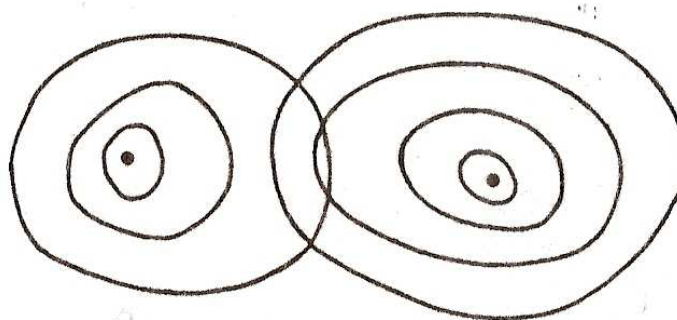
chamou a atenção para a imensa gama de variedades de fala existente numa comunidade qualquer, variedades essas condicionadas por fatores como o sexo, a idade, o nível de escolaridade do falante. Mais do que isso, ele mostrou como essas variedades se influenciam mutuamente, como as línguas em contato – quer pela proximidade geográfica, quer em decorrência de invasões, conquistas e intercruzamentos étnicos e culturais – também se influenciam mutuamente (Faraco, 2005: 151).

De fato, a heterogeneidade lingüística tem sido atestada até mesmo em línguas em que não se esperaria a variação. Crowley (1997: 245) apresenta o caso da língua paamesa, falada na ilha Paama, de Vanuatu:

Na ilha de Paama em Vanuatu, as pessoas falam uma única língua, o paamês, a qual conta com 4.000 falantes. A ilha é muito pequena, abrangendo uma área de apenas 10km do norte ao sul, e 4km de leste a oeste. Há 20 vilas na ilha. Até dentro desta pequena comunidade de fala, que é minúscula para os padrões mundiais, há variação dialetal. Os próprios falantes da língua reconhecem dois dialetos, uma variedade do norte e outra do sul.³⁷

Schmidt, por sua vez, propôs um outro modelo de mudança lingüística, conhecido como “Teoria das ondas” ou “Wave model”, tradução para *Wellentheorie*, que se utiliza de uma figura de linguagem para representar a propagação da mudança: “as inovações lingüísticas se propagam a partir de vários centros, como as ondas em um lago para o qual foram lançadas algumas pedras, e a individualidade das línguas ‘parentes’ se define pelo encontro de distintas inovações” (Cosseriu, 1991: 115,16). Uma representação da teoria das ondas pode ser vista abaixo, extraída de Crowley (1997: 250).

FIGURA 2: A TEORIA DAS ONDAS DE AUGUST SCHMIDT



O modelo de Schmidt, portanto, mais flexível porque representado no sentido horizontal e não no vertical, como o de Schleicher, admite a possibilidade de contatos e

³⁷ Tradução nossa: “On the island of Paama in Vanuatu, the people speak a single language, the Paamese language, of which are about 4000 speakers. The island itself is quite small, being only 10 kilometres from north to south, and 4 kilometres from east to west. There are 20 villages on the island. Even within this speech community, which is tiny by world standards, there is dialect variation. Speakers of the language themselves recognize two dialects, a northern and a southern variety.”

interpenetrações entre línguas e dialetos, relações comuns durante o processo de mudança. É o que Saussure (2006: 236) reconhece ao afirmar:

Assim como não se poderia dizer onde termina o alto alemão e onde começa o *plattdeutsch*, assim também é impossível traçar uma linha de demarcação entre o alemão e o holandês, entre o francês e o italiano. Assim como os dialetos não passam de subdivisões arbitrárias da superfície total da língua, assim também o limite que se acredita separe duas línguas só pode ser convencional.

Lyons (1987: 188) reafirma a crítica ao modelo porque, segundo ele,

funciona a partir do pressuposto de que cada membro de uma família de línguas relacionadas encontra-se numa linha direta da protolíngua e permaneceu intocada, durante esse tempo, pelo contato com outras línguas e dialetos relacionados. Tal pressuposto é, no mínimo, irreal.

Coseriu (1991: 116) esclarece que Schuchardt e Schmidt tinham a língua em uso como ponto de partida para o entendimento da mudança, o que, conseqüentemente, fazia-os divergir da proposta neogramática:

Com isto se negava decididamente a idéia de mudanças gerais e simultâneas em toda uma língua e se afirmava que a origem das inovações deveria ser buscada na atividade lingüística concreta dos indivíduos falantes, pois, em última análise, o ponto de partida de toda inovação deve ser *um falante real* que, por múltiplas razões, modifica em algum ponto a 'língua' anterior a sua fala.³⁸

A última crítica feita ao movimento neogramático é proveniente de trabalhos lingüísticos mais recentes e questiona a separação rigorosa da língua em níveis distintos. Para os neogramáticos, o único nível válido para o entendimento da mudança era o fonético; os outros - semântico e gramatical -, eram desconsiderados. Essa maneira de conceber a língua como um objeto de estudo passível de ser compartimentalizado foi reforçada pelos estudos fonêmicos estruturalistas entre os anos 1930 e 1950 e não deixa de ter seus pontos positivos. Uma análise lingüística assim, no entanto, que considera apenas os fatos fonéticos, pode induzir a uma análise limitada de uma língua. Ao estudar a língua paamesa, Crowley verificou

³⁸ Tradução nossa: "Con esto se negaba decididamente la idea de cambios generales y simultáneos en toda una lengua y se afirmaba que el origen de las innovaciones hay que buscarlo en la actividad lingüística concreta de los individuos hablantes, pues, en último análisis, el punto de partida de toda innovación debe ser *un hablante real* que, por múltiplas razones, modifica en algo la 'lengua' anterior a su hablar".

que algumas mudanças sonoras não estavam sendo condicionadas por fatores exclusivamente fonológicos, mas também por fatores gramaticais. E conclui (1997: 243):

Realmente é difícil imaginar uma mudança sonora que opere em uma língua somente em palavras que se refiram a nomes de árvores, ou que se apliquem somente a verbos que envolvam noção de movimento do falante, tanto que nós provavelmente poderíamos dizer que as mudanças sonoras não podem ser condicionadas por fatores semânticos. Entretanto, parece que algumas línguas provêm, de fato, evidência de que ao menos algumas mudanças sonoras restrinjam-se a certas *classes de palavras* (ou *partes da fala*) e não ocorram em outras. Esse tipo de mudança sonora envolve, claramente, condicionamento gramatical e não apenas condicionamento fonológico.³⁹

5.2.1.3 O modelo neogramático e o modelo difusionista nas pesquisas sociolingüísticas

Pode-se dizer que os primeiros estudos a retomarem a questão da propagação da mudança sonora, se lexicalmente abrupta ou lexicalmente gradual, já levantada pelos dialetólogos, surgiram concomitantemente aos estudos sociolingüísticos, conforme o relato de Labov (1981). Um projeto lingüístico realizado na China nos anos 1950, que tinha por objetivo descrever os dialetos nacionais, concluiu que as mudanças ocorridas nesses dialetos eram, fundamentalmente, lexicalmente graduais. A partir desses fatos, Wang & Cheng (apud Labov, 1981: 270) publicaram um artigo com a seguinte asserção: “nós sustentamos que as palavras têm suas pronúncias mudadas por meio de avanços discretos, perceptíveis (i.e. foneticamente abruptos), mas individualmente através do tempo (i.e. lexicalmente graduais)”⁴⁰, posição por eles batizada de *difusão lexical*. A difusão lexical introduziu, portanto, um modelo de mudança sonora oposto ao apresentado pelos neogramáticos, para os quais a mudança ocorria de maneira foneticamente gradual e lexicalmente abrupta. Os dois modelos são resumidos no quadro 14 abaixo:

³⁹ Tradução nossa: “It is indeed difficult to imagine a sound change that operates in a language only in words referring to the names of trees, or which only applies to verbs involving motion away from the speaker, so we probably can say that sound changes cannot be conditioned by semantic features. However, it seems that some languages do, in fact, provide evidence that at least some sound changes apply only in certain *word classes* (or *parts of speech*) and not in others. Such a sound change clearly involves grammatical rather than purely phonological conditioning.”

⁴⁰ Tradução nossa: “we hold that words change their pronunciations by discrete, perceptible increments (i.e. phonetically abrupt), but severally at a time (i.e. lexically gradual)”.

QUADRO 14: QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS MODELOS NEOGRAMÁTICO E DIFUSÃO LEXICAL

	Nível fonético	Nível lexical
Neogramáticos	gradual	abrupto
Difusionistas	abrupto	gradual

Dessa forma, o relacionamento com os neogramáticos voltava à mesma condição da encontrada no final do século XIX. Assim como os dialetólogos, os difusionistas concordavam com os neogramáticos no ponto em que afirmam a possibilidade de uma mudança ser regular, mas discordavam no ponto que diz respeito à implementação lexicamente abrupta da mudança. Como observa Labov (cf. 1981: 270), a posição tomada pelos difusionistas significava, para eles, a resolução de um problema conhecido como o problema da transição, “isto é, a trilha pela qual uma mudança lingüística está caminhando para se completar” (Weinreich, Labov & Herzog, 2006: 90). Além disso, o estudo da língua chinesa representou um caso perfeito para testar as hipóteses neogramáticas, por se tratar de uma língua em que a morfologia é pouco produtiva:

Como Wang destacou, os dados da língua chinesa são particularmente proveitosos para testar as hipóteses neogramáticas porque as analogias morfológicas que poderiam interferir na regularidade da mudança sonora em paradigmas flexionais são praticamente inexistentes⁴¹ (Labov, 1981: 270).

As evidências difusionistas não ficaram restritas aos estudos de Wang & Chen (cf. Labov, 1981: 271) com a língua chinesa, mas foram estendidas aos estudos desenvolvidos em outras línguas: no suíço, no tibetano, no galês antigo, no sueco, e ainda nos processos de aquisição do inglês e do chinês. Além disso, em 1978, o lingüista Krishnamurti divulgou os resultados de seu estudo a respeito das línguas dravídicas, no qual concluiu que as mudanças sonoras tinham como unidade básica a palavra, e não o fonema (Labov, 1981: 271). Assim,

⁴¹ Tradução nossa: “As Wang has pointed out, Chinese data are particularly useful for testing the Neogrammarian hypothesis because the morphological analogies that can interfere with the regularity of sound change in inflectional paradigms are practically non-existent”.

questionou-se mais uma vez o princípio neogramático de que as mudanças são implementadas de maneira lexicalmente abrupta.

Diante desse quadro, Wang & Chen afirmaram que “uma pessoa séria não pode sustentar que os processos fonológicos operem abruptamente e transformem o vocabulário inteiro da noite para o dia”⁴² (apud Labov, 1981: 271). Tal afirmação assemelha-se bastante com a opinião defendida pelos dialetólogos. Também a opinião de Crowley (1997: 220) a respeito da visão neogramática pode ser incluída aqui: “De fato, nós podemos mostrar que esta visão da mudança lingüística é realmente uma ilusão. As mudanças sonoras não funcionam como processos mecânicos, em que cada palavra se submete, ao mesmo tempo, a uma regra predominante, juntamente com todas as outras palavras.”⁴³

Para resolver essa questão, Labov (1981), que até então só havia considerado a mudança nos padrões neogramáticos, elabora duas listas, uma em que se enquadrariam os casos de mudança segundo os princípios neogramáticos e outra na qual se encaixariam os casos de mudança por difusão lexical. Para compor essas listas, Labov (1981: 299) busca os resultados obtidos em pesquisas com a língua inglesa nos Estados Unidos, chegando a seguinte divisão:

Breves observações feitas de outras mudanças na história do inglês sugerem que, em geral, nós podemos considerar a difusão lexical nestas alterações **entre** subsistemas, i.e. mudanças de traços abstratos, e o modelo neogramático nas mudanças **dentro** de subsistemas. (grifo nosso)⁴⁴

A classificação dos fenômenos lingüísticos feita por Labov (1981: 303, tabela 12) é reproduzida no quadro 15 a seguir. À primeira coluna pertencem os casos de mudanças sem relato de condicionamento lexical, isto é, de natureza neogramática, enquanto à segunda

⁴² Tradução nossa: “No one has seriously contended that phonological processes operate abruptly and transform the entire vocabulary overnight”.

⁴³ Tradução nossa: “In fact, we can show that this view of language is quite misleading. Sound changes do not like mechanical processes, in which every word submits to an overriding rule at the same time as all other words”.

⁴⁴ Tradução nossa: “The brief observations made of other changes in the history of English suggest that, in general, we can look for diffusion lexical in these shifts across subsystems, i.e. changes of abstract features, and Neogrammarian change within the subsystems.”

coluna pertencem os casos com relato de condicionamento lexical, isto é, de natureza difusionista:

QUADRO 15: CLASSIFICAÇÃO DAS ALTERAÇÕES VOCÁLICAS E CONSONANTAIS SEGUNDO LABOV

	Sem relato de condicionamento lexical	Com relato de condicionamento lexical
Alterações vocálicas		
Dentro de subsistemas	4	1
Ditongação e monotongação	3	1
Alongamento e abreviamento	0	7
Alterações consonantais		
Mudança de modo	4	0
Mudança de ponto	5	2

Fonte: Labov (1981: 303)

A distribuição dos fenômenos exposta no quadro 15 evidencia que: (i) mudanças que envolvem alongamento e abreviamento de vogais – entre subsistemas - são de natureza difusionista, enquanto mudanças que envolvem modo de articulação das consoantes – dentro de subsistemas - são de natureza neogramática; (ii) mudanças que envolvem ditongação e monotongação de vogais e mudanças que envolvem ponto de articulação das consoantes são predominantemente de natureza neogramática (cf. Labov, 1981: 303).

Assim, Labov (1981: 304) conclui que: “podemos localizar a regularidade neogramática em regras de saída de nível baixo (low-level output rules) e a difusão lexical na redistribuição de uma classe abstrata de palavras em outras classes abstratas”.⁴⁵

A tentativa de Labov de classificar os fenômenos ora dentro do modelo neogramático ora dentro do difusionista não tem escapado de contestações. Alguns casos são relacionados por Bybee (2002: 263):

⁴⁵ Tradução de Maria Marta Pereira Scherre: “We have located Neogrammarian regularity in low-level output rules, and lexical diffusion in the redistribution of na abstract word class into other abstract classes”.

Phillips (1984) argumenta que até mudanças sonoras de baixo nível apresentam difusão lexical gradual. De maneira semelhante, Oliveira (1991) argumenta que é provável que a difusão lexical gradual ocorra até mesmo em mudanças que deveriam ser regulares. Krishnamurti (1998) demonstrou que a mudança de $s > h > \emptyset$ em gondi exibe difusão lexical gradual, embora ainda caminhe para a completude em alguns dialetos.⁴⁶

Também Hansen (2001) não conseguiu confirmar a hipótese neogramática nas vogais nasais do francês. A autora afirma que, embora tenha iniciado sua pesquisa seguindo a classificação elaborada por Labov, os dados que ela possuía não sustentavam tal divisão. No início do artigo, Hansen (2001: 217, 18) afirma:

Em muitos aspectos, nossos dados parecem apontar para uma mudança sonora do tipo regular. As mudanças atendem não apenas ao critério físico, por serem uma alteração no ponto de articulação em um espaço contínuo da vogal (uma alternância em direção à periferia do sistema vocálico), mas também atendem ao critério sociopsicológico, pois é uma daquelas mudanças em progresso que se dão de baixo para cima (ao menos para / \tilde{e} / e / \tilde{a} /), que se origina nas camadas mais baixas da sociedade.⁴⁷

Algumas páginas depois, porém, Hansen (2001: 220) escreve: “Na presente análise, a importância da filiação a uma classe de palavra é tomada como evidência de difusão lexical, na medida em que é possível mostrar que esse fenômeno é independente da influência do acento”.⁴⁸

Sob esse ângulo pode ser entendido também o processo de mudança em cadeia, ocorrido nas vogais do inglês, cujo relato nos é dado por Weinreich, Labov & Herzog (2006: 113):

⁴⁶ Tradução de “Phillips (1984) argued that even low-level sound changes exhibit gradual lexical diffusion. Similarly, Oliveira (1991) argued that it is likely that gradual lexical diffusion occurs even in changes that turn out to be regular. Krishnamurti (1988) demonstrated that the change of $s > h > \emptyset$ in Gondi exhibits gradual lexical diffusion, but still goes through to completion in some dialects”.

⁴⁷ Tradução nossa: “In many respects, our data seem to point to the regular sound change type. Not only does the change fit the physical criterion, being a vowel shift in place of articulation in a continuous vowel place space (a rotation along the periphery of the vowel system), but it also fits the sociopsychological criterion of being a change from below in that the changes in progress (at least for / \tilde{e} / and / \tilde{a} /) originate in the lower layers of society.”

⁴⁸ Tradução nossa: “In the present analysis, importance of word class membership is taken as evidence of lexical diffusion, insofar as it can be shown to be independent of the influence of stress”.

Esta cadeia de eventos indica que as relações estruturais dentro da língua não têm o caráter imediato, categórico e instantâneo que às vezes fica implicado em discussões do modelo homogêneo. É verdade que o alçamento de (eh) levou ao alçamento de (oh) (...). Mas a generalização não ocorreu instantaneamente; pelo contrário, três ou quatro décadas se passaram antes que o alçamento de (oh) chegasse a seu pleno alcance.

Nas pesquisas conduzidas no Brasil, mais especificamente naquelas que envolvem a variação das vogais pretônicas, o quadro de Labov também é questionado. Viegas (1995: 105), que estudou a elevação das médias pretônicas na fala de Belo Horizonte, discorre: “Nos textos de Labov (1981 e 1994) o alçamento de vogais (“raising”) seria uma vogal “low-level” (ajuste fonético) e estaria, então, caracterizado como um processo de mudança regular. Isto não se confirma no caso do alçamento de vogais médias pretônicas na região de Belo Horizonte”.

Além de Viegas, outro pesquisador que tem debatido a questão: visão neogramática vs. visão difusionista é Marco Antônio de Oliveira. Ambos trabalham com o fenômeno da elevação das vogais médias na fala de Belo Horizonte e defendam a visão difusionista, embora nem sempre concordem em todos os pontos. É o que apresentamos abaixo, com algumas considerações.

O artigo de Oliveira publicado em 1991, em inglês, pelo *International Journal of the Sociology of Language*, podemos dizer, incitou a discussão entre os dois pesquisadores. Trabalhamos aqui com a versão traduzida para o português, publicada em 2003. Nesse artigo, a principal intenção de Oliveira é refutar algumas conclusões divulgadas na dissertação de mestrado de Viegas (1987), destacando que “Não se trata de dizer que a análise de Viegas é defeituosa. O problema é que ela tenta fazer uma análise neogramática para um processo de natureza difusionista” (Oliveira, 2003: 614). Em sua dissertação de mestrado, Viegas traçou duas regras de elevação, uma para a vogal /e/ e outra para a vogal /o/, afirmando, assim, a importância do condicionamento fonético para esse fenômeno. Para Oliveira (2003: 615), entretanto, “o contexto fonético é irrelevante como controlador de AP [alçamento de pretônicas]”. Oliveira (2003: 614), então, problematiza o tema:

O problema aqui é que todos esses casos de condicionamento fonético, favorecedor ou desfavorecedor, podem ser enfraquecidos de duas maneiras:

1. Há casos onde o contexto fonético favorecedor está presente e, mesmo assim, não acontece o alçamento: em *colina*, *poder*, *rotina*, *comício*, *cometa* e *bonina*, por exemplo, temos um [o] categórico, e não [u];

2. Há casos em que encontramos um [u] categórico, e não um [o] categórico, muito embora o contexto para AP [alçamento de pretônicas] seja desfavorecedor: *moleque*, *motivo*, *moeda* etc.

Para demonstrar a irrelevância do contexto fonético, o autor elabora duas listas, uma com a vogal /e/ e outra com a vogal /o/, colocando lado a lado palavras com ambientes fonéticos semelhantes, e conclui (Oliveira, 2003: 615): “Como se pode ver, nenhum condicionamento fonético, fino ou grosseiro, pode nos garantir uma probabilidade maior seja para [o], seja para [u]” (grifo nosso).

QUADRO 16: LISTA COMPARATIVA DE ITENS LEXICAIS COM A PRETÔNICA /O/, SEGUNDO OLIVEIRA

[o] categórico	[u] categórico
comício	comida
bonina	bonito
tomada	tomate
pomar	pomada
cometa	começo
forminha	formiga
porção	porção (= muitos)
folhinha (= folha pequena)	folhinha (= calendário)

Fonte: Oliveira (2003: 615)

QUADRO 17: LISTA COMPARATIVA DE ITENS LEXICAIS COM A PRETÔNICA /E/, SEGUNDO OLIVEIRA

[e] categórico	[i] categórico
perito	perigo
felino	feliz
meninge	menino
mendigo	mentira
semente	semestre
medita	medida
Peru (país)	peru (ave)
preciso (adj.)	preciso (verbo)
sentido!	sentido (adj.)

Fonte: Oliveira (2003: 616) (adaptada)

Diante disso, Oliveira (2003: 617) vai além das considerações estabelecidas pela teoria difusionista: “Minha opinião pessoal é mais radical que a de Wang & Cheng: para mim todas as mudanças sonoras são lexicalmente implementadas, ou seja, não existem mudanças sonoras neogramáticas (muito embora possamos ter, a longo prazo, resultados neogramáticos)” (grifo nosso). Com essa afirmação, nos parece que Oliveira tende a cair no dogmatismo evitado por Wang e Labov, conforme o excerto abaixo, extraído de Labov (1981: 272):

O próprio Wang tem sido cada vez mais cuidadoso em evitar o estilo dogmático dos neogramáticos. Em seu mais recente artigo (1979: 69), ele argumenta que o próximo passo não é continuar a amontoar evidências para a difusão lexical, mas ao invés disso começar um programa mais geral de pesquisa para o problema da transição: ‘Nosso próximo desafio, me parece, é resolver o quebra-cabeça de que tipo de mudança sonora pode ocorrer no caminho percorrido para sua implementação’. É nesse espírito criterioso que nós voltamos a considerar a natureza da evidência para a regularidade da mudança sonora.⁴⁹

Tendo como pressuposto que todas as mudanças são implementadas lexicalmente, Oliveira (2003: 619) procura, então, estabelecer, quais os itens primeiramente afetados:

Para mim as primeiras “vítimas” de uma mudança sonora da forma “X → Y/Z” são as palavras que apresentam os seguintes traços (não necessariamente nesta ordem):

- a. X ocorre num nome comum;
- b. Z oferece um contexto fonético natural para Y;
- c. X é parte de uma palavra que ocorre em contextos informais de fala.

Intimamente relacionados aos fatores propícios, os fatores inibidores da mudança são, para Oliveira (2003: 618): “nomes próprios, reação contrária por parte de uma classe social e estilo de fala formais”. Quanto à reação contrária de uma classe social, o autor (2003:

⁴⁹ Tradução nossa: “Yet Wang himself has been increasingly careful to avoid the dogmatic style of the Neogrammarians. In his most recent statement (1979: 69), he argues that the next step is not continue piling up evidence for lexical diffusion, but rather to begin a more general program of research on transition problem: ‘Our next challenge, it seems to me, is to solve the puzzle of what kind of sound change would travel along which path for its implementation.’ It is in this judicious spirit that we turn to reconsider the nature of the evidence for regular sound change”.

619) comenta que “isso provoca um efeito retardador e não, necessariamente, uma inibição a um processo. De qualquer forma, isso traz uma proteção temporária a algumas palavras (não a todas as palavras, uma vez que a correção é aplicada às palavras, não aos sons)”.

O aspecto do condicionamento fonético é aprofundado por Oliveira em um artigo posterior, publicado em 1992. Nesse artigo, Oliveira reforça seu pensamento difusionista ao afirmar: “O contexto que licencia, ou não, a alteração de um segmento é o item léxico. Na verdade, o que muda é a palavra, e não o segmento (ou parte dela)”. Trabalhando com um corpus de 1800 dados de 12 informantes de Belo Horizonte, Oliveira (1992: 38,39) percebeu que, desconsiderando os dados de flutuação alomórfica – que dizem respeito às elevações das pretônicas em verbos como *correu vs. curri; comeu vs. cumi; poder vs. podia* – não era possível generalizar a variação para toda a comunidade de fala, uma vez que as diferenças entre as formas média e alta estavam localizadas nos indivíduos, ou seja, enquanto um falante produzia a palavra *jogar* sempre com a variante média [o], outro produzia a mesma palavra sempre com a variante alta [u].

Para o autor, os únicos casos legítimos de variação são os de flutuação fonética, por apresentarem permanentemente o mesmo ambiente fonético; é o caso de *comigo vs. cumigo*. Os casos de flutuação alomórfica são considerados casos falsos de variação, “muito embora sejam contados como casos de variação legítima em alguns estudos”, ressalta, “já que cada uma das formas tem um *locus* específico de ocorrência” (Oliveira, 1992: 35). Entram nesse grupo os verbos que, quando conjugados, deixam de ter o mesmo ambiente fonético: “Nestes casos um determinado fonema aparece em composições fonéticas diferentes em ambientes diferentes”(Oliveira, 1992: 35).

Esses resultados levaram Oliveira (1992: 37) a remodelar suas concepções acerca do condicionamento fonético:

Em Oliveira (1991) sugeri que as palavras que são afetadas em primeiro lugar por uma mudança teriam certos traços, tais como [+ Comum], [+ Estilo informal] e [+ Contexto fonético natural para a Inovação]. Contudo, (...) estou propondo agora que se considere o contexto fonético em um outro nível, não mais como um condicionador e sim como uma espécie de estabilizador de uma inovação, funcionando a nível lexical.

Assim, para o autor, o contexto fonético não é um fator condicionante para a mudança, mas funciona como um assimilador *a posteriori*.

A partir disso, Oliveira & Lee (2006: 59) defendem que a aplicação da variação é determinada individualmente e lexicalmente, o que questiona não só o princípio neogramático como também o da Teoria da Variação:

Estamos reafirmando, com Labov, que a variação lingüística faz parte da natureza da gramática, mas, diferentemente de Labov, estamos dizendo que ela é regida por princípios gerais, e não por regras às quais estão sujeitas as variáveis (que, a rigor, mantêm o mesmo *status* dos fonemas das análises não-variacionistas) (Oliveira & Lee, 2006: 63).

Em resposta à Oliveira, Viegas (1995) escreve um artigo no qual, por vezes, concorda e, por outras, discorda das idéias dele:

Concordo com Oliveira (1992) que a regra não deva ser variável já que a variação em termos de um item lexical parece ser mínima. Discordo de Oliveira (1992) quando ele faz a postulação do contexto fonético atuando *a posteriori*, como um fixador da mudança.

Além de propor sua visão para a questão do (i) contexto fonético, Viegas também discorre sobre três outros aspectos que, segundo ela, são relevantes para o fenômeno da elevação das vogais pretônicas: (ii) a frequência do item lexical; (iii) a valoração social do item lexical e (iv) a história do item lexical.

Conforme já exposto acima, para Viegas está certo que a elevação das vogais médias na fala de Belo Horizonte é regida pela difusão lexical. A autora, entretanto, não descarta a força do contexto fonético, em especial o efeito da harmonização vocálica. Nesse sentido, Viegas (1995: 109) reconhece que a mudança sonora é um fenômeno complexo:

A meu ver a mudança se dá no segmento e na palavra. Assim, a vulnerabilidade maior ou menor de um segmento qualquer decorre da vulnerabilidade maior ou menor do segmento e do item léxico que o contém (não só do item léxico) porque o que muda no item léxico é esse segmento, e não outro qualquer, em determinada direção e não em uma direção qualquer.

Quando o contexto fonético está associado ao aspecto (ii) a frequência do item lexical, Viegas (1995: 107, 08) observa que as chances de a elevação ocorrer se multiplicam. Ela destaca, em resposta à Oliveira, que não pretendia considerar,

em nenhum momento do estudo do alçamento, a questão da frequência independentemente dos ambientes favorecedores. Portanto, a comparação de Oliveira entre cenoura, cebola e ciroula não serve de contra-exemplo à influência da frequência na questão do alçamento, pois estes itens não têm ambientes considerados favorecedores ao alçamento.

Um aspecto novo introduzido por Viegas na análise do fenômeno alçamento de pretônicas médias é a (iii) valoração social do item lexical. Para ela (1995: 106), “existe uma questão semântica atuando na seleção do item a ser alçado”, como pode ser visto nos pares homônimos:

Peru (país) *x* *piru* (bicho);
português (disciplina, língua) *x* *purtuguês* (nacionalidade);
porção (usado em restaurantes) *x* *purção* (grande quantidade).

Viegas (1995: 106) explica que

Em pares homônimos o item com sentido menos prestigiado, ou desvalorizado socialmente, é mais facilmente encontrado alçado, nunca o contrário. (...) É uma questão que abrange nome próprio *x* nome comum e vai além. É uma questão da valoração social do item lexical. O nome próprio parece ser, normalmente, item valorizado; já itens que possuem um sentido desprestigiado “assumem” o desprestígio deste sentido e são mais facilmente alçados.

Por fim, Viegas acredita que (iv) um estudo histórico é capaz de explicar a maioria das exceções. Assim, compactua com o dialetólogo Gillierón, pois essa posição significa admitir que cada palavra tem sua própria história. É um caminho que Viegas (1995: 106) propõe para esclarecer a lista elaborada por Oliveira:

Parece-me que uma análise histórica daria conta destes itens (...). É necessário considerarmos a história das palavras para, então, analisarmos a natureza do resíduo. Assim, *tumate* *x* *tomada* (com ambientes semelhantes) não necessariamente indica que um se submeteu à regra e o outro não. *Tumate* foi incorporado ao léxico português via inglês e, provavelmente, já veio com a vogal reduzida, diferentemente de *tomada*.

A pesquisa histórica de Viegas resultou em sua tese de doutorado (2001), na qual expõe diversas listas, a fim de verificar o caminho percorrido pelas vogais /e/ e /o/ ao longo dos séculos. O quadro 18 a seguir apresenta uma das listas elaboradas por Viegas (1995: 111), na qual destaca os itens que são realizados com a vogal /e/ sempre na forma elevada na região de Belo Horizonte, embora não tenham um contexto fonético favorecedor - no caso do /e/, vogal alta na sílaba seguinte. A autora relata que: “Pesquisando item por item o *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*, (...) observei que esta lista de palavras é muito pequena, diferentemente do que sugeriu Oliveira (1991)”.

QUADRO 18: ITENS LEXICAIS SEM CONTEXTO FONÉTICO FAVORECEDOR REALIZADOS COM A PRETÔNICA /E/ ELEVADA, SEGUNDO VIEGAS

bizorro
 ciroulas
 melhor
 semestre
 senhor
 piqueno
 tisoura

Fonte: Viegas (1995:111)

Viegas (1995: 111, 12) propõe que a vogal *e* dos itens *bizorra* e *ciroulas* ficou restrita à escrita, nunca chegando a atingir a pronúncia. Assim, esses itens teriam conservado a pronúncia da língua de origem:

bizorro < do lat. hisp. *ibicerra, *ibicirra
 ciroulas < do ar. sarāwîl, pl. de sirwâl

O mesmo processo – conservação da pronúncia da língua fonte - pode ser verificado, segundo Viegas, nas palavras *cenoura* e *cebola*, que não sofrem a elevação.

cenoura < çanoira < çahanoira (a.cast.) < safunâriya (ár.vulgar)
 cebola < do lat. cēpŭlla (dim. de cepa)

Viegas sugere ainda que os itens *sinhor* e *tisoura* possam ter sido influenciados pela vogal alta do latim:

sinhor < sēñor – ōris (lat.)
tisoura < tisoŷra < do lat. tōnsōřia.

Quanto às palavras *milhor* e *simestre* da lista, Viegas (1995: 112) recorre ao recurso neogramático da analogia. Assim, *melhor* teria passado a ser pronunciado *milhor* por analogia a *pior*; da mesma forma *semestre* teria passado a *simestre* por analogia a *bimestre* e *trimestre*.

O item *piqueno*, de origem imprecisa, de acordo com a pesquisadora, não pôde ser encaixado em nenhum dos processos utilizados na explicação para os outros itens.

Diante disso, Viegas (1995: 116) aposta no modelo difusionista como o mais apropriado para a explanação desse fenômeno:

Apesar de estes estudos apresentarem mais questões do que respostas, podemos observar já um fio condutor do processo, ou seja, existe uma regularidade (vogal alta como favorecedor, no caso do *e*, mas também existem algumas palavras que não têm ambiente e possuem a vogal pronunciada [i] ou [u] além do resíduo (palavras que possuem ambiente mas não alçam). Assim, adotamos o modelo teórico da difusão lexical como proposto por Wang & Lien (1993), em que regularidade e processo de difusão lexical não são incompatíveis numa mesma mudança em uma mesma comunidade de fala. O que está em questão não é a regularidade, mas como as exceções são tratadas no modelo neogramático e no modelo difusionista.

Após a exposição das idéias neogramáticas e difusionistas feita acima, julgamos necessário pontuar algumas questões:

- Primeiramente, queremos chamar a atenção para a complexidade existente na mudança sonora, de tal maneira que não há um consenso entre os lingüistas, se ela está situada no segmento ou na palavra.

- No Brasil, a visão neogramática foi e continua sendo a principal linha teórica adotada nos estudos sociolingüísticos quantitativos acerca das vogais pretônicas. Apesar de tais trabalhos evitarem o debate acerca da implementação da mudança, trazem contribuições relevantes para o entendimento do fenômeno, especialmente porque ocupam-se, em grande parte, com o estudo dos ambientes fonéticos que podem estar influenciando na variação e mudança. Tais trabalhos serão retomados no capítulo seguinte. Destacamos aqui o trabalho de Bisol (1984) com a elevação das vogais pretônicas na fala gaúcha, e o de Silva (1989) que é dedicado à elevação e ao abaixamento das pretônicas na fala de Salvador.

- A pesquisa histórica realizada por Viegas é, sem dúvida, louvável e ajuda a esclarecer a pronúncia de alguns itens da amostra por ela estudada, que é a de Belo Horizonte; mas, a nosso ver, nem sempre é válida para explicar a pronúncia utilizada por outras variedades. Em Formosa, encontramos a palavra *melhor* pronunciada de três formas diferentes: m[i]lhor, m[e]lhor e m[ε]lhor. E não estamos certos de que outros itens, como *pomada* e *tomate* sejam realizados categoricamente na forma elevada. É pertinente, portanto, a observação de Oliveira & Lee (2006: 58) quando afirmam que “dialetos diferentes constroem listas diferentes de itens lexicais afetados pela mudança”.

- Guardamos certa reticência, entretanto, quanto à insistência de Oliveira & Lee (2006: 58) de que “também os falantes constroem listas diferentes de itens lexicais afetados pela mudança” (grifos dos autores). Ao enfatizar o indivíduo, discordam de Labov (2006: 341), para quem a tarefa da sociolingüística é se ocupar da comunidade de fala:

Nós estudamos os indivíduos porque eles nos fornecem os dados para descrever a comunidade, mas o indivíduo não é realmente uma unidade lingüística. Muitas pessoas da sociolingüística discordam de mim nesse ponto, e eles pensam que a

realidade repousa no falante individual, e eu defendo a posição justamente oposta. Não há indivíduos do ponto de vista lingüístico.⁵⁰

Ao fazer essa declaração, Labov não despreza o indivíduo. Apenas lembra que, por ser a língua uma propriedade da comunidade lingüística, é ela o objeto de estudo. Labov (2006: 342) reconhece que os indivíduos de uma mesma comunidade podem diferir entre si em suas escolhas lingüísticas: “o que o indivíduo tem é a capacidade de se apropriar desse padrão [da língua], mas as pessoas, é claro, nem sempre o fazem exatamente da mesma maneira. O padrão é o mesmo, mas a maneira que o indivíduo se apropria dele pode variar”.⁵¹

- Como já foi observado, o estudo das vogais pretônicas sob o ponto de vista difusionista conta com poucos trabalhos no Brasil. Além de Oliveira e Viegas, conhecemos somente o trabalho de Bortoni, Gomes & Malvar (1992). Os dois primeiros se ocupam da fala de Belo Horizonte, enquanto Bortoni, Gomes & Malvar estudam a fala de Brasília. Todos, porém, focalizam a elevação das vogais que, como já se viu nesse trabalho, é um fenômeno supra-regional, i.e., está presente em maior ou menor grau em todas as variedades faladas no país. Bortoni, Gomes & Malvar (1992: 19) passaram a considerar a teoria difusionista como uma hipótese quando perceberam que as explicações neogramáticas eram insuficientes para explicar os dados encontrados na fala de Brasília:

Cabe ressaltar a situação do item **vestibular**, que possui os mesmos ambientes de **vestir/vestido**, todos favoráveis à elevação – presença de /i/ na sílaba seguinte, sílaba travada por /S/ -, e apresenta realização categórica com vogal média (0/13) enquanto **vestir/vestido** apresentam ocorrências com a vogal alta (3/4). Podemos estar diante de evidência de condicionamento lexical, uma vez que não se identifica qualquer explicação neogramática para esse fenômeno.

⁵⁰ Tradução nossa: “We study individuals because they give us the data to describe the community, but the individual is not really a linguistic unit. Many of the people in sociolinguistics disagree with me on this point, and they think that reality lies in the individual speaker, and I take the position that’s just the reverse. There are no individuals from a linguistic point of view”.

⁵¹ Tradução nossa: “(...) what the individual has is the capacity to grasp this pattern, but people of course do not always grasp it in exactly the same way. The pattern is the same, but the individual grasp of it may vary”.

- O abaixamento das vogais pretônicas, que ocorre em algumas variedades do português brasileiro, dentre elas a falada em Formosa, ainda não foi estudado sob a perspectiva visão neogramática vs. visão difusionista. Esse trabalho é uma tentativa de perceber se há, em primeiro lugar, um contraste real entre essas duas linhas teóricas nos casos de elevação das vogais na fala de Formosa e, em segundo lugar, se essa polêmica pode ser estendida também aos casos de abaixamento. Obviamente esse é um desafio grande demais, que envolve um assunto impossível de ser esgotado por apenas um trabalho e apenas uma pessoa. Queremos, pelo menos, dar os primeiros passos.

- O que podemos adiantar a respeito dos casos de abaixamento encontrados em nossa amostra é que, ao contrário da previsão feita por Oliveira para os casos de elevação, os nomes próprios não estão imunes à ocorrência de variação ou, no mínimo, os dois fenômenos são regidos por princípios distintos. Em nossa amostra encontramos o nome próprio *Poliana* pronunciado *P[ɔ]liana*, assim como *Colina*, nome de um bairro de Formosa, pronunciado *C[ɔ]lina*. Oliveira afirma (2003: 618,19):

Na minha opinião há três fatores, pelo menos, que podem inibir as mudanças sonoras: nomes próprios, reação contrária por parte de uma classe social e estilos de fala formais. Os nomes próprios talvez constituam o caso mais claro. É fato bem conhecido que os nomes de pessoas, cidades, rios, montanhas etc. podem preservar uma forma antiga e resistir a uma mudança.

- Outra diferença que parece estar se delineando entre a produção elevada e abaixada das vogais pretônicas diz respeito ao efeito da frequência. Pelo que temos visto nos trabalhos sobre as vogais pretônicas, que serão mais citados no capítulo seguinte, a frequência dos itens lexicais tem sido sugerida como um fator favorecedor apenas para a elevação e não para o abaixamento. Tendo em mente que a frequência do item tem sido considerada um efeito forte em muitos estudos de variação e mudança e se, de fato, ela tem influenciado apenas a elevação – o que poderá ser visto apenas após a análise dos dados –

temos que admitir que estamos lidando com dois fenômenos fonológicos distintos, o que só vem acentuar a complexidade desta pesquisa.

Por fim, trazemos uma nova proposta que tem conjugado, de forma interessante, os modelos teóricos neogramático e difusionista.

5.2.2 O papel da frequência lexical

A proposta de Bybee surgiu quando a autora observou que havia uma relação entre os itens atingidos pela mudança e a alta frequência conjugada com o contexto de uso desses itens em determinados fenômenos fonológicos. Até aí nenhuma novidade porque, conforme visto nos tópicos anteriores, esse fato – especialmente a questão da frequência do item - já tem sido verificado por diversos pesquisadores, inclusive no caso da elevação das pretônicas do PB. A inovação de Bybee está em acomodar, num único modelo teórico, a visão neogramática e a difusionista.

Uma vez que a frequência não é um condicionante fonético, mudanças que apresentam esse fator com efeitos relevantes não poderiam ser encaixadas no modelo neogramático. Faraco (2005: 148) lembra que “fatores não-fonéticos, tais como a frequência ou o significado das palavras, não interferiam na mudança sonora” para a visão neogramática.

Ao mesmo tempo, Bybee reconhece que o condicionamento fonético é real em algumas mudanças, como no caso do apagamento dos fonemas /t, d/ em final de palavra no inglês. Vendo que as duas visões não são auto-excludentes, Bybee (2002: 261) apresenta um novo modelo de representação fonológica, que ela chama de *exemplar model*, por nós traduzido como *modelo de exemplares*:

Eu argumento que mudanças foneticamente condicionadas que afetam palavras de alta frequência antes de palavras de baixa frequência são melhor explicadas por um

modelo de exemplares de representação fonológica, que permite à mudança ser tanto fonética quanto lexicalmente gradual. (grifo nosso)⁵²

Assim, um novo quadro comparativo pode ser esquematizado:

QUADRO 19: QUADRO COMPARATIVO ENTRE OS MODELOS TEÓRICOS DE MUDANÇA SONORA: NEOGRAMÁTICO, DIFUSÃO LEXICAL E DE EXEMPLARES (BYBEE, 2002)

	Nível fonético	Nível lexical
Neogramáticos	gradual	abrupto
Difusionistas	abrupto	gradual
Modelo de exemplares	gradual	gradual

O trabalho de Bybee pode ser comparado, de certa maneira, ao de Viegas (1995), uma vez que esta não desconsidera o contexto fonético como um fator favorecedor à elevação das vogais pretônicas; pelo contrário, afirma que o contexto fonético propício associado a um item lexical frequente aumenta, em muito, as chances de a elevação ocorrer. Para Bybee, entretanto, a frequência tem um valor extremamente forte. Ao vivenciar a repetição de itens lexicais frequentes, o falante/ouvinte vai criando representações mentais das palavras, numa constante re-organização do léxico em grupos. Bybee (2002: 271) explica o processo da seguinte forma:

Todas as variantes fonéticas de uma palavra são armazenadas na memória e organizadas em um grupo: exemplares que são mais similares estão mais próximos uns dos outros do que aqueles que não são similares, e exemplares que ocorrem frequentemente são mais fortes do que os menos frequentes. (...) Exemplares

⁵² Tradução de: "I argue that phonetically conditioned changes that affect high-frequency words before low-frequency words are best accounted for in an exemplar model of phonological representation that allows for change be both phonetically and lexically gradual."

repetidos dentro de um grupo vão se tornando mais fortes, e aqueles usados menos freqüentemente podem definir com o passar do tempo.⁵³

Assim, conforme o falante vai fazendo o uso das palavras, “seus efeitos são registrados na memória, produzindo uma mudança gradual nos itens lexicais, baseado na atual experiência do falante com elas”⁵⁴ (Bybee, 2002: 277). Conseqüentemente, as palavras recorrentemente buscadas no léxico, ou seja, as de alta freqüência, passam a ser produzidas de forma automática: “Mudanças que afetam em primeiro lugar palavras de alta freqüência são o resultado da automação da produção, a redução normal e sobreposição dos movimentos articulatórios que vêm com fluência.”⁵⁵ (Bybee, 2002: 287).

O modelo de exemplares de Bybee (2002: 287), construído sobre os itens lexicais freqüentes, indica não apenas a existência de variação e uma possível mudança ocorrendo no nível superficial da língua; significa também que os níveis profundos da língua estão sendo atingidos.

Eu proponho um modelo no qual a variação e a mudança não são externas ao léxico e à gramática, mas inerentes a ambos. A mudança sonora não é uma regra adicional – algo que acontece no nível superficial sem um efeito nas áreas mais profundas da gramática. Pelo contrário, as representações lexicais são afetadas no início da mudança. De fato, elas fornecem um registro da mudança em andamento ao marcar os detalhes dos dados fonéticos experimentados.⁵⁶

O modelo de exemplares, portanto, envolve todos os níveis da língua, por meio do que Bybee (2002: 271) chama de rede de associações (*networks*):

⁵³ Tradução de: “Thus all phonetic variants of a word are stored in memory na organized into a cluster: exemplars that are more similar are closer to one another than to ones that are dissimilar, and exemplars that occur frequently are stronger than less frequent ones. (...) Repeated exemplars within the cluster grow stronger, and less frequently used ones may fade over time.”

⁵⁴ Oração completa no original: “These facts point clearly to the proposition that sound change occurs in real time as words are used, ant that its effects are registered in memory, producing a gradual change in lexical items on the speaker’s actual experience with them.”

⁵⁵ Tradução de: “Changes that affect high-frequency words first are a result of automation of production, the normal overlap and reduction of articulatory gestures that comes with fluency”.

⁵⁶ Tradução de: “I have proposed a model in which variation and change are not external to lexicon and grammar but inherent to it. Sound change is not rule addition – something that happens at a superficial level within any effect on the deeper reaches of grammar. Rather, lexical representations are affected from the very beginnings of the change. Indeed, the supply an ongoing record of the change since they track the details of the phonetic tokens experienced.”

Os grupos de exemplares são gravados em uma rede de associações entre palavras que mapeia relações de similaridade em todos os níveis. Palavras distintas com propriedades fonéticas similares são associadas, assim como palavras com os mesmos traços semânticos.⁵⁷

Assim, por exemplo, os verbos *played*, *tried* e *slipped* do inglês, terminados com a consoante /d/, são associados em dois níveis: no nível fonético, pela consoante [d], e no nível semântico, por compartilharem o traço do tempo pretérito.

Bybee ressalta que, além do efeito da frequência, outro fator entra em jogo para que a mudança se efetue, ou seja, não basta que o item lexical ocorra frequentemente, ele precisa ocorrer no contexto de uso que favoreça a mudança. Um exemplo fornecido pela autora é decorrente do estudo dos verbos do inglês. Bybee percebeu que uma grande porcentagem de verbos no pretérito cujo ambiente fonético seguinte era uma vogal não estavam sofrendo o apagamento. Ao olhar mais atentamente para esses casos, verificou que se tratava de expressões cristalizadas: *kicked out*, *lived in*, *lived on*, *looked at*, etc. Esse contexto, portanto, estava barrando a mudança. Tais verbos, então, embora frequentes, deveriam receber um outro tratamento, pois, segundo Bybee (2002: 279), “essas seqüências são unidades convencionalizadas que muito provavelmente são armazenadas e processadas juntas [na memória]”⁵⁸.

Acreditamos que o trabalho de Bybee surge como uma peça a mais a ser encaixada nesse quebra-cabeça da variação das vogais médias pretônicas, na medida em que consegue conciliar os aspectos fonético e lexical.

⁵⁷ Tradução de: “The exemplar clusters are embedded in a network of associations among words that map relations of similarity at all levels. Distinct words with similar phonetic properties are associated, as are words with shared semantic features”.

⁵⁸ Tradução de: “These sequences are conventionalized units that are very likely stored and processed together”.

5.3 Pressupostos metodológicos

5.3.1 A amostra

Esta pesquisa dá continuidade ao trabalho iniciado para a realização da monografia de conclusão de curso de graduação em Letras pela Universidade Federal do Paraná, em 2006. Para a monografia, 10 formosenses com a idade entre 30 e 45 anos foram entrevistados. Os critérios utilizados para a seleção dos informantes foram: (i) o informante deveria ter nascido em Formosa e (ii) os pais deveriam ser da região de Formosa. Em pouco tempo percebemos que essa etapa da pesquisa, ou seja, encontrar pessoas que se enquadrassem no critério “nascido em Formosa e filho de pais nascidos na região”, era mais difícil do que parecia, por conta da grande quantidade de migrantes. Além disso, a intenção de verificar se o contato com Brasília poderia estar interferindo na fala dos formosenses não foi de todo concretizada, já que apenas uma das informantes tinha, de fato, um contato diário com o DF.

Como o fator contato com Brasília ficou desequilibrado por conta da escassez de informantes que se enquadrassem nesse critério e como julgávamos que esse fator merecia um estudo mais aprofundado, retomamos o tema das vogais pretônicas na fala de Formosa no mestrado. As entrevistas sociolinguísticas foram reiniciadas até que o número de 7 informantes com o perfil “trabalha em Brasília” fosse atingido. Outras 7 entrevistas já realizadas, de pessoas com o perfil “não trabalha em Brasília” foram acrescentadas, somando assim um total de 14 informantes. Procuramos também equilibrar as outras características dos informantes selecionados, como o sexo, a classe socioeconômica e o nível de escolaridade. Embora o ideal fosse que as células tivessem uma distribuição mais equilibrada, com no mínimo 4 informantes em cada uma, (cf. Tarallo, 2001:29-31; Guy & Zilles, 2007: 112-114; Oliveira e Silva, 2003: 119-123), esse número não pode ser atingido em virtude do limite de tempo que dispúnhamos para o término do mestrado. Assim, preferimos trabalhar com o número possível de informantes, e não com o ideal. Temos consciência de que essa decisão pode afetar, especialmente, os resultados obtidos para as variáveis sociais ocasionando, por exemplo, interação entre os grupos de fatores.

A distribuição do número de informantes nos grupos de fatores sociais pode ser acompanhada no quadro 20 abaixo:

QUADRO 20: DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE INFORMANTES NOS GRUPOS DE FATORES SOCIAIS

Contato com Brasília		Sexo		Classe socioeconômica		Nível de escolaridade	
Diário	7	Feminino	7	Alta	3	Até 8 anos	3
Esporádico	7	Masculino	7	Média	8	De 8 a 11 anos	4
				Baixa	3	Acima de 11 anos	7

A faixa etária escolhida, 30 a 45 anos, levou em conta o fato de ser essa a idade economicamente ativa e, conseqüentemente, facilitar a procura por informantes que se encaixassem no critério “trabalha em Brasília”. Além disso, o nascimento das pessoas que atualmente estão nessa faixa etária coincide com a mudança da capital federal para o Planalto Central, um marco que pode ter ocasionado reflexos no estilo de vida da região, inclusive nas decisões a respeito da língua. Uma possível influência de Brasília na fala de Formosa seria melhor percebida se pudéssemos comparar a faixa etária selecionada com uma mais velha, acima dos 60 anos, e outra mais nova, entre os 20 anos. Reafirmamos que, por ora, tivemos que optar pelo possível e não pelo ideal.

As entrevistas foram realizadas entre maio de 2006 e junho de 2007. Na sua maioria, ocorreram no local de trabalho ou na casa do informante e tiveram a duração média de 25 minutos cada uma. Um questionário modelo foi utilizado como roteiro para a realização das entrevistas (cf. Anexo - A). As perguntas não foram necessariamente seguidas à risca, mas serviram como um incentivo para a fala espontânea do entrevistado. Praticamente todos os informantes se mostraram à vontade para falar sobre o que achavam acerca da cidade e contar histórias pessoais mesmo sabendo que estavam sendo gravados.

Além dos 5.662 dados recolhidos durante o diálogo com os entrevistados, outros 884 dados foram obtidos por meio de um texto lido (cf. Anexo - A), o que somou um total de

6.546 dados. Todas as entrevistas foram gravadas, posteriormente transcritas, ouvidas e re-ouvidas várias vezes, até que o mínimo de dúvida restasse acerca da pronúncia utilizada pelos informantes. Esclarecemos que nem sempre um dado equivale a um item lexical. Por vezes, um mesmo item carrega em si vários dados, como por exemplo em *coleccionador*, que contém 3 vogais médias pretônicas. Cada uma delas, portanto, é tratada como um dado distinto.

5.3.2 O tratamento estatístico dos dados

Estudos lingüísticos que têm como referencial teórico a Sociolingüística Variacionista, também chamada de ‘Sociolingüística Quantitativa’, têm lançado mão de modelos estatísticos para lidar com os dados da fala em uso. Esses modelos, propostos por Labov (1969), Cedergren & Sankoff (1974), Pascale Rousseau & Sankoff (1978) (apud Naro, 2003:19-25), indicam para o pesquisador, por meio de resultados numéricos, o índice de variação do fenômeno estudado e a seleção dos grupos de fatores lingüísticos e extralingüísticos que favorecem ou desfavorecem o uso de uma variante. O mais usado, historicamente conhecido como *regras variáveis* é, segundo Sankoff (1988: 984), o modelo ideal para o estudo de variação lingüística. O modelo de regra variável é extremamente proveitoso para indicar tendências lingüísticas em grupos sociais, porque, como escrevem Guy & Zilles (2007: 102,103)

supõe que as probabilidades e pesos fazem parte da gramática mental dos falantes. São determinadas pela experiência do falante, aprendidas por ele na base de observações de outras pessoas ao usarem essa regra, justamente como se aprende qualquer outro elemento da linguagem. Portanto, deve ser o caso que os valores de determinado falante são semelhantes aos valores dos conhecidos, familiares e vizinhos, e que grupos sociais que falam mais entre si (como comunidades de fala, classes sociais, faixas etárias etc) terão valores semelhantes no uso das variáveis.

A terminologia *regra variável*, destaca Tagliamonte (2006: 131), é conseqüência dos primeiros diálogos entre a sociolingüística e a fonologia gerativa das décadas de 60 e 70,

e “tem mais a ver com o fato de a variação ser sistemática (i.e governada por regra) do que com um formalismo específico”.⁵⁹

O programa computacional mais utilizado pelos sociolinguistas tem sido o Varbrul2S (Pintzuk, 1988), que roda no antigo DOS. Entretanto, versões mais recentes adaptaram esse programa para o sistema operacional Windows. Nesta pesquisa fizemos uso, na maior parte do tempo, da versão mais recente do programa, denominada Goldvarb-X (Sankoff; Tagliamonte & Smith, 2005). Recorremos à versão mais antiga para fazer buscas e gerar listas por meio do T-SORT.

Guy (2007b: 69,70) ressalta que, embora o programa seja um recurso sofisticado à disposição do linguista, ele é apenas um instrumento; os números, em si, não são o objetivo final da pesquisa, mas sim “identificar e explicar fenômenos linguísticos” (Guy, 2007a: 31). De fato, Guy & Zilles (2007: 73) afirmam que o uso de métodos estatísticos “tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras”. Observam (2007: 107) também que modelos matemáticos sofisticados têm sido usados como um instrumento de trabalho por ciências como a física. Nesse sentido, a busca do suporte estatístico pela sociolinguística tem como finalidade o entendimento mais profundo dos fenômenos linguísticos.

A modelagem matemática desse tipo é uma das abordagens mais poderosas e sofisticadas na estatística (...). Esse é o tipo de trabalho teórico que se faz na física, construindo equações para explicar os movimentos dos planetas, um tipo de trabalho que é essencial para avanços profundos no entendimento científico do mundo.

O programa Goldvarb-X tem como princípio a análise multivariada, ou seja, é capaz de investigar as múltiplas variáveis que podem estar influenciando a variável linguística em estudo (cf. Guy & Zilles, 2007: 105). Além disso, é ideal para o estudo de fala em uso porque consegue trabalhar com dados distribuídos de maneira não-uniforme, conforme Guy (2007a: 34):

⁵⁹ Tradução nossa: “the reference to variation as ‘rule’ has more to do with variation being systematic (i.e rule-governed) than with any specific formalism”.

Uma vez que a distribuição dos dados lingüísticos geralmente é, de fato, desigual, uma análise multivariada dará resultados mais precisos, porque ao mesmo tempo em que computa o efeito de uma variável independente, ela controla explicitamente o efeito de todas as outras variáveis independentes conhecidas.

O uso do programa estatístico tem como objetivo principal refutar a hipótese nula, i.e, de que as variáveis independentes estipuladas não atuam de modo significativo sobre a variável dependente (cf. Sankoff, 1988: 987, Tagliamonte, 2006: 132). No caso das ciências sociais (e, conseqüentemente, para o Varbrul), a hipótese nula é rejeitada quando o valor da significância estatística, simbolizada por p , é menor do que 0,05 – menos de uma chance em vinte de ser verdadeira (cf. Guy & Zilles, 2007: 96).

Antes de calcular a significância e fazer as correlações entre todas as variáveis, o programa gera, a partir das informações passadas a ele pelo pesquisador, as freqüências absolutas e relativas da variável dependente em cada um dos fatores estudados. Tais números, obtidos na primeira etapa da análise estatística, dão uma idéia ao pesquisador da distribuição da variável dependente e podem fornecer as primeiras pistas para o entendimento do fenômeno. Entretanto, como observa Naro (2003: 19), “as freqüências brutas, embora concretas e intuitivamente bastante ‘reais’, podem ser falaciosas, porque seu cálculo não leva em conta as inter-relações existentes entre as categorias que atuam numa regra variável”.

As inter-relações são calculadas na última etapa do processo estatístico, quando todos os fatores invariantes ou categóricos – *knockout* - já foram devidamente observados e resolvidos pelo pesquisador dos fenômenos lingüísticos variáveis. Então, os pesos relativos, “os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes” (Guy & Zilles, 2007: 211), são projetados pelo programa.

O cálculo dos pesos relativos é feito a partir de um complexo processo estatístico do tipo *step-up/step-down* (cf. Guy & Zilles, 2007: 164-167, Tagliamonte, 2006: 140-145). No processo *step-up*, cada um dos grupos de fatores é adicionado individualmente. Para isso, o programa calcula o valor do *input* ou média corrigida, que “é a medida geral do nível de aplicação da regra” (Tagliamonte, 2006: 141).⁶⁰ Então, em cada nível da análise, o programa

⁶⁰ Tradução nossa: “The ‘input’, also known as ‘corrected mean’, is a global measure of rate of rule application”.

correlaciona o *input* do grupo de fatores selecionado com todos os grupos de fatores, gerando outros valores: o *log likelihood* - ou teste de máxima verossimilhança (uma medida de erro poderosa) – e a significância (*p*). O grupo de fatores com os melhores valores, geralmente aquele cujos resultados foram mais próximos de 0, é escolhido. Assim, o programa dá continuidade a esse processo de combinação entre os grupos de fatores até que todos sejam analisados. Finalmente, o programa indica qual foi a melhor etapa da análise quantitativa do *step-up*, mostrando os grupos estatisticamente relevantes. Dá-se início, então, ao processo inverso, chamado de *step-down*, no qual o programa faz novos testes estatísticos para verificar se de fato os grupos não selecionados são eliminados e se os selecionados não são eliminados, ou seja, faz uma espécie de “prova dos nove”. Ao final desse processo, o programa indica qual foi a melhor etapa da análise quantitativa do *step-down* e fornece uma lista dos grupos eliminados.

Geralmente, os valores dos pesos relativos são os mesmos na melhor rodada do *step-up* e na do *step-down*. Segundo Guy & Zilles (2007: 166), eles podem não coincidir quando “se trata de uma análise complexa (com muitos grupos de fatores), e quando os grupos não são completamente ortogonais”, ou seja, não co-ocorrem livremente. Em análises binárias, os pesos relativos com valores próximos de 1,0 são favoráveis à variante eleita como aplicação da regra; os próximos a 0,0 como inibidores; e os próximos de 0,5 como neutros ou de efeito intermediário, a depender do número de dados (cf. Naro, 2003: 24). A interpretação dos pesos relativos depende de cada pesquisa e estes não devem ser vistos isoladamente. Como observa Sankoff (1988: 989): “é a *comparação* de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais”⁶¹.

Nesta pesquisa, a variável em questão não é binária, mas ternária, já que a pronúncia das vogais médias /e/ e /o/ na comunidade de fala estudada pode ser realizada de três formas distintas: (i) com a média-fechada [e o]; (ii) com a média-aberta [ɛ ɔ] e (iii) com a alta [i u]. Alguns exemplos são:

⁶¹ Tradução de Maria Marta Pereira Scherre: “It is the *comparison* of the effects of any two factors in a factor group (as measured by their difference) which is important, and not their individual values.”

melhor ~ mèlhor ~ milhor

propaganda ~ pròpaganda

dezesseis ~ dizesseis

No entanto, por motivos que explicitaremos no capítulo seguinte, optamos por realizar rodadas binárias. Os resultados de cada uma das rodadas serão apresentados em tabelas. Nelas será possível conferir quais as variantes incluídas na rodada, as frequências e os pesos relativos de cada fator, além de exemplos extraídos do *corpus*.

6 ANÁLISE DOS DADOS

6.1 A variável dependente

Esta pesquisa ocupa-se da variação na pronúncia das vogais médias em posição pretônica, ou seja, as vogais /e/ e /o/. Três pronúncias têm sido registradas:

- a pronúncia elevada, na qual as pretônicas /e/ e /o/ são produzidas na forma alta [i] e [u], como em *milhor, cumeço*;
- a pronúncia média-fechada, na qual as pretônicas /e/ e /o/ são mantidas na forma [e] e [o], como em *melhor, começo*;
- a pronúncia abaixada, na qual as pretônicas são produzidas na forma média-aberta [ɛ] e [ɔ], como em *mêlhor, còmeço*.

Assim, a variável dependente – as vogais /e/ e /o/ - subdivide-se em três variantes, denominadas nesse trabalho por: (i) elevação; (ii) manutenção da média-fechada e (iii) abaixamento.

Na verdade, a variável dependente por nós eleita como objeto de estudo já contém, em si, dois fenômenos distintos, uma vez que se trata de duas vogais. Embora ambas sejam classificadas como vogais médias quanto ao traço de altura da língua, não compartilham os mesmos traços no que diz respeito à posição horizontal da língua na cavidade bucal: enquanto a vogal [e] e suas variantes [i] e [ɛ] são produzidas com a língua na parte anterior da boca, a vogal [o] e suas variantes [u] e [ɔ] são produzidas na parte posterior. Outra diferença entre as vogais é que apenas a série posterior é realizada com o arredondamento dos lábios (cf. Cristófaró Silva, 2005: 66-69). Acreditamos que, no processo de variação, essas diferenças

possam ocasionar comportamentos distintos para as vogais, especialmente quando combinadas a outros fatores fonéticos, como as consoantes precedentes e seguintes.

Por essa razão, procuraremos olhar para a variável dependente sob dois ângulos: considerando as vogais /e/ e /o/ como pertencentes a uma mesma classe, buscando verificar as características que as aproximam no processo de variação, e, ao mesmo tempo, fazendo distinção entre elas, buscando, assim, reter as características particulares de cada uma.

6.2 Os grupos de fatores controlados

6.2.1 Grupos de fatores lingüísticos

A primeira variável lingüística levou em consideração a **zona de articulação** das variantes da variável dependente, servindo como um grupo de controle. Assim, as variantes da variável dependente foram classificadas da seguinte maneira:

- vogal anterior, que corresponde às variantes de /e/: [i], [e] e [ɛ];
- vogal posterior, que corresponde às variantes de /o/: [u], [o] e [ɔ].

Outro grupo de fatores, o da **vogal da sílaba seguinte**, é subdividido em 12 fatores: 7 vogais orais [i e ɛ a ɔ o u] e 5 vogais nasais [ĩ ã õ ã õ ã]. Vários trabalhos apontam a ocorrência de harmonização vocálica entre a vogal pretônica e a vogal da sílaba seguinte. Ou seja, as vogais médias /e/ e /o/ tendem a assimilar o traço de altura da vogal seguinte. Assim, vogais altas favoreceriam a elevação – *pirigo, currida*; vogais médias levariam à manutenção da pronúncia média – *rebolá, professor*; e vogais baixas tenderiam a abaixar a altura da pretônica – *mêlhor; ôferta*. Viegas (1995: 117) observou que, no *corpus* da fala de Belo Horizonte, o processo de harmonização vocálica é mais produtivo para a vogal anterior /e/ do que para a posterior /o/. À mesma conclusão chegaram Callou; Leite & Coutinho (1991: 74) na análise dos dados da fala carioca, acrescentando que a vogal alta [i] tem um efeito mais forte sobre as pretônicas do que a alta [u]:

No caso das vogais posteriores a elevação é determinada primordialmente por ajuste ao modo e ponto de articulação da consoante precedente e apenas secundariamente pela altura da vogal tônica, ressaltando-se, mais uma vez, que a vogal [i] é um condicionador mais provável do que a vogal posterior [u].

A harmonização vocálica também é sugerida como uma possível explicação para alguns dos casos de abaixamento encontrados por Callou; Leite & Coutinho (1991: 75) na fala carioca: *entròsamento, rèlações, rèlógio, dôméstico, tòmava, nègócio*.

Silva (1991: 81), que trabalhou com as vogais pretônicas na fala culta de Salvador, constatou que “a altura da pretônica depende, de um modo geral, da altura da vogal da sílaba seguinte”. Silva observa ainda que, quando a vogal seguinte se trata de uma nasal não alta, i.e, [ã ã õ], o índice de abaixamento é elevado. É o que demonstra a tabela 2 a seguir, formulada a partir dos resultados obtidos pela autora (Silva, 1991: 81), com destaque para os contextos favorecedores de elevação, de manutenção da média e de abaixamento:

TABELA 2: EFEITO DA HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA SOBRE AS VOGAIS PRETÔNICAS NA FALA DE SALVADOR

VOGAL SEGUINTE		Pretônica anterior /e/		Pretônica posterior /o/	
		peso relativo	freqüência	peso relativo	freqüência
Elevação					
alta oral [u i]	currida, prifirível	0,88	47,8%	0,91	44,8%
alta nasal [ũ ĩ]	custuma, pidimos	0,78	42,6%	0,83	25,7%
Manutenção da Média					
média-fechada oral [o, e]	morei, freguês	0,98	77,6%	0,99	92,9%
Abaixamento					
média-aberta oral [ɔ ε]	nòvela, mèlhor	0,71	77,3%	0,76	88,9%
baixa oral [a]	mòral, dispètar	0,97	98,6%	0,95	97,6%
baixa nasal [ã]	còrdão, mèlão	0,59	78,5%	0,91	93,5%
média-fechada nasal [õ ẽ]	pròlongado, dèsenho	0,74	81,5%	0,82	87,8%

Fonte: Silva (1991: 81) (adaptado)

Apesar de discutir o efeito favorecedor do contexto nasal seguinte sobre o abaixamento das pretônicas, Silva (1989: 130-132) não chega a conclusões claras a respeito das motivações fonéticas para essa pronúncia.

Procuraremos, em nossa análise da fala de Formosa, verificar se há um efeito diferenciado entre vogais orais e nasais na sílaba seguinte, além de averiguar a realidade da harmonização vocálica para essa comunidade de fala. Os dados de fala de Brasília, por exemplo, analisados por Bortoni, Gomes & Malvar, não confirmaram o efeito da

harmonização vocálica como favorecedor. As autoras (1992: 21) concluem que “não se identifica claramente o efeito de harmonização vocálica neste dialeto”.

Os grupos **segmento fonológico precedente** e **segmento fonológico seguinte** correspondem a todas as possibilidades de configuração silábica encontradas na língua. Para o segmento precedente, isso significa:

- CV – consoante seguida de vogal: **comida**, **pequeno**
- CCV – encontro consonantal seguido de vogal: **tremar**, **professor**
- #V – ausência de segmento precedente: **exame**, **observar**
- VV – ditongo crescente: **proprietário**, **funcionário**

Para o segmento seguinte, os contextos considerados são:

- Vogal seguida de vogal (ditongos e hiatos)- **passar**, **doença**, **oitenta**, **soldado** (que se pronuncia **soudado**)
- Consoante da sílaba seguinte – **comida**, **pequeno**
- Sílabas do tipo CVC com coda em /R/, /S/ e /N/: **perguntar**, **estudar**, **conter**

Embora a maioria dos trabalhos apresente as consoantes reunidas por algum critério fonético, em geral pelo ponto de articulação, preferimos, num primeiro momento, tratar cada segmento como um fator separado, a fim de investigar o efeito real de cada consoante sobre as pretônicas médias, tanto na elevação quanto no abaixamento. Consideramos que, como estamos lidando com um fenômeno complexo, que abrange a possibilidade de três variantes – elevação, manutenção e abaixamento das vogais médias -, a análise das consoantes apenas pelo critério ponto de articulação pode não ser suficiente nesse caso. Além disso, o efeito de alguns segmentos pode ficar mascarado quando vistos em conjunto. Não descartamos, entretanto, os resultados apresentados nos trabalhos realizados sob esse ângulo.

Segundo Bisol (1984: 87), as consoantes bilabiais [p b m] tendem a favorecer a elevação de /o/ na fala gaúcha, como, por exemplo, em **bulacha**, **vumitei**, **buneca**, por compartilharem com essa vogal o traço de labialidade. São favorecedoras, também, segundo

Bisol (1984: 88), as consoantes velares [k g x] em ambas as posições da vogal /e/ e na posição precedente da vogal /o/. A autora cita apenas exemplos com a vogal posterior: *governo ~ guverno; colégio ~ culégio*. As consoantes alveolares [t d s z l r n] desfavorecem a ocorrência da elevação. Para Bisol (1984: 87), isso se dá porque “a alveolar está mais próxima, articulatoriamente, das baixas que das altas”.

Acreditamos que os segmentos precedentes e seguintes podem estar atuando como fatores relevantes não apenas para a elevação, mas também para o abaixamento das pretônicas. Essas variáveis lingüísticas, entretanto, não foram incluídas por Silva (1989) na análise dos casos de abaixamento, no trabalho a respeito das vogais pretônicas em Salvador, uma referência importante para esta pesquisa, uma vez que ambas as variedades pertencem ao subfalar baiano e realizam a pronúncia abaixada. No trabalho de Silva, a análise das pronúncias abaixadas privilegiou o contexto vocálico seguinte. Os segmentos precedentes e seguintes foram incluídos no tratamento dado aos casos de elevação. A partir dos efeitos obtidos nos resultados de elevação, podemos inferir que as consoantes precedentes laterais [l λ] e uvulares [h] favorecem o abaixamento na fala de Salvador (cf. Silva, 1989: 159).

Esses grupos de fatores foram incluídos em dois trabalhos a respeito das vogais pretônicas na fala de Brasília: o de Bortoni, Gomes & Malvar (1992) e o de Corrêa (1998). Para Bortoni, Gomes & Malvar (1992:20), o abaixamento da vogal /e/ “é favorecido pela presença de consoante alveolar e travamento silábico por /R/”. Quanto a vogal /o/, Corrêa (1998: 82) verificou que os contextos fonológicos favorecedores para o abaixamento são as consoantes seguintes labiais e alveolares e ainda as sílabas travadas em /S/. Ambos os trabalhos, no entanto, carecem de exemplos.

Diante desses fatos, a impressão que temos é que os trabalhos acerca do abaixamento das vogais pretônicas ainda apresentam algumas lacunas, e que uma análise mais detalhada dos segmentos fonológicos precedentes e seguintes poderia, talvez, alcançar resultados mais robustos.

Outro grupo de fatores incluído entre as variáveis lingüísticas é o que chamamos, inicialmente, de **distanciamento da tônica**. Esse grupo tinha como objetivo depreender um aspecto percebido intuitivamente na fala formosense, confirmado, posteriormente, por meio de leituras, e que diz respeito ao padrão melódico dessa variedade. Percebemos que em

palavras como *pèrguntô* e *Sòbradinho*, os falantes não apenas realizavam as vogais médias de forma mais baixa, mas também dispensavam um tempo maior para a produção dessas vogais, utilizando justamente as sílabas que continham as vogais médias /e/ e /o/ como um tipo de apoio em palavras polissilábicas. Em outras palavras, percebemos que os falantes criavam um segundo acento.

Massini-Cagliari & Cagliari (2006: 114) esclarecem esse processo do ponto de vista fonético:

Como, em português, uma seqüência muito longa de sílabas átona não é aceitável, algumas dessas sílabas passam a ter um reforço extra, formando uma onda rítmica mais regular. Dessa forma, a ocorrência de acentos secundários pode ser considerada um efeito de regras de eurritmia da língua. Fatores lexicais podem também definir um acento secundário, como o que acontece com os derivados com *-(z)inho*, *-i(ssi)mo* e *-mente*. Nesses casos, o radical derivacional fica com um acento secundário. Uma outra regra de eurritmia diz que a língua tende a ter um acento secundário em início de palavras quando o acento principal está distante desse contexto.

É, muito provavelmente, esse o processo encontrado na fala baiana por Passos & Passos, como observam Callou, Leite & Coutinho (1991: 75):

Esse abaixamento das pretônicas foi correlacionado no dialeto baiano à extensão da intensidade da sílaba tônica para a sílaba pretônica, isto é, a uma questão de ritmo, que seria uma idiosincrasia daquele falar. Segundo Passos e Passos (1984), ‘a atuação do processo de abaixamento nas sílabas pretônicas do português da Bahia acarreta uma modificação do padrão melódico neutro da palavra (...). A vogal aberta, por exigir um tempo mais longo para sua enunciação, aumenta o grau de força da emissão, tornando a sílaba mais percebida e o ritmo mais silábico’.

Segundo o estudo histórico das médias pretônicas feito por Silva (1989: 61), “a partir do século XVIII documentam-se algumas formas de condicionamento fonológico da pretônica (a consoante lateral favorece è, mas **r** favorece ò, e ambos eram favorecidos pelo acento secundário)”. Silva (1989: 50) relata que, na lista elaborada pelo ortógrafo Carmelo no *Compêndio de Ortografia* (1767), é possível encontrar, no português europeu, a vogal /o/ com pronúncia média-aberta em posição inicial de palavra: “Nesta posição, sem alternar com **u** e com um exemplário um tanto reduzido, se encontra ò, em contexto bem determinado, ou seja, quando a pretônica recebe um acento”. Em posição não-inicial, Silva (1989: 54, 5) afirma:

Encontram-se registradas em Carmelo cerca de 40 palavras com ò em sílaba antes da tônica. Em todas elas a vogal aberta se encontrava em sílaba secundariamente

acentuada (...). Em outras se poderia reconhecer a influência do R (Lórdello, Mórtecôr, Nórdéste, córar, górar-se). (...) Em outros vocábulos o o “aberto” não parece se justificar senão pelo acento secundário: Cóchim, Cótio, Disóvar, Enxóvia, Espójár-se, Ecónomia, etc.

A pronúncia das seguintes palavras com a pretônica /e/ na forma média-aberta é atribuída por Silva (1989: 56) à influência do acento secundário: *Epilépsia, República, Rézênde, Rhétórica, Véreador*. Apesar de Silva concluir, na exposição do percurso histórico das pretônicas, que o acento secundário é um fator fonológico relevante para a efetivação do abaixamento, ela não o inclui na análise dos dados da fala soteropolitana.

O que já pudemos verificar reiteradas vezes nesse trabalho, especialmente no capítulo 3, é que o abaixamento não é uma inovação do PB, mas foi trazido do PE. O que não sabemos ao certo é como essas regras, tão presentes no PE, como, por exemplo, a que está nesta recomendação de Gonçalves Viana ao amigo Leite de Vasconcelos (Vasconcelos, 1973: 25,26): “*e* inicial, se o *accento* não está na seguinte syllaba, soa em geral è na pronúncia culta de cá, por ex., *Hérculano*”, evoluiu a ponto de ficar confinada a determinadas regiões do Brasil. É possível que os acentos secundários do PE tenham encontrado no padrão melódico das variedades nordestinas um ambiente propício para a proliferação e perpetuação, mais do que nos dialetos falados ao Sul e Sudeste do país. Ou, ainda, que a pronúncia abaixada seja, de fato, decorrente do modo como os portugueses, com os seus respectivos dialetos, se distribuíram pelo território brasileiro.

O acento secundário é um dos primeiros aspectos a serem considerados por Marroquim ao tratar da fonologia da língua do Nordeste. Segundo ele (1934: 21), “a pronúncia do nordestino é a que caracteriza em geral o falar brasileiro: é demorada, igual, digamos mesmo arrastada, em contraste com a pronúncia lusitana, áspera e enérgica”. Assim, se o ensurdecimento das pretônicas, ocorrido no PE, é uma tendência evitada por todo brasileiro, independentemente da variedade lingüística utilizada, para os nordestinos muito mais, devido ao ritmo da fala. Marroquim (1934: 21, 23) descreve como se dá o processo de mudança no ritmo da fala do PE para o PB e, como conseqüência, o aparecimento do acento secundário:

As vogais são todas pronunciadas, mesmo as átonas, quer mediais quer finais. Não dizemos *tel'fone* ou *pared'* com *e* reduzido, mas *telefôni*, *parêdi*. Não há nelas

diminuição de quantidade, nem ensurdecimento, como em Portugal. (...) Por comodidade fisiológica, a palavra é dividida em grupos de vogal átona + vogal acentuada, e a pronúncia vai-se apoiando nesses acentos até o descanso final na tônica.

Como o falante procurar alternar vogal átona com vogal acentuada, “sempre de forma que haja antes da tônica uma sílaba átona” (Marroquim, 1934: 23), conclui-se daí que é mais provável que o acento secundário ocorra em palavras polissilábicas, com duas ou mais sílabas antes do acento.

Assim, por meio desse grupo de fatores, que mescla a interferência do acento secundário e do distanciamento da sílaba tônica, o qual convencionaremos chamar de **acento secundário**, pretende-se verificar o comportamento das vogais médias pretônicas em 4 ambientes, sendo que cada um deles equivale a um fator:

- 1 sílaba antes da tônica: *tomate, pegar*
- 2 sílabas antes da tônica: *perigoso, alojamento*
- 3 sílabas antes da tônica: *educação, governador*
- 4 ou mais sílabas antes da tônica: *remuneração, colaborador*

A nossa hipótese é que, quanto mais longe da tônica as vogais /e/ e /o/ estiverem, maior será a probabilidade de o falante fazer uso do acento secundário e, conseqüentemente, do abaixamento. Estamos cientes de que o ideal, nesse caso, seria não apenas quantificar os dados, mas também realizar uma contraprova tanto da duração bem como da intensidade dos acentos secundários por meio de um programa de fonética acústica. Infelizmente, não foi possível chegar a esse ponto nessa pesquisa.

Um grupo de fatores abordado em outros estudos sociolingüísticos mas não quantificado nesta pesquisa foi o que trata da **atonicidade** da vogal média pretônica. Por essa variável, procura-se verificar que tipo de vogal está mais propensa a variar, se a átona permanente, ou seja, aquela que é sempre produzida de forma átona, seja qual for o processo derivacional, como em *doença – adoecer*; ou se é a átona casual, aquela que se torna átona durante o processo derivacional, como em *cabelo – cabeludo*. Para Bisol (1984: 82), esse grupo se mostrou extremamente relevante para a elevação na fala gaúcha:

a átona permanente, isto é, a que nunca recebe o acento principal, e as vogais que não têm um ‘status’ definido (variável) portam índices bastante altos, permitindo-nos dizer que aí se encontra o contexto ideal para a aplicação da regra.

Silva (cf. 1989: 183), porém, não obteve resultados tão claros com a fala de Salvador. O mesmo ocorreu em nosso primeiro trabalho, que resultou em uma monografia.

A partir de uma análise mais detalhada dos dados, verificamos algumas tendências: a primeira foi a de que a variação estava fortemente ligada ao contexto vocálico seguinte. E como a vogal seguinte já formava um grupo de fatores, não víamos razão para criar uma sobreposição de grupos. Ou seja, a escolha dos grupos de fatores deve dar primazia a ortogonalidade, i.e, os grupos devem ser independentes uns dos outros (cf. Guy, 2007b: 52). Guy & Zilles (2007: 176) recomendam que a não-ortogonalidade dos dados seja tratada com cautela:

Pode ser que o esquema original de codificação de dados, planejado para ter grupos ortogonais, acabe não sendo tão ortogonal quando examinamos atentamente a distribuição dos dados. Verifica-se então que existem fatores de diferentes grupos mais ou menos coincidentes, codificando os mesmos dados. Nesse caso, o pesquisador pode desejar fazer várias análises para ver se isso está criando algum problema analítico e, em caso afirmativo, pode testar diferentes modos de resolvê-lo.

A segunda tendência observada nos dados foi uma consequência natural advinda da morfologia da língua portuguesa: a de que os verbos tendem a apresentar um número maior de sufixos do que as outras classes de palavras, já que os paradigmas variam de acordo com a conjugação. Assim, grande parte dos itens lexicais que faziam parte dos fatores classificados como átonas casuais, pertencia à classe dos verbos, enquanto os nomes - substantivos e adjetivos – enquadravam-se majoritariamente no fator átona permanente. Ou seja, talvez o que esteja em questão não seja apenas a tonicidade da vogal, mas também a classe gramatical.

Além disso, a distribuição dos verbos nas diferentes variantes de átona casual, que levou em consideração todas as possibilidades combinatórias existentes nas relações tônica/átona de uma palavra (cf. Bisol, 1984: 78; Silva, 1989: 81,2), agrupou os dois aspectos descritos acima: a vogal seguinte e o paradigma verbal. Assim, percebemos que:

- elevaram os verbos do conjunto: vogal seguinte alta [i] [u] e verbos da 3ª. conjugação, cuja vogal temática é *i*: *quiria, pidia, sintindo, durmir*.
- permaneceram com a vogal média os verbos que tinham como vogal seguinte as médias-fechadas [e] e [o] e os pertencentes à 2ª. conjugação: *chegô, bebeu, cresceu*.
- tenderam ao abaixamento verbos cuja vogal seguinte era a baixa [a], ou seja, os da 1ª. conjugação: *afogada, prègá, chòrava*.

A mesma distribuição pode ser depreendida dos resultados obtidos por Silva (cf. 1989: 187) na fala de Salvador, através dos exemplos por ela fornecidos: elevaram os itens ligados à 3ª. conjugação – *descubrir/descubro; serviço/sirvo* – e abaixaram os ligados à 1ª. – *adõtada/adòto; projèção/projèta*. Essa é, aliás, uma das regras observadas por Marroquim (cf. 1934: 56,57) para a fala de Alagoas e Pernambuco, quando trata da variação da pretônica /o/: infinitivos da 1ª. conjugação são pronunciados com a média-aberta [ɔ] – *chòrar, tòcar* -, verbos pertencentes à 2ª. conjugação são produzidos com a média-fechada [o] – *sofrer, mover* – e com a alta [u] em verbos da 3ª. conjugação – *encubrir, durmir, sorrir, ingulir*.

Por essas razões, preferimos não quantificar, pelo menos por enquanto e seguindo os mesmos parâmetros adotados em outros trabalhos, esse grupo de fatores. Isso não significa, porém, que a atonicidade será de todo descartada em nossa análise.

Assim, temos ao todo 5 grupos de fatores lingüísticos:

- a. zona de articulação da variável dependente (grupo de controle);
- b. vogal da sílaba seguinte;
- c. segmento precedente;
- d. segmento seguinte;
- e. acento secundário.

6.2.2 Grupos de fatores extralingüísticos

As variáveis não lingüísticas são representadas pelos fatores sociais e pelo fator formalidade do discurso.

Os grupos de fatores sociais incluídos nesta pesquisa foram:

- **Sexo** - Masculino e Feminino.
- **Escolaridade** - dividido em 3 fatores: (i) informantes com até 8 anos de estudo, o equivalente ao Ensino Fundamental; (ii) informantes com até 11 anos de estudo, o equivalente ao Ensino Médio e (iii) informantes com mais de 11 anos de estudo, com Curso Superior.
- **Classe socioeconômica** – dividido em (i) classe baixa; (ii) classe média e (iii) classe alta.
- **Contato com Brasília** – com dois fatores: (i) os informantes que moram em Formosa mas trabalham no DF e, portanto, têm um contato intenso com a capital e (ii) os informantes que moram em Formosa mas não trabalham no DF nem têm o hábito de ir à Brasília.

A classe socioeconômica dos informantes foi avaliada através de informações como a ocupação do informante e/ou dos pais e do cônjuge, e também por meio da observação da moradia, da escola que os filhos freqüentam, e de bens como carro, computador, eletrodomésticos.

O propósito dos fatores sociais é verificar se algum grupo, formado pelas pessoas distribuídas nas diferentes células, apresenta preferência por uma das variantes, assumindo assim uma tendência conservadora ou inovadora diante da língua. Mollica (2003: 28) afirma que “Sankoff, Kemp & Cedergreen (1978) demonstraram que escolarização, valor de mercado de formas discursivas e *status* profissional dos falantes são relevantes para determinar o grau negativo ou positivo de marcação social das alternativas lingüísticas”. No caso de Formosa, pessoas que trabalham em Brasília revelam um *status* mais elevado do que aquelas que não trabalham, especialmente se o cargo que ocupam é o de funcionalismo público. A interação entre fatores como contato com Brasília, classe socioeconômica alta e nível de escolaridade elevado pode exibir uma preferência por formas não marcadas, como uma porcentagem maior de pronúncia média-fechada [e o] e alta [i u], em detrimento da pronúncia média-aberta [ɛ ɔ], mais marcada socialmente.

A motivação para a inclusão do grupo de fatores sexo, socialmente chamado de gênero, foi o resultado a que vários estudos sociolingüísticos têm chegado. Paiva (2003: 34) explica:

Gênero/sexo pode ser um grupo de fatores significativo para processos variáveis de diferentes níveis (fonológico, morfossintático, semântico) e apresenta um padrão bastante regular em que as mulheres demonstram maior preferência pelas variantes lingüísticas mais prestigiadas socialmente.

Por preferirem as variantes lingüísticas de mais prestígio, Paiva (2003: 36) acrescenta que as mulheres costumam ter um comportamento diverso do apresentado pelos homens em caso de mudança:

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada (...) as mulheres tendem a assumir a liderança na mudança. Ao contrário, quando se trata de implementar uma forma socialmente desprestigiada, as mulheres assumem uma atitude conservadora e os homens tomam a liderança no processo.

O fator **nível de formalidade do discurso** foi incluído para verificar se havia uma alteração na aplicação da variação por parte dos falantes em dois tipos diferentes de discurso: a fala informal e a fala formal. A fala informal foi observada por meio do diálogo entre entrevistadora e informante. A fala formal, mais monitorada, foi observada por meio da leitura de um texto (cf. Anexo -A). A hipótese é que os dois tipos de discurso apresentem níveis distintos de variação, com o mais alto localizado na fala informal. O nível de formalidade do discurso está ligado ao que Bortoni-Ricardo (1998: 102) chama de *continuum* de letramento, “cujos pólos são constituídos, respectivamente, por atividades de oralidade e atividades de letramento”. Assim, a coleta de dados feita nos dois pólos do *continuum* de letramento possibilitará a comparação da variação na fala dos informantes, uma vez que o falante procura se acomodar ao tipo de atividade, conforme a experiência de Bortoni-Ricardo (1998:102):

No projeto “Currículo Bidual de Língua Portuguesa para o 1º Grau”, ambientado em escolas rurais e escolas urbanas de periferia, pudemos demonstrar que o *continuum* de letramento corre paralelo à standardização da língua. Nos diversos domínios sociais, inclusive na sala de aula, as atividades próprias da oralidade são conduzidas em variedades informais da língua, enquanto para as atividades de letramento os falantes reservam um linguajar mais cuidado.

Assim, temos ao todo 5 grupos de fatores extralingüísticos:

- a. sexo;
- b. escolaridade;
- c. classe socioeconômica;
- d. contato com Brasília;
- e. nível de formalidade do discurso.

6.2.3 Grupo de fatores controle lexical

O último grupo de fatores incluído para a análise da variável dependente é o que chamamos de **controle lexical**. Vimos a necessidade da criação desse grupo quando da codificação dos dados, diante de uma grande quantidade de ocorrências de itens lexicais como *você, pessoal, semana, menino, porque*, dentre outros. Esse itens, além de serem frequentes, geralmente eram produzidos categoricamente com uma variante. Como tínhamos em mente, também, a controvérsia lingüística entre os neogramáticos e difusionistas, a criação de um grupo que controlasse os itens lexicais nos ajudaria a discutir, com mais propriedade, essa questão.

A esse grupo voltamos várias vezes, tanto no momento da codificação quanto durante a análise, incluindo, modificando e aprimorando o controle lexical. Ao final, 30 fatores foram considerados:

1. você;
2. semana;
3. porque;
4. pessoa;
5. pessoal;
6. bonito/a;
7. menino/a;
8. pequeno/a;
9. sotaque;
10. depois;

11. Goiás, goiano, Goiânia;
12. prefeito, prefeitura;
13. polícia, policial, policiamento;
14. apesar;
15. professor/a;
16. reais (moeda);
17. demais;
18. perigo, perigoso;
19. segundo/a, seguro, segurança;
20. itens iniciados com ditongos em *oi-*: oitenta, oitava;
21. itens com ditongo crescente *io-* diante de alveolar nasal [n]: tradicional, nacional, funcionário, funcionava, etc;
22. itens iniciados com a seqüência *e/N/C-*: então, enquanto, embora, empresa, etc;
23. itens iniciados com a seqüência *e/S/C-*: escola, estudo, esposo, explica, etc;
24. itens iniciados com o prefixo *de/S/-*: desanima, desorganizado, descansa, etc;
25. itens iniciados com a seqüência *e[z]V-*: existe, exatamente, exame, exigia;
26. itens com sufixo diminutivo *-inho/a* cuja tônica primitiva é [e] ou [o]: todinho, folhetinho, fresquinho, neguinho, docinho, doninha, etc;
27. itens invariáveis com as vogais /e/ e /o/ nasais, do tipo *CV/N/*: tentando, lembrança, construiu, companhia, interrompida, etc;
28. itens com a seqüência *ko/N/-* com possibilidade de variação: conversa, consulta, concurso, etc;
29. itens cuja pretônica se encontra uma sílaba antes da tônica, nas seguintes formas verbais: pretéritos perfeitos de 1^a. e 2^a. conjugações – recebeu, comeu, morreu, tomou – e infinitivos de 2^a. conjugação – morrer, comer.
30. os itens lexicais restantes.

O controle lexical foi aperfeiçoado a partir da utilização do programa computacional *Z-text* (Zinglé, 1998), que gera listas com a frequência de itens lexicais⁶². Com ele, foi possível a constituição de um glossário (cf. Anexo – C), o qual permitiu que

⁶² Aqui dispensamos um agradecimento especial à Profa. Orlene Lucia de Sabóia Carvalho, que nos ajudou no manuseio do programa *Z-text*.

tivéssemos uma melhor visão da distribuição dos itens lexicais no *corpus*, bem como serviu de auxílio na análise dos dados.

6.3 Primeiras impressões

A primeira etapa da análise dos dados nos forneceu os percentuais de variação das vogais médias /e/ e /o/ na fala de Formosa. Na tabela 3, estão expostos, além dos percentuais, a distribuição dos dados por vogal em cada variante: o total de dados da vogal anterior /e/ foi de 3.683 e da vogal posterior /o/, de 2.863. As duas vogais apresentaram índices semelhantes de variação: mantiveram-se na casa dos 62% na variante média-fechada; na variante média-aberta, em que a média total foi de 13,2%, a vogal /o/ se sobressaiu levemente, com um índice de 14,7%; o oposto ocorreu na variante alta, em que a vogal /e/ ultrapassou levemente a média total.

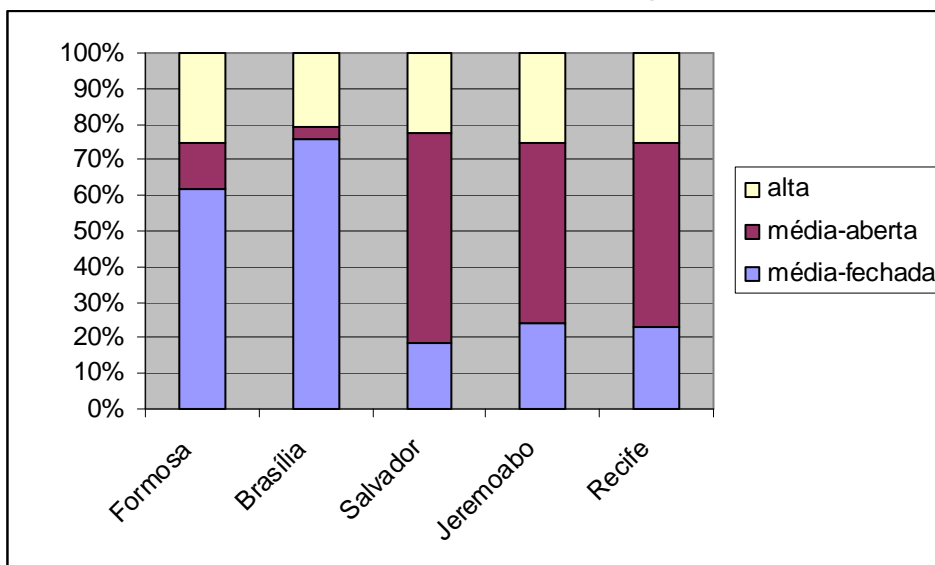
TABELA 3: PERCENTUAL DE VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE FORMOSA – COM TODOS OS DADOS

	Variante média-fechada [e o]	Variante média-aberta [ɛ ɔ]	Variante alta [i u]
vogal /e/	2265/3683 = 61,5%	446/3683 = 12,1%	972/3683 = 26,4%
vogal /o/	1780/2863 = 62,2%	420/2863 = 14,7%	663/2863 = 23,2%
Total	4045/6546 = 61,8%	866/6546 = 13,2%	1635/6546 = 25%

A partir desses resultados, é possível compor um gráfico comparativo entre a fala de Formosa e a de outras cidades já pesquisadas. Os números apresentados no gráfico 4 baseiam-se no trabalho de Corrêa (1998) sobre a fala de Brasília, no de Silva (1989) sobre a

fala de Salvador, no de Soares (2004), sobre a fala de Jeremoabo/BA, e no de Silva (apud Soares, 2004), sobre a de Recife.⁶³

GRÁFICO 4: PERCENTUAL DE VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE FORMOSA, BRASÍLIA, SALVADOR, JEREMOABO E RECIFE (COM TODOS OS DADOS DO CORPUS DE FORMOSA)



Ressaltamos que o gráfico 4 acima não toma os percentuais de variação como números absolutos, mas como tendências, já que cada pesquisa tem suas particularidades e nem sempre as vogais pretônicas são tratadas da mesma maneira. Os percentuais de Formosa, por exemplo, incluem todos os ambientes em que as vogais aparecem na língua portuguesa, enquanto os percentuais de Salvador desconsideram as pretônicas nasais, como em *atenção e conquista*.

Ainda assim, é possível verificar que:

- Há um equilíbrio no percentual da variante alta, entre 20 e 25%, o que a confirma como um fenômeno supra-dialetal;

⁶³ Como não tivemos acesso aos resultados percentuais da variação das vogais médias pretônicas nos trabalhos conduzidos em cidades da região Sul e Sudeste, não pudemos incluí-los no gráfico 4. Sem dúvida, a inclusão desses resultados nos possibilitaria uma comparação mais completa.

- A fala de Brasília é a que menos apresenta variação. As variantes estão assim divididas: 75% de ocorrências na forma média-fechada – *menor, normal*; 3,5% de ocorrências na forma média-aberta – *rèsposta, Fòrtaleza*; 20,5% de ocorrências altas – *pirigoso, cumigo*. Esses resultados comprovam a formação de uma variedade lingüística diferenciada no DF, que se comporta como uma ilha lingüística dentro do subfalar baiano. Segundo Bortoni-Ricardo (2004), a fala do brasiliense representa o produto do intenso contato entre as variedades do PB faladas no país:

Esse contato dá uma certa dinâmica no sentido de incorporar palavras regionais, mas o que prevalece mesmo é um amálgama, que é uma mistura. Mas, ao misturar, a pesquisa não mostra o privilegiamento de nenhuma região. Não falamos como os cariocas ou como os cearenses ou como os catarinenses. Então, quando o brasiliense fala, ele não se associa a nenhuma região. Ao fazer isso, ele cria uma identidade lingüística própria. E essa identidade lingüística é a de um Brasil urbano, cosmopolita.

- Em Formosa e em Brasília, a variante média-fechada é a predominante, ficando acima dos 60% em ambas as pesquisas, enquanto em Salvador, Jeremoabo e Recife, a variante média-aberta se destaca, com 59%, 50,5% e 52%, respectivamente.
- Assim, excluindo os índices de elevação – que são semelhantes em todas as cidades analisadas no gráfico 4 –, e considerando apenas os índices de abaixamento e manutenção das vogais médias, podemos concluir que a fala de Formosa se comporta como uma variedade intermediária.

6.4 Controle lexical

Um dos primeiros passos tomados na análise dos dados da fala de Formosa foi a observação do grupo de fatores **controle lexical**. Esse grupo teve como principal objetivo monitorar itens muito freqüentes na fala dos entrevistados, como *você, menino, porque, polícia*, a fim de averiguar a existência ou não de variação nesses vocábulos, os quais, em muitos estudos, são citados como exemplos de pronúncia categórica, ora na forma alta, ora na

forma média-fechada. Identificar possíveis contextos invariantes é uma medida extremamente relevante em uma pesquisa de linha variacionista, pois, conforme explicitam Guy & Zilles (2007: 36), “contextos categóricos (nos quais não há variação) e contextos neutralizadores (nos quais a variação é irrelevante ou imperceptível) devem ser identificados e, normalmente, são excluídos da análise”. A exclusão de contextos categóricos da análise quantitativa de pesos relativos não é feita, contudo, porque tais dados sejam irrelevantes. Pelo contrário, esses contextos são altamente relevantes para o entendimento do sistema da língua e também dos eventuais caminhos da mudança.

Assim, empreendemos uma busca pelos dados freqüentes produzidos categoricamente por apenas uma das variantes da variável dependente, i.e, ou pela variante alta [i u], ou pela variante média-fechada [e o], ou pela variante média-aberta [ɛ ɔ]. Essa busca foi facilitada após a criação do glossário (Anexo - C). Com ele tínhamos acesso a possíveis itens categóricos não incluídos no grupo de controle lexical, além de poder estender a identificação de contextos categóricos a critérios que iam além do nível lexical, como o contexto fonológico e a classe gramatical. Ressaltamos que, num *corpus* com uma grande quantidade de dados, como o desta pesquisa, extrair as ocorrências categóricas para chegar a um conjunto de ocorrências variáveis é uma tarefa difícil de ser concluída, porque envolve interpretações que podem ser parciais e arbitrárias. Afinal, todos os dados do *corpus* não são o sinônimo de todas as possibilidades da variedade lingüística falada pelos formosenses.

Tendo isso em mente - que o que estamos analisando são os dados do *corpus* com todas as suas limitações e peculiaridades -, o que verificamos foi que as ocorrências categóricas estavam restritas a duas variantes: a média-fechada [e o] e a alta [i u]. Não encontramos itens lexicais produzidos categoricamente com a variante média-aberta [ɛ ɔ]. Pelo contrário, esses dados caracterizaram-se pela variação.

O glossário também nos permitiu ver que a possibilidade de variação entre as três variantes ficou restrita a poucos itens lexicais, conforme relacionado no quadro 21 abaixo. O número entre parênteses corresponde à freqüência do item no *corpus*:

QUADRO 21: ITENS LEXICAIS QUE OCORRERAM COM AS TRÊS VARIANTES

Variante média-fechada [e o]	Variante alta [i u]	Variante média-aberta [e ɔ]
acredito (10)	acridito (4)	acrèdito (1)
começo (subst.) (1)	cumeço (3)	còmeço (1)
esquenta (8)	isquenta (2)	èsquenta (1)
melhor (15)	milhor (3)	mèlhor (7)
serviço (4)	sirviço (7)	sérviço (9)

A maioria dos casos de variação concentrou-se entre as possibilidades média-fechada [e o] e alta [i u] - que corresponde à elevação - e entre a média-fechada [e o] e média-aberta [e ɔ] – que corresponde ao abaixamento. Alguns exemplos são demonstrados no quadro 22 a seguir. A lista completa pode ser conferida no Anexo - E :

QUADRO 22: EXEMPLOS DE ITENS LEXICAIS QUE OCORRERAM COM DUAS VARIANTES

	ELEVAÇÃO variante média-fechada vs. alta [e o] ~ [i u]		ABAIXAMENTO variante média-fechada vs. média-aberta [e o] ~ [e ɔ]	
Vogal /e/	conseguiu (3) crescido (4) dezoito (1) expòrtação (2) feliz (2)	consiguiu (2) criscido (2) dizoito (5) ixpòrtação (1) filiz (1)	cunversando (5) errado (3) oferece (2) telefone (7) terminô (2)	cunvèrsando (9) èrrado (2) ofêrece (1) tèlèfone (7); tèlèfone (1) tèrminô (4)
Vogal /o/	comentando (1) comigo (3) domingo/s (2) governo (1) motivo (10)	cumentando (1) cumigo (15) dumingo/s (9) guverno (8) mutivo (3)	hospital (5) local (5) maioria (17) totalmente (4) violência (5)	hòspital (1) lòcal (2) maidòria (3) tòtalmente (19) violêncìa (3)

Não encontramos casos de variação que excluíssem a variante média-fechada, ou seja, apenas entre as variantes alta e média-aberta, como as verificadas por Silva (1991: 83) na fala de Salvador:

jurnais ~ jòrnais
muderna ~ mòderna
milhor ~ mèlhor
piquena ~ pèquena

As ocorrências categóricas ou quase categóricas constatadas foram de dois tipos: (i) o primeiro, mais restrito, envolveu apenas uma das vogais pretônicas; (ii) o segundo, abrangeu dados de ambas as vogais. Relacionamos a seguir os dados pertencentes a cada um deles.

6.4.1 Ocorrências categóricas e quase categóricas restritas a uma vogal

De acordo com o levantamento feito no *corpus*, permaneceram com a pronúncia média-fechada os itens do quadro 23:

QUADRO 23: CONTROLE DOS ITENS CATEGÓRICOS OU QUASE CATEGÓRICOS COM A VARIANTE MÉDIA-FECHADA

	ITEM	FREQÜÊNCIA	
Vogal /e/	pessoa/pessoal	175	(1 caso de <i>pèssual</i>)
	depois	47	
	prefeito/ura	25	
	semana	32	(1 caso de <i>simana</i>)
	reais (dinheiro)	26	
	apesar	22	(11 dados de leitura)
	professor/a	18	
	Ditongos crescentes em <i>-ie:</i> <i>proprietários</i>	13	(dados de leitura)
	Ditongos crescentes em <i>-ue:</i> <i>freqüentei, agüentando</i>	8	
	Ditongos em <i>ei:</i> <i>aceitá, feijão, deitava, refeição, leilões, etc</i>	14	
Vogal /o/	você	141	
	Goiás/goiano	86	(1 caso de <i>Gòíás</i> e 1 de <i>gòiano</i>)
	Professor/a	18	
	Ditongos crescentes em <i>-io:</i> <i>funcionário; nacional; tradicional.</i>	21	
	Ditongos em <i>oi:</i> <i>oitenta; oitavo, coisêra</i>	13	

Prevaleram com a pronúncia alta os seguintes itens do quadro 24:

QUADRO 24: CONTROLE DOS ITENS CATEGÓRICOS OU QUASE CATEGÓRICOS COM A VARIANTE ALTA

ITEM		FREQÜÊNCIA	
Vogal /e/	piqueno	24	
	minino	25	
	dimais	25	
Vogal /o/	purque	254	(2 casos de <i>porque</i>)
	pessual	78	
	bunito	18	
	pulícia/pulicial	33	
	sutaque	23	(2 casos de <i>sotaque</i>)

Assim, seguindo a recomendação de Guy e Zilles, optamos por retirar das rodadas que calculam os pesos relativos os seguintes itens:

- todos os que apresentaram uma pronúncia categórica – como *minino*, *depois*, *bunito*, *reais*;
- todos os itens que foram produzidos majoritariamente por uma variante, com no máximo duas exceções – como *sutaque*, *purque*, *semana*;
- todos os casos de ditongo relacionados no quadro 23 que, mesmo não frequentes, têm uma possibilidade mínima de variação;
- o item *apesar*, que se destacou por não apresentar variação nem no diálogo nem na leitura.

Outros itens de alta freqüência analisados mais detalhadamente foram os dados da vogal /e/ iniciados com a seqüência *e/N/-* e *e/S/-*. Conforme abordamos no capítulo 3, vocábulos iniciados com essas seqüências são, desde o século XVI, propensos a serem realizados com a vogal alta [i]. É possível que, no *corpus* analisado (bem como em todo o PB), a forte tendência para a elevação em itens com esse contexto decorra dessa força

histórica. Registramos: *imbora, impresa, intendeu, ingraxando, ingraçado, intorno, intregô, inxergava*, dentre outros.

A tendência para a elevação, porém, não suprimiu a variação. Alguns itens com as sequências *e/N/-* e *e/S/-* foram pronunciados com a variante média-fechada e outros variaram. Boa parte do número de manutenção da variante média-fechada deveu-se aos dados de leitura, relacionados a seguir:

encantado (2) ~ incantado (3)
 enquanto (2) ~ inquanto (15)
 enrolado (7) ~ inrolado (3)

estrelado (5) ~ istrelado (6)
 esquentada (8) ~ isquentada (2) ~ èsquentada (1)

A tabela 4 a seguir mostra a distribuição dos itens iniciados com a sequência *e/N/-* e *e/S/-* quanto ao tipo de discurso, se diálogo ou leitura, nas variantes alta, média-fechada e média-aberta da pretônica /e/:

TABELA 4: DISTRIBUIÇÃO DOS ITENS INICIADOS COM A SEQÜÊNCIA /EN/- E /ES/- NO GRUPO DE FATORES TIPO DE DISCURSO: DIÁLOGO VS. LEITURA

		Variante alta [i]	Variante média-fechada [e]	Variante média-aberta [ɛ]
<i>e/N/- então, enquanto, ingraçado, etc.</i>	Diálogo	351/383 = 92%	32/383 = 8%	0/383 = 0%
	Leitura	10/21 = 48%	11/21 = 52%	0/21 = 0%
	Total	361/404 = 89%	43/404 = 11%	0/404 = 0%
<i>e/S/- estudo; esquisito; expectativa, etc.</i>	Diálogo	240/245 = 98%	5/245 = 2%	0/245 = 0%
	Leitura	8/22 = 36%	13/22 = 59%	1/22 = 5%
	Total	248/267 = 93%	18/267 = 7%	1/267 = 0,4%
Total geral da Vogal /e/		972/3683 = 26,4%	2265/3683 = 61,5%	446/3683 = 12,1%

Num primeiro momento, os resultados da tabela 4 mostram que, nesses itens, a variante alta prevaleceu. Tanto para a seqüência *e/N/-* quanto para a seqüência *e/S/-* a média percentual parcial da variante alta – 89% e 93% - ficou bem acima da média percentual total para a vogal /e/, que foi de 26,4%. A comparação entre os percentuais obtidos para o diálogo e para a leitura, por sua vez, atestam que a escolha da variante alta [i] ocorreu com mais freqüência durante o diálogo (92% para *e/N/-* e 98% para *e/S/-*), mas caiu durante a leitura (48% para *e/N/-* e 36% para *e/S/-*). Note-se que, mesmo com a queda do uso da variante alta durante a leitura, o percentual ainda permaneceu acima da média total geral para a vogal /e/.

A observação dos resultados na coluna referente à variante média-fechada [e] demonstra que a escolha da variante média-fechada para o grupo de fatores tipo de discurso (11% para *e/N/-* e 7% para *e/S/-*) ficou bem abaixo da média percentual total dessa variante para a vogal /e/, que foi de 61,5%. Assim, percebe-se um processo de escolha contrário ao ocorrido para a variante alta [i]: enquanto durante o diálogo os informantes utilizaram pouco a variante média, com um percentual de 8% para *e/N/-* e 2% para *e/S/-* (ficando, em ambas as seqüências, abaixo do percentual de uso dessa variante no grupo de fatores tipo de discurso), durante a leitura o índice subiu para 52%, no caso da seqüência *e/N/-*, e para 59%, no caso da seqüência *e/S/-*.

Já quanto à variante média-aberta [ɛ], pode-se dizer que foi praticamente desconsiderada pelos falantes em dados pertencentes a esse grupo: *e/N/-* e *e/S/-*, fato que restringe a possibilidade de variação às variantes alta [i] e média-fechada [e].

Assim, ignorando os casos de manutenção da variante média na leitura, já esperados pelo grau de formalidade maior, constatamos que a variação nos ambientes *e/N/-* e *e/S/-* ocorreu durante o diálogo nos seguintes itens:

Itens iniciados com e/S/-

esquisito (1) ~ isquisito (1)
 estados (1) ~ istados (16)

Itens iniciados com e/N/-

então (4) ~ intão (169)
 entorno (1) ~ intorno (13)
 entrá (2) ~ intrá (2)
 entrada (1) ~ intrada (1)
 entrô (3) ~ intrô (1)
 envolve (1) ~ envolve (4)
 envolvê (2) ~ involvê (1)
 envolvido (1) ~ involvido (1)

Contrastando a lista acima com os resultados da tabela 4, observamos uma pequena diferença, porém relevante, no uso das variantes alta e média-fechada em itens com as seqüências *e/N/-* e *e/S/-*. O uso da alta [i] parece ser mais categórico para itens do tipo *e/S/-* do que para *e/N/-*. Registramos apenas duas ocorrências com a variante média-fechada em itens pertencentes ao grupo *e/S/-*, uma para o item *esquisito* e outra para o item *Estados*. Em vocábulos com a seqüência *e/N/-*, entretanto, a oscilação entre as variantes alta e média-fechada foi maior, sendo que a maioria dos casos se tratam dos verbos *entrar* e *envolver*.

Na relação dos itens iniciados com *e/N/-* e *e/S/-* realizados apenas com a variante média-fechada [e] durante o diálogo, detectamos a presença de muitos verbos na lista referente a *e/N/-* :

Itens iniciados com e/S/-

expòrtação (3)

Itens iniciados com e/N/-

enfiei (1)
 encontrado (2)
 encontrô (2)
 entrevista (5)
 entrevistá (1)
 endividô (1)
 encará (1)
 enfoque (1)
 enriquecendo (1)
 encerra (1)

O que parece haver, portanto, ao menos para os dados com a seqüência *e/N/-*, é uma resistência à elevação por parte de alguns verbos, tais como os encontrados no *corpus* aqui pesquisado: *envolver*, *entrar*, *enfiar*, *encontrar*, *entrevistar*, *enriquecer*. Itens iniciados

com *e/N/-* pertencentes a outras classes de palavras, como substantivos e preposições, apresentaram, predominantemente, a variante alta; por exemplo: *imprego* (17), *impresa* (16) e *imbora* (16).

A constituição da tabela 5 a seguir procurou demonstrar melhor, por meio do cálculo dos percentuais, a distribuição dos dados iniciados com *e/N/-* de acordo com a classe de palavra: verbos vs. não-verbos. Nesta tabela foram contados todos os dados, tanto os de diálogo quanto os de leitura.

TABELA 5: VARIAÇÃO DE ITENS INICIADOS COM *E/N/-*: CLASSE DOS VERBOS VS. NÃO-VERBOS

	Variante alta [i]	Variante média- fechada [e]	
Verbos	75/361 = 20,8%	29/43 = 67,4%	Total de verbos: 104/404 = 25,8%
Não-verbos	286/361 = 79,2%	14/43 = 32,6%	Total de não-verbos: 300/404 = 74,2%
Total geral da Vogal /e/	972/3683 = 26,4%	2265/3683 = 61,5%	

Os resultados expostos na tabela 5 mostram que, em palavras iniciadas com *e/N/-* que fazem parte da classe dos verbos, a variante média-fechada [e] foi a mais selecionada, com um percentual de 67,4% - índice superior, inclusive, ao percentual total para essa variante em relação à pretônica /e/, de 61,5%. Já para itens que não fazem parte da classe dos verbos, a variante alta [i] foi a mais selecionada, atingindo um percentual de 79,2%.

Esses resultados são, no mínimo, intrigantes. Um estudo que levasse em conta apenas o contexto inicial de palavra com a vogal /e/ talvez pudesse elucidar esses casos. Lembramos que a maioria das pesquisas sobre as vogais pretônicas realizadas no Brasil ou ignoram ou excluem esse contexto da análise. Optaremos, inicialmente, por tirar os dados de diálogo com as seqüências *e/N/-* e *e/S/-* das rodadas para o cálculo dos pesos relativos. Os dados referentes à leitura, no entanto, permanecerão nas rodadas.

6.4.2 Ocorrências categóricas e quase categóricas com ambas as vogais pretônicas

Fizeram parte do segundo grupo analisado contextos em que as duas vogais pretônicas estiveram envolvidas. Constatamos ocorrências categóricas ou quase categóricas em dois conjuntos de dados, expostos na tabela 6:

TABELA 6: CONTROLE DOS CONTEXTOS CATEGÓRICOS E QUASE CATEGÓRICOS COM AS DUAS VOGAIS PRETÔNICAS

	VOGAL /E/		VOGAL /O/		TOTAL	
	Variante alta [i]	Variante média-fechada [e]	Variante alta [u]	Variante média-fechada [o]	Variante Alta [i, u]	Variante média-fechada [e, o]
Sílabas do tipo CV/N/: <i>atenção; lembrança; companhia; interrompida</i>	15/166 9%	151/166 91%	53/279 19%	228/279 81%	68/445 15%	379/445 85%
Pretéritos perfeitos de 1 ^a .e 2 ^a .conj. – <i>comeu, morreu, tomou</i> – e infinitivos de 2 ^a .conj. – <i>morrer, comer</i> .	0/252 0%	252/252 100%	6/104 6%	98/104 94%	6/356 2%	350/356 98%

Desde os primeiros contatos com os dados percebemos que as sílabas travadas pelo arquifonema nasal, do tipo CV/N/, apresentavam pouca variação. Dos 166 dados da vogal anterior /e/ nesse contexto, 15 sofreram elevação (9%), os quais ficaram resumidos à família de dois verbos da 3^a.conjugação: *mentir* e *sentir*:

mintí (2)
mentira (1) ~ mintira (2)
mintiu (2)
sentia (2) ~ sintia (5)
sentido (2) ~ sintido (1)
sintindo (3)

Os outros dados com ambiente semelhante aos itens acima relacionados - vogal alta na sílaba seguinte - e, portanto, suscetíveis à aplicação da harmonização vocálica, não foram pronunciados com a variante alta: *atendi, atendia, atendimento; essencialmente; aparentemente; Vicentina; influenciô; venci; incentivo; licenciatura; pendular*. Curiosamente, boa parte dos itens que permaneceram com a pronúncia média-fechada são verbos da 1^a. e 2^a. conjugações, ou derivados deles. Isso pode ser um indício de que, para as sílabas travadas com arquifonema nasal cuja pretônica é a média anterior /e/, a harmonização vocálica tenha sua atuação condicionada a relações assumidas com outros níveis da língua, fato que contraria os princípios neogramáticos.

Como os casos de elevação com a pretônica /e/ no contexto CV/N/ ficaram restritos a poucos dados, optaremos por não incluí-los nas rodadas de peso relativo.

Nos 279 dados com arquifonema nasal da vogal /o/, verificamos que o único contexto propício à elevação eram palavras com a seqüência /koN/, do tipo *complicado, conversar, acompanhar*. Todos os outros itens permaneceram com a variante média-fechada: *rondando, respondendo, montá, etc*. Descobrimos, então, a existência de dois grupos nos dados da vogal posterior /o/: um em que a variação era uma possibilidade e outro em que a variação não o era. Assim, elaboramos uma lista apenas com os dados do tipo /koN/; todas as outras ocorrências categóricas com a variante média-fechada [o] foram ignoradas. Partimos, em seguida, para uma análise cuidadosa do ambiente fonológico seguinte (vogais e consoantes), a fim de verificar se os dados que haviam sofrido elevação compartilhavam algum traço fonológico. Não conseguimos chegar a uma conclusão definitiva. Percebemos, contudo, que os dados que continham na sílaba seguinte as vogais [a] oral ou [o], como em *contato, concorrido, controlá, compará*; assim como aqueles cuja coda silábica era um /S/, como em *construí e constante*, não variavam. Além destes, não variaram os 11 dados do item *consertado*, produzidos durante a leitura.

Formulamos, finalmente, uma segunda lista, na qual permaneceram todos os itens com contexto fonológico igual aos que apresentaram elevação, assumindo que itens com os mesmos contextos fonológicos têm condições iguais de variação. Ainda assim a lista continuou com um grande número de dados: 219 ao todo. Todos esses dados do tipo /koN/ estão relacionados no quadro 25. A distribuição foi feita de acordo com a classe gramatical; os dados que elevaram estão em destaque.

QUADRO 25: ITENS LEXICAIS DO TIPO /KON/ COM POSSIBILIDADE DE VARIAÇÃO

Verbos	Substantivos	Adjetivos particípios	Gerúndios
acompanhá acompanhê acontece acontecer	combustível companhia complexo computador	(in)completos acontecido/ aconticido combinado complicada ~ cumplicado	acontecendo comprando contribuindo conversando ~ cunversando/ cunvèrsando cunsiguindo
aconteceu acumpanha compensa compensaria complicava compramos confunde consegue conseguem consequia conseguiu/consiguiu considerar considero consigo consigui/consegui ~ cunsiguí consiguisse continua continuí ~ cuntinuí continuamos continuei conversá/convèrsá ~ cunversá conversa ~ cunversa conversam ~ cunversam conversava ~ cunversava conversei convive convivi convivo cunversô cunvidarem disconfiá	concurso ~ cuncurso condição condições confiança conflito conquista consulta ~ cunconsulta consultoria contexto contingente contribuição convivência convulsõeszinhas cunversazinha	complicador concurado confiável disconfiado iscondida	Advérbios completamente

A observação do quadro 25 não nos permite dizer que a variação esteja sendo motivada única e exclusivamente pelo contexto fonológico. Ela é relevante mas não é a regra,

já que a maioria dos itens não elevou. Isso nos levou a algumas conclusões intuitivas: a primeira foi a de que os verbos, ao contrário do que ocorre com a pretônica /e/, parecem ser mais propensos à elevação do que itens pertencentes a outras classes de palavras; a segunda, ligada à anterior, a de que a variação de itens do tipo /koN/ entra na língua por meio dos verbos. Como os itens em contexto com arquifonema nasal da pretônica /o/ - mais especificamente do tipo /koN/ -, apresentaram um grau de variação maior do que os da pretônica /e/, decidimos manter os dados do tipo /koN/ relacionados no quadro 25 nas rodadas de peso relativo.

Reforçamos que talvez uma pesquisa cujo tema seja apenas as vogais pretônicas travadas com arquifonema nasal e em que os dados sejam quantificados levando em conta as classes de palavras a que pertencem possa chegar a resultados mais precisos.

Já os dados do segundo conjunto da tabela 6, os pretéritos de 1^a. e 2^a. conjugações, bem como os infinitivos de 2^a. conjugação, tiveram um índice ainda menor de elevação. Dos 252 dados com a pretônica /e/, todos foram realizados com a variante média-fechada. E dos 104 dados com a pretônica /o/, apenas 6 sofreram elevação: *almuçô* (1), *cumeu* (3) e *podê* (2), que variou com *podê* (1).

Nesse conjunto, foram incluídos todos os dados em que a pretônica estava uma sílaba imediatamente anterior à tônica, como em *querê*, *leveí*, *sofreu*, *picotô*, *vendedor*, *colocô*. Dados como *recebeu*, *dèrrubô*, *dèfasô*, *pròcurei*, *acustumô*, *pricisô*, *còlocado*, cuja distância da pretônica para a tônica é equivalente a duas sílabas ou mais, apresentaram um alto grau de variação e, portanto, não fizeram parte desse conjunto.

É fato que essas formas dos verbos de 1^a. e 2^a. conjugações contêm um ambiente natural para a manutenção da pronúncia média-fechada, que é uma vogal da mesma altura na sílaba seguinte. Na fala de culta de Salvador, por exemplo, Silva (1989: 124) concluiu que a manutenção da pronúncia média-fechada diante das vogais orais [e] e [o] é uma regra categórica. Mas o interessante é que, na fala de Formosa, itens não pertencentes ao pretérito perfeito da 1^a. e 2^a. conjugações ou ao infinitivo da 2^a. conjugação, mas com contexto fonético semelhante, como o gerúndio, e palavras de outras classes, como os substantivos, apresentaram variação: *còrrendo*, *viòlento*, *pòbreza*, *dèzembro*, *dizoito*, *cumeço*.

Por essa razão, o conjunto de dados que reúne os pretéritos perfeitos da 1ª. e 2ª. conjugações e os infinitivos da 2ª. conjugação serão desconsiderados das rodadas de pesos relativos.

Sintetizando, foram retirados das rodadas de pesos relativos os dados listados nos quadros 26 e 27 a seguir:

QUADRO 26: ITENS CATEGÓRICOS OU QUASE CATEGÓRICOS COM A PRETÔNICA /E/ RETIRADOS DA RODADA DE PESOS RELATIVOS

ITEM	FREQÜÊNCIA	
Com a variante média-fechada [e]		
peessoa/pessoal	175	(1 caso de <i>pèssual</i>)
depois	47	
prefeito/ura	25	
semana	32	(1 caso de <i>simana</i>)
reais (dinheiro)	26	
apesar	22	(11 dados de leitura)
professor/a	18	
Ditongos crescentes em <i>-ie</i> : <i>proprietários</i>	13	(dados de leitura)
Ditongos crescentes em <i>-ue</i> : <i>freqüentei, agüentando</i>	8	
Ditongos em <i>ei</i> : <i>aceitá, feijão, deitava, refeição, leilões, etc</i>	14	
Itens de contexto CV/N/, por exemplo: <i>atenção, lembrança</i>	166	
Pretéritos perfeitos de 1ª. e 2ª. conjugações e infinitivos de 2ª. conjugação, por exemplo: <i>pegou, cheguei, perder.</i>	252	
Com a variante alta [i]		
piqueno	24	
minino	25	
dimais	25	
Itens iniciados com <i>e/N/-</i> , por exemplo: <i>intão, ingravidei, imprego</i>	383	
Itens iniciados com <i>e/S/-</i> , por exemplo: <i>iscola, ixportação.</i>	245	

QUADRO 27: ITENS CATEGÓRICOS OU QUASE CATEGÓRICOS COM A PRETÔNICA /o/ RETIRADOS DA RODADA DE PESOS RELATIVOS

ITEM	FREQUÊNCIA	
Com a variante média-fechada [o]		
Goiás/goiano	86	(1 caso de <i>Gòias</i> e 1 de <i>gòiano</i>)
Professor/a	18	
Ditongos crescentes em <i>-io</i> : <i>funcionário; nacional; tradicional</i> .	21	
Ditongos em <i>oi</i> : <i>oitenta; oitavo, coisêra</i>	13	
Itens de contexto CV/N/, por exemplo: <i>construção, interrompida</i>	60	
Pretéritos perfeitos de 1 ^a . e 2 ^a . conjugações e infinitivos de 2 ^a . conjugação, por exemplo: <i>tomou, morreu, comer</i> .	104	
Com a variante alta [u]		
purque	254	(2 casos de <i>porque</i>)
pessual	78	
bunito	18	
pulícia/pulicial	33	
sutaque	23	(2 casos de <i>sotaque</i>)

Com a retirada dos dados, ficamos com um conjunto de 4.123 dados, cuja distribuição pode ser acompanhada na tabela 7 abaixo:

TABELA 7: PERCENTUAL DE VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE FORMOSA – SEM CONTEXTOS CATEGÓRICOS E QUASE CATEGÓRICOS

	Variante média-fechada [e o]	Variante média-aberta [ɛ ɔ]	Variante alta [i u]
vogal /e/	1445/2176 = 66,4%	445/2176 = 20,5%	286/2176 = 13,1%
vogal /o/	1278/1947 = 65,6%	418/1947 = 21,5%	251/1947 = 12,9%
Total	2723/4123 = 66%	863/4123 = 21%	537/4123 = 13%

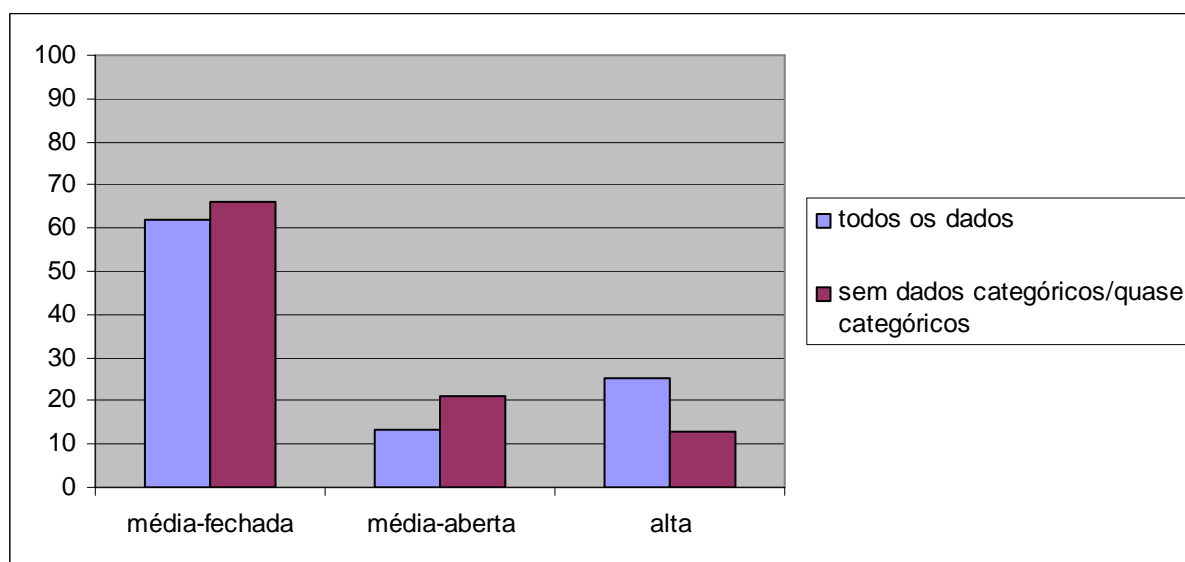
Os novos percentuais têm algumas semelhanças àqueles obtidos com todos os dados: os percentuais para as vogais /e/ e /o/ permaneceram bastante próximos em cada variante. A principal diferença entre os resultados com todos os dados e sem as ocorrências categóricas/quase categóricas pode ser vista na comparação dos percentuais totais. O destaque abaixo traz os percentuais totais obtidos antes da retirada dos dados (cf. Tabela 3).

Variante média-fechada [e o]	Variante média-aberta [ɛ ɔ]	Variante alta [i u]
4045/6546 = 61,8%	866/6546 = 13,2%	1635/6546 = 25%

Como pode-se ver, a variante alta, que apresentava muitos dados categóricos e quase categóricos, sofreu uma redução significativa: de 25% para 13%. O mesmo não ocorreu com a variante média-fechada, que também teve uma grande parcela de dados retirados: o índice aumentou de 61,8% para 66%. Já a variante média-aberta, que teve apenas 3 dados

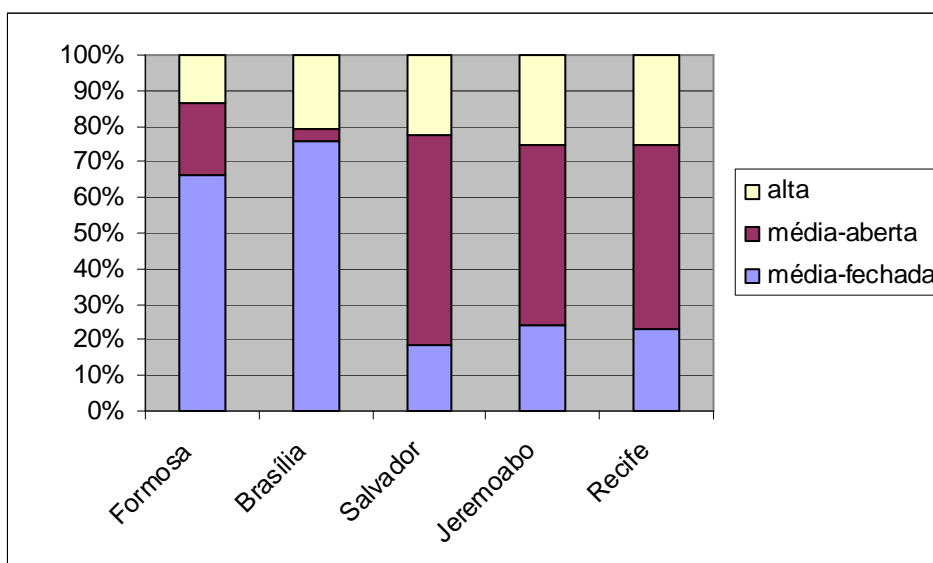
retirados, passou pelo processo contrário da variante alta: aumentou de 13,2% para 21%. Os dois resultados podem ser melhor visualizados no gráfico 5:

GRÁFICO 5: PERCENTUAIS DE VARIAÇÃO DAS PRETÔNICAS NA FALA DE FORMOSA: COMPARAÇÃO ENTRE TODOS OS DADOS VS. DADOS SEM CONTEXTOS CATEGÓRICOS E QUASE CATEGÓRICOS



Esses novos resultados percentuais possibilitam uma nova comparação entre os índices de variação encontrados na fala de Formosa e os de outras cidades, conforme o gráfico 6 a seguir:

GRÁFICO 6: GRÁFICO 4: PERCENTUAL DE VARIAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS NA FALA DE FORMOSA, BRASÍLIA, SALVADOR, JEREMOABO E RECIFE (SEM DADOS CATEGÓRICOS OU QUASE CATEGÓRICOS DO CORPUS DE FORMOSA)



Apesar de a comparação ser limitada, já que cada pesquisa tem uma abordagem diferente e retira dados distintos, é possível ter uma idéia do comportamento da variedade formosense em relação às outras variedades. No gráfico 6, vê-se que o percentual de elevação ficou abaixo da média geral, enquanto os índices de abaixamento e da manutenção da pronúncia média-fechada aumentaram. Ainda assim, o percentual de abaixamento é menor que o de verificado em cidades nordestinas e o de manutenção da média-fechada é menor que o encontrado por Corrêa (1998) em Brasília. Ou seja, a fala de Formosa ocupa, de fato, um lugar intermediário entre a fala de Brasília e a fala de cidades nordestinas.

Neste tópico procuramos demonstrar e discutir os resultados obtidos a partir do grupo de fatores controle lexical. Controlar os itens lexicais foi essencial em nossa pesquisa, porque evidenciou a presença de contextos categóricos/quase categóricos no *corpus* de fala de Formosa. Além disso, conseguimos monitorar o comportamento de itens lexicais frequentes, muitos deles citados em outras pesquisas sobre as vogais pretônicas.

O objetivo final desse grupo não foi simplesmente encontrar itens lexicais invariáveis para retirá-los das rodadas de pesos relativos, mas a realização de uma análise prévia desses contextos categóricos ou quase categóricos. Acreditamos, como Bybee (2002),

que o efeito da frequência não atua de forma isolada sobre os itens lexicais, mas conjuntamente com o contexto de uso favorável à mudança. Além disso, muitos dos itens considerados categóricos o são em função do contexto fonológico em que se encontram e da frequência da ocorrência, ou seja, nos termos de Bybee, eles apresentam duas características fundamentais que os conduzem à fixação de um ‘tipo’ fonológico.

6.5 Grupos selecionados

Várias rodadas foram feitas até que encontrássemos a melhor maneira de apresentar os dados. Para isso lançamos mão de todos os recursos que o programa *Goldvarb-X* dispunha e procuramos olhar o *corpus* sob diferentes ângulos, a partir de combinações distintas das variantes, junção de fatores e grupos, exclusão e resolução de contextos categóricos e quase categóricos.

Num primeiro momento, tratamos os dados sob a perspectiva eneária, fazendo rodadas com as três variantes da variável dependente ao mesmo tempo. Conforme avançamos na observação dos dados, especialmente por meio do controle lexical, exposto no tópico 6.4 acima, e do glossário (Anexo - C), vimos que uma rodada ternária não correspondia à realidade do fenômeno. Isso porque, embora tenhamos partido do pressuposto de que a variação entre as três variantes – alta [i u], média-fechada [e o] e média-aberta [ɛ ɔ] - num determinado item lexical da língua seja *possível*, ela se mostrou pouco *provável*. Conforme mencionado no tópico anterior, apenas cinco itens lexicais foram realizados com as três variantes, sendo que quatro com a pretônica /e/: *acredito*, *esquenta*, *melhor* e *serviço*, e apenas um com a pretônica /o/: *começo*. A maioria dos casos de variação ocorreu entre duas variantes: ou entre a média-fechada e a média-aberta, como em *local* ~ *lòcal*, ou entre a média-fechada e a alta, como em *feliz* ~ *filiz*, fato que sinaliza diferenças nos contextos de realização do abaixamento e da elevação.

Por essa razão, a fim de captar melhor o processo de abaixamento e de elevação, optamos pela realização das seguintes rodadas binárias:

- (i) variante média-aberta [ɛ ɔ] vs. variante média-fechada [e o], que forneceu os pesos relativos referentes ao abaixamento;
- (ii) variante alta [i u] vs. variante média-fechada [e o], que forneceu os pesos relativos referentes ao fenômeno da elevação;
- (iii) variante média-fechada [e o] vs. outras variantes [ɛ ɔ i u], que projetou a quantidade de manutenção da variante média-fechada⁶⁴.

Cada uma dessas etapas foi realizada com as vogais /e/ e /o/ separadamente. Além disso, a fim de averiguar o efeito dos contextos categóricos sobre os resultados, fizemos rodadas em que estiveram presentes todos os dados - inclusive aqueles com contextos categóricos/quase categóricos-, e sem os dados com contextos categóricos/quase categóricos, já relacionados nos quadros 26 e 27.

A seleção dos grupos relevantes em cada uma das etapas foi bastante diferenciada. Por questão de espaço, privilegiamos a apresentação dos resultados referentes às rodadas sem os contextos categóricos/quase categóricos. O quadro 28 a seguir apresenta os grupos de fatores selecionados.⁶⁵ Em verde estão os grupos de fatores lingüísticos, em rosa os não-lingüísticos e as células não preenchidas indicam os grupos não selecionados. O número 1 indica o primeiro grupo selecionado pelo programa em cada rodada.

⁶⁴ Ressaltamos que as rodadas binárias realizadas nesta pesquisa diferem daquelas feitas em outras pesquisas, como, por exemplo, por Silva (1989), Soares (2004) e Corrêa (1998). Os trabalhos de Silva e Soares basearam-se em resultados obtidos em rodadas binárias do seguinte tipo: (i) variante alta vs. variantes média-aberta e média-fechada, (ii) variante média-aberta vs. variantes alta e média-fechada, (iii) variante média-fechada vs. variantes alta e média-aberta. Já o trabalho de Corrêa intercala rodadas binárias com rodadas ternárias. É importante lembrar que as decisões quanto às rodadas dependem de como os dados são tratados por cada pesquisador, fato que dificulta a comparação direta de resultados.

⁶⁵ A seleção dos grupos de fatores nas rodadas com todos os dados se encontra no Anexo – F.

QUADRO 28: GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS – RODADAS SEM CONTEXTOS CATEGÓRICOS OU QUASE CATEGÓRICOS

		Abaixamento		Elevação		Manutenção da média-fechada	
		Vogal anterior /e/	Vogal posterior /o/	Vogal anterior /e/	Vogal posterior /o/	Vogal anterior /e/	Vogal posterior /o/
Linguísticos	Vogal seguinte						
	Segmento precedente				1		
	Segmento seguinte						1
	Acento secundário						
Extralinguísticos	Classe socioeconômica	1	1			1	
	Sexo						
	Nível de escolaridade						
	Contato com Brasília						
	Tipo de discurso			1			

Como se pode ver, os grupos de fatores não lingüísticos foram os que mais criaram discrepâncias entre as variantes. Apenas 2 rodadas selecionaram, em primeiro lugar, um grupo de fatores lingüístico: o segmento precedente para a elevação da vogal /o/ e o segmento seguinte para a manutenção da pronúncia média-fechada da vogal /o/. O grupo classe socioeconômica foi o primeiro a ser selecionado em três rodadas: no abaixamento de ambas as vogais e na manutenção da média-fechada da anterior /e/. Destacou-se, ainda, o tipo de discurso para a elevação da anterior /e/. Abordaremos primeiramente os grupos de fatores lingüísticos.

6.6 Variáveis lingüísticas

6.6.1 Vogal seguinte

O fator vogal seguinte se mostrou altamente relevante para a variação das vogais médias pretônicas; foi selecionado por todas as variantes em todas as rodadas. As tabelas a seguir mostram os resultados separadamente para cada uma das seis etapas binárias. O valor em **negrito** corresponde ao peso relativo do fator, seguido do número de ocorrências e da porcentagem. Os resultados favorecedores foram destacados em **vermelho**.

Na tabela 8, vê-se que a vogal média-aberta [ɛ] foi responsável pelo abaixamento de ambas as pretônicas, enquanto a média-aberta [ɔ] e a baixa [a] tiveram efeitos favorecedores apenas sobre a posterior /o/. Para a pretônica anterior /e/, a vogal alta [u] atingiu um índice mais elevado do que a média-aberta [ɔ]. Os índices mais favorecedores, contudo, apareceram em contexto nasal. Para a pretônica /e/, a vogal nasal seguinte produzida no mesmo ponto de articulação, [ɛ̃], atingiu o índice mais alto de todos os fatores: 0,852. Para a pretônica /o/, o mesmo ocorreu com a nasal [ɔ̃]: 0,799. Alguns exemplos de abaixamento em contexto nasal são: *difêrente*, *indêpendente*, *crêscendo*, *prêtendo*, *adolêscente*, *rêspôndendo*, *pêrguntando*, *ròlando*, *gòstando*, *pòrtão*, *mòrando*, *còrrendo*, *nòventa*.

TABELA 8: EFEITO DO FATOR VOGAL SEGUINTE SOBRE O ABAIXAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /E/ E /O/: MÉDIA-ABERTA ~ MÉDIA-FECHADA⁶⁶

	Abaixamento de /e/	Abaixamento de /o/		
	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência		
oral	Fatores Exemplos			
	[i] <i>vestibular, motivo</i>	0,389 52/387 = 13,4%	0,294 27/184 = 14,7%	
	[u] <i>cêlulá, procura</i>	0,501 23/83 = 27,7%	0,441 24/109 = 22%	
	[e] <i>bezerra, violência</i>	0,338 41/243 = 16,9%	0,471 42/164 = 25,6%	
	[o] <i>nervoso, chocolate</i>	0,181 12/102 = 11,8%	0,262 16/91 = 17,6%	
	[ɛ] <i>dêtesto, começa</i>	0,711 32/89 = 36%	0,595 30/105 = 28,6%	
	[ɔ] <i>melhor, coloca</i>	0,396 13/59 = 22%	0,574 87/226 = 38,5%	
	[a] <i>cerrado, afôgada</i>	0,437 87/415 = 21%	0,555 129/414 = 31,2%	
	nasal	[ĩ] <i>termina, dormindo</i>	0,560 13/43 = 30,2%	0,334 6/57 = 10,5%
		[ũ] <i>pergunta, pronuncia</i>	0,434 6/19 = 31,6%	--
[ẽ] <i>crescendo, correndo</i>		0,852 118/240 = 49,2%	0,651 30/94 = 31,9%	
[õ] <i>vergonha</i>		0,626 8/28 = 28,6%	--	
[ã] <i>restante, chorando</i>		0,681 40/134 = 29,9%	0,799 27/60 = 45%	
Total		445/1842 = 24,2%	418/1504 = 27,8%	
Significância	0,036	0,000		

⁶⁶ Nestas rodadas, retiraram-se, ainda, além dos itens citados nos quadros 26 e 27, os seguintes itens, por não apresentarem a possibilidade de abaixamento: (i) para a pretônica /e/ - 12 dados de pretônica seguida de arquifonema nasal /N/ (p.ex. *encantado* – dado de leitura); 2 dados com a palatal lateral precedente (*folhetinho*); 34 dados com a palatal nasal precedente e seguinte (p.ex. *conhecimento, senhor*); (ii) para a pretônica /o/ - 25 dados de palatal nasal seguinte (p.ex. *conhecido*) e 167 dados de pretônica seguida de arquifonema nasal /N/ (p.ex. *conseguiu*).

Os altos índices de abaixamento em contexto de vogal nasal seguinte foram observados também por Silva (1989) na fala culta de Salvador, conforme já exposto na tabela 2. Resultados semelhantes são apresentados por Bortoni, Gomes & Malvar (cf. 1992: 21) na fala de Brasília. No entanto, ainda não foi possível encontrar uma explicação de fundo fonético para o efeito da nasal, refletido nestes resultados.

Nas rodadas em que se verificou a aplicação da elevação, a harmonização vocálica se mostrou mais evidente para a vogal anterior /e/ em contexto nasal; para a vogal posterior /o/, em contexto oral, conforme os resultados apresentados na tabela 9 da página seguinte.

A vogal alta homorgânica [i], ou seja, produzida no mesmo ponto de articulação da anterior /i/, teve um peso relativo alto: 0,816 em contexto oral. É o caso de *quiria*, *criscido*, *precisa*, *vistido*, *sirviço*, *divia*, *paricido*. A vogal alta não-homorgânica [u], que também deveria ocasionar a elevação da pretônica anterior, não teve papel relevante. Curiosamente, a vogal média-aberta [ɔ], que teve um peso relativo não expressivo no abaixamento de /e/, favoreceu a elevação dessa pretônica, com peso relativo de 0,611. São 3 casos de *milhor* e 10 de *sinhora*. Em contexto nasal, os efeitos foram robustos para ambas as vogais. Também a nasal média-fechada, embora com poucos dados – *antiontem*, *disconfiá*, *disconfiado* - e, portanto, um caso difícil de ser confirmado, foi indicada como um fator favorecedor da elevação: 0,819.

TABELA 9: EFEITO DO FATOR VOGAL SEGUINTE SOBRE A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /E/ E /O/: ALTA ~ MÉDIA-FECHADA⁶⁷

		Elevação de /e/	Elevação de /o/	
oral	Fatores Exemplos	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	
	[i] <i>mixia, motivo</i>	0,816 124/468 = 28,7%	0,579 52/233 = 22,3%	
	[u] <i>cabiludo, procura</i>	0,388 6/66 = 9,1%	0,645 14/114 = 12,3%	
	[e] <i>bezerra, governo</i>	0,275 11/214 = 5,1%	0,717 67/228 = 29,4%	
	[o] <i>nervoso, chocolate</i>	0,264 14/128 = 10,9%	-- (0/75)	
	[ɛ] <i>deserto, começa</i>	0,062 1/58 = 1,7%	0,678 58/156 = 37,2%	
	[ɔ] <i>melhor</i>	0,611 13/59 = 22%	-- (0/139)	
	[a] <i>cerrado, bucado</i>	0,328 28/356 = 7,8%	0,241 17/295 = 5,8%	
	nasal	[ĩ] <i>pedindo, subrinho</i>	0,579 18/49 = 36,7%	0,356 19/70 = 27,1%
		[ũ] <i>ninham, pronuncia</i>	0,922 30/50 = 60%	0,705 12/22 = 54,5%
[ẽ] <i>desenvolve, duente</i>		0,390 17/139 = 12,2%	0,255 7/70 = 10%	
[õ] <i>disconfiá</i>		0,819 3/23 = 13%	--	
[ã] <i>sinão, vuando</i>		0,387 21/119 = 17,6%	0,340 5/51 = 9,8%	
Total		286/1729 = 16,5%	251/1239 = 20,3%	
Significância		0,025	0,045	

⁶⁷ Para as rodadas em que os índices de elevação foram calculados, retiraram-se, ainda, os seguintes contextos categóricos da variante média-fechada: para a pretônica /e/ - 2 dados com a consoante palatal lateral precedente (*folhetinho*); para a pretônica /o/ - 75 dados com a vogal média-fechada [o] na sílaba seguinte; 139 dados com a vogal média-aberta [ɔ] na sílaba seguinte; 44 dados com a aproximante bilabial [w] em contexto seguinte (ex. *voltando*) e 112 dados com a pretônica em posição inicial, sem segmento precedente (p.ex. *opinião*).

Quanto à vogal posterior /o/, os fatores que mais contribuíram para a elevação, em contexto oral, foram as vogais médias [e] e [ɛ]: 0,717 e 0,648. Para compreender esses resultados, fizemos uma busca aos dados e verificamos que a maioria das ocorrências elevadas com a vogal seguinte média-fechada [e] e média-aberta [ɛ] foram basicamente de dois verbos: *conhecer* e *começar*, que, no *corpus*, apareceram nas formas *cunheço/ia/ido*, *cumeçô/ei/aram* e *cunhece/m*, *cumeça/ndo*. Outras ocorrências foram: *duente*, *governo*, *juelho*, *apruveita*, *sussegado*, *muleque*, *aduece*.

Os dados com a vogal seguinte média podem levantar a suspeita de que a elevação tenha se efetivado mais em razão do contexto consonântico (velar [k] em posição precedente e nasal [m, ɲ] em posição seguinte) do que pelo contexto vocálico. No entanto, se isso fosse verdadeiro, o programa *Goldvarb-X* teria descartado esses fatores, uma vez que o peso relativo, o resultado de uma análise multivariada, é capaz de extrair das diversas correlações existentes entre os grupos de fatores aqueles que são de fato significativos.

Para a elevação da posterior /o/, as vogais altas [i] e [u] tiveram os índices 0,579 e 0,645. É interessante notar que a vogal homorgânica [u] teve um peso relativo mais expressivo que o da não homorgânica [i], mesmo com a porcentagem abaixo da média total: 12,3%. Alguns exemplos são: *murria*, *fulia*, *cumida*, *cumigo*, *durmí*, *cunsulta*, *cuncurso*. Em contexto vocálico nasal, o único fator que se destacou foi a vogal alta homorgânica [ũ], com peso relativo de 0,705. Todos os casos, entretanto, correspondem a itens de uma mesma família: *custume*, *acustuma/ndo*, *acustumô*. O que pode estar atuando, no caso desses itens é, segundo o modelo dos exemplares (Bybee, 2002), a força de um paradigma, desenvolvido pela repetição.

Como muitos dados com contextos categóricos das variantes alta e média-fechada foram retirados, incluímos na tabela 10 a seguir os resultados obtidos para o grupo de fatores vogal seguinte nas rodadas que calcularam a elevação com todos os dados. A comparação entre as tabelas 9 (sem os contextos categóricos e quase categóricos) e a tabela 10 (com todos os dados) revela que os pesos relativos não sofreram mudanças bruscas. Observe-se que, no caso da pretônica /e/, por exemplo, as vogais seguintes orais favorecedoras para a elevação foram as mesmas em ambas as rodadas: a alta [i] e a média-aberta [ɔ]. Isso mostra duas coisas. Primeiro: o programa foi capaz de trabalhar com os contextos categóricos; segundo: os

processos fonológicos que operam por trás dos contextos categóricos são os mesmos daqueles encontrados nos contextos em que a variação foi registrada.

TABELA 10: EFEITO DO FATOR VOGAL SEGUINTE SOBRE A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /e/ E /o/: ALTA ~ MÉDIA FECHADA (RODADAS COM TODOS OS DADOS)⁶⁸

		Elevação de /e/	Elevação de /o/	
oral	Fatores Exemplos	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	
	[i] <i>minino, motivo</i>	0,822 161/542 = 29,7%	0,754 103/331 = 31,1%	
	[u] <i>cabiludo, procura</i>	0,415 75/212 = 35,4%	0,559 14/127 = 11%	
	[e] <i>bezerra, governo</i>	0,299 79/494 = 16%	0,781 326/746 = 43,7%	
	[o] <i>nervoso, chocolate</i>	0,259 51/420 = 12,1%	0,010 1/123 = 0,8%	
	[ɛ] <i>deserto, começa</i>	0,104 21/81 = 25,9%	0,738 58/167 = 34,7%	
	[ɔ] <i>melhor, iscola</i>	0,550 76/127 = 59,8%	-- (0/141)	
	[a] <i>cerrado, bucado</i>	0,428 118/543 = 21,7%	0,197 112/512 = 23%	
	nasal	[ĩ] <i>pedindo, subrinho</i>	0,822 60/97 = 61,9%	0,303 19/71 = 26,8%
		[ũ] <i>ninhum, pronuncia</i>	0,907 31/51 = 60,8%	0,854 12/22 = 54,5%
[ẽ] <i>desenvolve, duente</i>		0,649 61/201 = 30,3%	0,306 7/88 = 8%	
[õ] <i>disconfiá</i>		0,339 8/31 = 25,8%	--	
[ã] <i>intão, vuando</i>		0,530 231/396 = 58,3%	0,218 5/115 = 4,3%	
Total		972/3195 = 30,4%	663/2302 = 28,8%	
Significância	0,030	0,000		

⁶⁸ Foram retirados da rodada com a pretônica /e/ 42 dados em que não houve a possibilidade de ocorrer a elevação: 13 dados com o ditongo crescente *-ie* (p.ex. *proprietários*); 8 dados com o ditongo crescente *-ue* (p.ex. *frequentando*) e 21 dados com o ditongo *-ei* (p.ex. *prefeitura*).

A tabela 11 a seguir apresenta os resultados obtidos nas rodadas referentes à manutenção da média-fechada:

TABELA 11: EFEITO DO FATOR VOGAL SEGUINTE SOBRE A MANUTENÇÃO DA PRONÚNCIA MÉDIA-FECHADA NAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS /E/ E /O/: MÉDIA-FECHADA ~ ALTA E MÉDIA-ABERTA

		Manutenção de /e/	Manutenção de /o/	
oral	Fatores Exemplos	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	
	[i] <i>mixia, motivo</i>	0,438 344/520 = 66,2%	0,555 222/301 = 73,8%	
	[u] <i>cabiludo, procura</i>	0,582 60/89 = 67,4%	0,563 100/138 = 72,5%	
	[e] <i>bezerra, violência</i>	0,667 203/255 = 79,6%	0,332 169/532 = 31,8%	
	[o] <i>nervoso, chocolate</i>	0,787 114/140 = 81,4%	0,752 75/91 = 82,4%	
	[ɛ] <i>dêtesto, começa</i>	0,434 57/90 = 63,3%	0,396 109/197 = 55,3%	
	[ɔ] <i>melhor, coloca</i>	0,508 46/72 = 63,9%	0,628 139/226 = 61,5%	
	[a] <i>cerrado, bucado</i>	0,600 350/465 = 75,3%	0,564 286/432 = 66,2%	
	nasal	[ĩ] <i>pedindo, subrinho</i>	0,378 33/64 = 51,6%	0,660 52/77 = 67,5%
		[ũ] <i>pergunta, pronúncia</i>	0,235 20/56 = 35,7%	.307 10/22 = 45,5%
		[ẽ] <i>crêscendo, correndo</i>	0,267 122/257 = 47,5%	.479 70/107 = 65,4%
		[õ] <i>vergonha</i>	0,390 20/31 = 64,5%	--
		[ã] <i>restante, chorando</i>	0,413 98/159 = 63,5%	.492 48/80 = 60%
		Total	1467/2198 = 66,7%	1280/2203 = 58,1%
Significância	0,010	0,003		

Na tabela 11, as vogais seguintes [e] e [o], ou seja, médias-fechadas, apresentaram valores significativos para a pretônica /e/: 0,667 e 0,787. Já para a pretônica /o/, apenas a média-fechada posterior, ou seja, realizada no mesmo ponto de articulação, favoreceu a variante, com peso relativo de 0,752. Assim, mais uma vez, a assimilação do traço de altura da vogal seguinte se concretizou apenas em parte. Não se mostraram favorecedoras para a manutenção da pronúncia média-fechada da pretônica /o/ as médias anteriores [e] e [e]. No contexto nasal, a vogal alta [i] – *demolindo, forcinha, Anapolina* –, que não havia sido apontada como favorecedora para a elevação da pretônica /o/, aparece como favorecedora na manutenção da média-fechada [o], com peso relativo de 0,660.

A comparação dos resultados obtidos nesta pesquisa com os de Schwindt, que analisou a elevação em dialetos do Sul do país, revela diferenças na aplicação da regra de harmonização vocálica. Schwindt (1997: 64) concluiu que, na fala das capitais da região Sul – Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba –, “a regra de harmonia vocálica apresenta sistematicidade, o que permite considerá-la uma regra gramatical”. Além disso, constatou que “a variação parece ser mais freqüente pela ação conjugada de vários fatores, sendo a presença de uma vogal alta em sílaba contígua o principal condicionador”.

É possível que, como afirma Schwindt, a elevação se efetue mais facilmente quando há a conjugação de vários fatores. Porém, os pesos relativos referentes à elevação na fala de Formosa não apontam as vogais altas como as principais condicionadoras e, portanto, não se pode falar de uma regra gramatical de harmonização vocálica nesta pesquisa.

Em uma outra comparação com os resultados apresentados por Silva, não pudemos confirmar o paralelismo fônico encontrado na fala culta de Salvador: vogais altas elevam as pretônicas, vogais médias-abertas e baixa abaixam as pretônicas e as vogais médias-fechadas tendem a conservar a altura das pretônicas. A tabela 12 abaixo expõe os pesos relativos do contexto vocálico seguinte oral na fala de Salvador (cf. Silva, 1991: 82).

TABELA 12: EFEITO DA VOGAL ORAL SEGUINTE SOBRE AS PRETÔNICAS MÉDIAS DA FALA DE SALVADOR – PESOS RELATIVOS

	PRETÔNICA ANTERIOR			PRETÔNICA POSTERIOR		
	Elevação [i]	Manutenção [e]	Abaixamento [ɛ]	Elevação [u]	Manutenção [o]	Abaixamento [ɔ]
Vogal seguinte						
Altas [u,i]	0,91	0,67	0,18	0,88	0,62	0,19
Médias-fechadas [o,e]	0,29	0,99	0,00	0,47	0,98	0,02
Médias-abertas [ɔ ɛ]	0,61	0,04	0,76	0,44	0,34	0,71
Baixa [a]	--	0,22	0,95	0,06	0,05	0,97

Fonte: Silva (1991: 82) (adaptado)

As diferenças do efeito da harmonização vocálica na fala de Formosa e de Salvador podem ser vistas nos gráficos 7 e 8 abaixo. Para compor esses gráficos, levamos em consideração a média dos pesos relativos da seguinte maneira:

- para a variante alta [i u], que corresponde à elevação, a média entre as vogais seguintes altas [i u];
- para a variante média-fechada [e o], que corresponde à manutenção da média, a média entre as vogais seguintes realizadas na mesma altura [e o];
- para a variante média-aberta [ɛ ɔ], que corresponde ao abaixamento, a média entre as vogais seguintes médias-abertas [ɛ ɔ] e a vogal baixa [a].

GRÁFICO 7: EFEITO DA HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA SOBRE A PRETÔNICA ANTERIOR /E/ NA FALA DE FORMOSA E SALVADOR

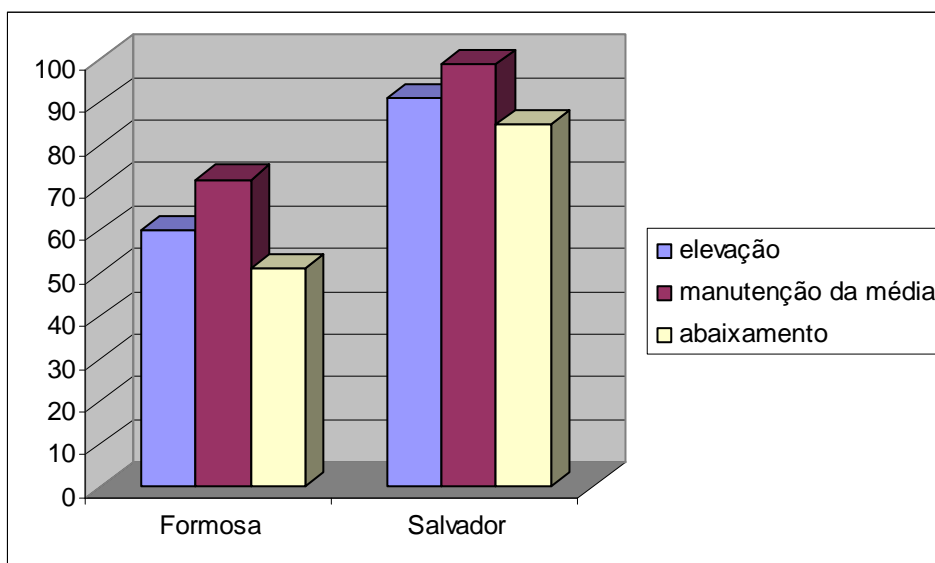
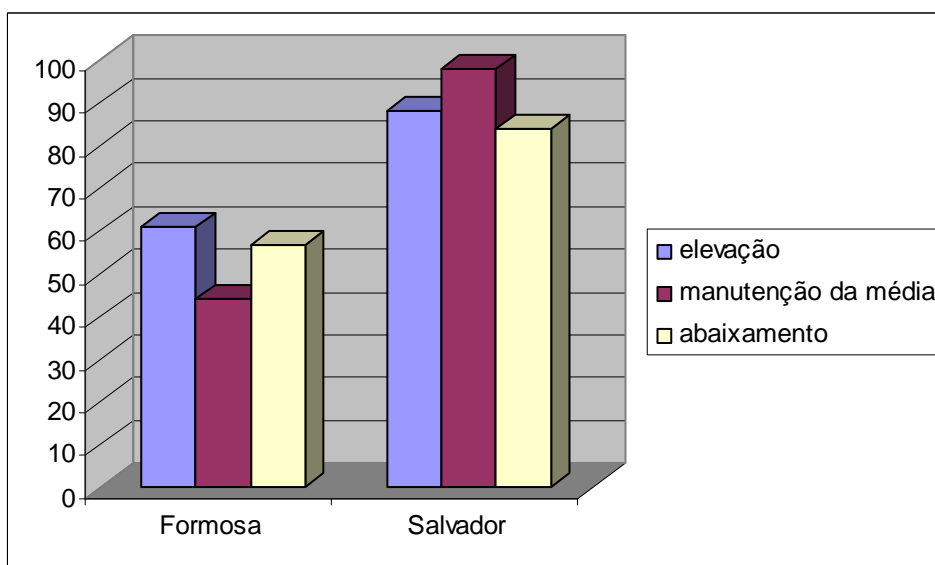


GRÁFICO 8: EFEITO DA HARMONIZAÇÃO VOCÁLICA SOBRE A PRETÔNICA POSTERIOR /O/ NA FALA DE FORMOSA E SALVADOR



Concluimos, portanto, que a harmonização vocálica na fala de Formosa não atingiu resultados tão contundentes quanto os apresentados por Silva para a fala soteropolitana. Além disso, os resultados para esse grupo de fatores destoam daqueles obtidos por Corrêa (1998) na

fala de Brasília e de Callou, Leite & Coutinho (1991) na fala carioca. Segundo essas autoras, a pretônica anterior /e/ estaria mais propensa a assimilar o traço [+ alto] da vogal seguinte do que a posterior /o/. Pelo menos em contexto vocálico oral, tanto nas rodadas com todos os dados quanto nas rodadas sem os contextos (quase) categóricos, essa expectativa não se confirmou. Para a pretônica /e/, houve a assimilação do traço [+ alto] apenas com a vogal seguinte homorgânica [i], enquanto para a pretônica /o/, a assimilação ocorreu com ambas as vogais altas, [i] e [u].

6.6.2 Segmento seguinte

Cada segmento seguinte – e precedente – foi, a princípio, analisado separadamente. Aos poucos fomos tentando agrupá-los sob a perspectiva de algum traço fonológico. Por fim, optamos por reunir os segmentos de acordo com o ponto de articulação, levando em conta as peculiaridades daqueles que não se enquadravam no comportamento do grupo.

O agrupamento dos segmentos seguiu a classificação exposta no quadro abaixo, adaptado de Bortoni-Ricardo (2004: 83).

QUADRO 29: CLASSIFICAÇÃO DOS FONEMAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO SEGUNDO O PONTO DE ARTICULAÇÃO

bilabiais	labiodentais	dentais	alveolares	pós-alveolares	palatais	velares	glotal
p	f	t	s	ʃ		k	h
b m	v	d n	z l r	ʒ	ʎ ɲ	g	

Fonte: Bortoni-Ricardo (2004: 83)(adaptado)

Os resultados estão apresentados nas tabelas a seguir. Cada tabela traz os pesos relativos, porcentagens e exemplos subdivididos por grupos de acordo com o ponto de articulação. Por vezes, alguns segmentos de pontos de articulação próximos precisaram ser reagrupados para evitar os *knockouts* (efeitos categóricos aparentes e/ou provocados por poucos dados). Além do critério ponto de articulação próximo, as junções levaram em conta a semelhança da porcentagem existente entre os segmentos.

Os resultados do grupo de fatores segmento seguinte para o abaixamento das pretônicas /e/ e /o/ podem ser vistos na tabela 13:

TABELA 13: EFEITO DO FATOR SEGMENTO SEGUINTE SOBRE O ABAIXAMENTO DAS PRETÔNICAS /E/ E /O/: MÉDIA-ABERTA ~ MÉDIA-FECHADA

	Abaixamento de /e/	Abaixamento de /o/	
Fatores	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Exemplos
bilabiais	[p] 0,464 27/65 = 41,5%	[p m] 0,101 14/164 = 8,5%	<i>dèparamos</i> <i>rèbolá</i> <i>rèmedinho</i> <i>Sòbradinho</i> <i>óbrigado</i> <i>sòldado</i>
	[b m] 0,188 5/55 = 9,1%	[b] 0,598 28/70 = 40%	
	[w] 0,593 15/59 = 25,4%		
labiodentais	[f v] 0,417 20/123 = 16,3%	[f v] 0,305 7/52 = 13,5%	
dentais	[t] 0,617 28/105 = 26,7%	[t] 0,677 24/58 = 41,4%	<i>mètade</i> <i>tòtalmente</i> <i>fèderal</i> <i>ròdoviária</i>
	[d n] 0,366 10/106 = 9,4%	[d n] 0,244 4/49 = 8,2%	
alveolares	[s z l r] 0,507 160/584 = 27,4%	[s z l r] 0,492 96/387 = 24,8%	<i>misèricórdia</i> <i>Juscélineo</i> <i>teimòsia, cólina</i>
pós-alveolares palatais	[ʃ ʒ] 0,053 1/47 = 2,1%	[ʒ ʎ] 0,339 4/33 = 12,1%	<i>règião</i> <i>mèlhor</i> <i>alòjamento</i> <i>òlhá</i>
	[ʎ] 0,841 8/28 = 28,6%		
velares	[k g] 0,488 41/212 = 19,3%	[k g] 0,458 29/146 = 19,9%	<i>pècuária</i> <i>chócolate</i> <i>afògada</i>
glotal	[h] 0,703 19/63 = 30,2%	[h] 0,752 20/45 = 44,4%	<i>tèrrível</i> <i>hòrrível</i>
coda em /R/	0,753 82/236 = 34,7%	0,734 164/388 = 42,3%	<i>sèrviço</i> <i>òrgulho</i>
coda em /S/	0,360 26/147 = 17,7%	0,476 7/24 = 29,2%	<i>mèstrado</i> <i>hòspitais</i> <i>pròstituição</i>
hiato	0,461 18/71 = 25,4%	0,346 6/29 = 20,7%	<i>rèalmente</i> <i>povoado</i>
Total Significância	445/1842 = 24,2% 0,036	418/1504 = 27,8% 0,000	

As pretônicas /e/ e /o/ tiveram resultados bastante semelhantes nesse grupo de fatores. Desempenharam um efeito favorecedor para ambas: a dental surda [t], a glotal [h] e a coda em /R/. Permaneceram próximas da média 0,50, as alveolares [s z l r] e as velares [k g].

Para a posterior /o/, desempenhou um efeito favorecedor a bilabial sonora [b], com um peso relativo de 0,598, como em *pròblema*, *pòbreza*, *òbrigatório*, *còbrador*, *òbservava*. A semivogal bilabial [w] também favoreceu o abaixamento, porém apenas em itens cuja pronúncia original era com a lateral, mantida ainda na escrita: *sòldado* (3), *vòltá* (5), *vòltava* (3), *vòltando* (3). Não ocorreu em *ouvisse*, *soubesse*, *doutor*.

Dentre as dentais e alveolares, apontadas por Corrêa (1998) e Bortoni, Gomes & Malvar (1992) como favorecedoras ao abaixamento na fala de Brasília, apenas a dental surda [t] teve um índice alto no *corpus* aqui estudado: 0,617 para a anterior /e/ e 0,677 para a posterior /o/. Os itens que foram produzidos com a variante média-baixa [ɛ ɔ] foram:

- [ɛ] *mètade*, *dètalhô*, *dètesta*, *dètestável* (4 casos durante a leitura), *sètenta* (3 de diálogo e 5 de leitura), *rètorna*, *rètornar* (5 de leitura);
- [ɔ] *hòtel*, *lòtações*, *tòtal*, *tòtalmente* (10 casos durante o diálogo e 9 durante a leitura), *bibliòteca* (2 casos de leitura).

Para a pretônica posterior /o/, os índices mais altos de abaixamento pertenceram à glotal [h] e, para a pretônica anterior /e/, eles foram superados apenas pela palatal [ʎ], que dizem respeito ao item *mèlhor/es*. A glotal foi relevante tanto em sílaba seguinte quanto na própria sílaba da pretônica, com coda em /R/. Alguns exemplos:

- Sílaba seguinte: *sèrraria*, *èrrado*, *cèrradão*, *cèrrado*, *dèrrubô*, *dèrrubadas*, *tèrrível*, *hòrrível*, *còrrendo*, *bòrrachinha*, *òcòrrência*, *decòrrência*, *còrreto*.
- Coda em /R/: *pèrdendo*, *pèrguntando*, *pèrcurso*, *tèrmina*, *infèrmagem*, *univèrsidade*, *pèrdidos*, *govèrnador*, *pèrnambucano*, *vèrgonha*, *Fòrmosa*, *Nòrdeste*, *impòrtamo*, *pòrtugueses*, *fòrnece*, *òpòrtunidade*, *acòrdava*, *transfòrmada*, *òrgulho*, *còrtador*, *òrvalho*, *jòrnal*, *mòrdomia*, *Fòrtaleza*, *pòrcaria*.

Note-se que o abaixamento com o fator coda em /R/ ocorreu com uma grande variedade de itens lexicais. Médias pretônicas com coda em /R/ foram assinaladas como

favorecedoras ao abaixamento também por Corrêa (1998: 73), na pesquisa acerca da fala de Brasília. Soares (2004: 59) verificou que “a consoante /R/ parece funcionar como um contexto reforçador na realização de [ɛ]”. É possível que a adjacência à consoante /R/ seja um fator ainda mais forte para variedades faladas na Bahia. Entretanto, a comparação entre os resultados da fala de Formosa e das variedades baianas de que dispomos, que são a de Jeremoabo (Soares, 2004) e a de Salvador (Silva, 1988), fica limitada, uma vez que as autoras não calcularam os pesos relativos dos segmentos precedentes e seguintes referentes ao abaixamento, mas apenas os referentes à elevação. A forte influência da glotal [h] no abaixamento das pretônicas /e/ e /o/ precisa ser melhor investigada. Uma possibilidade a ser confirmada é a que vem do comentário feito por Mori a respeito da glotal. Segundo o autor (2006: 166), “para alguns fonólogos, as glotais [h] e [ʔ] são também [+ baixo]”. O traço [+ baixo] é atribuído aos sons produzidos com o corpo da língua abaixo da posição neutra.

Lembramos que a adjacência à consoante /R/ é citada também por Marroquim (1934: 49) como um contexto favorável ao abaixamento da pretônica anterior na fala alagoana e pernambucana – *èrrar, èrguer, èrvilha, hèrdeiro, pèrfume*. A força do /R/ tem, ainda, o respaldo histórico do PE. Silva (1989: 54, 55) assinala que, desde o século XVIII, tem-se documentado o efeito dessa consoante sobre o abaixamento da pretônica /o/ - *Lòrdello, mòrdomo, Mòrtecôr*. Também o trabalho fonológico de Barbosa (1965: 135, 136) evidencia que essa tendência continua presente no PE do século XX, para ambas as vogais: *òrtopedia, èrvanário*.

A elevação das vogais médias pretônicas era esperada especialmente por influência das consoantes seguintes pós-alveolares, palatais e velares que, por serem produzidas com o dorso da língua levantado, carregam naturalmente o traço [+ alto]. A tabela 14 a seguir mostra que essa expectativa se confirmou em parte.

TABELA 14: EFEITO DO FATOR SEGMENTO SEGUINTE SOBRE A ELEVAÇÃO DAS VOGAIS PRETÔNICAS /e/ E /o/: ALTA ~ MÉDIA-FECHADA

	Elevação de /e/	Elevação de /o/	
Fatores	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Exemplos
bilabiais	[p b m] 0,237 5/93 = 5,4%	[p b f] 0,151 6/70 = 7,9% [m] 0,747 62/148 = 41,9%	<i>dibaixo</i> <i>cumecei</i> <i>subrinho</i>
labiodentais	[f v] 0,172 6/109 = 5,5%	[v] 0,704 14/42 = 33,3%	<i>rivirar</i> <i>governo</i>
dentais alveolares	[t l r ʒ] 0,309 26/376 = 6,9% [s z] 0,796 95/285 = 33,3%	[t d n] 0,603 8/76 = 10,5% [s z l r] 0,247 10/238 = 4,2%	<i>acridito</i> <i>algudão</i> <i>filiz, dizoito</i> <i>sussegado</i> <i>gasulina</i>
pós-alveolares palatais	[ʃ ʎ ɲ] 0,775 27/88 = 30,7%	[ʃ ʒ ʎ] 0,709 4/27 = 14,8% [ɲ] 0,804 34/59 = 57,6%	<i>sinhora</i> <i>míxia</i> <i>cunheço</i> <i>muchila</i>
velares glotal	[g] 0,729 42/140 = 30% 0,117 [k h] 2/119 = 1,7%	[k g] 0,211 16/116 = 13,8% 0,590 [h] 10/33 = 30,3%	<i>piqui</i> <i>siguro</i> <i>bucado</i> <i>burrachinha</i>
coda em /R/	0,392 10/164 = 6,1%	0,282 6/90 = 6,7%	<i>sirviço</i> <i>durmí</i>
coda em /S/	0,569 27/148 = 18,2%	0,937 13/24 = 54,2%	<i>discansô</i> <i>custumo</i>
coda em /N/	0,925 9/21 = 42,9%	0,609 53/219 = 24,2%	<i>cunvidarem</i>
hiato	0,867 9/62 = 14,5%	0,964 15/38 = 39,5%	<i>bloquiado</i> <i>buato</i>
Total Significância	286/1729 = 16,5% 0,025	251/1186 = 21,2% 0,001	

Para a pretônica anterior /e/, a pós-alveolar sonora [ʒ] não apresentou nenhuma elevação em 29 dados (*região, prejudicado, desejá*) e a velar surda [k] teve apenas 2 casos em 75 (*piqui, piquizeiro*). Para a pretônica posterior /o/, as velares não se mostraram

favorecedoras, alcançando um peso relativo bem abaixo da média: 0,211. Ainda assim, os outros segmentos seguintes produzidos nesses pontos de articulação tiveram pesos relativos elevados.

A reunião da pós-alveolar surda [ʃ] com as palatais lateral [ʎ] e nasal [ɲ] na rodada da pretônica /e/ obteve o peso relativo de 0,775. São os casos de: *milhor* (3), *milhorado* (2), *mixia* (6), *ninhum/a* (4), *sinhor* (1), *sinhora* (10). Já com a vogal posterior, a junção das pós-alveolares [ʃ ʒ] com a palatal [ʎ] atingiu um peso relativo de 0,709, embora a elevação tenha ocorrido em apenas um item lexical: *muchila* (4). A palatal nasal [ɲ], 0,804, influenciou bastante na elevação da vogal posterior em diversas formas do verbo *conhecer*: *cunheço*, *cunhicia*, *cunhece*, *cunhecido*, *recunheço*.

Além dos segmentos já citados, mostraram-se significativos para a elevação de ambas as vogais:

- as dentais [d n] no caso da anterior /e/, como em *acredito*, *pidia*, *piquininiho*, *previnir*, e as dentais [t d n] para a posterior /o/, embora tenham sido registrados apenas 8 casos de elevação e a porcentagem tenha permanecido bem abaixo da média total: *podia* (5), *mutivo* (3);
- o travamento de sílaba em /S/ - *dispesa*, *vistido*, *discansô*, *custume*, *custumo*;
- o travamento de sílaba em /N/ - *cumplido*, *cunversando*, *inquanto* (ocorreu durante a leitura);
- o hiato - *passiá*, *pião*, *muê*, *duença*.

Ressalte-se que o contexto de hiato tem sido apontado como favorecedor para a elevação das médias pretônicas desde o século XVI no PE (cf. Naro, 1973: 54).

O programa apontou ainda, para a pretônica /e/, as alveolares fricativas [s z], com peso relativo de 0,798: *precisa*, *paricido*, *dizesseis*, *acontecido* e, para a pretônica /o/, a labiodental sonora [v] - *apruveita*, *governo* - e a bilabial nasal [m] - *cumida*, *cumigo*, *dumingo*.

A última tabela traz o efeito do segmento seguinte sobre a manutenção da pronúncia média-fechada [e o].

TABELA 15: EFEITO DO FATOR SEGMENTO SEGUINTE SOBRE A MANUTENÇÃO DA PRONÚNCIA MÉDIA-FECHADA DAS VOGAIS PRETÔNICAS /E/ E /O/: MÉDIA-FECHADA ~ MÉDIA-ABERTA E ALTA

	Manutenção de /e/	Manutenção de /o/	
Fatores	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Exemplos
bilabiais	[p b] 46/78 = 59% 0,587	[p w] 103/130 = 79,2% 0,693	<i>depositá</i> <i>remédio</i> <i>problema</i> <i>comercial</i>
	[m] 42/47 = 89,4% 0,849	[b m] 133/231 = 57,6% 0,571	
labiodentais	[f v] 103/129 = 79,8% 0,695	[f v] 45/66 = 68,2% 0,694	<i>defesa</i> <i>novidade</i>
dentais	[t d n] 175/241 = 72,6% 0,514	[t] 34/61 = 55,7% 0,305	<i>avenida</i> <i>medida</i> <i>noturno</i>
		[d n] 45/54 = 83,3% 0,785	
alveolares	[s z r] 369/613 = 60,2% 0,484	[s z l r] 292/398 = 73,4% 0,617	<i>noção</i> <i>período</i> <i>relação</i>
	[l] 87/124 = 70,2% 0,454		
pós-alveolares palatais	[ʃ ʒ] 46/53 = 86,8% 0,821	[ʃ ɲ] 25/63 = 39,7% 0,446	<i>mexendo</i> <i>região</i> <i>projeto</i>
	[ɲ ʎ] 44/73 = 60,3% 0,299	[ʒ ʎ] 29/33 = 87,9% 0,773	
velares	[k g] 171/256 = 66,8% 0,475	[k g] 117/171 = 68,4% 0,503	<i>apegada</i> <i>local</i>
glotal	[h] 44/63 = 69,8% 0,425	[h] 25/55 = 45,5% 0,418	<i>derrubá</i> <i>correta</i>
coda em /R/	0,343 154/246 = 62,6%	0,260 225/640 = 35,2%	<i>verdade</i> <i>orgulho</i>
coda em /S/	0,595 121/174 = 69,5%	0,533 18/38 = 47,4%	<i>questão</i> <i>hospital</i>
coda em /N/	0,273 12/21 = 57,1%	0,746 166/219 = 75,8%	<i>encantado</i> <i>concurso</i>
hiato	0,422 53/80 = 66,2%	0,386 23/44 = 52,3%	<i>oceano</i> <i>moagem</i>
Total Significância	1467/2198 = 66,7% 0,010	1280/2203 = 58,1% 0,003	

Para ambas as vogais, tiveram pesos relativos acima da média as bilabiais, as labiodentais e as sílabas travadas em /S/. Os resultados para as sílabas travadas em /N/, por sua vez, mostram que a pronúncia média-fechada tende a se conservar mais na pretônica posterior /o/ do que na anterior /e/, ou seja, a nasalidade teria um efeito mais forte sobre a vogal /e/. Bisol (1981: 86) chega à mesma conclusão ao analisar os dados de elevação na fala gaúcha: “Parece que, no processo de nasalização, enquanto *ẽ* vai na direção da vogal *i*, por aumento das frequências dos formantes 2 e 3, *õ* vai na direção oposta a *u* pela mesma razão, aproximando-se da área das vogais baixas”.

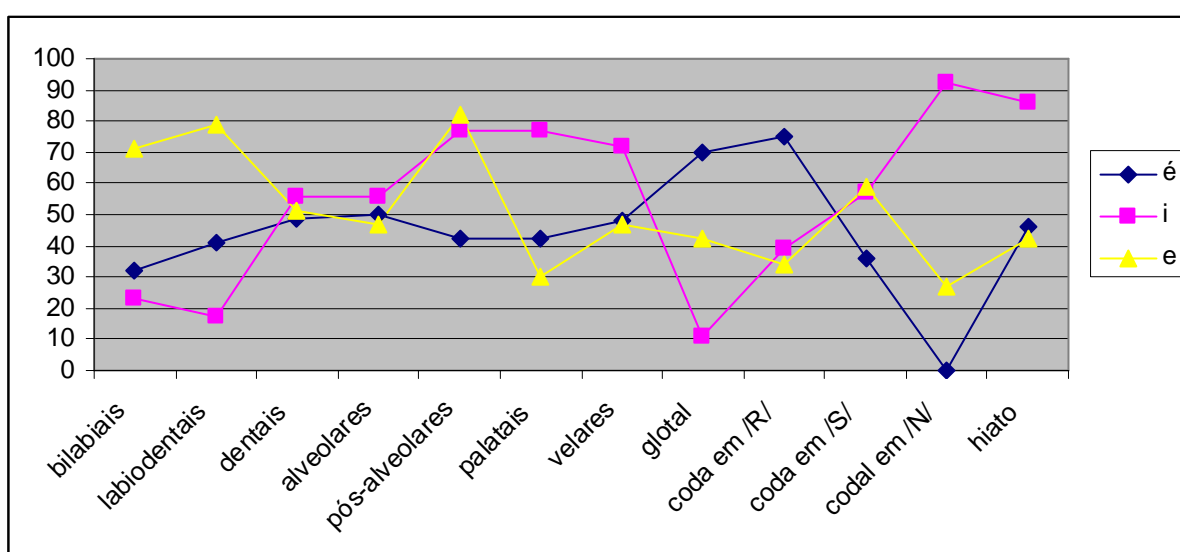
Merecem destaque, ainda, os resultados das pós-alveolares e palatais. Para a pretônica anterior /e/, as pós-alveolares [ʃ ʒ], com peso relativo 0,821, impediram que a vogal variasse: *dexá, dexava, dexado, dexamos, mexendo, fechado/a, região, regional, desejá, indesejáveis, prejudicado*. Silva (1988: 130, 138) observou que, na fala de Salvador, o abaixamento se trata de uma regra categórica, e que os únicos contextos capazes de quebrar essa regra são as vogais médias-fechadas [e o] ou as consoantes pós-alveolares e palatais em posição seguinte. Assim, segundo a autora, mesmo com contexto vocálico seguinte propício para o abaixamento, itens como *fechar, fechado, desejaria, planejamento, remanejamento e semelhante* escapam à regra. No *corpus* da fala de Formosa, o item *região* abaixou uma única vez e manteve a pronúncia média-fechada em outras 19 ocorrências. Já entre os itens em que a consoante seguinte era uma pós-alveolar surda [ʃ] não houve, de fato, nenhum caso de abaixamento.

Com a posterior /o/, a pós-alveolar sonora [ʒ] unida à palatal lateral [ʎ] atingiu um peso relativo de 0,773. Assim, a média-fechada [o] foi mantida em *logística, projeto, teologia, elogios, olhá, olhei, olhada, molhada, acolhido*. Registramos, porém, o abaixamento no item *alòjamento*. E, ao contrário do que se verificou na fala de Salvador, a palatal lateral [ʎ] seguinte não conseguiu reter a variação em nenhuma das vogais pretônicas. O abaixamento ocorreu em *mèlhor* (7), *mèlhores* (1), *òlhá* (1), *òlhando* (2).

A incidência de itens realizados com a variante média-aberta [ɛ] antes de consoantes pós-alveolares em verbos e deverbais de 1ª. conjugação, verificada por Soares (2004: 62) na fala da comunidade rural de Jeremoabo/BA, parece indicar que a fala baiana se encontra em processo de mudança nesse ponto. Os informantes de Jeremoabo produziram *pelèjava, festèjaram, desèjar, fèchada*.

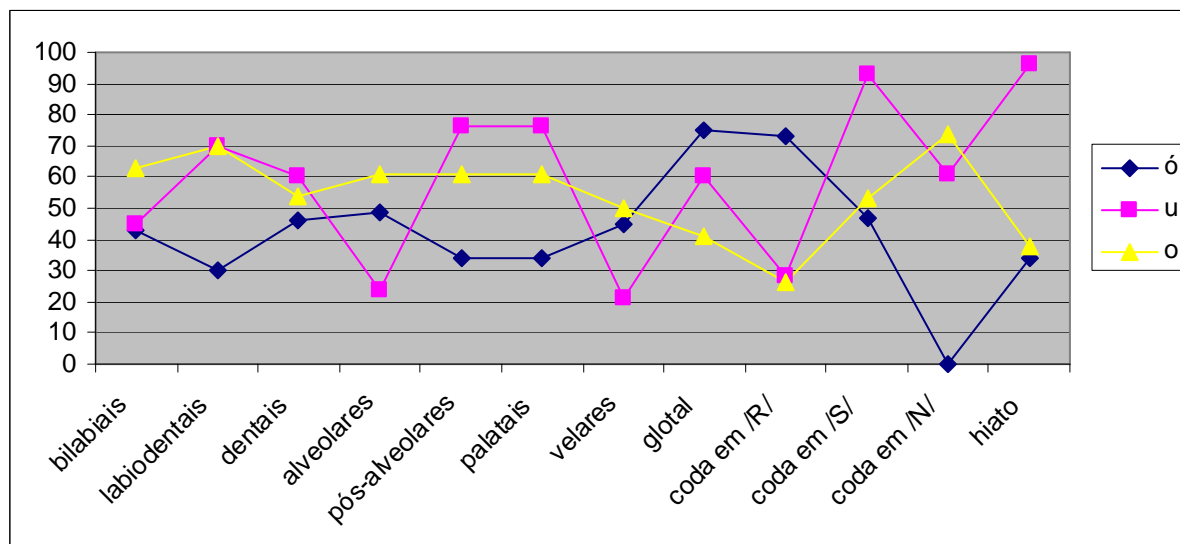
Os gráficos 8 e 9 a seguir visualizam os efeitos dos segmentos seguintes sobre as pretônicas /e/ e /o/. Para a composição dos gráficos, utilizamos os valores dos pesos relativos. Quando um determinado fator apresentou mais de um peso relativo, por conta da subdivisão ou do agrupamento dos pontos de articulação, o valor do gráfico corresponde à média dos pesos relativos.

GRÁFICO 9: EFEITO DOS SEGMENTOS SEGUINTE NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA /E/



O gráfico 9 confirma a elevação da pretônica /e/ entre as consoantes com o traço [+alto]: pós-alveolares, palatais e velares. Os índices mais elevados, porém, pertenceram aos contextos travamento em /N/ e hiato. A pronúncia média-fechada foi mantida entre as consoantes bilabiais e labiodentais, com traço [-alto]. O abaixamento, por sua vez, obteve os melhores índices quando seguido pela glotal [h].

O gráfico 10 abaixo expõe os pesos relativos referentes às três variantes da pretônica posterior /o/.

GRÁFICO 10: EFEITO DOS SEGMENTOS SEGUINTE NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA /o/

A linha azul, correspondente aos resultados obtidos para o abaixamento, demonstra que os índices mais altos se encontram entre a glotal [h] e a coda em /R/, mesmos ambientes apontados para a pretônica anterior /e/. A elevação, indicada pela linha rosa, se destaca nas consoantes labiodentais, pós-alveolares e palatais, coda em /S/ e hiato. A manutenção da pronúncia média [o], conforme se vê na linha amarela do gráfico 9, ficou acima da média 0,50 em boa parte dos segmentos seguintes. Os que atingiram os pontos mais altos foram as labiodentais e a coda em /N/.

6.6.3 Segmento precedente

Nas rodadas em que se mediu o efeito do segmento precedente referente ao abaixamento, este grupo de fatores foi selecionado apenas para a pretônica /e/. A tabela 16 abaixo demonstra os resultados obtidos:

TABELA 16: EFEITO DO FATOR SEGMENTO PRECEDENTE SOBRE O ABAIXAMENTO DA VOGAL ANTERIOR /e/: MÉDIA-BAIXA ~ MÉDIA-FECHADA

Abaixamento de /e/		
Fatores	Peso relativo Frequência	Exemplos
bilabiais [p b m]	0,381 54/293 = 18,4%	<i>supèrior</i> <i>libèração</i>
labiodentais [f v]	0,522 79/233 = 33,9%	<i>fèderal</i> <i>vèlado</i>
dentais [t d n]	0,494 88/377 = 23,3%	<i>intèressado</i> <i>dèrrubadas</i>
alveolares [s z l r]	0,491 81/348 = 23,3%	<i>cèlular</i> <i>lèvaram</i>
pós-alveolares [ʃ ʒ]	0,604 17/62 = 27,4%	<i>digèstão</i> <i>chègá</i>
palatais [ʎ ɲ]	(0/23)	<i>folhetinho</i>
velares [k]	0,610 13/48 = 27,1%	<i>quèrendo</i> <i>quèstão</i>
glotal [h]	0,718 63/205 = 30,7%	<i>rècurso</i> <i>rèdoma</i>
C[r]V	0,411 27/152 = 17,8%	<i>trèzentos</i> <i>prèpotente</i>
posição inicial	0,418 23/124 = 18,5%	<i>èquilíbrio</i> <i>hèlicóptero</i>
Total	445/1842 = 24,2%	
Significância	0,036	

Fazendo uma comparação entre os segmentos da tabela 16, segundo o traço de cavidade [anterior], coube às [- ant] – pós-alveolares, velar e glotal - um efeito mais

expressivo sobre o abaixamento da pretônica /e/ do que às [+ ant] – bilabiais, labiodentais, dentais e alveolares. As dentais e alveolares ficaram próximas da média, 0,494 e 0,491, respectivamente, diferentemente do que observou Corrêa (1998: 71) nos dados da fala de Brasília, em que essas consoantes foram as principais responsáveis pelo abaixamento.

Com a velar surda [k] (não houve nenhum dado com a velar sonora [g]), o abaixamento ocorreu em *quêstão* (12) e *quêrendo* (1). Com as pós-alveolares [ʃ ʒ]: *chêga*, *chêgando*, *inxêrgava*, *gêrente*, *gêneralizado*, *gêral*, *gêralmente*, *gêrando*, *digêstão*, *Jêsus*. O maior número de dados, porém, ocorreu com a glotal [h], como por exemplo em *rêfrescado*, *rêalmente*, *rêcuperá*, *rêstante*, *rêcurso*, *rêsgata*, *rêpetir*, *rêclamá*, *rêsidência*.

Os resultados para a elevação da pretônica /e/ sob a pressão do segmento precedente estão expostos na tabela 17 da página seguinte.

O índice mais alto ficou com a velar surda [k]: 0,888. Não houve dados com a velar sonora [g]. Dos 19 casos, 10 foram do item *quiria/m*, 8 do item *piquininho/a* e 1 do item *bloquiado*. Já a dental sonora [d], produzida na forma africada [dʒ] em virtude da elevação, também teve um resultado próximo de 1. A variante alta ocorreu especialmente nos itens com o prefixo *des-* e nos numerais *dizesseis*, *dizessete*, *dizoito* e *dizenove*, que têm como base o número 10. Alguns exemplos de elevação com o prefixo *des-* são: *disativei*, *disviculei*, *disistí*, *distruidor*, *discansô*, *disinflamado*. É interessante notar que o fato de o numeral *dez* ter a pronúncia média-aberta em posição tônica não o impediu de sofrer a elevação quando passa para a posição átona. A contraparte surda da dental, [t], embora produzida no mesmo ponto de articulação, teve apenas 3 dos 118 dados elevados: *acontecido*, *antiontem* e *aparentimenti*.

As alveolares [s] e [r] também favoreceram a elevação da pretônica /e/, apresentando um peso relativo expressivo: 0,678. Para a alveolar fricativa surda [s]: *sinhor/a*, *sirviço*, *consiguiram*, *siguro*, *sigundo/a*, *siguinte*, *siguí*, *passiá*; para a alveolar flap [r], todos 10 os casos foram com o mesmo ambiente fonético: *paricia*, *paricido*, *aparicia*, *Aparicida*. Assim, dentre os segmentos produzidos nos pontos de articulação dental e alveolar, apenas três – [d s r] favoreceram a seleção da variante alta pelo falante.

TABELA 17: EFEITO DO FATOR SEGMENTO PRECEDENTE SOBRE A ELEVAÇÃO DA VOGAL ANTERIOR /e/: ALTA ANTERIOR ~ MÉDIA-FECHADA ANTERIOR (RODADA SEM CONTEXTOS CATEGÓRICOS OU QUASE CATEGÓRICOS)

Elevação de /e/			
Fatores	Peso relativo Frequência	Exemplos	
bilabiais [p b m]	0,575 41/280 = 14,6%	<i>piqui</i> <i>cabiludo</i> <i>milhor</i>	
labiodentais [f v]	0,335 7/161 = 4,3%	<i>filiz</i> <i>vistido</i>	
dentais alveolares	[d d ₃]	0,850 55/199 = 27,6%	<i>dizoito</i> <i>divia</i>
	[t n l z]	0,161 8/230 = 3,5%	<i>sirviço</i> <i>paricido</i>
	[s r]	0,678 84/298 = 28,2%	<i>ninhuma</i>
pós-alveolares palatais [ʃ ʒ ɲ]	0,110 2/57 = 3,5%	<i>cunhicia</i>	
velar [k]	0,888 19/54 = 35,2%	<i>quiria</i>	
glotal [h]	0,115 2/144 = 1,4%	<i>rivirô</i>	
C[r]V	0,336 19/144 = 13,2%	<i>prifiro</i> <i>acridito</i> <i>criscido</i>	
posição inicial	0,812 49/162 = 30,2%	<i>ixame</i> <i>ixatamente</i>	
Total Significância	286/1729 = 16,5% 0,025		

Foram apontados, ainda, como favorecedores, as consoantes bilabiais [p b m], com peso relativo de 0,575 – *pidiu*, *piquizeiro*, *cabiludo*, *mixia*, *milhor* - e o contexto sem segmento precedente, com peso relativo de 0,812 – *ixistiu*, *ixistência*, *ixigindo*, *ixatamente*, *ixaminô*. A princípio, os casos de elevação em itens iniciados com a pretônica /e/ foram controlados, especialmente aqueles em que tinham como segmento seguinte a alveolar

fricativa sonora [z], por suspeita de serem categóricos. O controle nos permitiu perceber, porém, que há um alto grau de variação nesses itens, às vezes pronunciados com a variante alta [i] e outras vezes com a variante média-fechada [e]. Os casos de elevação em *ixiste*, *ixistência* e *ixigindo*, todos com vogal alta na sílaba subsequente e pertencentes à 3ª. conjugação, com tema em *i*, facilmente se explicam pela harmonização vocálica. As outras ocorrências, no entanto – *ixatamente*, *ixame*, *ixaminô* – possuem uma vogal baixa em contexto seguinte. Além disso, vários outros itens foram realizados com a pronúncia média-fechada [e]: *existe*, *exercício*, *exatas*, *exigência*, *exigente*, *exorbitante*, *exercia*. Assim, os itens sem segmento precedente da vogal anterior /e/ parecem seguir um mesmo padrão de variação, sejam eles travados em /N/ - *entrada* ~ *intrada* -, travados em /S/ - *exportação* ~ *ixportação* – ou em sílabas abertas – *exame* ~ *ixame*.

A fim de verificar o comportamento da pretônica /e/ em contexto inicial de palavra, realizamos uma rodada com todos os dados, do tipo variante alta vs. variante média-fechada, na qual esse fator foi subdividido em três:

- itens iniciados com a seqüência e/N/-: *entrevista*, *imprego*;
- itens iniciados com a seqüência e/S/-: *esquisito*, *ispecial*;
- demais itens sem segmento precedente: *exigência*, *ixatamente*.

Os resultados podem ser vistos na tabela 18 a seguir.

TABELA 18: EFEITO DO FATOR SEGMENTO PRECEDENTE SOBRE A ELEVAÇÃO DA VOGAL ANTERIOR /E/: ALTA ANTERIOR ~ MÉDIA-FECHADA ANTERIOR (RODADA COM TODOS OS DADOS)

Elevação de /e/			
Fatores		Peso relativo Frequência	Exemplos
bilabiais	[p b]	0,250 53/500 = 10,6%	<i>piqui</i> <i>cabiludo</i>
	[m]	0,402 44/153 = 28,8%	<i>milhor</i>
labiodentais	[f v]	0,079 7/199 = 3,5%	<i>filiz</i> <i>vistido</i>
dentais alveolares	[t d r l z]	0,296 95/639 = 14,9%	<i>dizoito</i> <i>divia</i>
	[s]	0,299 85/339 = 25,1%	<i>sirviço</i> <i>paricido</i>
	[n]	0,047 5/43 = 11,6%	<i>ninhuma</i>
pós-alveolares palatais	[ʃ ʒ ʎ ɲ]	0,037 2/93 = 2,2%	<i>cunhicia</i>
velar	[k]	0,434 19/67 = 28,4%	<i>quiria</i>
glotal	[h]	0,012 2/171 = 1,2%	<i>rivirô</i>
C[r]V		0,160 19/196 = 9,7%	<i>prifiro</i> <i>acridito</i> <i>criscido</i>
itens iniciados com e/N/-		0,996 361/404 = 89,4%	<i>intendeu</i> <i>ingraçado</i>
itens iniciados com e/S/-		0,995 248/266 = 93,2%	<i>iscola</i> <i>ixperimentá</i>
outros itens iniciados com /e/		0,236 32/125 = 25,6%	<i>ixame</i> <i>ixatamente</i> <i>exercício</i>
Total		972/3195 = 30,4%	
Significância		0,006	

Uma comparação entre os resultados da tabela 17 – sem contextos categóricos ou quase categóricos – e os da tabela 18 – com todos os dados -, demonstra uma mudança considerável nos valores dos pesos relativos. Note-se que, na rodada com todos os dados – tabela 18 -, os únicos fatores favoráveis à elevação foram os itens iniciados com e/N/- e e/S/-,

ambos com pesos relativos bem próximos de 1. Todos os demais fatores, inclusive o de outros itens iniciados com a pretônica /e/, tiveram índices abaixo da média 0,50. Por outro lado, na rodada sem os contextos categóricos ou quase categóricos - tabela 17 -, em que todos esses três contextos foram considerados um único fator, o percentual de elevação ficou acima da média total, 30,2% para 16,5%, e o peso relativo se manifestou favorável à elevação: 0,812. Ou seja, são dois resultados bem distintos, mas que mostram dois aspectos. Primeiro, que os itens iniciados com a pretônica /e/ em geral são propícios à elevação. Segundo, que em contextos *e/N/-* e *e/S/-*, provavelmente por questões históricas, a escolha pela variante alta está muito mais estabelecida, indo além de uma simples tendência.

A análise dos resultados referentes à elevação da pretônica posterior /o/, conforme a tabela 19 a seguir, mostra que, de uma maneira geral, os pesos relativos para a vogal /o/ foram mais altos que os da vogal /e/. De fato, este foi o primeiro grupo selecionado pelo programa na rodada referente à elevação da vogal posterior /o/.

TABELA 19: EFEITO DO FATOR SEGMENTO PRECEDENTE SOBRE A ELEVAÇÃO DA VOGAL POSTERIOR /o/: ALTA POSTERIOR ~ MÉDIA-FECHADA POSTERIOR

Elevação de /o/			
Fatores		Peso relativo Frequência	Exemplos
bilabiais	[p m]	0,612 25/213 = 11,7%	<i>podia</i> <i>muleque</i>
	[b]	0,998 10/16 = 38,5%	<i>bucado</i> <i>burracharia</i>
labiodentais dentais alveolares glotal	[d]	0,728 19/45 = 42,2%	<i>duente</i> <i>dumingo</i>
	[s z]	0,956 10/28 = 35,7%	<i>surrindo</i> <i>gasulina</i>
	[f v t n l r h]	0,085 2/171 = 1,2%	<i>fulia</i>
pós-alveolares palatais	[ʃ ʒ ʎ j]	0,046 2/54 = 3,7%	<i>juelho</i>
velares	[k g]	0,601 171/506 = 33,8%	<i>cumeça</i> <i>alguidão</i>
C[r]V		0,168 2/116 = 1,7%	<i>aproveitá</i>
vogal		0,997 10/27 = 37%	<i>geografia</i> <i>preocupação</i>
posição inicial		(0/112 = 0%)	<i>opinião</i> <i>orgulho</i>
Total		251/1186 = 21,2%	
Significância		0,001	

Conforme os pesos relativos da tabela 19, a elevação da pretônica /o/ ficou restrita aos seguintes ambientes: ao segmento precedente vocálico, como em *preocupação*, às bilabiais, às velares, à dental sonora e às alveolares [s z]. Todos os outros segmentos mostraram-se irrelevantes para a elevação; a maioria sem nenhuma ocorrência da variante alta [u]:

labiodental fricativa surda [f] – 1/142 – *fulia, formulário*;
 labiodental fricativa sonora [v] – 1/40 – *vuando, evoluindo*;
 dental oclusiva surda [t] – 0/38 – *autoridade, automaticamente*;
 dental nasal [n] – 0/41 – *novidade, noturno*;
 alveolar lateral [l] – 0/47 – *valoriza, elogios*;
 semivogal [j] – 0/36 – *maioria, violência*;
 glotal fricativa surda [h] – 0/25 – *rotina, rodízio*

Também em contexto sem segmento precedente, como em *objetivo, oxigená, opinião*, a elevação foi nula: 0/112, razão porque esses dados foram retirados da rodada em que os pesos relativos foram calculados.

A elevação em itens com a pretônica /o/ precedidos por uma consoante bilabial ocorreu em: *pudia, pulíticos, muchila, mutivo, muagem, almuçava, murrido, muleque, bucado, burracharia, buato, buati*. Os 19 casos de elevação com a dental oclusiva sonora [d] foram: *duente, aduece, domingo, durmí, durmind*. Com as alveolares fricativas foram 9 ocorrências com a surda [s] e 1 com a sonora [z], nos seguinte itens: *subrinho/a, sussegado, surrindo, pèssualmente, gasulina*.

Dos 171 dados que sofreram elevação com as consoantes velares, apenas 13 foram da sonora [g] - *governo* (12) e *algudão* (1). Todos os outros foram com a surda [k]. Alguns exemplos: *cumigo, cunheço, cumeça, currido*.

Na variante média-fechada [e o], os pesos relativos ficaram acima da média para ambas as vogais pretônicas quando precedidas por labiodentais, palatais e em sílabas com a configuração C[r]V, conforme a tabela 20:

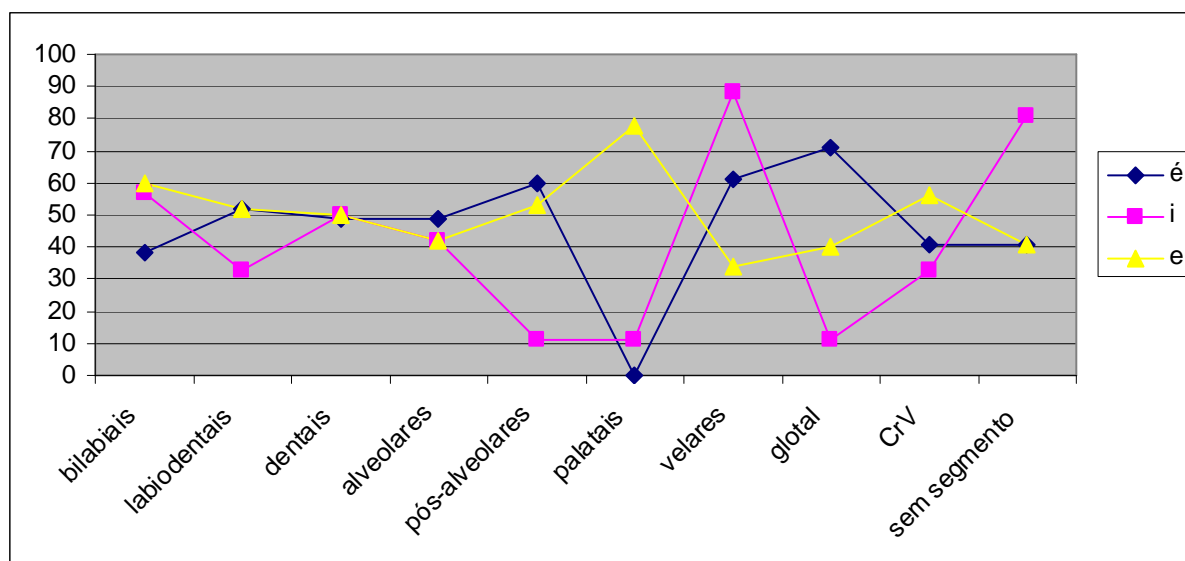
TABELA 20: EFEITO DO FATOR SEGMENTO PRECEDENTE SOBRE A MANUTENÇÃO DA PRONÚNCIA MÉDIA-FECHADA DAS VOGAIS PRETÔNICAS /E/ E /O/: MÉDIA-FECHADA ~ MÉDIA-ABERTA E ALTA

	Manutenção de /e/	Manutenção de /o/	
Fatores	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Exemplos
bilabiais	[p b m] 0,608 261/356 = 73,3%	[p b] 0,326 103/406 = 25,4% [m] 0,579 110/152 = 72,4%	<i>pecuária</i> <i>americano</i> <i>possível</i> <i>elaborado</i>
labiodentais	[f v] 0,525 154/240 = 64,2%	[f v] 0,620 181/285 = 63,5%	<i>verdura</i> <i>favorece</i>
dentais	[d] 0,369 144/244 = 59% [t n] 0,639 152/203 = 74,9%	[t d n] 0,578 106/182 = 58,2%	<i>interior</i> <i>autoridade</i> <i>documento</i> <i>noturno</i>
alveolares	[r] 0,370 28/60 = 46,7% [s z l] 0,485 256/389 = 65,8%	[s] 0,219 19/45 = 42,2% [z l r] 0,729 55/64 = 85,9%	<i>cerâmica</i> <i>serenata</i> <i>local</i> <i>filosofia</i>
pós-alveolares	[ʃ ʒ] 0,537 45/62 = 72,6%	[ʃ ʒ] 0,424 21/33 = 63,6%	<i>chegando</i> <i>jogava</i>
palatais	[ʎ p] 0,788 12/14 = 85,7%	[ʎ j] 0,661 40/54 = 74,1%	<i>folhetinho</i> <i>conhecimento</i> <i>maioria</i>
velares	[k] 0,343 35/67 = 52,2%	[k] 0,487 350/565 = 61,9% [g] 0,172 9/25 = 36%	<i>questão</i> <i>correta</i> <i>governador</i>
glotal	[h] 0,408 142/207 = 68,6%	[h] 0,749 25/28 = 89,3%	<i>reclamô</i> <i>rodízio</i>
C[r]V	0,566 125/171 = 73,1%	0,623 131/159 = 82,4%	<i>presidente</i> <i>secretaria</i> <i>produto</i> <i>teologia</i>
vogal	--	0,349 18/33 = 54,5%	
Posição inicial	0,416 113/185 = 61,1%	0,497 112/172 = 65,1%	<i>equipe</i> <i>oportunidade</i>
Total Significância	1467/2198 = 66,7% 0,010	1280/2203 = 58,1% 0,003	

É interessante observar que as consoantes labiodentais [f v] e palatais [ʃ ʝ], apontadas como relevantes na manutenção da pronúncia média-fechada, foram justamente os ambientes em que a elevação não foi expressiva.

Os gráficos 10 e 11 abaixo fazem uma comparação entre os resultados dos segmentos precedentes para as três variantes da variável dependente: o abaixamento, a elevação e a manutenção das vogais /e/ e /o/. Para a composição dos gráficos, utilizamos os valores dos pesos relativos. Quando um determinado fator apresentou mais de um peso relativo, por conta da subdivisão ou do agrupamento dos pontos de articulação, o valor do gráfico corresponde à média dos pesos relativos.

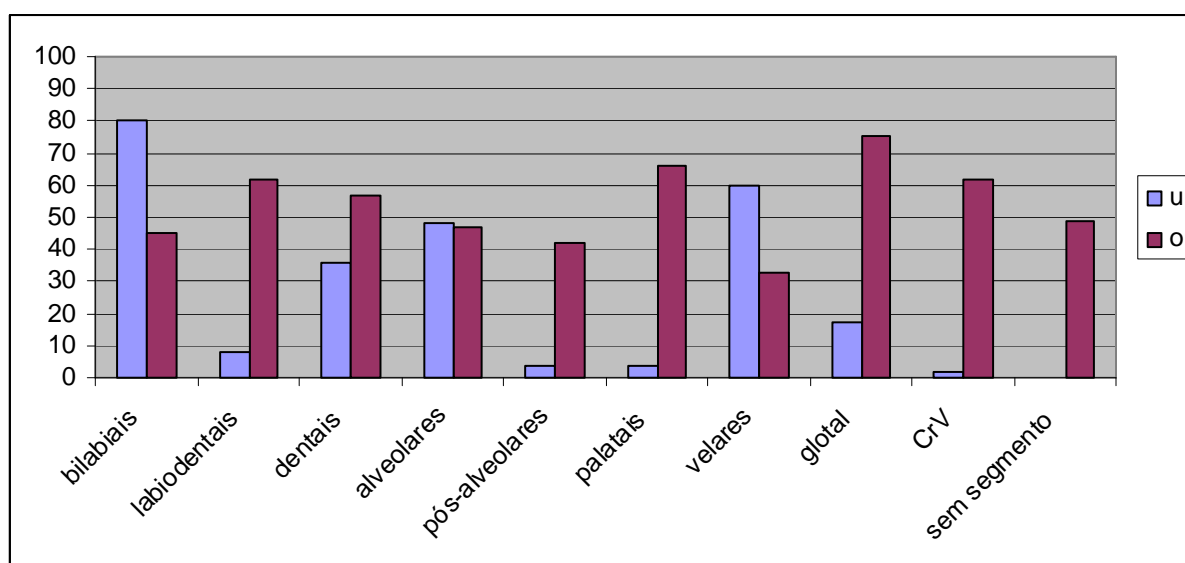
GRÁFICO 11: EFEITO DOS SEGMENTOS PRECEDENTES NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA /E/



De acordo com os resultados visualizados no gráfico 11, o abaixamento ocorreu com maior intensidade quando a pretônica /e/ foi precedida por uma pós-alveolar, uma velar ou uma glotal. As consoantes velares e os itens sem segmento precedente foram os principais responsáveis pela elevação da pretônica /e/, enquanto as palatais, pela manutenção da pronúncia média-fechada [e]. Esses resultados são curiosos porque tanto as velares quanto as pós-alveolares e as palatais compartilham do traço [+ alto] (cf. Mori, 2006: 165) e, portanto, seriam candidatas ao favorecimento da elevação.

O gráfico 12 permite ver que poucos foram os segmentos precedentes favorecedores para a elevação da pretônica /o/. Destacam-se apenas as bilabiais e as velares. A manutenção da média-fechada, por sua vez, teve índices altos em boa parte dos segmentos, especialmente na glotal e nas palatais.

GRÁFICO 12: EFEITO DOS SEGMENTOS PRECEDENTES SOBRE A ELEVAÇÃO E A MANUTENÇÃO DA MÉDIA-FECHADA DA PRETÔNICA /O/



O forte efeito das consoantes bilabiais para a pretônica /o/ concorda em parte com os resultados obtidos por Bisol (1984) em sua pesquisa sobre a fala gaúcha e por Corrêa (1998), para a fala de Brasília, porque ambas reúnem as bilabiais [p b m] e as labiodentais [f v] num só fator. Nos dados de que dispomos sobre a fala de Formosa, no entanto, as labiodentais favoreceram mais a variante média-fechada [o]. Já na fala culta de Salvador, as consoantes labiais – bilabiais e labiodentais – não se mostraram relevantes para a realização da alta [u] (cf. Silva, 1989: 161). Para Bisol (1984: 88), a elevação da pretônica /o/ nesse contexto se explica pelo traço da labialidade:

Considerando-se que a labialidade é um traço das vogais posteriores que gradualmente aumenta à medida que se passa da vogal baixa para alta, é a vogal // aquela que se caracteriza, em princípio, por maior labialização. É esse traço que faz da consoante labial um contexto propiciador do alteamento de *o*.

6.6.4 Acento secundário

O efeito do acento secundário sobre o abaixamento das pretônicas teve resultados mais nítidos para a posterior /o/ do que para a anterior /e/. A distribuição dos dados da vogal /e/ podem ser acompanhados na tabela 21 abaixo:

TABELA 21: EFEITO DO FATOR ACENTO SECUNDÁRIO NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA ANTERIOR /E/

	Abaixamento [ɛ]	Elevação [i]	Manutenção [e]	
Fatores	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Exemplos
1 sílaba antes da tônica	0,397 259/1117 = 23,2%	0,453 174/1067 = 16,3%	0,565 917/1350 = 67,9%	<i>rèforma</i> <i>siguro</i> <i>pegá</i>
2 sílabas antes da tônica	0,649 148/575 = 25,7%	0,550 77/515 = 15%	0,407 438/663 = 66,1%	<i>misèricórdia</i> <i>ixistiu</i> <i>marcenaria</i>
3 sílabas antes da tônica	0,714 32/120 = 26,7%	0,687 30/118 = 25,4%	0,456 88/150 = 58,7%	<i>vèstibular</i> <i>ixatamente</i> <i>mercadoria</i>
4 ou mais sílabas antes da tônica	0,530 6/30 = 20%	0,545 5/29 = 17,2%	0,347 24/35 = 68,6%	<i>rèspansabilidade</i> <i>disorganizada</i> <i>representação</i>
Total	445/1842 = 24,2%	286/1729 = 16,5%	1467/2198 = 66,7%	
Significância	0,036	0,025	0,010	

Os pesos relativos atribuídos pelo programa indicam que o distanciamento da tônica favoreceu tanto a elevação quanto o abaixamento, em oposição à manutenção da pretônica /e/.

Uma busca aos dados mostrou que a escolha da variante alta [i] em sílabas distantes da tônica aconteceu geralmente em itens com a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte ou o prefixo *des-*. A elevação da pretônica /e/ ocorreu, por exemplo em:

- distância de 2 sílabas da tônica: *ri**v**irar, p**r**icisô, i**x**istiu, i**x**istia, i**x**istência, di**z**enove, di**z**essete, pi**r**igoso, di**s**istí, di**s**cansô, mi**l**horado, i**x**amina, si**g**urança.*
- 3 sílabas antes da tônica: di**s**vinculei, di**s**confiado, di**s**envolvido, di**s**truidor, di**s**ativei, di**s**inflamá, i**x**atamente, i**x**aminô, pi**q**uininhos, pa**r**icidamente.
- 4 sílabas ou mais antes da tônica: di**s**organizada, di**s**envolvimento.

Já o abaixamento da pretônica /e/ ocorreu, por exemplo, em:

- distância de 2 sílabas da tônica: è**l**efante, tè**l**efone, è**q**uílibrio, r**è**freshado, d**è**rrubadas, p**r**è**v**enir, fr**è**qüentei, p**r**è**g**ações, i**x**p**è**riência, c**è**lulá, pa**p**elaria, i**n**t**è**ressado, p**è**cuária.
- 3 sílabas antes da tônica: i**x**p**è**ri**è**ntá, p**è**rnambucano, t**è**levisão, p**è**ssualmente, r**è**comendável, r**è**cuperá, v**è**stibular, v**è**rdadizinha, d**è**vorador, r**è**alidade, è**d**ucação, s**è**cretaria, d**è**legacia, è**s**encialmente.
- 4 sílabas ou mais antes da tônica: r**è**ligiosamente, r**è**sponsabilidade, n**è**cessariamente, p**r**è**u**cupação, g**è**neralizado.

A tabela 22 a seguir mostra como ficou a distribuição dos dados com a pretônica posterior /o/, segundo o grupo de fatores acento secundário.

TABELA 22: EFEITO DO FATOR ACENTO SECUNDÁRIO NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA POSTERIOR /o/

	Abaixamento [ɔ]	Elevação [u]	Manutenção [o]	
Fatores	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Exemplos
1 sílaba antes da tônica	0,389 246/994 = 24,7%	0,635 179/1000 = 17,9%	0,492 823/1502 = 54,8%	<i>hòrrível</i> <i>mutivo</i> <i>orelha</i>
2 sílabas antes da tônica	0,702 133/377 = 35,3%	0,294 61/408 = 15%	0,517 347/541 = 64,1%	<i>tòtalmente</i> <i>cumplicado</i> <i>corrigi</i>
3 sílabas antes da tônica	0,526 19/96 = 19,8%	0,204 11/121 = 9,1%	0,661 92/122 = 75,4%	<i>òbrigatório</i> <i>burracharia</i> <i>procedimento</i>
4 ou mais sílabas antes da tônica	0,959 20/37 = 54,1%	(0/18)	0,129 18/38 = 47,4%	<i>pròfissionalizante</i> <i>coleccionador</i>
Total	418/1504 = 27,8%	251/1529 = 16,4%	1280/2203 = 58,1%	
Significância	0,000	0,001	0,003	

No caso da pretônica /o/, observamos que as palavras cujas pretônicas se encontravam a uma distância de número par da tônica, 2 ou 4 sílabas, foram as mais favorecedoras ao abaixamento.

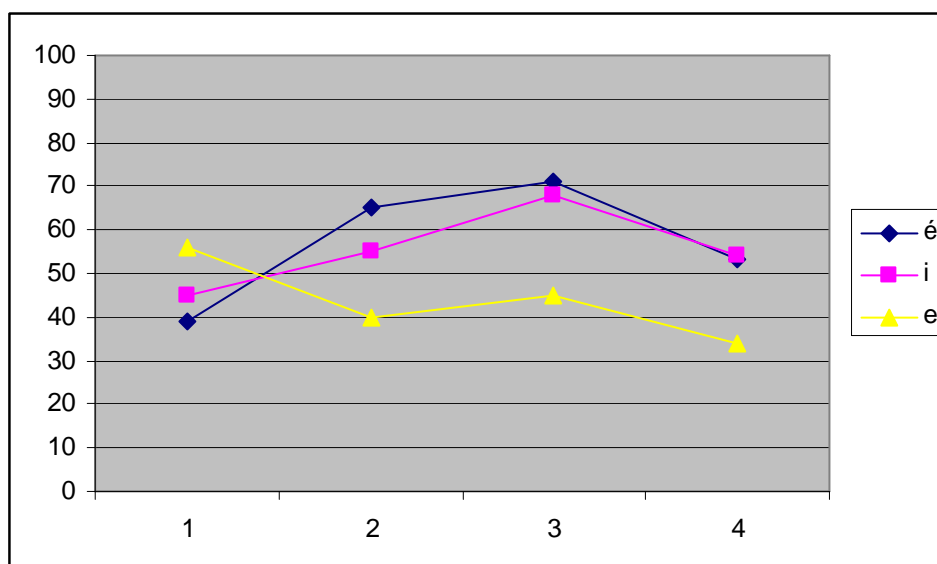
Alguns exemplos:

- Distância de 2 sílabas da tônica: *pòrtuguês*, *òrienta*, *còibí*, *hòspital*, *òbservando*, *bòrrachinha*, *pròpaganda*.
- 3 sílabas antes da tônica: *pòpulação*, *òbrigatório*, *sòlicitando*, *ròdoviária*, *còpiadoras*, *pròcedimento*, *pròcuração*.
- 4 sílabas antes da tônica: *òportunidade*, *mòdificação*, *pròstituição*, *pròfissionalizante*, *còrdenadora*, *còlaborador*, *òrientação*.

O movimento das linhas nos gráficos 13 e 14 a seguir ajuda a compreender o comportamento de cada variante na pretônica /e/ e /o/.

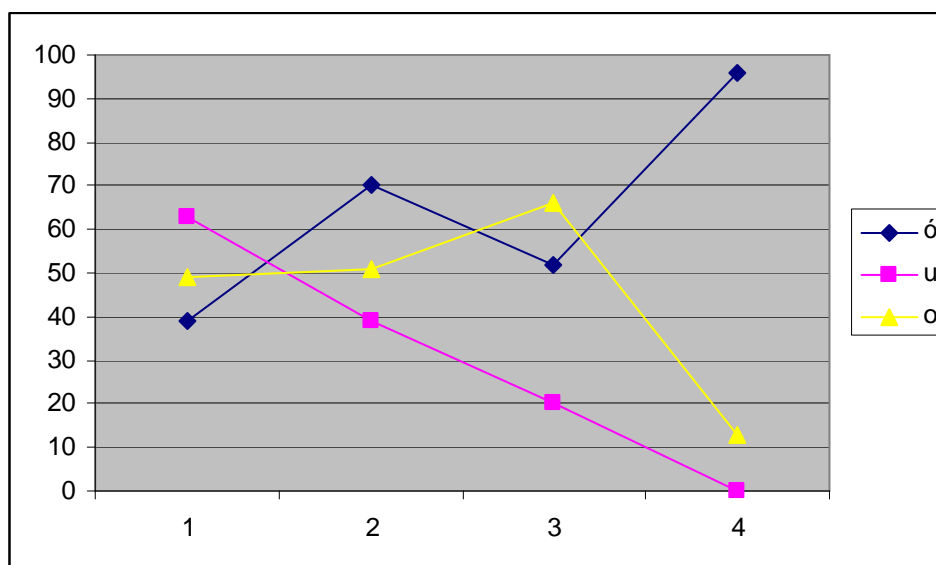
No gráfico 13, as linhas correspondentes às variantes média-aberta e alta ficaram muito próximas. Quando a vogal /e/ esteve a duas ou três sílabas da tônica, a elevação e o abaixamento foram favorecidos. O movimento da linha correspondente à variante média-fechada, entretanto, sinaliza que o efeito do acento secundário decresceu à medida que a distância da tônica aumentou.

GRÁFICO 13: EFEITO DO FATOR ACENTO SECUNDÁRIO NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA ANTERIOR /E/



Já o gráfico 14, que visualiza os resultados para pretônica posterior, registrou uma oposição drástica entre o abaixamento e a elevação. Enquanto o índice de elevação decresceu à medida que a vogal /o/ se distanciou da sílaba tônica, o índice de abaixamento encontrou na posição mais distante da tônica um ambiente propício.

GRÁFICO 14: EFEITO DO FATOR ACENTO SECUNDÁRIO NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA POSTERIOR /o/



6.7 Variáveis extralingüísticas

Antes de passarmos para a análise dos resultados, é necessário observar que o fato de o programa ter selecionado as variáveis extralingüísticas – especialmente as sociais – chama bastante a atenção. Primeiro porque essas variáveis não desempenharam efeitos significativos na maioria dos estudos quantitativos sobre as vogais médias pretônicas a que tivemos acesso. A escolha dos grupos de fatores sociais neste trabalho pode ser indicativo de mudança lingüística na cidade de Formosa, hipótese que só poderá ser confirmada ou rejeitada a partir de outras pesquisas, com amostras maiores e que considerem também a variável faixa etária.

Em segundo lugar, a seleção das variáveis extralingüísticas merece atenção porque a amostra de que dispomos é pequena e não uniformemente distribuída. Como a quantidade de grupos de fatores extralingüísticos é relativamente grande para a quantidade de informantes, é muito provável que esteja ocorrendo interação entre os grupos, ou seja, eles não são totalmente independentes uns dos outros (cf. Guy & Zilles, 2007: 178-181).

Por esses motivos, os resultados serão analisados com cautela.

O destaque abaixo (cf. quadro 27) retoma as variáveis extralingüísticas selecionadas pelo programa nas rodadas sem contextos categóricos ou quase categóricos. As células preenchidas de rosa, que correspondem aos grupos selecionados, foram mais numerosas para a vogal anterior /e/ do que para a posterior /o/. Para o abaixamento da vogal /o/, o único grupo escolhido – e coincidentemente o primeiro – foi o da classe socioeconômica. Comentaremos a seguir cada uma das variáveis.

	Abaixamento		Elevação		Manutenção da média	
	/e/	/o/	/e/	/o/	/e/	/o/
Classe socioeconômica	1	1			1	
Sexo						
Nível de escolaridade						
Contato com Brasília						
Tipo de discurso			1			

6.7.1 Classe socioeconômica

A variável classe socioeconômica foi a única a ser selecionada em primeiro lugar em três rodadas - no abaixamento de ambas as vogais e na manutenção da pronúncia média-fechada da anterior /e/. Nas rodadas referentes à elevação, esse grupo não se mostrou relevante e foi excluído.

A tabela 23 mostra como ficou a distribuição dos dados e quais foram os fatores com pesos relativos mais altos.

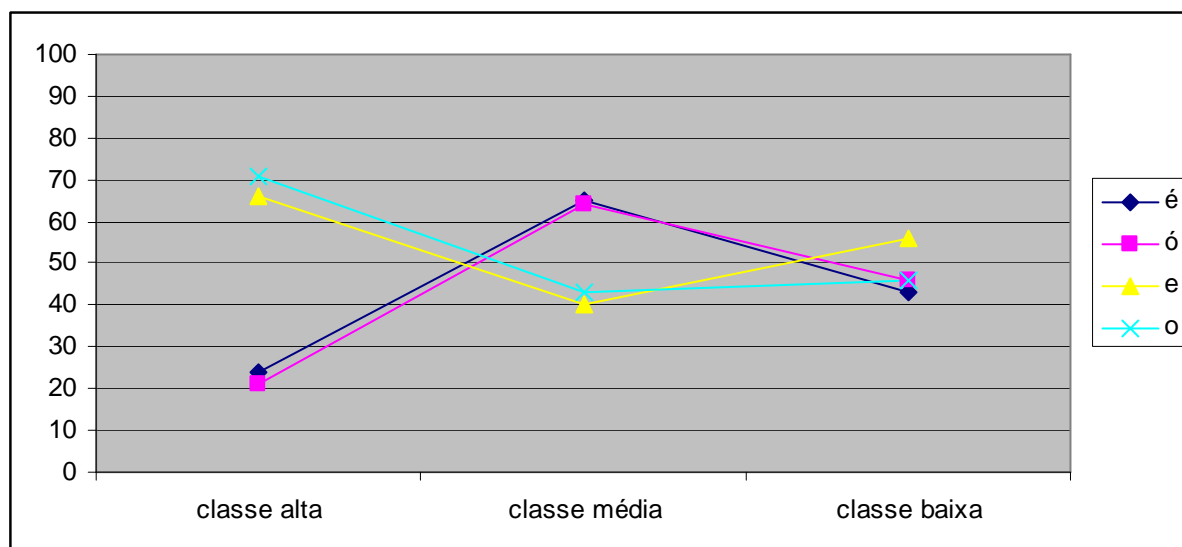
TABELA 23: EFEITO DO FATOR CLASSE SOCIOECONÔMICA SOBRE O ABAIXAMENTO E A MANUTENÇÃO DA MÉDIA-FECHADA DAS PRETÔNICAS /E/ E /O/

	Abaixamento		Manutenção da média-fechada	
	[ɛ]	[ɔ]	[e]	[o]
Fatores	Peso Relativo Frequência	Peso Relativo Frequência	Peso Relativo Frequência	Peso Relativo Frequência
Classe alta	0,244 32/428 = 7,5%	0,217 38/332 = 11,4%	0,666 404/479/84,3%	0,719 340/462 = 73,6%
Classe média	0,650 324/975 = 33,2%	0,643 296/808 = 36,6%	0,399 686/1162 = 59%	0,431 619/1217 = 50,9%
Classe baixa	0,432 89/439 = 20,3%	0,466 84/364 = 23,1%	0,565 377/557 = 67,7%	0,465 321/524 = 61,3%
Total	445/1842 = 24,2%	418/1504 = 27,8%	1467/2198 = 66,7%	1280/2203 = 58,1%
Significância	0,036	0,000	0,010	0,010

Para o abaixamento, as duas vogais tiveram resultados extremamente parecidos. A classe média se mostrou favorecedora, enquanto a classe alta foi a que menos utilizou a variante média-aberta [ɛ ɔ]. A variante média-fechada, por sua vez, alcançou os valores mais altos entre os falantes de classe alta. Assim, a seleção feita pelo programa parece indicar a existência de duas oposições na comunidade de fala de Formosa:

- (i) uma oposição entre a variante média-aberta [ɛ ɔ] e a média-fechada [e o], uma vez que a variante alta [i u] foi excluída;
- (ii) uma oposição entre a classe socioeconômica alta e a média, facilmente verificável a partir do movimento das linhas do gráfico 15.

GRÁFICO 15: EFEITO DO FATOR CLASSE SOCIOECONÔMICA SOBRE O ABAIXAMENTO E A MANUTENÇÃO DA MÉDIA-FECHADA DAS PRETÔNICAS /E/ E /O/



A partir dos resultados expostos na tabela 24 e no gráfico 15, depreendemos dois comportamentos lingüísticos distintos, provavelmente inconscientes, operando nas classes sociais da cidade de Formosa. O curioso é que a classe socioeconômica baixa é aquela que permanece com os resultados mais neutros. A pergunta que surge é: o que pode estar por trás desses comportamentos?

A preferência da classe alta pela variante média-fechada [e o] facilmente se explica, já que essa é a variante menos marcada e, assim, os falantes pertencentes a essa classe mantêm o *status* e protegem-se dos estereótipos lingüísticos. Os falantes da classe média, por sua vez, demonstram preferência pela variante média-aberta [ɛ ɔ], mais do que os da classe baixa.

O comportamento diferenciado da classe média tem sido verificado em outros estudos sociolingüísticos. Labov (cf. 1972: 244, 45), constatou que, quando o uso do *r* recebeu um valor de prestígio em Nova Iorque, a classe média baixa se apropriou dessa forma, atingindo índices quantitativos mais altos que os da classe média alta. A esse comportamento Labov dá o nome de 'hipercorreção'. Para Labov (2006: 118), a hipercorreção pode acarretar mudanças lingüísticas: "Há razões para acreditar que tal hipercorreção é um mecanismo

importante na transmissão para baixo de um padrão de prestígio e para a completação da mudança lingüística”.

A classe média da cidade de Formosa, no entanto, tem esboçado um movimento oposto ao observado em outros estudos: não prefere a variante menos marcada [e o] nem faz uso da hipercorreção. Ao invés disso, seleciona a variante estigmatizada [ɛ ɔ]. É possível que essa seja uma maneira de a classe média formosense demonstrar sua atitude positiva em relação à língua e à cultura locais e, ao mesmo tempo, uma maneira de rejeitar as influências lingüísticas provenientes de Brasília. que chegam, muito provavelmente, via classe alta.

O encaixamento social da variável dependente aqui estudada aproxima-se, assim, da situação encontrada por Labov (1972: 28) na ilha Martha's Vineyard, em que os moradores preferiam usar os ditongos marcados - com a vogal mais centralizada - para diferenciarem-se dos turistas que invadiam a ilha durante a temporada: “O estudo dos dados mostra que a alta centralização dos ditongos (ay) e (aw) está intimamente relacionada com as expressões de forte resistência às incursões dos turistas durante o verão”⁶⁹. Assim, Labov (cf. 1972: 38) concluiu que moradores com uma atitude mais positiva em relação a ilha Martha's Vineyard centralizavam mais os ditongos do que aqueles que guardavam uma atitude mais negativa.

Talvez esse seja também o processo pelo qual a cidade de Formosa esteja passando. Infelizmente não foi possível, como o fez Labov na pesquisa conduzida em Martha's Vineyard, criar um grupo de fatores específico para quantificar a atitude do informante em relação à cidade de Formosa e correlacionar esse grupo ao uso das variantes. Como as entrevistas não seguiram à risca o questionário-roteiro, nem todos os informantes falaram a respeito de Formosa ou da relação entre Formosa e Brasília. E algumas vezes as opiniões não foram tão claras. A interpretação, portanto, ficaria bastante subjetiva.

Os comentários de 4 informantes transcritos a seguir – 2 da classe média, 1 da classe alta e 1 da classe baixa -, dão uma idéia de como é diversa a opinião acerca de Formosa.

⁶⁹ Tradução nossa: “A study of the data shows that high centralization of (ay) and (aw) is closely correlated with expressions of strong resistance to the incursions of the summer people”.

A - Entrevistadora - Você acha que Brasília influencia muito Formosa? Se não tivesse Brasília, Formosa seria o que é hoje?

Informante 1 – classe média - Não, influencia bastante devido ao, à distância, né. Tudo aqui dependi de Brasília também, praticamente, né. Favorável agora pra Formosa sei qui tem sido mesmo essas empresa qui vem pra cá, né. Um loja de móveis que chegou agora, não tinha Casas Bahia, né. Cresceu muito Formosa devido a isso. Ponto Frio. É, aquela que veio agora, Fujioka, né. Pioneer, nós já falamos, a Pioneer também. Intão é, aumentô muito aqui é, entendeu? E o pessoal, agora Formosa tá tendo muita... o pessoal não si desloca mais assim não, o que precisa em Brasília, entendeu? Área de medicina Formosa cresceu bastante. Tem genti de lá que vem prestá faculdade aqui, né. Si elis falá assim: eu vô ti arrumá um lugar pra você morá em Brasília. Não quero. Brasília é preso demais, não tem como você ir de pé, tudo tem que í de carro lá. (...) Formosa não, Formosa é tudo pertinho, dá pra você í de pé aqui, temos vários clube aqui bom também, né. Temos a cachoeira do Itiquira aqui, um ponto turístico aqui que, né, acho que é um dos ponto turístico melhor da América Latina aqui, ouvi dizê que é o Itiquira, é muito bonito lá. Cento e setenta metros de altura de queda de água, né. Muito organizado lá.

B - Entrevistadora – E você acha que se não tivesse Brasília, Formosa teria crescido igual?

Informante 2 – classe média – Eu acho qui teria crescido mais. Porque hoje não, assim, muita gente não tá saindo de Brasília, porque até esse prefeito nosso, ele tem trabalhado muito isso, pra população não saí daqui pra comprá em Brasília. Pessoas tinham, eu mesmo, sô muito assim, de saí daqui e comprá em Brasília. Né, intão a gente dexava o comércio daqui, que dizê, sem aquecê, né, e hoje, né, as pessoas tão mais comprando aqui, qui tem mais lojas, tem, o comércio é melhor, né. As faculdades também, né, cê vê qui cresceu muito a cidade. Intão, eu acho assim que se a gente não fosse tão perto de Brasília eu acho qui a genti tinha crescido mais. Sabe, porque a gente era muito dependenti de Brasília. E hoje, não, né.

C - Entrevistadora - Você acha que esse crescimento tem a ver com Brasília ou não?

Informante 3 – classe alta - Nossa, eu sô super grata. Tem genti qui fala: Não, o Juscelino, foi fazê essa capital, endividô o país, eu sô super grata a Juscelino, sabe? A todo mundo qui construiu. Eu fico imaginando, o que seria Formosa hoje, se não tivesse Brasília?

D - Entrevistadora – Você acha que Brasília influencia Formosa?

Informante 4 – classe baixa – Totalmente. Formosa é até tido, até em istudos, né, em Formosa ela é cidade dormitório, né. Formosa vive em função de Brasília.

Diante desses fatos, concluímos que a variação das pretônicas em Formosa merece ser monitorada, a fim de verificar se a estratificação social desencadeará um aumento da pronúncia abaixada, seguindo a classe média, ou se desencadeará um recuo no abaixamento, seguindo a tendência da classe alta. Assim, concordamos com Labov (1972: 3) quando afirma que

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança lingüística fora da vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, para dizer de outro modo, pressões sociais estão continuamente operando sobre a língua, não em um ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente atuando no presente.⁷⁰

6.7.2 Tipo de discurso

Outra variável extralingüística selecionada na maioria das rodadas foi o tipo de discurso. Os resultados estão apresentados na tabela 24:

TABELA 24: EFEITO DO FATOR TIPO DE DISCURSO NA VARIAÇÃO DAS PRETÔNICAS /E/ E /O/

	Abaixamento		Elevação		Manutenção	
	[ɛ]	[ɔ]	[i]	[u]	[e]	[o]
Fatores	Peso Rel. Frequência	Frequência	Peso Rel. Frequência	Peso Rel. Frequência	Peso Rel. Frequência	Peso Rel. Frequência
Diálogo	0,522 370/1415 = 26,1%	312/1132 = 27,6%	0,551 265/1345 = 19,7%	0,549 243/983 = 24,7%	0,463 1093/1728 = 63,3%	0,482 1014/1823 = 55,6%
Leitura	0,429 75/427 = 17,6%	106/266 = 28,5%	0,328 21/384 = 5,5%	0,183 8/203 = 3,9%	0,632 374/470 = 79,6%	0,587 266/380 = 70%
Total	445/1842 = 24,2%	418/1504 = 27,8%	286/1729 = 16,5%	251/1186 = 21,2%	1467/2198 = 66,7%	1280/2203 = 58,1%
Significância	0,036	--	0,025	0,000	0,010	0,010

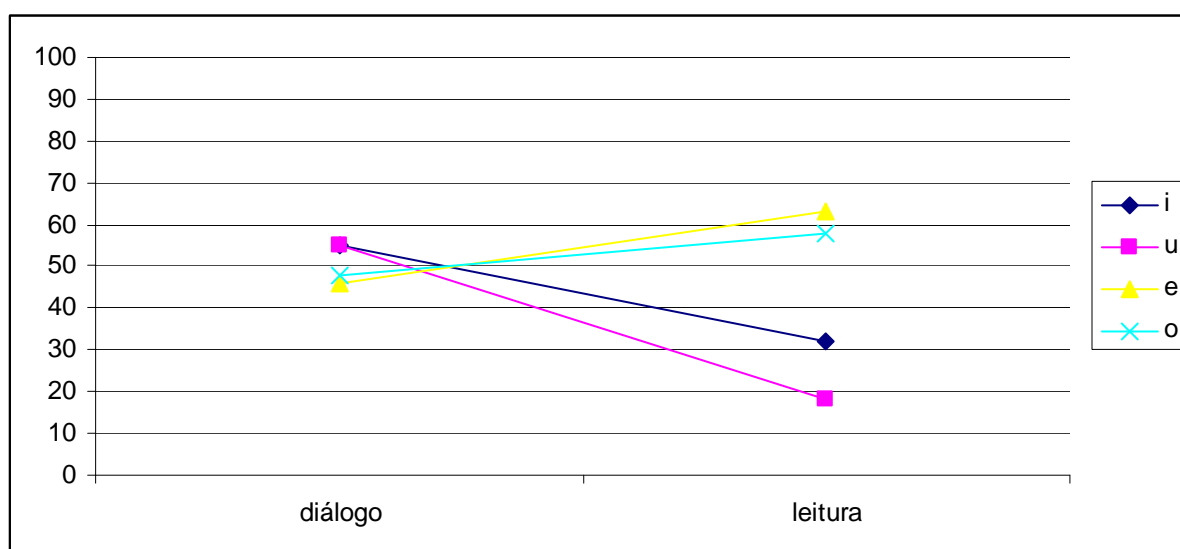
⁷⁰ Tradução nossa: “(The point of view of the present study is that one) cannot understand the development of a language change apart from the social life of the community in which occurs. Or to put it another way, social pressures are continually operating upon language, not from remote point in the past, but as an immanent social force acting in the living present”.

A tabela 24 evidencia que, no abaixamento, os pesos relativos de diálogo e leitura ficaram próximos, com um índice um pouco acima da média - 0,522 - para o diálogo. Na elevação, os pesos relativos do diálogo também ficaram acima da média, porém com valores não tão próximos dos obtidos para a leitura. Note-se que, para a pretônica /e/, a variante [i] ficou com o índice de 0,551 para o fator diálogo, e 0,328 para o fator leitura. Já no caso da pretônica /o/, a variante [u] ficou com um índice de 0,549 para o diálogo e apenas 0,183 para a leitura. A manutenção da pronúncia média-fechada ocorreu mais durante a leitura, com peso relativo de 0,632 para a pretônica /e/ e de 0,587 para a pretônica /o/.

O favorecimento da variante média-fechada era o resultado esperado para a leitura, por ser um estilo com um maior grau de monitoração. Em contraparte, as variantes alta e média-aberta eram mais esperadas durante o diálogo, na fala mais informal e menos monitorada. Essa expectativa se confirmou de maneira mais evidente para a variante alta.

O gráfico 16 a seguir traz a comparação entre as ocorrências com as variantes alta e média-fechada durante o diálogo e a leitura. Durante o diálogo as variantes ficaram equilibradas, com um índice um pouco maior para as altas. Na leitura, a alta [i u] foi pouco selecionada pelos informantes, enquanto o índice da média-fechada [e o] aumentou.

GRÁFICO 16: EFEITO DO FATOR TIPO DE DISCURSO SOBRE A ELEVAÇÃO E A MANUTENÇÃO DA MÉDIA-FECHADA DAS PRETÔNICAS /E/ E /O/



6.7.3 Nível de escolaridade, Sexo e Contato com Brasília

Os três últimos grupos de fatores extralingüísticos que abordaremos tiveram efeitos pouco significativos sobre a variação das pretônicas médias. Praticamente em todas as rodadas, apenas a anterior /e/ esteve em questão, o que dificulta a explanação de conclusões mais abrangentes.

A análise dos pesos relativos da pretônica /e/ para a variável nível de escolaridade, cujos resultados estão na tabela 25, indica que informantes com até 11 anos de estudos (o que equivale ao Ensino Médio), preferiram mais as variantes alta e média-aberta à média-fechada, ao passo que os informantes com mais tempo de escolaridade preferiram mais a variante média-fechada.

TABELA 25: EFEITO DO FATOR NÍVEL DE ESCOLARIDADE NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA /E/

	Abaixamento [ɛ]	Elevação [i]	Manutenção [e]
	Peso Relativo Frequência	Peso Relativo Frequência	Peso Relativo Frequência
Até 8 anos de estudos	0,662 74/198 = 37,4%	0,659 49/176 = 27,8%	0,321 130/253 = 51,4%
Até 11 anos de estudos	0,544 187/700 = 26,7%	0,560 123/660 = 18,6%	0,445 549/859 = 63,9%
Mais de 11 anos de estudos	0,432 184/944 = 19,5%	0,424 114/893 = 12,8%	0,587 788/1086 = 72,6%
Total	445/1842 = 24,2%	286/1729 = 16,5%	1467/2198 = 66,7%
Significância	0,036	0,025	0,010

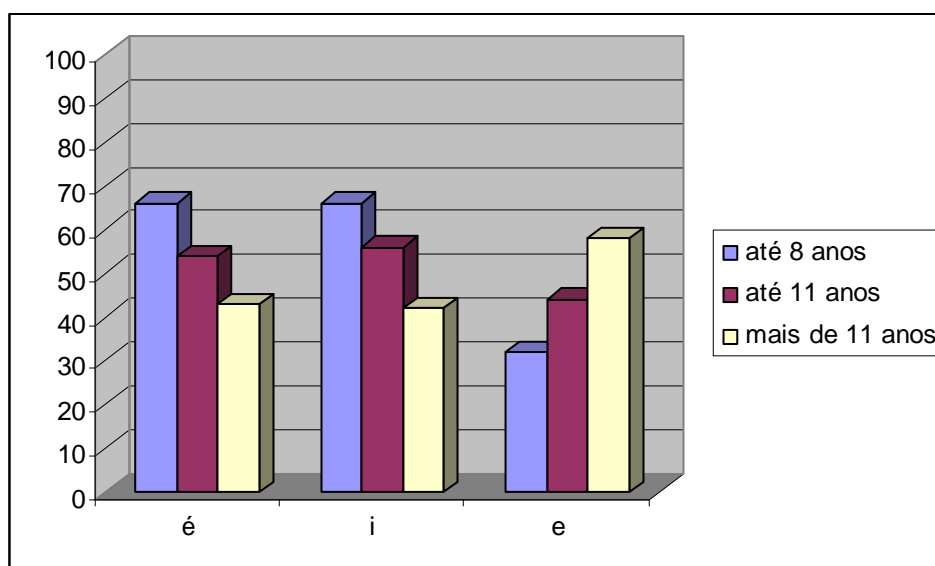
A análise da variável nível de escolaridade da pretônica /o/ ficou limitada, já que apenas uma rodada selecionou esse grupo de fatores, como pode-se ver na tabela 26. O máximo que podemos inferir, a partir dos percentuais, é que os informantes com até 8 anos de estudos usaram mais as variantes média-aberta [ɔ] e alta [u] do que a média-fechada [o].

TABELA 26: EFEITO DO FATOR NÍVEL DE ESCOLARIDADE NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA /O/

	Abaixamento [ɔ]	Elevação [u]	Manutenção [o]
	Frequência	Frequência	Peso Relativo Frequência
Até 8 anos de estudos	67/173 = 38,7%	47/153 = 30,7%	0,441 135/294 = 45,9%
Até 11 anos de estudos	157/582 = 27%	82/423 = 19,4%	0,567 498/818 = 60,9%
Mais de 11 anos de estudos	194/749 = 25,9%	122/610 = 20%	0,465 647/1091 = 59,3%
Total	418/1504 = 27,8%	251/1186 = 21,2%	1280/2203 = 58,1%
Significância	--	--	0,010

Assim, o gráfico 17 reproduz apenas os pesos relativos da pretônica anterior /e/.

GRÁFICO 17: EFEITO DO FATOR NÍVEL DE ESCOLARIDADE NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA ANTERIOR /E/



Ao olhar o gráfico, percebe-se facilmente o desenho de escada formado pelos pesos relativos: para as variantes [ɛ] e [i] os graus se moveram no sentido decrescente à medida que o nível de escolaridade aumentou; para a variante [e], os graus acompanharam o aumento da escolaridade. Embora esses resultados sejam limitados, eles indicam que o abaixamento e a elevação têm recebido o mesmo tratamento. Ou seja, pessoas com um nível de escolaridade mais elevado revelam uma preferência pela variante menos marcada [e], deixando de realizar não apenas a variante estigmatizada [ɛ], mas também a variante [i], que tem sido reconhecida como supra-dialetal.

Quanto à interferência do fator sexo na variação das pretônicas, as mulheres se mostraram mais favoráveis ao uso das variantes [ɛ] e [i], enquanto os homens foram mais conservadores, como mostram os resultados apresentados na tabela 27. Embora esses resultados sejam de difícil interpretação, podemos antever a preservação da variação na comunidade de fala estudada. Tendo como pressuposto o fato de que as mulheres preferem as formas mais prestigiadas (cf. Paiva, 2003), o resultado oposto, isto é, a preferência pela variante [e], poderia ser o indício de uma mudança lingüística.

TABELA 27: EFEITO DO FATOR SEXO NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA ANTERIOR /E/

	Abaixamento [ɛ]	Elevação [i]	Manutenção [e]
Fatores	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência	Peso relativo Frequência
Feminino	0,552 217/887 = 24,5%	0,588 159/859 = 18,5%	0,431 712/1088 = 65,4%
Masculino	0,452 228/955 = 23,9%	0,413 127/870 = 14,6%	0,568 755/1110 = 68%
Total	445/1842 = 24,2%	286/1729 = 16,5%	1467/2198 = 66,7%
Significância	0,036	0,025	0,010

A variável contato com Brasília foi a menos selecionada dentre todas as variáveis incluídas na pesquisa. Os resultados da tabela 28 mostram que a elevação da pretônica /e/ foi favorecida pelo grupo de informantes que mantém um contato mínimo com a capital federal.

TABELA 28: EFEITO DO FATOR CONTATO COM BRASÍLIA NA VARIAÇÃO DA PRETÔNICA ANTERIOR /E/

	Abaixamento [ɛ]	Elevação [i]	Manutenção [e]
Fatores	Frequência	Peso relativo Frequência	Frequência
Trabalha em Brasília	150/990 = 15,2%	0,437 137/1006 = 13,6%	881/1168 = 75,4%
Raramente vai à Brasília	295/852 = 34,6%	0,587 149/723 = 20,6%	586/1030 = 56,9%
Total	445/1842 = 24,2%	286/1729 = 16,5%	1467/2198 = 66,7%
Significância	--	0,025	--

Isolado, o peso relativo de 0,587 da tabela 29 nos diz muito pouco. Considerando os percentuais das outras variantes, podemos, mais uma vez, inferir que o contato com Brasília diminui a realização da variação. Na variante média-aberta, o percentual para quem trabalha em Brasília, 15,2%, ficou bem abaixo do percentual total, que foi de 24,2%. O contrário ocorreu na variante média-fechada: o percentual da manutenção dessa pronúncia, 75,4%, ficou acima do percentual total, de 66,7%.

Esses resultados levam-nos a reiterar a necessidade da monitoração da fala de Formosa e região. É provável que um estudo que levasse em conta diferentes faixas etárias, comparando a fala de pessoas acima de 60 anos - mais ligadas à zona rural - e de abaixo de 25 anos - com uma ligação maior com a capital federal -, consiga depreender as diferenças lingüísticas decorrentes das transformações sociais.

6.8 Últimas reflexões

Após a análise dos resultados, obtidos em várias rodadas, queremos destacar alguns pontos. O primeiro deles é o efeito da variável vogal seguinte sobre a variação das vogais médias. Para tanto, considerem-se os quadros 30 e 31 a seguir, em que os fatores favorecedores ao abaixamento, elevação e manutenção das pretônicas /e/ e /o/ foram marcados. As células preenchidas de verde correspondem às vogais seguintes orais; as células preenchidas de rosa, às vogais seguintes nasais.

QUADRO 30: FATORES DA VARIÁVEL VOGAL SEGUINTE FAVORECEDORES AO ABAIXAMENTO, ELEVÇÃO E MANUTENÇÃO DA PRETÔNICA ANTERIOR /E/

	Abaixamento [e]	Elevação [i]	Manutenção [e]
alta anterior [i]			
alta posterior [u]			
média-fechada anterior [e]			
média-fechada posterior [o]			
média-aberta anterior [ɛ]			
média-aberta posterior [ɔ]			
baixa central [a]			
alta anterior nasal [ĩ]			
alta posterior nasal [ũ]			
média-fechada anterior nasal [ẽ]			
média-fechada posterior nasal [õ]			
baixa central nasal [ã]			

O quadro 30, além de mostrar que a harmonização vocálica não se concretizou completamente para a pretônica anterior /e/, evidencia a distribuição complementar do efeito favorecedor em contexto oral. Em contexto nasal, destaca-se o total desfavorecimento da manutenção da pronúncia média-fechada [e]. Ou seja, o quadro 30 revela que a seleção de uma ou outra variante, exercida pelos formosenses, tem seguido um determinado padrão.

Já os fatores da variável vogal seguinte favorecedores ao abaixamento, elevação e manutenção da pretônica /o/, cuja distribuição pode ser vista no quadro 31, demonstram uma organização diferente da constatada na pretônica anterior.

QUADRO 31: FATORES DA VARIÁVEL VOGAL SEGUINTE FAVORECEDORES AO ABAIXAMENTO, ELEVÇÃO E MANUTENÇÃO DA PRETÔNICA POSTERIOR /o/

	Abaixamento [ɔ]	Elevação [u]	Manutenção [o]
alta anterior [i]			
alta posterior [u]			
média-fechada anterior [e]			
média-fechada posterior [o]			
média-aberta anterior [ɛ]			
média-aberta posterior [ɔ]			
baixa central [a]			
alta anterior nasal [ĩ]			
alta posterior nasal [ũ]			
média-fechada anterior nasal [ẽ]			
média-fechada posterior nasal [õ]			
baixa central nasal [ã]			

No caso da vogal posterior /o/, a harmonização vocálica se confirmou para o abaixamento. E, assim como para a pretônica /e/, houve uma certa distribuição complementar dos fatores entre as variantes, embora não de maneira tão nítida. Na elevação, foram desfavorecedoras as médias posteriores [o] e [ɔ], enquanto na manutenção da pronúncia média-fechada, as médias anteriores [e] e [ɛ].

Uma vez que os trabalhos de Silva (1989) e Soares (2004) se ocuparam do mesmo fenômeno de variação e descreveram variedades lingüísticas pertencentes ao subfalar baiano, serviram de referência para nossa pesquisa. Assim, esperávamos encontrar semelhanças entre os resultados obtidos para a fala de Formosa e essas variedades. E, de fato, por diversas vezes podíamos ver, nos exemplos fornecidos pelas autoras, um formosense. No entanto, como a harmonização vocálica não foi tão evidente para a fala de Formosa, não pudemos aplicar à variedade por nós estudada as três regras utilizadas por Silva (1991: 88) e Soares (2004: 121-123), nos estudos conduzidos na Bahia, que são:

- (i) **Regra Categórica de Timbre** – rege a distribuição complementar das variantes média-fechada [e o] e média-aberta [ɛ ɔ] da variável dependente da seguinte maneira:
 - mantém a pronúncia média-fechada das vogais médias pretônicas quando seguidas de vogais orais na mesma altura, ou seja, de [e] e [o] – *correio, cerveja*;
 - atribui o traço [+ baixo] às vogais médias pretônicas em todos os demais contextos, ou seja, diante das vogais orais [i], [u], [ɛ] e [ɔ] e das nasais [ĩ], [ũ], [ẽ], [õ] e [ã] – *òficio, pròjeto, nèblina, quèrendo, pèrsonalizado, vòlante*.
- (ii) **Regra Variável de Elevação** – atribui o traço [+ alto] às vogais médias /e/ e /o/ quando seguidas de vogal alta ou sob a influência de consoantes que favoreçam a elevação – *custumo, governo, pirigoso, prisunto*.
- (iii) **Regra Variável de Timbre** – mantém a pronúncia média-fechada das vogais /e/ e /o/ em contextos propícios ao abaixamento - *equilíbrio*,

seguradora, evidente, registrado, destinação. Segundo Silva (1989: 275, 276), essas ocorrências, estranhas à fala soteropolitana, carregam o traço [-popular].

Nos dados de que dispúnhamos da fala de Formosa, o abaixamento – ou, nas palavras de Silva, a mudança de timbre – se comportou como uma regra variável, de tal maneira que não registramos contextos categóricos com a variante média-aberta [ɛ ɔ]. O que encontramos foram contextos categóricos para a variante média-fechada [e o], como nos itens *você, depois, pessoa, prefeito, professor*, e no grupo de pretéritos perfeitos de 1^a.e 2^a. conjugações e infinitivos de 2^a. conjugação, que podem ser justificados pela presença de uma média-fechada na sílaba seguinte. Em outros itens como *beleza, Bezerra* (topônimo), *certeza, coronel, cortejo, elogios, motorista e poderia*, a vogal média-fechada seguinte é, muito provavelmente, a grande responsável pela manutenção da pronúncia. Entretanto, não pudemos generalizar o efeito desse fator a todo o *corpus*, já que houve a ocorrência de abaixamento nesse contexto - *chocolate, colocá, comêço, decorrência, elefante, nòrdestino, oceano, oportunaidade, penetrado, pobreza, rebolá, rodoviária*. Além disso, os resultados estatísticos obtidos por meio do programa *Goldvarb-X* apontaram para a influência da vogal alta [u] na manutenção da pronúncia média-fechada de ambas as vogais pretônicas – *pecuária, educação, remuneração, procura, noturno*. É provável que as diferenças entre os resultados desta pesquisa e os das pesquisas de Silva e Soares se dê porque, em Formosa, a variante predominante é a média-fechada, e não a média-aberta.

Quanto à análise dos resultados dos segmentos precedentes e seguintes, nem sempre fonemas realizados no mesmo ponto de articulação ou que compartilhavam os mesmos traços exerceram efeito semelhante sobre as pretônicas. No caso do efeito dos segmentos seguintes sobre o abaixamento das pretônicas, por exemplo, enquanto a dental surda [t] foi favorecedora, as dentais sonoras [d n] foram desfavorecedoras.

Alguns contextos fonológicos, no entanto, mostraram-se regulares e, assim, podem ser esclarecidos a partir do modelo neogramático:

- Em posição precedente, a glotal [h] favoreceu altamente o abaixamento da pretônica /e/ - *rèpetir, rèalidade, rèsidência* – e favoreceu a manutenção média-fechada da pretônica /o/ – *arrogantis, inrolado*.

- Em posição seguinte, a glotal [h] favoreceu o abaixamento de ambas as vogais - *sèrviço, òrgulho, còrrendo, tèrrível*.
- A influência das bilabiais [p b m], alveolares fricativas [s z] e velares [k g] precedentes na elevação da posterior /o/ - *muchila, muleque, sussegado, gasulina, cunheço, cunversá, governo*;
- O efeito da palatal nasal seguinte [ɲ], na elevação das pretônicas /e/ e /o/ - *sinhora, ninhum, cunheço*.

Outros contextos que mostraram certa regularidade na escolha de uma variante, motivados, em grande parte, pelas questões históricas da língua, foram:

- O hiato, que favoreceu a elevação de /e/ e de /o/ – *passiá, juelho*.
- Itens da pretônica anterior /e/ com coda em /N/ e /S/, especialmente em posição inicial e com o prefixo *des-*: *intão, discansô, istrelado*.

Conforme vimos, há relatos de elevação nesses contextos desde o século XVI no PE e as pesquisas acerca das vogais médias pretônicas registram que essa pronúncia está disseminada por todas as variedades lingüísticas no Brasil.

Observamos, por vezes, a confluência de fatores lingüísticos atuando na elevação da pretônica /o/ e no abaixamento das pretônicas /e/ e /o/. Na elevação de /o/, percebemos em vários itens a associação de uma velar ou bilabial precedente a outro fator favorável à elevação, como:

- o hiato – *buati, buato*;
- uma nasal seguinte – *cunhicia, cumida, cumigo*;
- sílaba com coda em /N/ seguida de bilabial – *cunversá, cunvidarem, acumpanha*;
- vogal alta na sílaba seguinte – *custumo, fulia, muchila, podia, murri, mutivo*.

No abaixamento, a confluência se deu principalmente pela associação dos fatores acento secundário, glotal [h] seguinte e vogal nasal na sílaba seguinte, como em *frèqüentando, nòrdestino, dèpendendo, vèrgonha, dèrrubadas, Fòrtaleza*.

A confluência de fatores fonológicos e não fonológicos ou, nos termos de Bybee (2002: 271), as associações estabelecidas entre os diversos níveis da língua - *networks* - ajudaram-nos na compreensão de contextos categóricos ou de itens que pareciam fugir às regras fonológicas.

Os *networks* foram percebidos, por exemplo, em grande parte dos itens categóricos detectados no grupo de controle lexical. Vimos em *pessoa, depois, professor, você, piqueno, minino, dimais, bunito, pulícia* não apenas a associação de fatores fonológicos favoráveis à elevação ou à manutenção da média-fechada, mas também a atuação da frequência.

Nos pretéritos de 1ª. e 2ª. conjugações e infinitivos de 2ª. conjugação - *peguei, morreu, comer* -, pudemos ver a constituição de um grupo de exemplares, em que houve a associação de dois níveis da língua: o fonético, pela presença de uma vogal média-fechada na sílaba seguinte, e o semântico, pela similaridade do traço de tempo verbal (cf. Bybee, 2002: 271, 272). Ao mesmo tempo, nesse mesmo grupo de verbos, verificamos o que parece ser um grupo à parte, formado pelos itens *almuçô, cumeu e pudê*. Todos compartilham de condicionantes fonéticos em posição precedente - bilabial [p m] e velar [k] - responsáveis pela elevação da pretônica /o/. No entanto, outros verbos em que a pretônica posterior foi precedida por uma consoante bilabial, como *morreu*, não sofreram elevação. Este fato sugere, então, que esses verbos - frequentes, por sinal -, pertencem a um outro grupo de exemplares, cuja associação ocorre com outros itens lexicais em outros níveis da língua.

Um item lexical observado no grupo de controle com comportamento curioso é o *real*, realizado categoricamente na forma média-fechada. No *corpus* foram registradas as formas *rèalmente, rèalidade* e vários outros vocábulos da pretônica /e/ iniciados com a glotal [h] produzidos com a variante média-aberta [ɛ]. O *real*, contudo, permaneceu invariável. A frequência, é claro, deve ser um condicionante forte nesse caso. Mas além da frequência, deve estar por trás a carga semântica desse item, já que se trata do nome dado à moeda do país (que, por enquanto, tem se mantido forte diante das pressões econômicas internas e externas).

Durante a análise verificamos, ainda, a pressão de fatores gramaticais atuando sobre a variação das vogais médias no grupo de itens iniciados com a seqüência *e/N/-*, como *entrada, inquanto, entrevistá*. Vocábulos pertencentes à classe dos verbos se mostraram mais resistentes à elevação. Essa influência, no entanto, pode ser mais abrangente. Um trabalho que

levasse em conta a classe gramatical como uma variável talvez pudesse depreender melhor a influência desses aspectos na variação das vogais pretônicas.

Por fim, observamos que a seleção dos grupos extralingüísticos - mesmo com uma amostra pequena e não distribuída da maneira ideal - foi uma grata surpresa em nossa análise. Os resultados obtidos para o grupo classe socioeconômica, i.e, o contraste entre as classes média e alta no uso da variante média-aberta, podem ter a significância corroborada em novas pesquisas.

7 CONCLUSÃO

Neste trabalho, pudemos demonstrar como a fala de Formosa está situada no atual panorama lingüístico do PB e dar passos importantes nos trabalhos sociolingüísticos na região do Entorno do DF. Vimos, a partir do trabalho dialetológico de Nascentes, que a presença da variação ternária das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica (média-fechada ~ média-aberta ~ alta) liga a variedade falada em Formosa às variedades lingüísticas da Bahia e do norte de Minas Gerais, ao mesmo tempo que a separa das variedades faladas ao sul de Goiás, região onde predomina a variação binária (média-fechada ~ alta).

A divisão de Goiás em duas regiões, distintas em aspectos lingüísticos, sociais e econômicos, é decorrente do modo como se deu o povoamento do Estado. Enquanto na região norte predominaram as entradas Leste-Oeste, na região sul predominaram as entradas Sul-Norte (cf. Bertan, 1994 e Chauvet, 2005).

A comparação dos resultados percentuais do *corpus* de Formosa com o de outras pesquisas dialetológicas (Rossi, 1963; Zágari, 1998) e sociolingüísticas (Silva, 1989; Soares, 2004; Corrêa, 1998), referentes ao subfalar baiano, confirmou a classificação feita por Nascentes (1953). Por outro lado, a comparação evidenciou também que o nível de abaixamento na fala de Formosa (13,2%) é bem menor que o encontrado em Salvador (59%) e em Jeremoabo (50,5%), mas maior que o verificado em Brasília (3,5%), ficando, assim, num nível intermediário.

A análise dos dados trouxe algumas respostas, assim como mostrou a complexidade do fenômeno estudado. Percebemos que, além dos fatores lingüísticos e extralingüísticos incluídos como variáveis na pesquisa, interferiram outros fatores, ainda não quantificados, tais como a freqüência e a classe gramatical do item lexical. Tais resultados

levaram-nos à retomada da reflexão acerca da controvérsia entre os modelos neogramático e difusionista. Assim como os dados não puderam sustentar que a variação das pretônicas médias /e/ e /o/ estejam sendo motivadas única e exclusivamente pelo nível fonético – o que confirmaria a visão neogramática –, também não indicaram a ocorrência de um processo puramente difusionista. Na realidade, o que encontramos nos dados analisados foi a influência de vários níveis da língua, num constante movimento e numa contínua relação, conforme o modelo dos exemplares proposto por Bybee (2002).

Nossos dados não nos permitiram descartar o condicionamento fonético, como o fez Oliveira (2003: 615), ao afirmar, em relação à fala de Belo Horizonte, que “o contexto fonético é irrelevante como controlador de AP [alçamento de pretônicas]”. Pelo contrário, a influência do ambiente fonético se sobressai, inclusive, nos exemplos utilizados pelo autor (2003: 614) para justificar sua afirmação: “Há casos em que encontramos um [u] categórico, e não um [o] categórico, muito embora o contexto para AP seja desfavorecedor: *moleque*, *motivo*, *moeda* etc”. Ao menos para a fala de Formosa, a pretônica /o/ precedida por uma consoante bilabial [m] e seguida de vogal alta (*motivo*), média-baixa [ɛ] (*moleque*) e hiato (*moeda*) foi bastante suscetível à elevação.

Atestamos que, no *corpus* de fala de Formosa, a categoricidade esteve limitada a grupos lexicais específicos, referentes a itens com a variante média-fechada, como *você*, *pessoa*, *semana*, *morreu*, *real*, e a itens com a variante alta, como *piqueno*, *imbora*, *porque*, *pessual*, *minino*, *bunito*, *sutaque*, *dimais* e *pulícia*, em grande parte explicáveis pelo modelo de exemplares (Bybee, 2002), em que tanto a difusão lexical quanto o condicionamento fonético estão em jogo. Não registramos itens realizados categoricamente com a variante média-aberta. O fato de encontrarmos muitos itens produzidos sempre com a variante alta indica que a elevação é um processo de mudança já acabado para muitos desses itens, ao passo que, nos casos de abaixamento, o que predomina é a variação. Esse comportamento dos dados levou-nos a inferir que a difusão lexical é um processo recorrente para os casos de elevação, mas não para os de abaixamento.

Uma das pistas que nos levou a essa conclusão foi o fator frequência, geralmente relacionado ao modelo difusionista, conforme observa Faraco (2005: 183): “as mudanças sociais podem chegar mais cedo a certas palavras (as de uso mais freqüente, por exemplo)”.

A diferença ocasionada pela frequência nos casos de elevação e de abaixamento pôde ser vista não apenas no momento em que os itens categóricos ou quase categóricos foram relacionados, mas também quando observamos a quantidade e a qualidade dos dados que restaram para as variantes média-aberta [ɛ ɔ] e alta [i u], após a retirada dos contextos categóricos ou quase categóricos. Para a variante média-aberta, o número total de dados para a pretônica /e/ foi de 445, e para a pretônica /o/, 418. Já para a variante alta, o número de dados para a pretônica /e/ foi de 286, e para a pretônica /o/, 251. Ou seja, a quantidade de dados para a variante média-aberta é bem maior. Mas, além disso, as listas dos itens lexicais que sofreram elevação, tanto para a vogal anterior quanto para a posterior, se caracterizaram pela presença de vocábulos freqüentes – *sinhora* (10), *quiria* (10), *guverno* (11), *bucado* (6), *cumigo* (17), *dumingo* (9), com traço [+ comum] – *cumida*, *subrinho*, *gasulina*, *muchila*, *vistido*, *ninhum*, *filiz*, - e/ou pertencentes a um mesmo grupo de exemplares:

- *paricia*, *paricido*, *aparicia*, *Aparicida*;
- *dispesa*, *discansá*, *disanima*, *disinflamá*, *disativei*, *discobri*, *diconfiá*, *disorganizada*;
- *sigundo*, *siguinte*, *siguro*, *sigurança*;
- *custume*, *acustuma*, *acustumô*;
- *acumpanha*, *cumplicado*, *cunheço*, *cunversa*, *cunvidarem*.

Já as listas dos itens que foram realizados com a variante média-baixa mostraram uma variedade maior de vocábulos, tanto freqüentes quanto não freqüentes ou não tão comuns, como *essencialmente*, *digestão*, *vêlado* (escondido), *liberação*, *superior*, *dêfasô*, *prèpotentes*, *òrçamento*, *òrientação*, *sòlicitando*, *pròfissionalizante*, *pròstituição*. A questão da frequência, portanto, ainda carece de um aprofundamento maior.

Outro aspecto que pudemos notar durante a análise foi a importância do levantamento histórico da pronúncia das vogais médias pretônicas na língua portuguesa. Acompanhar o percurso, compreender as mudanças e verificar a descrição dos contextos favorecedores da elevação e do abaixamento das vogais médias no PE e no PB significou a aquisição de uma visão mais abrangente e contínua da variação na língua. A inclusão do capítulo três nos ajudou a enxergar que a variação das vogais médias na fala de Formosa não é

um fato isolado, mas faz parte de um *continuum*. Além disso, o panorama histórico da pronúncia das vogais /e/ e /o/ intensificou a necessidade de analisar os processos de abaixamento e o de elevação separadamente, uma vez que são regidos por parâmetros distintos.

Quanto à análise, ressaltamos também o comportamento diferenciado entre as vogais médias. Nem sempre os fatores verificados apontaram resultados semelhantes para ambas as vogais. Enquanto alguns ambientes favoreceram a elevação, o abaixamento ou a manutenção da média-fechada da anterior /e/, outros favoreceram a elevação, o abaixamento ou a manutenção da média-fechada da posterior /o/. O segmento precedente [h], por exemplo, que diz respeito à glotal fricativa surda, mostrou-se um ambiente altamente propício para o abaixamento da anterior /e/, mas não da posterior /o/. Tais resultados indicam que o estudo da variação das vogais médias pretônicas deve ser realizado sempre sob dois pontos de vista: (i) considerando as vogais /e/ e /o/ como integrantes de um mesmo conjunto, a saber, as vogais médias; (ii) considerando as vogais /e/ e /o/ separadamente, por terem traços fonéticos distintos.

Um aspecto relevante a ser destacado é que, no *corpus* analisado, nem todos os contextos suportaram as três variantes da variável dependente (cf. Tagliamonte, 2007: 70). Um dos desafios para o futuro, então, seria o estudo das vogais pretônicas dividido em três grupos:

- (i) contextos que admitem a variação entre as três variantes, como *serviço* ~ *sèrviço* ~ *sirviço*;
- (ii) contextos que admitem a variação entre duas variantes, como *educação* ~ *èducação*; *concurso* ~ *cuncurso*;
- (iii) contextos categóricos, como *peguei*, *bunito*, *passiá*.

E, ainda, a expectativa de ver resultados mais nítidos da variável contato com Brasília na fala formosense não pôde ser concretizada, muito possivelmente por termos a amostra limitada a apenas uma faixa etária – 30 a 45 anos. Assim, fica para um próximo

trabalho a inclusão de informantes com idade mais avançada e abaixo dos 25 anos, a fim de confirmar a tensão, intuitivamente percebida, entre as variedades lingüísticas de Brasília e de Formosa e, também, monitorar o comportamento da classe socioeconômica, que evidenciou uma oposição interessante entre a classe média e a classe alta.

Enfim, afirmamos que o estudo da variação das vogais médias pretônicas na fala de Formosa nos mostrou que a língua em uso é tão complexa quanto fascinante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Manoel Mourivaldo Santiga. Ecos fonético-fonológicos no falar cuiabano. In: ALMEIDA, Manoel; COX, Maria Inês (Org.) *Vozes cuiabanas: estudos lingüísticos em Mato Grosso*. Cuiabá: Cathedral, 2005.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Casa editora “O livro”, 1920.

ANDERSON, Stephen R. *Phonology in the twentieth century*. Chicago; London: Chicago University Press, 1985.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Palmeira Bezerra de. *Atlas lingüístico da Paraíba: análise das formas e estruturas lingüísticas encontradas*. vol. 2. Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.

BARBOSA, Jorge Morais. *Etudes de phonologie portugaise*. Lisboa: Junta de investigações do Ultramar, 1965.

BERTRAN, Paulo. *História da terra e do homem no planalto central: Eco-historia do distrito federal: do indígena ao colonizador*. Brasília: Solo, 1994.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica, uma regra variável. *Revista Tempo Brasileiro*, 78/79. Sociolingüística e ensino do vernáculo, p.73-96, jul-dez 1984.

_____. Neutralização das átonas. *D.E.L.T.A.*, 19:2, 2003. p.267-276.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. A análise do português brasileiro em três *continua*: o *continuum* rural-urbano, o *continuum* de oralidade-letramento, o *continuum* de monitoração estilística. In: GROSSE, S.; ZIMMERMANN, K. (eds.) “*Substandard*” e mudança no português do Brasil. Frankfurt: TFM, 1998.

_____. Brasília é o denominador comum da cultura nacional. Entrevista concedida ao *Jornal da Comunidade*. Jornalista Maiesse Gramacho. Brasília, 17-23 abril 2004.

_____. *Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.

BORTONI, S.; GOMES, C.; MALVAR, E. A variação das vogais médias pretônicas no português de Brasília: um fenômeno neogramático ou de difusão lexical? *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte, ano 1, v.1, p.9-29, jul-dez 1992.

BORTONI, S. et alii. Um estudo preliminar do /e/ pretônico. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, (20), jan-jun 1991, p.75-90.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; VELLASCO, Ana Maria (Org.). *O falar candango*. No prelo.

BRASIL. PRESIDÊNCIA. SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO. Antecedentes históricos: 1549-1896. v.1. Rio de Janeiro: 1960.

BYBEE, Joan. Word frequency and context of use in the lexical diffusion of phonetically conditioned sound change. *Language variation and change*, v.14, p.261-290, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; COUTINHO, L. Elevação e abaixamento das vogais pretônicas no dialeto do Rio de Janeiro. *Organon – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre*, v.5, n.18, 1991, p.71-78.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 39ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. *Princípios de lingüística geral*. 4ª.ed.rev.aum. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1964.

CASTILHO, Ataliba T de. O Português do Brasil. In: ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 3ª.ed. São Paulo: Ática, 2006.

CHAUVET, Gustavo. *Brasília e Formosa: 4.500 anos de história*. Goiânia: Kelps, 2005.

CORRÊA, Cintia da Costa. *Focalização dialetal em Brasília: em estudo das vogais pretônicas e do /s/ pós-vocálico*. Dissertação de mestrado em Lingüística. Universidade de Brasília, 1998.

COSERIU, Eugenio. *El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística*. 2ª.ed.rev. Madrid: Gredos, 1991.

CRISTÓFARO SILVA, Thaís. *Fonética e fonologia do português*. 8ª.ed. São Paulo: Contexto, 2005.

CROWLEY, Terry. *An introduction to historical linguistics*. 3a.ed. Auckland: Oxford University Press, 1997.

Dados do censo 1980, 1991 e 2001. Disponível em: <http://portalsepin.seplan.gov.br/perfilweb/mostraNew.asp>. Acesso em 15 mar. 2006.

ELIA, Silvio. *Ensaio de filologia*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1963.

FARACO, Carlos Alberto. *Lingüística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. ed.rev.ampl. São Paulo, Parábola, 2005.

FERREIRA, Carlota da Silveira. *Atlas lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1987.

_____. Atlas prévio dos falares baianos: alguns aspectos metodológicos. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 1998.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

Formosa. In: FERREIRA, Jurandyr Pires (Planej. e Orient.) *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. XXXVI vol. Rio de Janeiro: IBGE, 1958.

GONÇALVES VIANA, Aniceto R. Essai de phonétique et de phonologie de la langue portugaise, d'après le dialecte actuel de Lisbonne. In: GONÇALVES VIANA, Aniceto R. *Estudos de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973.

GUY, Gregory R. Introdução à análise quantitativa da variação lingüística. In: GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007a.

_____. Varbrul: análise avançada. In: GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007b.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. *Sociolingüística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HANSEN, Anita Berit. Lexical diffusion in french nasal vowels. *Language variation and change*, 13, p.209-252, 2001.

HONÓRIO RODRIGUES, José. A Vitória da Língua Portuguesa no Brasil Colonial. *Humanidades*, vol1, no.4, jul-set 1983, p.21-41.

ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 3ª.ed. São Paulo: Ática, 2006.

JACINTHO, Olympio. *Esboço histórico de Formosa*. 2ª.ed. Brasília: Editora Independência, 1979.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. Resolving the neogrammarian controversy. *Language variation and change*, v.57, n.2, 1981. p.267-308.

_____. Interview with William Labov. Matthew J. Gordon (interviewer and transcriber). *Journal of English Linguistics*, 2006; 34, pp.332-351. Sage Publications. <http://eng.sagepub.com>

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Português brasileiro: raízes e trajetórias. *Ciência hoje – conquista e colonização*, vol 15, no. 86, 1992. p.76-81.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. (Orgs.). *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras*. vol. 1. 6ª.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.105-146.

MELLO, Antonio Augusto Souza. *Estudo Histórico da família lingüística Tupi-Guarani: aspectos fonológicos e lexicais*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.

MOLLICA, Maria Cecília. Relevância das variáveis não lingüísticas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO, Anthony Julius. *Estudos diacrônicos*. Petrópolis: Vozes, 1973.

_____. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 5a.ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1965.

_____. *O linguajar carioca*. 2a.ed. Rio de Janeiro: Simões, 1953.

_____. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1958.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa*. 6ª.ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1960.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da difusão lexical. *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte, ano 1, v.1, p.31-41, jul-dez 1992.

_____. A controvérsia neogramática reconsiderada. In: ALBANO, Eleonora et alii (Orgs.) *Saudades da língua: a lingüística e os 25 anos do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

OLIVEIRA, Marco Antônio de; LEE, Seung-Hwa. Teoria Fonológica e Variação Lingüística. *Estudos da Lingua(gem)*. Questões de fonética e fonologia: uma homenagem a Luiz Carlos

Cagliari. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, n.3, p.41-67, junho 2006.

OLIVEIRA & SILVA, Giselle Machline. Coleta de dados. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

PINTZUK, Susan. *Varbrul programs*. 1988, inédito.

Projeto ALiB - Atlas lingüístico do Brasil. Disponível em: www.alib.ufba.br. Acesso em 21 abr. 2006.

RIBEIRO, José et alii. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. vol.1. Rio de Janeiro: Fundação Casa Rui Barbosa, 1977.

RODRIGUES, Aryon D. As línguas gerais sul-americanas. *Papia*, vol. 4, no. 2, 1996, p.6-18.

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.

SANKOFF, David. Variable rules. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert & MATTEIR, Klaus J. (eds.) *Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society*. New York: Walter de Gruyter, 1988.p.984-998.

SANKOFF David; TAGLIAMONTE, S. A.; SMITH, E. *Goldvarb X – A multivariate analysis application*. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV-index.htm#ref>

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. 27^a.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWINDT, Luiz Carlos. A regra variável de harmonização vocálica no RS. In: BISOL; Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 161-182.

_____. *Graphos* – revista da pós-graduação em Letras da UFPB.vol.2, no.1, janeiro 1997. p.55-65.

Segunda visitação do Santo Ofício às partes do Brasil, separata dos *Anais do Museu Paulista*, t. XVII, São Paulo, 1963.

SILVA, Myriam Barbosa da. *As pretônicas no falar baiano: a variedade culta de Salvador*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. UFRJ - Faculdade de Letras. Rio de Janeiro, 1989.

_____. Um traço regional na fala culta de Salvador. *Organon* – Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, v.5, n.18, p.79-89, 1991.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialetológicos*. 2ª.ed. Belém, Instituto Nacional de Pesquisa Amazônica, 1957.

_____. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2ª.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

_____. *História da língua portuguesa*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

SOARES, Adriana de Santana. *As pretônicas médias em comunidades rurais do semi-árido baiano*. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia. Instituto de Letras, 2004.

TAGLIAMONTE, Sali. A. *Analysing sociolinguistic variation*. New York: Cambridge University Press, 2006.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª.ed. São Paulo: Ática, 2001.

TEYSSIER, Paul. *História da Língua Portuguesa*. Trad. Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VASCONCELOS, José Leite de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Paris: Aillaud, 1901.

_____. Gonçalves Viana. Apontamentos para a sua biografia. In: GONÇALVES VIANA, Aniceto R. *Estudos de fonética portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1973.

VIEGAS, Maria do Carmo. O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. *Revista de Estudos Lingüísticos*. Belo Horizonte, ano 4, v.2, p.101-123, jul/dez.1995.

_____. O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. Tese de doutorado em Estudos Lingüísticos.

_____. O alicamento de vogais médias pretônicas e os itens lexicais: aspectos da teoria da mudança lingüística. In: MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Anais do II Edip* – Encontro de estudos diacrônicos do português, 29-31 agosto 2001. Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.

VIEIRA, M. J. B. As vogais médias postônicas. Uma análise variacionista. In: BISOL; Leda; BRESCANCINI, Cláudia (org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 127-159.

WEINREICH, U; LABOV, W; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. (Trad. Marcos Bagno). São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WETZELS, W. Leo. Harmonização vocálica, truncamento, abaixamento e neutralização no sistema verbal do português: uma análise auto-segmental. *Caderno de estudos lingüísticos*, Campinas, (21), jul-dez 1991, p.25-58.

_____. Mid vowel neutralization in brazilian portuguese. *Caderno de estudos lingüísticos*, Campinas, (23), jul-dez 1992, p.19-55.

ZÁGARI, Mário Roberto L. Os falares mineiros: esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). *A geolingüística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Editora UEL, 1998.

ZINGLÉ, H. *Ztext*. Versão 1.0. Lilla, Université de Nice-Sophia Antipolis: 1998.

ANEXOS

A. QUESTIONÁRIO-ROTEIRO

Módulo I: Dados do Informante

1. Nome: _____
2. Idade: _____ 3. Escolaridade: _____
4. Ocupação: _____
5. Local de nascimento: _____

Módulo II: Rede Social do Informante

A) 1. Reside com:

Nome	Relação de parentesco	Idade
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____
_____	_____	_____

2. Nome do pai: _____
3. Local de nascimento: _____ 4. Profissão: _____
4. Nome da mãe: _____
5. Local de nascimento: _____ 6. Profissão: _____

B) Estrutura da rede social:

1. Tem muitos conhecidos em Formosa?
2. Quantos são de outra região do Brasil (mineiros, gaúchos, nordestinos)?
3. De que região do Brasil são os seus colegas de trabalho?

Módulo III: Atividades do Informante

1. Você tem o costume de ouvir rádio? Que rádio prefere?
2. Assiste TV? Com que frequência?
3. Quais são seus programas preferidos?
4. Você costuma ler algum jornal ou revista? Quais?
5. Participação em associações:
 - a) times de esportes: _____
 - b) grupos de assistência social: _____
 - c) partido político, sindicato: _____
 - d) grupos religiosos: _____
 - e) associação de moradores: _____
 - f) outros: _____
6. Você frequenta alguma academia?
7. Faz algum curso de línguas ou outro curso técnico/especializante (Microlins/SENAI)?
8. Você costuma ir à Brasília? Com que frequência?
9. Que lugares frequenta?
10. Quais são as suas atividades de lazer durante a semana?
11. E durante o final de semana?
12. Que lugares de Formosa você frequenta regularmente para se divertir?
13. Na sua opinião, a cidade oferece boas opções de lazer?
14. Você costuma ir à feira no Domingo?
15. Você participa das festas tradicionais de Formosa: Divino, Pecuária, Moagem? O que acha delas?
16. O que você acha que mais mudou em Formosa com a fundação de Brasília?
17. Como era a cidade quando você era criança?
18. Você acha que Formosa ficou violenta?
19. Você já foi assaltado (ou viu algum vizinho ser)?

Módulo IV: Texto para leitura

Formosa, situada no nordeste goiano, nasceu em decorrência das picadas abertas pelos tropeiros. A cidade é motivo de muitos elogios por suas belezas naturais: o salto do Itiquira, a lagoa Feia, o Buraco das Araras. Apesar de muitas árvores do cerrado já terem sido derrubadas, quem vem a Formosa tem a oportunidade de apreciar o pequizeiro, a mangabeira, o buriti, a sucupira, o ipê. No período da seca, o turista pode admirar o céu estrelado na Festa da Moagem enquanto se esquentam com um caldo ou com um chocolate quente. Já na época das chuvas, pode haver um veranico em janeiro, mas o clima logo é refrescado e pode até invernar. Quem vem de Fortaleza ou de São Paulo, percebe a diferença no clima, mas logo fica totalmente encantado e procura retornar. Os proprietários dos antigos casarões sentem orgulho de ser formosenses.

Módulo V: Lista de palavras

Sobradinho	Orvalho
Procedimento	Enrolado
Setenta	Delegacia
Colaborador	Oceano
Procuração	Propósito
Terrível	Prevenir
Anapolina	Repetir
Secretaria	Verdade
Detestável	Biblioteca
Telefone	Colocado
Equilíbrio	Elefante
Consertado	Preocupação

Módulo VI: Reação subjetiva do informante

1. Qual o sotaque brasileiro que você acha mais bonito?
2. E o mais feio?
3. O que você acha do seu sotaque?

4. Acha que seu sotaque é sempre igual ou muda um pouco dependendo do ambiente em que você se encontra (com a família, com amigos, com pessoas de outras regiões)?
5. Na sua opinião, o que é diferente no sotaque baiano?
6. Você reconhece uma pessoa de Goiânia pelo jeito de falar? Como?
7. E uma pessoa de Brasília?
8. Você acha que as pessoas que moram em Formosa e trabalham em Brasília querem imitar os candangos no jeito de falar?
9. Para você, os brasilienses discriminam os goianos?

13	cerrado	2	comandante	3	confiança
11	certeza	3	comando	1	confiável
1	certificado	1	combinado	1	conflito
1	chégá	2	combustível	2	confunde
10	chegá	2	começa	3	conhecê
3	chegamos	1	começá	8	conhece
4	chegando	2	começaram	1	conheceram
2	chégando	2	comecei	1	conhecerem
1	chegaram	1	comêço	1	conheceu
2	chegava	1	cómêço	3	conheci
13	chegô	6	começô	1	conhecido
7	cheguei	2	comentado	2	conhecimento
9	chocolate	1	comentam	1	conheço
2	chócolate	1	comentando	2	conosco
1	chorá	1	comentário	1	conquista
1	chórá	1	comentava	2	consegue
3	chórando	1	comentei	3	conseguem
3	chórava	2	comentô	5	consegui
1	chorava	4	comercial	2	consequia
2	clientela/s	13	comércio	3	conseguiu
1	cobrá	3	comigo	11	consertado
1	cóbradô	4	companhia	1	considerá
1	cobrando	1	compará	2	considero
1	cóibí	2	comparado/s	4	consigo
2	coincidência	1	comparando	1	consiguí
1	coisêra	3	compensa	2	conquistaram
9	cólaborador	1	compensaria	1	conquistasse
2	colaborador	1	completamente	2	conquistou
1	coleccionador	2	completo/s	2	constante
3	cólega/s	1	complexo	2	construção
7	colega/s	14	complicado/a	2	construí
1	coleginho	1	complicador	1	construída
1	cóleginho	1	complicava	3	construindo
3	cólegio	1	compórtá	1	construíram
4	colégio	16	comprá	3	construiu
1	cóleguinha	1	compramos	1	construtor
2	cólina	4	comprando	3	consulta
1	cólóca	1	compraram	1	consultoria
1	cóloca	1	comprava	2	contá
5	colocá	2	comprei	1	contabilidade
1	cólocá	1	comprometê	9	contato
6	colocado	2	comprou	1	contava
2	cólocado	1	computador	3	contei
3	cólocado	1	comum	8	contexto
2	cólocaram	1	comunica	1	contingente
1	colocaram	1	comunidade	2	continuá
1	cólócava	1	concorrência	4	continua
2	colocô	4	concorrido	2	continuamos
1	colonizado	2	concurso/a	1	continuaría
1	coloquei	10	concurso	1	continuei
1	comanda	2	condição	2	contô
1	comandando	10	condições	1	contratô
1	contrato	2	criscido	2	defesa

1	contribuição	7	cumeça	2	deitava
1	contribuindo	1	cumeçá	2	délégacia
1	controla	1	cumêçando	5	délegacia
2	controlá	1	cumeçaram	8	delegacia
5	controlado/s	7	cumecei	1	demanda
1	controle	5	cumeçô	2	demolindo
1	convenção	3	cumeço	1	demônios
3	conversá	1	cumentando	1	démônios
1	convérsá	3	cumeu	1	demora
3	conversa	4	cumida	1	demorô
1	conversam	15	cumigo	1	denuncia
1	conversando	1	cumplcado	1	déparamu
2	conversava	1	cuncurso	1	déparô
1	conversei	11	cunhece	1	departamento
1	conversô	1	cunhecem	2	depenaram
1	converso	1	cunheceu	1	dependê
1	convive	3	cunhecia	7	depende
1	convivência	2	cunhecido	7	dépende
1	convivi	9	cunheço	1	dépendê
1	convivo	1	cunhicia	1	dependem
1	convulsõezinhas	1	cunhiculo	1	dépendendo
1	cóordenadora	1	cunhigú	1	dependendo
2	cóordeno	1	cunhigundo	3	dependente/s
1	cóórdeno	2	cunhulta	2	dépendente/s
1	cópiadoras	1	cunhulá	1	dependessi
5	coração	3	cunversá	44	depois
1	coragem	15	cunversa	1	depositá
1	córbélia	2	cunversam	2	dé répenté
1	coronel	5	cunversando	1	de repenti
1	corrê	9	cunvérsando	1	derrubá
4	córrendo	1	cunversava	2	dérrubadas
1	correndo	1	cunversazinha	9	derrubadas
1	correram	2	cunversô	1	derrubado
1	correria	1	cunvidarem	1	dérrubô
2	correto/a	2	custumo	3	descê
1	córreto	2	custume	1	déscendo
2	corrígí	1	custumo	2	desejá
1	córtá			1	desejo
1	córtador			3	desenvouvimento
1	córtando		D	1	desenvouvida
1	cortejo			1	deserto
1	cortô			1	desloca
1	costumis			2	destinado
3	cozinha	1	decide	1	destruí
7	crescê	1	decidiram	1	détalhô
7	crescendo	2	decórrência	2	détesta
7	créscendo	1	décorrência	6	detestável
2	cresceram	8	decorrência	4	détestável
24	cresceu	1	dedicando	1	détesto
4	crescido	1	défasado		
9	crescimento	1	défasô		

4	deveria	1	disvinculei	1	enfoque
1	devia	1	disviô	2	enquanto
7	devido	2	divia	1	enriquecenu
1	devorador	1	dizenove	7	enrolado
1	dévorador	2	dizesseis	4	então
1	devouveu	1	dizessete	1	entorno
6	dexá	1	dizésseti	2	entrá
1	dexado	5	dizoito	1	entrada
1	dexamos	2	docinho	1	entraram
1	dexando	2	documento	1	entrei
2	dexava	1	doendo	5	entrevista
2	dexei	1	domina	1	entrevistá
4	dexô	2	domingo/s	3	entrô
2	dézembro	1	dóninha	1	envolve
1	dezesseis	3	dormí	2	envouvê
2	dezesete	1	dormia	1	envouvido
1	dezoito	3	dormitório	2	epilepsia
4	dibaxo	1	doutor	4	équilíbrio
13	diferença	2	duente	8	equilíbrio
5	diférença	9	dumingo/s	1	equipe
1	diferençazinha	5	durmí	3	errado/a
31	diférente	1	durmino	2	érrado
13	diferente/s	1	durmino	1	errô
1	digéstão			1	escola
25	dimais			8	esquenta
1	diretor		E	1	ésquenta
1	diretoria			1	esquisito
1	disativá			1	éssencialmente
1	disativa			1	estados
1	disativei	1	edital	5	estrelado
2	discansá	2	educação	3	evangélico/a
1	discansa	5	educação	2	eventos
1	discansou	1	elaborado	1	éventos
1	discartado	7	elefante	3	evitá
1	disciplina	2	éléfante	2	evita
1	discobri	3	élefante	1	evoluinu
1	disconfiá	1	élementos	1	exame
1	disconfiado	2	elétrica	1	exatas
1	disculpa	11	elogios	1	excessivo
3	disenvouveu	1	emendá	1	exerce
1	disenvouvendo	1	émérgência	1	exercia
7	disenvouvido/a	1	emissoras	1	exercício
2	disenvouimento	1	emociona	13	exército
2	disgastanti	1	emociono	2	éxército
1	disinflamá	2	encantado	2	exigência
1	disinflamado	1	encará	1	exigente
1	disistí	1	encerra	1	existe
1	disistido	2	encontrado	1	existia
1	disloquei	1	encontrô	1	exorbitanti
1	disorganizada	1	endividô	1	expoagro
1	dispesa	1	enfiei	3	expórtação
1	distruidor				

F

1 falecê
 1 faleceram
 4 faleceu
 1 favorável
 1 favorece
 1 favoreceu
 5 fazendêro/s
 1 fazendinha
 4 fechado/a
 1 fechô
 7 federal
 2 fédéral
 2 feijão
 2 feliz
 1 feriado
 1 festividadi
 1 filiz
 1 filosofia
 1 flexível
 1 folhetinho
 1 forcinha
 1 formá
 1 fórmá
 1 formação
 2 formada
 2 fórmado/a
 2 fórmado
 1 formando
 3 formei
 1 forminha
 57 fórmosa
 98 formosa
 1 formósense
 3 fórmósense/s
 5 fórmósense/s
 5 formosenses
 1 formosinha
 1 fórmosinha
 1 formulário
 1 fornecê
 1 fornece
 1 fornecedores
 2 fortaleza
 8 fórtaleza
 3 fouclórica
 1 freada

1 fréqüentando
 1 fréqüentei
 1 fréqüentis
 1 fréquento
 1 fresquinho
 1 fulia
 4 funcionário/a
 2 funcionários
 1 funcionava

G

1 gasolina
 1 geladim
 1 généralizado
 5 geografia
 1 gerais
 1 geral
 1 géral
 3 géralmente
 4 geralmente
 1 gérando
 1 gérente
 2 gestão
 16 goiânia
 1 góiano
 35 goiano
 25 goiás
 1 góias
 1 góstá
 1 gostá
 2 góstando
 1 gostava
 2 gostei
 1 governador
 1 governador
 1 governo
 8 governo

H

4 helicóptero
 1 hélicóptero
 1 hérança
 12 horário
 1 hórario

5 hórrível
 2 horrível
 1 hóspital
 1 hóspital
 5 hospital
 1 hospitalar
 1 hótel

I

4 identificá
 2 identifica
 1 ilegal
 1 imbaxada
 3 imbaxo
 16 imbora
 1 imediações
 1 impantufa
 1 impenho
 1 importação
 1 impórtamo
 1 importando
 2 importante/s
 17 imprego
 16 impresa
 1 impurrãozinho
 3 incantado
 3 incentivo
 1 incompleto
 3 incontra
 1 incostô
 1 independentes
 3 indépêndente/s
 1 indépêndência
 1 indesejáveis
 1 inexperiente
 2 infelizmente
 2 inférmagem
 3 influencia
 1 influenciada
 3 influenciô
 1 infórmação
 1 infórmada
 2 ingenho
 4 ingraçado
 1 ingravidei
 1 ingraxando
 15 inquanto
 3 inrolado

2	juelho	1	mélado	1	mórdomia
2	juscéline	15	melhor	4	morei
1	juventude	7	mélhor	1	morô
		1	melhora	7	morreu
		1	melhorando	3	mostrá
L		1	mélhores	1	mostrado
		2	melhorô	1	mostrasse
		3	menor	1	móstrasse
		3	menores	10	motivo
2	lanchonete	1	menorzinho	2	motorista
1	legal	3	mensagem/s	2	movimentado/a
1	leilões	1	mentalidade	3	movimento
1	lembrá	1	mentiras	4	muagem
1	lembrança	6	mercado	2	muchila
1	lembrando	1	mércado	1	muê
1	lembrava	3	mercadoria	3	muleque
2	lévá	2	métrado	2	murria
3	levá	1	métade	1	murrido
1	levado	1	metade	3	mutivo
1	levantamento	1	mexendo		
1	levantando	3	milhor	N	
1	levaram	1	milhorá		
1	lévaram	2	milhorado		
1	levava	16	minina/s		
2	levei	1	mininha		
3	levô	7	minino	3	nacional
1	liberação	2	mintí	1	nacionalidade
1	liberada	2	mintira	2	namorado/a
1	licenciatura	1	mintiu	1	namórado
1	locais	1	miscigenado	1	namorar
5	local	4	misericórdia	1	namórico
2	lócal	6	mixia	1	necessariamente
2	logística	14	moagem	2	necessariamente
1	lotações	1	modalidades	1	necessidade
1	lotado	1	módificação	1	necessita
		1	modificô	2	negociação
M		1	modifiquei	10	negócio/s
		1	moendo	1	neguinho
		1	molhada	3	nenhum
		1	monopólio	4	nenhuma
		2	montá	1	nérvosa
17	maioria	13	morá	1	nervoso
3	maiória	9	mórá	3	ninhum
1	manutenção	1	moral	1	ninhuma
1	marcenaria	1	moramos	1	noção
8	matemática	3	morando	1	nóção
1	materiais	1	mórando	14	nordeste
3	material	1	morango	10	nórdeste
1	medicamentos	1	morasse	1	nordestino
1	médicina	17	morava	12	nórdestino/a
1	medicina	4	moravam	2	normais
3	medida	1	mórávamos	1	nórmal

5 normal	12 oportunidade/s	1 pendular
1 notei	7 orá	1 penei
2 noturno	2 órá	1 pénétrado
1 nóvembro	2 oração	3 pensá
2 nóventa	1 órando	4 pensando
3 noventa	1 orava	2 pensava
1 novicentos	1 órçamento	8 pensei
1 novidade	5 orei	1 pensô
	1 orelha	10 pequizeiro
	2 organizado	1 pérante
O	3 órgulho	5 percebê
	8 orgulho	4 pércebe
	1 órienta	18 percebe
	1 órientação	4 percebi
1 obedecê	2 orô	2 percebo
1 objetivo	5 orvalho	1 pércurso
1 obrigações	7 órvalho	1 perdão
2 óbrigado	1 ósana	1 perdê
1 óbrigatório	4 ouvi	1 pérdendo
1 observa	1 ouvia	1 perdendo
1 óbservá	1 ouvidos	1 perdeu
1 óbserva	1 ouviisse	1 pérdida
1 observá	1 ouviu	1 pérdidos
1 óbservano	2 ovindo	1 perdôa
1 óbservava	1 oviu	1 perfeitinha
1 óbsérvava	1 oxigená	1 pérgunta
1 obtive		1 pérguntá
5 oceano		2 perguntá
7 óceano	P	2 pergunta
5 ócórrencia/s		1 pérguntando
2 ocorrênciã		1 perguntava
1 ócórrencia		2 pérguntô
1 ócórrendo	2 papélaria	16 período
1 oférece	1 parceria	2 permanenti
2 oferece	1 paricia	1 pérnambucano
2 oferecia	1 paricidamente	1 perspectiva
3 óferta/s	7 paricido/s	1 pesá
3 oitavo/a	7 passiá	1 pescá
8 oitenta	7 pecuária	1 pescava
1 ólhá	6 pécuária	1 pesquisa
3 olhá	1 pecúnia	86 pessoa/s
1 olhada	1 pedaço	78 pessual
2 ólhando	1 pedino	1 péssual
1 olharam	4 pedrêro	1 péssualmente
1 olhava	13 pegá	1 pião
1 olhei	1 pégá	1 picotô
2 olhô	1 pegado	3 pidi
1 opções	4 pegando	2 pidia
1 operô	1 pegaram	2 pidindo
1 opinião	2 pegava	3 pidiu
4 ópórtunidade	8 pegô	14 piqueno/a
2 óportunidade	14 peguei	

1	piqui	1	prestei	1	programa
1	piquinin	1	pretendendo	1	programação
7	piquininho/a	1	pretendo	4	projeto
1	piquininhos	2	prétendo	1	prômóção
1	piquizeiro	1	préocupação	1	promovida
13	pirigoso	12	preocupação	2	promovido
2	poblema	2	preocupado/a	1	pronunciá
2	pobreza	1	preucupi	1	própaganda
1	póbreza	1	prevenção	1	propaganda
1	podê	1	prevenir	1	proporcionar
1	podemos	8	prevenir	12	propósito
1	podendo	3	prevenir	2	própriários
6	poderia	2	previsão	9	proprietários
1	póliana	2	pricisá	1	próstuição
1	política	3	pricisa	1	prostituição
1	pontualmente	1	pricisando	3	psicológico
2	pópulação	1	pricisava	2	puđê
3	população	1	priciso	3	puđia
17	poquinho/a	3	pricisô	16	pulícia
1	poquinhos	2	prifiro	2	puliciais
1	pórcaria	1	primêra	12	pulicial
2	porque	1	primeramente	1	pulíticos
1	portão	2	primêro	8	puque
2	pórtão	10	problema	14	pur exemplo
1	pórtuguês	3	próblema/s	17	pur éxemplo
1	pórtugueses	2	problemático	254	purque
1	posição	2	prócedimento		
1	póssamos	2	prócedimento		
2	possível	9	procedimento		
1	povoada	2	processo/s		
1	povoado	3	prócura		
1	precisa	4	procurá		
1	precisava	10	procura		
9	prefeito/s	6	prócuração		
8	prefeitura	6	procuração		
1	préferê	1	prócurando	2	quarterão
1	preferia	3	procurando	3	quatrocentos
1	prégações	1	prócurava	1	quebrá
1	prejudicado	1	procure	1	quebrô
2	prendê	1	prócuerei	1	querê
1	preocupada	1	procurei	4	querendo
2	préocupado/a	3	produção	1	quérendo
1	prepará	7	produto/s	9	quéstão
1	prépotente	1	próduto	28	questão
1	présença	1	produzia	8	quiria
2	presença	1	profecia	1	quiriam
1	presidência	16	professor/a		
2	presidente	4	professores		
1	présídio	1	profissão		
1	prestá	1	prófiSSIONALIZANTE		
1	préstá	1	profissional		
1	prestava	1	profissões		

Q

R		
1	reação	1 regional
2	réagí	2 relação
20	reais	1 relacionamento
1	reajuste	1 relembrada
5	realidade	1 religiosa
1	réalidade	1 réligiosamenti
1	réaliza	1 rémedinho
10	réalmente	9 remédio/s
4	realmente	2 remuneração
1	reativada	1 remunerado
1	rébolá	4 répetir
3	recebê	8 repetir
2	recebe	1 repreende
1	récebe	1 repreendeu
1	recebem	1 representação
1	recebendo	1 representa
2	recebeu	1 réquer
3	recebia	1 reserva
1	recebido	1 résgata
1	recebo	1 résidência
1	recém	1 residência
1	recente	3 resouvê
2	récente	3 resouve
1	reciclando	1 resouveram
1	réclamá	4 resouveu
1	reclama	2 respeito
2	reclamô	1 réspondendo
2	recomeçô	1 responsabilidade
1	recomeço	2 résponsabilidade
1	récomendável	3 responsável
1	reconhecido	4 réstante
1	recunheço	1 restrito
1	recunheço	1 retiros
1	recuperá	6 retornar
1	recuperá	5 rétorнар
3	récurso/s	2 rétórnavá
1	recusaram	1 rétorно (verbo)
1	rédioma	1 retorno (subst.)
1	refeição	1 revelação
1	refere	1 revigorada
1	réferência	1 rezá
1	référenti	1 rezende
1	réforma	1 rivirar
8	refrescado	1 rivirô
2	réfrescado	2 robá
18	região	1 róbá
1	régião	1 robado
1	regiões	1 robaram
		2 robô
		1 rocêro
		2 rodízio
		4 rodoviária
		1 ródoviária
		1 rólando
		1 romêro
		1 rondando
		2 rotina
		S
		1 sebastião
		1 secretária
		1 secrétaria
		6 sécretaria
		10 secretaria
		1 sécretário
		3 segunda
		1 segundos
		3 segurança
		31 semana
		1 semanas
		16 senhô
		1 sentá
		1 sentada
		2 sentadinho
		2 sentava
		1 senti
		2 sentia
		2 sentido
		1 séparado
		1 séparados
		1 separei
		1 séparô
		1 sérá
		2 será
		1 serenatas
		7 seria
		1 sérraria
		1 sérví
		9 sérvíço
		4 sérvíço
		2 sessão
		3 sessenta
		1 séssenta
		9 setenta
		8 sétenta
		8 setor
		1 setores
		2 siguí
		4 seguinte
		23 sigundo/a

1 sigurança	1 tendência	U
1 siguro	5 tentá	
1 simana	2 tentando	
1 sinão	3 tentaram	1 univérsidade
1 sinhô	2 tentativa	2 universidade
10 sinhora	1 tentei	
5 sintia	1 tentô	V
1 sintido	1 teologia	
3 sintindo	3 tercêra	
7 sirviço	8 tercêro/s	
1 sóbrá	11 teria	1 valoriza
11 sóbradinho	3 términa	1 veículos
5 sobradinho	1 termina	1 vélado
1 sobrando	1 terminá	1 velocidade
1 sobrecarregado	2 términá	1 venceu
1 sobreviva	1 términando	1 venci
2 sobrevive	1 termino	1 venda
1 social	2 terminô	2 vendê
1 sociedade	4 términô	1 vendedor
1 socorrê	1 terreno	1 vendendo
2 socorro	11 terrível	5 vendeu
1 sofreu	7 térrível	2 véranico
1 sólicitando	1 testemunho	5 veranico
2 sotaque	1 tocá	17 verdade
1 soubesse	1 tócala	12 vérdade
3 sóudado	1 tocô	1 verdadeiramente
1 soutêra	4 todinha	2 vérdadizinha
3 subrinho/a	6 tomá	1 verdura
3 subrinhos	1 tomando	1 vérgonha
1 supapozinho	2 tomei	1 vestibulares
2 superior	3 tomô	2 véstibular
1 supérior	1 tornando	2 vestibular
1 supérmércado	1 tórando	1 vicentina
1 surrindo	3 tornô	5 violência
1 sussegado	1 tótal	3 violência
21 sutaque/s	19 tótalmente	1 violenta
1 sutaquezinho	4 totalmente	5 viólento/a
	4 tradicional	1 vistido
	1 trajetória	115 você/s
T	1 transfiriu	4 vontade
	1 transfórmada	3 voutá
	1 trémendo	5 voutá
	2 tremendo	1 voutada
1 tecidos	1 tremia	1 voutamos
1 teimósia	2 trézentos	1 voutando
1 teléfono	11 tropeiros	3 voutando
7 telefone		2 voutaram
7 teléfono		2 voutava
1 televisão		3 voutava
1 televisão		3 voutei
1 televisão		1 voutô
2 temporário		1 vuando

D. TABELA – DISTRIBUIÇÃO DOS CHEFES DE DOMICÍLIOS DO DF (2004)

Distribuição dos chefes de domicílios, por naturalidade em relação às grandes regiões, Distrito Federal, Região Administrativa, Entorno e Exterior, segundo as Regiões Administrativas – Distrito Federal 2004 (percentuais).

Distrito Federal e Regiões Administrativas	Total	Região Norte	Região Nordeste	Região Sudeste	Região Sul	Região Centro Oeste ⁷¹	Distrito Federal 72	Entorno	Exterior
Distrito Federal	100.0	2.9	42.0	23.1	2.5	10.0	11.7	1.6	0.5
Brasília	100.0	3.6	22.7	31.2	6.5	9.7	1.0	0.7	0.8
Gama	100.0	2.6	44.7	20.0	1.7	8.3	8.9	2.0	0.1
Taguatinga	100.0	3.0	35.6	28.0	1.9	13.2	9.7	1.3	0.8
Brazlândia	100.0	2.3	42.0	17.9	0.3	12.9	11.2	6.4	-
Sobradinho	100.0	4.0	35.5	25.7	3.2	11.1	11.5	0.8	0.6
Planaltina	100.0	1.4	41.4	18.1	1.4	12.6	13.4	4.8	0.2
Paranoá	100.0	1.4	50.9	22.0	1.7	10.0	12.6	0.9	0.3
Núcleo Bandeirante	100.0	3.9	46.1	25.8	0.7	10.5	9.8	1.3	1.0
Ceilândia	100.0	3.2	52.6	15.6	0.7	8.7	14.8	1.4	0.2
Guará	100.0	3.6	36.6	32.1	3.2	9.8	13.4	0.5	0.5
Cruzeiro	100.0	5.6	38.9	26.1	4.3	10.4	11.7	1.1	1.1
Samambaia	100.0	2.9	52.0	19.9	0.4	9.8	13.7	1.4	-
Santa Maria	100.0	2.5	56.6	14.7	0.9	7.8	15.1	2.3	0.1
São Sebastião	100.0	2.7	47.9	27.0	1.6	7.2	9.0	4.5	0.2
Recanto das Emas	100.0	4.0	57.1	12.3	0.6	10.0	14.8	1.1	-
Lago Sul	100.0	1.2	26.8	44.1	6.8	8.8	5.6	0.3	6.5
Riacho Fundo	100.0	3.5	46.2	18.9	0.6	9.9	17.3	1.6	1.9
Lago Norte	100.0	4.0	22.1	47.2	9.0	9.4	6.0	-	2.3
Candangolândia	100.0	3.6	46.6	18.4	1.3	9.4	17.5	1.3	1.0
Águas Claras	100.0	3.3	35.2	26.7	2.9	11.9	19.0	0.9	-
Riacho Fundo II	100.0	4.3	51.7	12.3	0.3	8.6	21.8	0.9	-
Sudoeste/Octogonal	100.0	4.4	21.4	37.1	8.9	9.1	16.6	0.5	2.0
Varjão	100.0	3.0	57.2	17.3	1.7	5.3	11.0	4.3	-
Park Way	100.0	1.6	28.7	38.6	5.9	12.2	11.6	1.0	0.3
Estrutural	100.0	5.1	61.5	11.5	1.0	9.2	9.9	1.9	-
Sobradinho II	100.0	1.8	40.3	19.2	1.7	11.0	26.6	1.2	0.2
Itapoã	100.0	2.0	65.5	15.7	0.2	5.4	9.5	0.8	-

Fonte: SEPLAN/CODEPLAN- Pesquisa Distrital por Amostras de Domicílios- PDAD

⁷¹ Exceto Distrito Federal.

⁷² Exceto Região Administrativa.

E. LISTAS DE ITENS LEXICAIS COM DUAS VARIANTES

1. Lista dos itens lexicais com a pretônica /e/ que ocorreram com duas variantes - elevação

ELEVAÇÃO	
variante média-fechada vs. alta	
[e] ~ [i]	
acontecido (1)	aconticido (1)
expòrtação (2)	ixpòrtação (1)
conhecido (1)	cunhicido (1)
conseguiu (3)	consiguiu (2)
crescido (4)	criscido (2)
cunhecia (3)	cunhicia (1)
desenvolvida (1)	disenvolvido/a (7)
desenvolvimento (3)	disenvolvimento (2)
devia (1)	divia (2)
dezesseis (1)	dizesseis (2)
dezessete (2)	dizessete (1)
dezoito (1)	dizoito (5)
encantado (2) (leitura)	incantado (3)
enquanto (3) (leitura)	inquanto (15)
enrolado (7) (leitura)	inrolado (3)
então (4)	intão (169)
entorno (1)	intorno (13)
entrá (2)	intrá (2)
entrada (1)	intrada (1)
entrô (3)	intrô (1)
envolve (1)	involve (4)
envolvê (2)	involvê (1)
envolvido (1)	involvido (1)
esquisito (1)	isquisito (1)
estados (1)	istados (16)
estrelado (5)(leitura)	istrelado (6)
exame (1)	ixame (4)
existe (1)	ixiste (4)
existia (1)	ixistia (4)
feliz (2)	filiz (1)
mentiras (1)	mintira (2)
nenhum (3)	ninhum (3)
nenhuma (4)	ninhuma (1)
pedindo (1)	pidindo (2)
pequizeiro (10) (leitura)	piquizeiro (1)
precisa (1)	pricisa (3)
prevenir (8) (leitura)	previnir (3)

segundo/a (4)	sigundo/a (23)
segurança (3)	sigurança (1)
sentia (2)	sintia (5)
sentido (2) (subst.)	sintido (1)

2. Lista dos itens lexicais com a pretônica /e/ que ocorreram com duas variantes - abaixamento

ABAIXAMENTO
variante média-fechada vs. média-aberta
[e] ~ [ɛ]

anterior (1)	antèrior (2)
carregador (1)	carrègador (2)
celular (6)	célular (2)
cerrado (13)	cèrrado (1)
chegá (10)	chègá (1)
chegando (4)	chègando (2)
conversá (3)	convèrsá (1)
crescendo (7)	crèscendo (7)
cunversá (3)	cunvèrsá (1)
cunversando (5)	cunvèrsando (9)
de repente (1)	dè repente (2)
decorrência (8) (leitura)	dècorrência (1)
delegacia (8)	dèlegacia (5); dèlègacia (2)
demônios (1)	dèmônios (1)
dependê (1)	dèpende (1)
depende (7)	dèpende (7)
dependendo (1)	dèpendendo (1)
derrubadas (9) (leitura)	dèrrubadas (2)
detestável (6) (leitura)	dètestável (4)
devorador (1)	dèvorador (1)
diferença (13)	difèrença (5)
diferente (13)	difèrente (31)
educação (5)	èducação (2)
elefante (7) (leitura)	èlefante (3); èlèfante (2)
equilíbrio (8) (leitura)	èquilíbrio (4)
errado (3)	èrrado (2)
eventos (2)	èventos (1)
exército (13)	èxército (2)
federal (7)	fèderal (2)
geral (1)	gèral (1)
geralmente (4)	gèralmente (3)
governador (1)	govèrnador (1)
helicóptero (4)	hèlicóptero (1)
independentes (1)	indèpendentes (3)

interessante (4)	intèressante (1)
interior (9)	intèrior (1)
intregá (1)	intrègá (1)
inverno (10) (leitura)	invèrnar (1)
ispecífica (1)	ispècífica (1)
ixperiência (3)	ixpèriência (1)
Jesus (1)	Jèsus (1)
levá (3)	lèvá (2)
levaram (1)	lèvaram (1)
medicina (1)	mèdicina (1)
mercado (6)	mèrcado (1)
metade (1)	mètade (1)
necessariamente (2)	nècèssariamente (1)
òbservava (1)	òbsèrvava (1)
oferece (2)	ofèrece (1)
pecuária (7)	pècuária (6)
pegá (13)	pègá (1)
percebe (18)	pèrcebe (4)
perdendo (1)	pèrdendo (1)
pergunta (2)	pèrgunta (1)
perguntá (2)	pèrguntá (1)
pessual (78)	pèssual (1)
preocupada (1)	prèocupado/a (2)
presença (2)	prèsença (1)
prestá (1)	prèstá (1)
pretendo (1)	prètendo (2)
preocupação (12)	prèocupação (1)
prevenir (8) (leitura)	prèvenir (1)
procedimento (2) (leitura)	procèdimento (2)
pur exemplo (14)	pur èxemplo (17)
querendo (4)	quèrendo (1)
questão (28)	quèstão (9)
realidade (5)	rèalidade (1)
realmente (4)	rèalmente (10)
realmente (4)	rèalmente (10)
recebe (2)	rècebe (1)
recente (1)	rècente (2)
recunheço (1)	rècunheço (1)
recupera (1)	rècuperá (1)
refrescado (8) (leitura)	rèfrescado (2)
região (18)	règião (1)
repetir (8) (leitura)	rèpetir (4)
residência (1)	rèsidência (1)
responsabilidade (1)	rèspronsabilidade (2)
secretaria (10)	sècretaria (6); secrètaria (1)
será (2)	será (2)
sessenta (3)	sèssenta (1)
setenta (9)	sétenta (8)
superior (2)	supèrior (1)

telefone (7)	tèlefone (7); tèlèfone (1)
televisão (1)	tèlevisão (1); tèlèvisão (1)
termina (1)	tèrmina (3)
terminá (1)	tèrminá (2)
terminô (2)	tèrminô (4)
terrível (11)	tèrrível (7)
tremendo (2)	trèmendo (1)
universidade (2)	univèrsidade (1)
veranico (5) (leitura)	vèranico (2)
verdade (17)	vèrdade (12)
vestibular (2)	vèstibular (2)

3. Lista dos itens lexicais com a pretônica /o/ que ocorreram com duas variantes – elevação

ELEVAÇÃO
variante média-fechada vs. alta
[o] ~[u]

começa (2)	cumeça (7)
comecei (2)	cumecei (7)
comentando (1)	cumentando (1)
comigo (3)	cumigo (15)
complicado/a (14)	cumplicado (1)
concurso (10)	cuncurso (1)
conhece (8)	cunhece (11)
conheceu (1)	cunheceu (1)
conhecido (1)	cunhecido (2)
conheço (1)	cunheço (9)
consigní (1)	cunsigní (1)
consulta (3)	cunconsulta (2)
continuí (2)	cuntinuí (1)
conversá (3)	cunversá (3)
conversam (1)	cunversam (2)
conversando (1)	cunversando (5); cunvèrsando (9)
conversava (2)	cunversava (1)
costumes (1)	custume (2)
domingo/s (2)	dumingo/s (9)
dormí (3)	durmí (5)
governo (1)	guverno (8)
moagem (14)	muagem (4)
motivo (10)	mutivo (3)
podê (1) (verbo)	puđê (2)
porque (2)	purque (254)
preocupada (1)	preucupado/a (2)
sotaque (2)	sutaque (21)

4. Lista dos itens lexicais com a pretônica /o/ que ocorreram com duas variantes - abaixamento

ABAIXAMENTO
variante média-fechada vs. média-aberta
[o] ~[ɔ]

abordá (3)	abòrdá (3)
Anapolina (10)	Anapòlina (4)
biblioteca (10) (leitura)	bibliòteca (2)
chocolate (9) (leitura)	chòcolate (2)
chorá (1)	chòrá (1)
chorava (1)	chòrava (3)
colaborador (2) (leitura)	còlaborador (9)
colega/s (7)	còlega/s (3)
coleginho (1)	còleginho (1)
colégio (4)	còlégio (3)
colocá (5)	còlocá (1); còlòcá (1)
colocaram (1)	còlocaram (1)
correndo (1)	còrrendo (4)
correto/a (2)	còrreto (1)
decorrência (8) (leitura)	decòrrência (2)
formá (1)	fòrmá (1)
formada (2)	fòrmado/a (2)
formando (1)	fòrmando (2)
Formosa (98)	Fòrmosa (57)
formosense (5)	fòrmosense (5); formòsense (1); fòrmòsense (3)
Formosinha (1)	Fòrmosinha (1)
Fortaleza (2) (leitura)	Fòrtaleza (10)
horrível (2)	hòrrível (6)
hospital (5)	hòspital (1)
local (5)	lòcal (2)
maioria (17)	maiòria (3)
morá (13)	mòrá (9)
morando (3)	mòrando (1)
mostrasse (1)	mòstrasse (1)
namorado/a (2)	namòrado (1)
noção (1)	nòção (1)
nordeste (14)	nòrdeste (10)
nordestino (1)	nòrdestino/a (12)
normal (5)	nòrmaal (1)
observa (1)	observa (1)
observá (1)	òbsêrvá (1)
oceano (5) (leitura)	òceano (7)
ocorrência (2)	òcorrência (1); òcòrrência (5)
olhá (3)	òlhá (1)

oportunidade/s (12)	òportunidade (2); òpòrtunidade (4)
orá (7)	òrá (2)
orgulho (8) (leitura)	òrgulho (3)
orvalho (5) (leitura)	òrvalho (7)
pobreza (2)	pòbreza (1)
população (3)	pòpulação (2)
portão (1)	pòrtão (2)
problema (10)	pròblema (3)
procedimento (9) (leitura)	pròcedimento (2); pròcèdimento (2)
procura (10) (leitura)	pròcura (3)
procuração (6) (leitura)	pròcuração (6)
procurando (3)	pròcurando (1)
produto/s (7)	pròduto (1)
propaganda (1)	propaganda (1)
proprietários (9) (leitura)	pròprietários (2)
prostituição (1)	pròstituição (1)
rodoviária (4)	ròdoviária (1)
Sobradinho (5)	Sòbradinho (11)
tornando (1)	tòrnando (1)
totalmente (4)	tòtalmente (19)
violência (5)	viòlência (3)
violenta (1)	viòlento/a (5)
voltá (3)	vòltá (5)
voltando (1)	vòltando (3)
voltava (2)	vòltava (3)

F. GRUPOS DE FATORES SELECIONADOS – RODADAS COM TODOS OS DADOS

		Abaixamento		Elevação		Manutenção da média-fechada	
		Vogal anterior /e/	Vogal posterior /o/	Vogal anterior /e/	Vogal posterior /o/	Vogal anterior /e/	Vogal posterior /o/
Linguísticos	Vogal seguinte						
	Segmento precedente			1	1	1	
	Segmento seguinte						1
	Acento secundário						
Extralinguísticos	Classe socioeconômica	1	1				
	Sexo						
	Nível de escolaridade						
	Contato com Brasília						
	Tipo de discurso						